

MICHELLE SACKS

VOOCÊ
NASCEU
PARA
ISSO



MICHELLE SACKS

VOCÊ
NASCEU
PARA
ISSO



MICHELLE SACKS

VOCÊ
NASCEU
PARA
ISSO

TRADUÇÃO DE CAROLINA SELVATICI



Copyright © 2018 by Michelle Sacks

TÍTULO ORIGINAL

You were made for this

PREPARAÇÃO

Nina Lopes

REVISÃO

Giu Alonso

Thais Machado

DESIGN DE CAPA

© blacksheep-uk.com

FOTO DE CAPA

Plainpicture/Cristopher Civitillo

ESTAMPA DO VESTIDO E FOLHAGEM

© Depositphotos

REVISÃO DE E-BOOK

Mariana Calil

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0467-8

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[\[Avançar para o início do texto.\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

1. Merry

2. Sam

3. Merry

4. Sam

5. Merry

6. Sam

7. Merry

8. Sam

9. Merry

10. Sam

11. Merry

12. Merry

13. Sam

14. Merry

15. Frank

16. Sam

17. Frank

18. Merry

19. Frank

20. Frank

21. Merry
22. Frank
23. Sam
24. Merry
25. Frank
26. Merry
27. Sam
28. Sam
29. Frank
30. Merry
31. Merry
32. Frank
33. Sam
34. Frank
35. Sam
36. Frank
37. Merry
38. Sam
39. Frank
40. Merry
41. Sam
42. Merry
43. Sam
44. Frank
45. Sam
46. Merry
47. Sam
48. Merry
49. Sam
50. Merry
51. Frank
52. Merry
53. Frank

54. Merry
55. Sam
56. Frank
57. Merry
58. Sam
59. Frank
60. Sam
61. Frank
62. Merry
63. Merry
64. Frank
65. Merry
66. Frank
67. Merry
68. Frank
69. Merry
70. Frank
71. Merry
72. Sam
73. Merry

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

Para minha mãe, Avril.

É preciso entrar sempre com cuidado nas escuras florestas suecas, pois nelas existem várias criaturas sombrias. Bruxas, lobisomens e trolls muito maldosos. Cuidado com os trolls! Eles têm o costume de roubar crianças humanas para criar. Ah, você deve tomar cuidado com os trolls, porque não vai vê-los se aproximar. Eles se disfarçam de maneira muito inteligente.

— Åsa Lindqvist, *Den Hämnd Troll*

Merry

Se você nos visse, provavelmente nos odiaria. Parecemos atores em um comercial de margarina: felizes e contentes. A família perfeita, com a vida perfeita.

Não foi mais um dia perfeito? é o que sempre dizemos ao fim de dias assim. Uma confirmação. Uma promessa. Algo para afastar quaisquer dias que possam ser menos do que isso. Mas a maioria dos dias é perfeita aqui na Suécia, muitos mais do que eu poderia contar.

É tão lindo, especialmente agora no meio do verão. Tudo fica rajado pela luz dançante do sol suave. A casinha vermelha de madeira onde moramos parece saída de um livro infantil ilustrado: aninhada na floresta, bem aconchegadinha, cercada por árvores e um jardim exuberante e florido, cheio de vida — hortas repletas de folhas, arbustos com galhos pesados de frutas vermelhas maduras, aroma de flores em todo canto, inebriante e adocicado, atraindo charmosas abelhas. As noites de verão são calmas e intermináveis, o céu fica claro até muito depois das dez, e o vasto lago é límpido e tranquilo, com o tom mais claro de azul. E a serenidade... Em todo canto, apenas o som das aves e o farfalhar das folhas nos galhos.

Nossa vida aqui não tem trânsito, poluição ou vizinhos com música no último volume no andar de cima nem chorando aos berros no andar de baixo; não tem papel na calçada, lixo apodrecendo nem viagens sudorentas de metrô para o trabalho, não tem multidões ou turistas, nem encontros diários com ratos, baratas, pervertidos ou pregadores. Não. Nada além de uma vida impossível de leveza e sonhos. Sam, o bebê e eu, em nossa ilha de três.

Como em quase todas as manhãs, depois de colocar o bebê para dormir, fui para a cozinha preparar alguma coisa. Hoje foi uma torta com os mirtilos que colhemos na floresta no fim de semana. Eu mesma fiz a massa e a abri, espetei com um garfo e assei primeiro sem o recheio para ficar crocante. O sol entrava pelas grandes janelas abertas, raios de luz se espalhando pelo piso da nossa casinha iluminada. Cozinhei as frutas vermelhas devagar, em fogo baixo, extraindo todo o sumo, depois misturei xarope de bordo e canela em pau, tomando cuidado para não deixar nada queimar nem estragar. Do ateliê, Sam sentiu o aroma da manteiga, do açúcar e das frutas e veio até a cozinha ver o que eu estava fazendo. Olhou para mim e sorriu, feliz como um pinto no lixo.

Viu, disse ele, não é o que eu sempre digo? Você nasceu para isso.

A torta ficou boa. Nós a comemos ainda quente, acompanhada de canecas de café, sentados no jardim sob o sol do início da tarde. O bebê provou uma colherada do recheio e babou tudo, parecendo um funcionário de escritório que acabou de mastigar a caneta azul. Sam riu e limpou tudo com a colher.

Ele não é a coisa mais linda?, perguntou. Então o ergueu e o balançou, e o bebê riu, gritou e cuspiu mais torta. Observei os dois. Os meninos. Meus meninos. Pai e filho. Sorri e senti o calor do sol em minha pele.

No fim da estrada de terra que liga as casas à reserva, um dos vizinhos tem um cercado cheio de cavalos premiados, que estão amamentando os filhotes. Os potros nascidos na primavera cambaleiam nas pernas finas e fracas; as éguas os empurram com o focinho, carinhosamente incentivando os filhotes. São boas mães. Pacientes e instintivas. Têm um amor imenso pelos filhos, como a natureza exige.

Sam e eu levamos o bebê para observá-los. Cavalo, disse Sam, apontando e relinchando. O bebê caiu na gargalhada. Estendi a mão para tocar em uma égua amarronzada que havia se aproximado da cerca. Senti a energia da vida e os músculos rígidos sob meus dedos. Ela era linda. Forte e determinada. Tinha olhos pretos intensos.

Cuidado, avisou Sam. Mães recém-paridas podem ser perigosas.

Nós nos afastamos dos cavalos e voltamos devagar para casa. Este é nosso lar há pouco menos de um ano. Fica a cerca de quarenta e cinco minutos de Estocolmo, em uma reserva natural perto de Sigtuna, a cidade mais antiga da Suécia. A reserva cobre uma grande extensão de terra, basicamente composta por campos e florestas em torno do lago, com casas espaçadas entre os pinheiros. Muitas das construções pertencem a uma única família há gerações — o mesmo chalé vermelho de madeira que foi ampliado ou reformado com o passar dos anos, de acordo com a necessidade; paredes testemunhas das constantes idas e vindas dos recém-nascidos e dos recém-falecidos.

Sam herdou a casa da segunda esposa do avô, Ida, que nasceu e cresceu aqui. Ela não teve filhos, mas sempre sentiu um grande carinho por Sam, que, ainda criança, já sabia como deixá-la encantada, elogiando seu novo canteiro de rosas, os biscoitos muito condimentados ou o leve sotaque sueco que fazia todas as suas palavras soarem como música. Quando ela morreu, alguns anos atrás, Sam descobriu que Ida havia deixado a casa para ele e pedido que nunca a vendesse, apenas repassasse para seus herdeiros.

Nunca tínhamos visitado a casa antes do ano passado, nem pensado muito no lugar, nem no país. Na verdade, a única referência que tínhamos da Suécia era um daqueles cavaleiros vermelhos de Dalarna com que Ida havia nos presenteado durante uma de suas visitas. Ele ficava em cima do porta-temperos em nosso apartamento no Brooklyn, ao lado do moedor de pimenta e do pote lacrado de açafrão pelo qual eu havia barganhado em um mercado noturno em Marrakesh.

Claro, mudar para cá foi ideia do Sam.

Todas as ideias boas são minhas, ele costuma dizer, brincando.

Ele falou que seria como um conto de fadas. Que seríamos mais felizes do que nunca.

E estava certo. Sempre está. Ele nos guia na direção correta; a bússola que me afasta das tempestades. Que sorte a minha de ter o Sam.

Naquela tarde, nós três fizemos um longo passeio pela floresta, o bebê no canguru, aconchegado ao pai. Enquanto caminhávamos, dizíamos os nomes das árvores e aves que aprendemos a identificar no ano passado: um abeto-falso, um ninho de tentilhões, *Fraxinus excelsior*, o freixo. São nossas alegrias e hobbies recém-descobertos, as coisas com as quais nos ocupamos aqui. Às vezes rimos de nós mesmos, lembrando as pessoas que éramos.

Na cidadezinha de Sigtuna, paramos para comer arenques empanados com centeio e salada de batata na cafeteria do píer, ouvimos o barulho das gaivotas e da água batendo se misturar hipnoticamente à conversa moderada dos educados suecos. A garçonete fez cócegas na bochecha do bebê e anotou nossos pedidos em um inglês impecável. *Tack*, dissemos. *Tack*.

Em casa, dei banho no bebê e o ninei suavemente até que dormisse em meus braços. Senti o cheirinho do pescoço dele e fiz carinho em seu cabelo louro-escuro, que aos poucos começava a ganhar volume. Coloquei a mão no peito dele, senti as batidas do seu coração, sempre regulares e prodigiosas: *tum, tum*, o eco da vida. Sam e eu, cansados da caminhada e do ar fresco, nos deitamos em nossos lençóis macios antes que anoitecesse. Eu me aconcheguei nos braços do meu marido, olhei para seu rosto lindo, os olhos escuros, o maxilar forte, o peito que parece coberto por uma armadura. Um homem sólido, um homem que pode carregar meu peso... e carrega.

Suspirei, satisfeita. Não foi mais um dia perfeito?, falei.

Sam beijou minha testa e fechou os olhos. Mexi o braço para me virar e me deitar de costas.

Não, disse ele, fique.

Sim, tudo é exatamente como Sam falou que seria. Um conto de fadas na floresta.

Sam

Hoje faz um ano que nos mudamos para a Suécia. É difícil acreditar. Um ano inteiro, um país novo, uma casa nova, um filho novo. Uma vida nova. Uma vida melhor, com certeza. Para comemorar, voltei da reunião em Estocolmo com um buquê de flores de primavera frescas, uma garrafa de vinho e um gorro viking de crochê para Conor, que comprei em uma das lojas de souvenirs do bairro histórico.

Merry estava na cozinha, o cabelo preto e comprido preso em um coque no topo da cabeça, o avental amarrado na cintura. Ela sorriu ao me ver. Dei um beijo nela, que foi pegar um vaso para as flores.

Lindas, disse.

Assim como a minha esposa, respondi. Sei que ela gosta quando a chamo assim.

Ela pôs os braços em volta de mim e eu senti seu cheiro: perfume e algo frito recentemente. Feliz “Suécia-niversário”, disse ela. Olha, fiz almôndegas suecas para comemorar.

Cadê meu garoto?, perguntei e fui atrás de Conor. Ele estava no tapetinho de atividades na sala, deitado de costas, tentando pegar o sapo que fica pendurado na barra verde de plástico. Esse menino. Não me canso dele. Oito meses já. Todos os dias ele cresce, uma pequena evolução à velocidade da luz: sempre mudando, sempre em movimento.

Como está meu campeão hoje?, perguntei, deitando-me ao lado dele. Conor deu aquele sorriso que faz meu coração acelerar: gengiva rosa e amor puro. Enfiei o rosto na barriga dele, senti o cheiro de talco e pomada para assaduras.

Coloquei o gorrinho nele e o ergui para mostrar a Merry. Duas tranças

louras de viking pendiam da touca. Conor agarrou uma e a enfiou na boca.

Ótimo, disse Merry, rindo, agora ele está pronto para liderar uma invasão.

Ela é tão feliz aqui... Leve e feliz. Sem pesos. Adoro vê-la assim. É tudo que eu sempre quis para ela. Para nós.

Entreguei o bebê a Merry para que eu pudesse lavar as mãos antes do jantar. Ela o abraçou com força e eu parei um minuto para memorizar a cena.

Linda, repeti.

Nós nos sentamos juntos em torno da velha mesa de carvalho de Ida, Conor na cadeirinha que fiz para ele, Merry e eu um de frente para o outro. Ela havia soltado o cabelo e o jogado para o lado, como eu prefiro. Estava usando uma blusa azul que fazia seus olhos cinzentos parecerem quase translúcidos, como se fossem portais para outro mundo, ou apenas buracos vazios.

Servi o vinho, Merry pôs a comida nos pratos e limpou as bordas, onde tinha escorrido molho. Ela havia acendido velas, apesar de sabermos que só anoiteceria dali a horas, e colocado as flores na ponta da mesa.

À Suécia, brindei.

Merry ergueu sua taça e nós brindamos.

Está muito bom, comentei, comendo uma garfada.

Lembra quando a gente se conheceu?, perguntei, rindo. Você mal sabia fazer torrada.

Às vezes, é difícil me lembrar daquela Merry. Tanta coisa mudou desde então.

Foi em outra vida, disse ela.

É, concordei. E esta é muito melhor para nós.

Ela estava radiante, a luz do fim de tarde entrando suavemente na casa, trazendo um leve brilho dourado para o contorno do corpo dela.

Tentava dar comida a Conor, mas ele não parava de virar a cabeça.

O que você fez para ele?

Brócolis, cenoura e frango, respondeu ela.

Que cara de sorte. Sorri. Pode deixar comigo.

Peguei a colher azul de plástico.

Vrum, vruuum. Ele abriu bem a boca e comeu tudo rapidinho.

Viu? Dei uma piscadela para Merry. Ele só quer que você se esforce um pouco.

Mais tarde, depois que Conor estava dormindo no berço, Merry e eu nos deitamos no gramado e terminamos a garrafa de vinho. Eu a puxei na minha direção e dei um beijo apaixonado nela.

As estrelas acima de nós pontilhavam o céu de luz. A lavanda do jardim lançava seu aroma no ar, um pouco forte demais. Vi os olhos de Merry me observando e, dentro deles, o contorno do meu reflexo. Ergui a blusa dela e a puxei para baixo de mim.

Sam, protestou ela.

Shhhh, falei, estamos no meio do nada.

Ela relaxou debaixo de mim e estremeceu de leve enquanto eu afastava suas pernas.

Além disso, lembrei a ela, a gente disse que ia tentar ter outro filho.

Isso.

Isso que é vida.

Era exatamente assim que deveria ser.

Merry

Meu projeto do dia era fazer geleia e comida de bebê. A horta deu mais legumes que de costume e a geladeira estava quase sem os potinhos de comida do bebê. Sam e eu concordamos que ele deve comer o máximo possível de alimentos orgânicos e caseiros, por isso cultivamos legumes, e eu cozinho e bato tudo para envasilhar e armazenar. Não dá tanto trabalho assim. Imagino que nada dê quando se refere aos nossos filhos.

Quando chegamos aqui, no ano passado, tudo estava bagunçado e cheio de mato. Quinze anos de abandono, de grama mal cortada e árvores apodrecidas. Nós arrancamos os abetos podres, limpamos os arbustos com raízes emaranhadas e o gramado repleto de morugem e cauda-de-raposa. Compramos livros sobre horticultura e plantamos fileiras e mais fileiras de mudas da estufa. Sam construiu canteiros de tijolos para os legumes e caixas com tampas de vidro para proteger as plantas da neve no inverno. Sofremos com pragas de caramujos e fungos, mudas que se recusavam a brotar, sementes mal plantadas que tentamos mas não conseguimos cultivar nas estações erradas. Por fim, aos poucos, fomos entendendo o ritmo do plantio e da colheita, o tempo necessário para cultivar um repolho, a alcalinidade perfeita do solo. Agora somos quase especialistas, ou pelo menos eu sou. Assim como a cozinha, o jardim está sob meu domínio.

Hoje não nos faltam alimentos. Toda manhã, saio para semear, cato as ervas daninhas e colho os legumes do solo. O aroma de terra pesa no ar, o cheiro de algo saudável e bom. Voltamos ao básico, diz Sam. Ele gosta de fingir que sente diferença no sabor. Pega um pouco de salada e diz se foi cultivado em casa ou comprado no mercado. Costumo mentir quando ele erra. Odiaria que

ele se sentisse bobo.

Para a comida do bebê, ferve os legumes em panelas no fogão: uma para as cenouras, outra para os brócolis e uma terceira para as abobrinhas. Etiqueto os potes, como se o bebê pudesse ler e escolher o próprio jantar. Sam gosta de abrir a geladeira e ver todos os vidros enfileirados, um pequeno exército de soldados alimentares prontos para servir.

Quem andou ocupada hoje?, pergunta ele.

Ah, eu, com certeza, respondo, com uma piscadela. Modesta e fofa.

Sou mesmo uma mulher ocupada. Foi para isso que nasci, segundo Sam. Ele não se cansa de mim assim, doméstica e maternal. Talvez esteja certo e eu tenha nascido para isso. Realmente pareço me sair muito bem. Poderia dizer que é um dom, se não soubesse o quanto me esforço para fazer tudo isso.

Mas não importa. Vale a pena, não é? O que mais eu poderia querer? Do que mais precisaria? O amor de um marido, a bênção de um filho. Isso basta... É tudo.

Às vezes, essa vida nova faz com que me sinta a esposa pitoresca de um colono do século XVIII. Cultivo a terra, faço pão, vou à feira toda semana escolher uma caixa de legumes e verduras: abobrinha, couve, aipo, o que quer que não consiga cultivar na minha horta. Sam fica impressionado com os produtos disponíveis: o frescor do salmão selvagem norueguês, o sabor da verdadeira manteiga de fazenda ou de ovos tirados do galinheiro.

Como é que a gente sobrevivia nos Estados Unidos?, pergunta ele.

Vai saber, respondo.

Fazemos isso com frequência: comparamos a vida de antes à de depois, o novo e o velho mundo. A Suécia sempre ganha. Quase nunca precisamos discutir muito. A Suécia é o presente de Sam para mim, para nós. É a resposta para tudo, a cura para o que nos afligia antes. Um paraíso, diz ele, esperando que eu concorde.

Sempre concordo. Como poderia discordar?

Além de preparar geleia e comida de bebê, era dia de limpar o banheiro e a cozinha, então, depois de cozinhar, preparei minha pasta de limpeza caseira com vinagre e bicarbonato de sódio — cortesia de um blog que Sam achou para mim. É cheio de dicas para a casa, como receitas para fazer velas aromatizadas e as melhores maneiras de tirar o mofo entranhado nos rejuntas. Ele assinou a newsletter para eu nunca perder nenhuma dica.

Sam é muito bom nisso. Proativo. Admiro essa qualidade em uma pessoa, a capacidade de decidir e fazer, de tirar os planos do papel. Nunca fui muito boa nisso. Sempre imagino como seria minha vida se eu fosse assim.

De joelhos, começo pela banheira. Esfrego as torneiras e deixo-as brilhando a ponto de me ver refletida nelas, distorcida e ao contrário, depois tiro a porção semanal de cabelos do ralo em uma única bola gosmenta. Em seguida, a privada, um trabalho meticuloso, com a cabeça enfiada lá dentro. O que minha mãe diria se me visse agora? Olhei para meu reflexo no espelho. Descuidada, seria o que minha mãe diria. Ou melhor, horrorosa. Suja, sem maquiagem, pele oleosa. Um leve fio de suor se acumulando na camiseta. Cheirei minhas axilas.

Então dei um sorriso largo e deslumbrante para o espelho. Abri os braços em um gesto de acolhimento gracioso.

Bem-vinda à nossa casa, falei em voz alta. Bem-vinda à nossa vida.

A mulher no espelho pareceu feliz. Convincente.

Recebi uma ligação da Frank mais cedo pela manhã. Acordou o bebê.

Estou indo para a Suécia, disse ela.

O quê?

Vou visitar vocês!

Falei isso a ela muitas vezes nesse último ano que passamos aqui, no fim de cada e-mail e telefonema. Você tem que nos visitar, é maravilhoso. A gente adoraria receber você.

E agora ela vem. Vai chegar daqui a algumas semanas.

Sua melhor amiga, disse Sam quando contei a ele. Que ótima notícia.

É, não é?, falei, sorrindo.

Mandeí um e-mail para ela há alguns dias. Outra missiva sobre minha incrível vida sueca, com fotos para provar. Um prato caseiro, uma criança sorridente, um marido sem camisa. Ela respondeu quase no mesmo instante, contando sobre a promoção que recebeu e a nova cobertura maravilhosa em Battersea. Anexou uma foto de si mesma em férias recentes nas Ilhas Maldivas. Frank usando um biquíni com estampa de abacaxi, bronzeada e coberta de protetor solar, o Oceano Índico ao fundo, um coquetel de coco na mão.

O que será que ela vai achar de tudo isso aqui? A imagem da minha vida vista ao vivo.

Enxuguei o espelho e abri as janelas para arejar o banheiro e dispersar o cheiro do vinagre. Na cozinha, liguei o lava-louças e recolhi a sujeira acumulada perto da parede. Tirei toda a gordura do forno e subi na escada para limpar a parte de cima da geladeira. Às vezes gosto de escrever mensagens na poeira. *SOCORRO*, escrevi hoje de manhã, de bobeira.

O bebê acordou e começou a chorar enquanto eu guardava os legumes excedentes em potes com salmoura. Fazer conservas é um dos meus talentos recém-descobertos. É muito recompensador. Fui ao quarto dele e fiquei olhando-o no berço.

Ele esperneava, o rosto vermelho de raiva pelo abandono. Enquanto gritava, um amontoado de baba se acumulava no canto da boca. Então ele me viu e franziu a testa. Estendeu os braços e se balançou para tentar se sentar e sair do berço.

Eu o observei. Com todo meu coração, tentei invocar o sentimento. Por favor, pensei, por favor.

Instinto. É assim que o chamam, mas, para mim, é uma coisa muito distante. Enterrada em algum lugar, sob camadas demais, ou simplesmente inexistente.

Por favor, apelei de novo, incentivei, implorei. Mas dentro de mim, como sempre, havia apenas o vazio. Frio e oco. A grande lacuna interior.

Não pude fazer nada além de ficar ali parada observando.

O choro do bebê se tornou mais desesperado, o rosto contorcido com uma necessidade feroz e urgente. Quase roxo. Fiquei imóvel, impotente. Virei a cabeça para que ele parasse de apelar para meus olhos, de implorar para que eu aliviasse sua fúria. Incapaz de entender que eu não conseguia.

Olhei para o quarto cheio de livros e bichos de pelúcia. Um mapa-múndi na parede, além de desenhos de mamíferos do Ártico. Urso polar. Alce. Raposa. Lobo. Eu mesmo tinha feito aquilo no último mês de gravidez, equilibrando a caixa de pintura na minha barriga enorme. O mundo inteiro só para ele. E ainda assim não é suficiente. Eu não sou suficiente.

É muita coisa para mim.

Em meio ao barulho, tentei escutar minha respiração, sentir as batidas do meu coração. Estava disparado, berrando pelas próprias tristezas; um punho irritado em uma gaiola.

Eu me aproximei do berço e olhei para a criança histérica. Meu filho. Balancei a cabeça.

Desculpe, falei por fim. A mamãe não está com paciência para isso.

Então saí do quarto e fechei a porta.

Sam

Karl e eu estávamos sentados do lado de fora enquanto as mulheres terminavam as saladas na cozinha. Ele e a esposa, Elsa, são nossos vizinhos, moram do outro lado do campo, bons suecos típicos, saudáveis e trabalhadores. Ela dá aulas para adultos, ele tem uma startup que converte sistemas de aquecimento em modelos mais econômicos. Os dois nos convidaram para uma festa no verão passado, depois que nos mudamos, e nós demoramos esse tempo todo para chamá-los para jantar.

É o bebê, falei, pedindo desculpas. Karl deu de ombros. Claro.

A filha deles, Freja, estava sentada no gramado brincando com Conor. Karl e eu conversávamos e eu tentava não encará-lo de forma intensa demais. É difícil desviar o olhar. Aqueles olhos azuis surpreendentes, a altura e a envergadura dele. Um perfeito viking. Até trouxe carne de alce selada a vácuo de presente.

Você precisa caçar comigo um dia, disse. Todos os suecos fazem isso.

Refresque minha memória, pediu Karl. O que você faz mesmo?

Eu me remexi na cadeira. Estou tentando entrar para o cinema, falei. Quero gravar documentários.

Você já fazia isso?

Não, respondi. Antes eu era acadêmico. Professor assistente de antropologia. Na Universidade de Columbia.

Ele ergueu as sobrancelhas. Interessante. Qual era a sua área de estudo?

Sorri. As máscaras transformadoras dos rituais e cerimônias do oeste africano, em especial da Costa do Marfim. Não é uma informação totalmente inútil?

Tenho certeza de que era muito interessante.

Era mesmo. As máscaras são fascinantes, falei. A maneira como permitem que exista uma enorme fluidez na identidade e no poder dessas tribos, como eles dependem das máscaras e da atuação para...

Eu me impedi de continuar. De me lembrar do que sentia falta.

Avante, sempre avante.

Bom, mas já estava na hora de mudar, completei.

Tomei o resto da cerveja que tinha no copo e pensei na última reunião com aquela solteirona frágil, Nicole, dos Recursos Humanos. Assine aqui, rubrique ali. Uma dispensa rápida e sem cerimônia que fez quase vinte anos de trabalho — todos os sucessos, as honras e os títulos — desaparecerem por completo.

Mas ainda nem ouviram meu lado, rebati.

Eles já sabem mais que o suficiente, respondeu ela com frieza.

Então você se mudou para cá por causa de um novo emprego, disse Karl.

Na verdade, não, corrigi. Estou começando. Vai demorar um tempo. Por enquanto são basicamente reuniões e propostas. Estou tentando mostrar meu filme para as pessoas certas.

Estalei os dedos, o clique reconfortante de ossos voltando ao lugar. Karl não ia desistir.

Mas por que vocês escolheram a Suécia?, perguntou ele.

Dei de ombros. Nós tínhamos a casa. Queríamos uma vida diferente. Os americanos levam uma vida muito superficial, só de distrações e ruídos. Eu... Bem, nós... Nós queríamos alguma coisa mais verdadeira.

Os Estados Unidos não são verdadeiros? Karl sorriu. Ele já havia terminado a segunda cerveja. Abri o cooler e entreguei a terceira a ele.

Os Estados Unidos são um país construído com base em mitos. O destino manifesto, o excepcionalismo americano. A ideia de que somos melhores do que realmente somos.

Karl assentiu. Então qual é o veredito? É melhor estar aqui?

Claro, falei. A Suécia parece ser o melhor lugar do mundo.

Karl riu. Talvez você não esteja olhando com tanta atenção. Ele ergueu a

cerveja e fez um brinde de brincadeira. Enfim, disse ele, espero que você esteja certo.

Observei Conor no gramado, os olhos brilhantes, se divertindo.
É claro que era o lugar perfeito.

Freja se aproximou para mostrar a Karl um corte no dedo. Ele disse algo em sueco, ela assentiu e voltou para perto de Conor.

Então você não sente falta de casa, comentou Karl. De estar perto de quem conhece.

Não sinto falta de absolutamente nada nos Estados Unidos, respondi.

Elsa surgiu equilibrando uma tigela de chucrute e uma salada verde. Merry a seguiu com uma pilha de pratos e talheres. Estava cansada. Tinha acordado cedo, preparado tudo para os convidados. Ao lado de Elsa, ela parecia um pouco repugnante, o cabelo sujo preso em um coque bagunçado.

Não tive tempo, disse mais cedo quando eu perguntei.

Sempre há tempo, eu respondi. Mas as pessoas não o usam direito.

E você, Merry?, perguntou Karl. Sente falta dos Estados Unidos?

Ela olhou para mim e deu de ombros. Do que eu poderia sentir falta?

Nós nos sentamos para comer, passamos as tigelas de comida e os saleiros. Merry tinha temperado demais a salada, mas não falei nada.

Está muito bom, disse Elsa.

Notei que ela quase não comeu.

Merry trouxe outro pote com a comida de Conor e Freja perguntou se podia dar a ele. Ela pegou uma colher e fez aviãozinho, voando com a papinha até a boca de Conor.

Veja só. Sorri. Ela leva jeito para isso.

É, disse Karl, mal pode esperar para ter um irmão ou uma irmã para brincar com ela.

Elsa baixou o garfo e a faca. Karl tomou um gole de cerveja e me lançou um sorriso compreensivo. Enquanto isso, continuou ele, compramos um gato

para ela.

Elsa olhou para Conor e fez carinho no braço dele. É um bebê maravilhoso, disse. Muito fofinho.

É mesmo, respondi, me perguntando como Karl não a quebrava ao meio toda vez que se deitava em cima dela.

Merry se levantou para tirar os pratos, raspando e empilhando, recusando a ajuda oferecida por Elsa. Quando voltou, trazia um bolo para a sobremesa: coberto de creme e com frutas vermelhas empilhadas no centro.

Minha deusa doméstica, falei. O que temos aqui?

Merry distribuiu os pratos de vidro e os garfinhos de prata. Percebi que eram do faqueiro da mãe dela.

Merry, disse Karl, você não nos contou o que faz.

Apontei para o bolo. Ela faz isto, falei, e todos rimos.

Eu trabalhava como cenógrafa, disse Merry, bem baixinho.

Para o cinema?, perguntou Karl.

Cinema, TV, muitas vezes só para comerciais.

É, falei, ela estava sempre construindo mundos de faz de conta. Cozinhas e salas de estar, aqueles cenários genéricos que você vê em todos os comerciais vagabundos. Sabão desinfetante para as mãos ou colchões.

Bom, tinham projetos mais interessantes, disse Merry.

Repentinamente me lembrei de Merry voltando para casa certa noite com uma poltrona verde que tinha passado o dia todo procurando. Ela me pediu para ajudá-la a levar para o apartamento. Lembro que tive raiva daquela poltrona e dela por interromper minha correção das provas com algo tão bobo. Era um emprego indigno dela. Indigno de nós dois.

Olhei para ela. Merry estava com uma expressão que faz de vez em quando. Pensativa. Melancólica. Como se estivesse escapando. Esquecendo-se de si mesma.

Dei outra garfada no bolo. Nossa, isso está muito bom, não está?

Está, concordou Karl. O bolo está ótimo.

Merry piscou e sorriu.

Você pretende procurar alguma coisa parecida aqui?, perguntou Elsa. Muitos programas são filmados na região, em Estocolmo ou Gotemburgo. Seria muito conveniente, muito perto para você.

Olhei nos olhos de Merry e ela balançou a cabeça. Não, disse. É bom me concentrar apenas na maternidade agora. Isso é mesmo o mais importante.

Antes que os dois fossem embora, entrei com Karl para mostrar minha coleção de máscaras africanas. Seis rostos esculpidos em madeira: três da Costa do Marfim, um do Benin e duas máscaras igbo da fertilidade, do semestre que passei na Nigéria.

Que erótico, disse ele.

São assustadoras. Elsa estremeceu.

Eu ri. Merry acha a mesma coisa. Há anos ela vem implorando para eu colocá-las em uma caixa.

Elsa sorriu. E mesmo assim estão na parede, disse.

Depois que nos despedimos, fechei a porta e puxei Merry para mim.

Foi divertido, falei.

Foi, respondeu ela.

Aqueles dois não parecem bonecos de cera?

Parecem, disse ela. Elsa é perfeita.

Enquanto Merry terminava de arrumar tudo, colocar as louças na máquina e limpar as bancadas, juntando as migalhas em uma das mãos, eu fiz uma anotação mental para aceitar a oferta de Karl para ir caçar.

Tirei Conor do tapete e o abracei. Estava com o cheiro do perfume de Elsa. E de merda.

Eu o entreguei a Merry. Acho que está na hora de trocar a fralda, falei.

Merry

Observo o bebê através das barras do berço. Uma pequena prisão para mantê-lo em segurança. Ele me encara. Não sorri. Não trago alegria para ele.

Bem. O sentimento é recíproco.

Olho para o rosto dele. Observo atentamente, procurando sinais de mudança. Dizem que eles se transformam o tempo todo. Primeiro devem se parecer com o pai, depois com a mãe, depois de novo com o pai. Mas ele é apenas eu. Todo eu. Eu demais.

Seus olhos me encaram, uma repreensão constante. Acusatória. Lembre, dizem, lembre o que você fez. Desculpe, sussurro, e desvio o olhar.

Minhas barras não são barras. São vidros e árvores. A gaiola de vidro que é nossa casa, as enormes janelas de vidro que nos cercam, que o pai de Ida instalou para aproveitar ao máximo o espaço e a luz. Os pinheiros altos e antigos que bloqueiam a luz. Meu exílio insular, todas as saídas fechadas, toda a vida exterior isolada. Só nós.

Sam, eu e o bebê.

Tudo de que a gente precisa, diz Sam.

É mesmo?, digo. Não parece que somos os três últimos sobreviventes de uma queda de avião?

Ah... Ele ri das minhas besteiras.

Ele estava em Estocolmo ou Uppsala hoje — não lembro onde —, mostrando seu filme para executivos e produtores. Está se esforçando para que isso dê certo. Está realmente fazendo o melhor que pode. Ele sempre faz. Família, diz ele, não há nada mais importante. Foi por isso que nos mudamos para cá: um novo começo, o melhor lugar para formar uma família. Como ele ama o bebê.

Como adora cada parte dele e cada coisinha que ele faz. Certa vez me olhou assim, como se eu fosse uma maravilha da natureza, um ser raro a ser idolatrado e adorado.

Be-bê. Ma-mãe. Pa-pai.

Tudo que dizemos é separado em duas sílabas.

Piu-piu.

Mi-au.

Ca-sa.

O bebê come de vez em quando, mas nem sempre. Muitas vezes faço comida para ele e eu mesma como, deixando que ele me observe levar a colher à boca.

Viu? Sem bagunça.

Ofereço a colher e ele balança a cabeça.

O bebê chora muito, mas não fala nenhuma palavra. Ele se balança de bruços, mas ainda não sabe engatinhar. Existem marcos que eu deveria monitorar, embora não faça isso. O livro *Guia para o primeiro ano do bebê* que Sam me deu continua fechado ao lado da cama, embaixo de um tubo de creme para as mãos, feito de rosa orgânica, que doa cinco por cento dos lucros para a preservação das florestas tropicais.

Você leu, não leu?

Claro, minto. É muito informativo.

O bebê. Meu bebê. Ele tem nome, mas, por algum motivo, não consigo dizê-lo em voz alta. Conor Jacob Hurley. Claro que foi Sam quem escolheu o nome dele. Conor Jacob, disse. Jacob por causa do seu melhor amigo no ensino médio que se perdeu no mar enquanto dava a volta ao mundo velejando. Conor em homenagem às distantes raízes irlandesas de Sam. Conor Jacob. Conor Jacob Hurley. Foi decidido, escrito na etiqueta presa a seu pequeno pulso. Eu li. Repeti baixinho os nomes do meu filho. Conor Jacob Hurley.

Os balões ao lado da cama do hospital eram azul-bebê. Um já tinha estourado e os pedaços rasgados pendiam, desamparados, em meio aos outros.

Quer segurar seu filho?, perguntou a enfermeira.

Se Sam não estivesse no quarto, eu teria negado.

Ele acha que sou uma boa mãe, a melhor. Dedicada, sempre carinhosa e altruísta. Sem vontade própria. Talvez ele esteja certo sobre a última parte. Às vezes eu me pergunto: onde estou? Ou: havia alguém aqui antes?

Os dias em que Sam não está em casa sempre parecem férias. O bebê e eu não temos uma plateia para impressionar. Normalmente não tomo banho. Não tiro a camisola. Fico sentada no sofá assistindo a reality shows, um hábito péssimo (um dos muitos que tenho, devo acrescentar). Nunca me canso. Mulheres plásticas destruindo umas às outras, donas de casa e mães adolescentes. O modo como brincam de serem verdadeiras, quando é tudo apenas para as câmeras. Mesmo assim, todos fingem não saber. A conspiração é um sucesso.

Quase sempre como fatias de manteiga para matar a vontade de doces e manter o peso, mas, quando Sam está fora, pego meu estoque de bobagens escondido dentro da máquina de lavar e devoro pacotes inteiros de salgadinhos e biscoitos, que levo para casa escondidos debaixo dos pacotes de fralda e do detergente orgânico. Sou uma pessoa horrível. Nem um pouco refinada. Fico cutucando as unhas do pé e espremo os pelos encravados nas pernas. Sam estremeceria se me visse assim. Às vezes, eu mesma estremeço diante dessa versão de mim. Bem, ela vai ter que ser banida assim que Frank chegar. Não vou ter esses momentos de descanso por um tempo.

Às vezes, acho que seria legal sair, deixar nosso pequeno território insular, mas claro que Sam fica com o carro. A casa está a uma hora de caminhada de qualquer lugar e a quarenta minutos do ponto de ônibus mais próximo. Sam comprou uma mountain bike para fazer trilhas, mas me proibiu de usar. É perigoso demais, disse ele, andar com um bebê.

Isso nos deixa presos. Só nós dois. Mãe e filho sem nada para fazer a não ser

se deleitar com tarefas domésticas. Desconfio que Sam goste disso. Não, eu sei que gosta. Minha falta de distrações. Meu foco absoluto. Na verdade, fico surpresa por ele ter incentivado tanto a visita de Frank. Em Nova York, eu sempre ouvia reclamações sobre quaisquer interesses e distrações que tivesse. As partes de mim que não eram totalmente consumidas por ele. A música favorita do Sam, a lista de livros que Sam estava lendo, os materiais das aulas dele, seus novos hábitos alimentares ou sua nova série de exercícios. Tudo do Sam. E agora o bebê do Sam.

O bebê. O bebê que fizemos. O bebê que colocamos no mundo. Lembro como me senti naquele dia, parada no banheirinho bege do nosso apartamento, que sempre cheirava à fritura do restaurante indiano do andar de baixo, olhando para as duas linhas claras no mostrador, as linhas da vida, iminentes e incontestáveis. Era o segundo teste. Opa lelê. Opa bebê.

A porta foi escancarada. Sam tinha chegado em casa cedo, inesperadamente.

Isso é...?, perguntou ele, olhando para mim, pega em flagrante. Não hesitei nem um segundo. É, Sam, gritei. Não é uma notícia incrível?

A origem da palavra *sofrer* é “aguentar”. Não se espera que vamos superar aquilo. Só temos que suportar. Eu poderia ir embora, isso é o que qualquer um me diria, mas a pergunta é como, com o que e para onde. Nunca consegui responder a essas perguntas. Nunca pareceram decisões minhas. Neste mundo, não tenho ninguém além do Sam. E ele sabe disso. Com certeza isso influencia sua atração por mim. Isso, e o fato de eu não conseguir ficar sozinha. Eu não saberia por onde começar.

Há noites em claro e noites sem fim. Às vezes acordo e encontro o bebê em meus braços, mas não me lembro de tê-lo pegado. Ele grita e acorda e vou até o berço e o vejo ficar vermelho e irritado, lágrimas escorrendo por seu rosto, berros violentamente presos na garganta. Um metamorfo feroz e furioso da floresta. Reluto em pegá-lo no colo, odeio reconfortá-lo — apesar de isso ser tudo o que ele quer de mim, tudo o que me pede. Não posso lhe dar. Só

consigo ficar parada observando, quieta e imóvel, até ele parar de chorar, exausto demais para continuar.

É para ele aprender a dormir no berço, explico quando Sam reclama do choro. Cito uma famosa autoridade em pediatria porque gosto de mostrar a ele que levo o desenvolvimento do nosso filho a sério. Mesmo assim, ele encontra coisas que estou fazendo errado. Me dá sugestões e conselhos, que chama de pequenas melhorias — e sempre há espaço para isso. É. Ele adora me educar. É muito bom nisso. Em preencher lacunas. Acho que talvez me considere uma das lacunas e esteja me preenchendo aos poucos. Faça isso, use aquilo. Agora você deveria largar o emprego. Agora a gente deveria se casar. Agora a gente deveria se reproduzir.

Ao longo dos anos, ele foi me mostrando o que devo apreciar e o que devo repudiar. Ópera italiana, pianistas clássicos russos. Jazz experimental. Comida coreana. Vinhos franceses.

Isso é Dvořák?, pergunto a ele, como se não soubesse. Como se não tivesse sido criada em uma casa à beira-mar em Santa Mônica, esbanjando mais educação e aulas particulares do que eu queria ou merecia.

Marido. *Husbanda*. Mestre da casa.

Suponho que ele só me diga coisas que não sei. Do que preciso. O que quero. Quem sou. E, em troca, dou tudo o que tenho a ele. Dou a Sam exatamente a mulher que ele quer que eu seja. Uma atuação impecável. Ele não se contentaria com nada menos.

Os homens antes do Sam queriam me resgatar, cicatrizar minhas feridas com beijos. Sam quis me recriar. E odeio decepcioná-lo porque decepcionar Sam é a pior sensação de todas. É o fim do mundo, na verdade, e a volta do vazio interior irremediável, implacável e corrosivo.

Você vai ser uma mãe incrível, Merry, disse ele durante toda a gravidez, os enjoos, o desconforto e a sensação de uma invasão hostil e incontrollável. Sam não conseguia tirar os olhos de mim nem as mãos da minha barriga inchada. Estava fascinado com o que imaginava ser uma vitória sua.

Olhe só para isso, dizia ele, impressionado. Fizemos esta vida, fizemos este ser vivo dentro de você.

É um milagre, dizia ele.

Parecia totalmente o contrário. Mas Sam já havia nos carregado em um sonho e um plano: a Suécia. Uma nova vida. O abandono da pele velha e a aquisição de outra. Havia algo atraente na ideia, na possibilidade de deixar Nova York e seus inúmeros segredos e vergonhas. Alguns de Sam, o maior deles meu.

O bebê, o bebê. Sam o ama com tanta ferocidade que às vezes tenho dificuldade de respirar. E agora vou ter que pensar em Frank. Frank na minha casa. Frank na minha vida. Tão perto. Talvez perto demais. Somos amigas de infância, o tipo mais perigoso. Ligadas por lembranças, festas do pijama e segredos; por traições, ciúmes e crueldades, grandes e pequenas. Ela sempre fez parte da minha vida de alguma forma, uma presença constante. Mesmo quando estamos distantes, separadas por cidades ou continentes, é nela que mais penso. É por Frank que anseio. Fico imaginando a reação dela ao que digo ou faço, ao modo como vivo, a quem amo. Imagino Frank observando tudo. Imagino o que sente ao ver minha vida e comparar com a dela. Precisamos uma da outra assim. Sempre precisamos.

Eu me lembro de quando ela se mudou para Nova York — foi contratada, depois do MBA, por uma das principais firmas de consultoria. De repente se tornou outra Frank. Ia a festas em cidades diferentes, namorava gerentes de fundos de investimento, dividia uma cobertura com um marchand russo. Bem, eu arrumei minhas coisas e me mudei para lá alguns meses depois. Meu pai pagou o aluguel.

Mas o que você está fazendo aqui?, perguntou Frank quando cheguei à casa dela em um sábado de manhã com dois bagels com cream cheese.

Eu sempre quis morar aqui, falei. Já te disse isso.

É. Nós precisamos uma da outra. Sem isso, como existiríamos?

Eram nove horas quando Sam voltou para casa, muito mais cedo do que havia dito. O bebê estava no berço. Tinha acabado de dormir, com a ajuda de uma ou duas colheres de xarope para tosse. Faço isso às vezes, nos dias mais difíceis. Teoricamente não faz mal. É só o ajudante da mamãe.

Também faço outras coisas. Como deixar alguns travesseiros perto demais da cabeça do bebê. Ou colocá-lo para dormir um pouco perto demais da beira da cama. Não sei por quê. Não sei o que me leva a fazer isso. Só sei que não consigo evitar. Eu costumo chorar. Em outros dias, tudo parece dormente, partes inteiras de mim ficam mortas e enegrecidas como um membro gangrenoso. Imune à vida.

Eu estava no sofá quando ouvi o carro do Sam no cascalho da entrada. Levei um susto. Estava assistindo a um programa sobre mulheres que competem com as melhores amigas para ver quem dá a melhor festa de casamento. Ainda não tinha tomado banho. Fechei depressa o laptop e abri um livro sobre o desenvolvimento na primeira infância.

Olá, esposa, disse Sam, me beijando na boca.

O hálito dele estava horrível, com cheiro de carne podre. Meu estômago se revirou.

Como foi hoje?, perguntei.

Ele ignorou a pergunta, se sentou ao meu lado e agarrou meus seios inchados, pesando-os como se fosse um mercador medieval.

Nossa Merry está no cio, disse ele, rindo. Já sei o que você vai querer, falou, enfiando um dedo na minha calça jeans. Eu não tinha tomado banho. Senti meu cheiro nos dedos dele.

Tem usado o termômetro?, perguntou ele. Precisa fazer isso todo dia para acertarmos a data.

Algumas semanas atrás, ele comprou um termômetro basal para mim. Tenho que medir a temperatura toda manhã e registrar os estágios da minha ovulação. A fase folicular, a fase lútea, a duração do ciclo, tudo registrado e ilustrado em

um gráfico no aplicativo do meu celular. A ciência da concepção. Quando estou no período fértil, o telefone apita freneticamente e um círculo vermelho aparece na tela. É um dia vermelho, declara ele. Um lembrete. Um aviso.

Estou usando, respondi. Mas leva um tempo para definir o ciclo.

Ele está impaciente comigo. Quer que eu engravide de novo. Insistiu para que começássemos a tentar quando o bebê não tinha nem dois meses.

É cedo demais, implorei. Tudo dói.

Que bobagem, disse ele. O médico falou seis semanas.

Eu sempre sangrava depois, um sangue fortemente rosado nos lençóis e na calcinha no dia seguinte. Tive que jogar várias no lixo, o sangue duro, seco e marrom, com um cheiro forte de ferrugem e decadência.

Venha, disse Sam. Ele me levou para o quarto e me deitou com gentileza e propósito.

Fiquei deitada ali e fingi entusiasmo. Ah, isso. Mais. Por favor. Ele gosta quando imploro. Quando agradeço depois, como se tivesse me dado um presente.

Em alguns dias é mais difícil me lembrar de ser grata. Reconhecer minha grande sorte. Sam foi devagar, parando para me olhar nos olhos. Às vezes sinto repulsa dele. Uma reação física ao cheiro e ao toque dele, ao modo como respira pela boca com a língua erguida, ao modo como os pelos de seus ombros nascem em bolos estranhos de fios negros e espessos.

Algo dentro de mim se revira e estremece ao tê-lo tão perto.

Imagino que isso seja normal.

Eu te amo, Merry, disse ele. E então eu realmente senti. Gratidão. Amor. Ou pelo menos acho que foi isso que senti. Às vezes é difícil ter certeza.

Sam por cima, dentro de mim, me agarrando com ambas as mãos, respirando perto da minha orelha.

Vamos fazer um filho, disse ele, pouco antes de gozar.

Sam

Acordei cedo hoje de manhã, fiz a barba, me vesti, estava quase saindo. Merry estava colocando Conor na cadeirinha.

Aonde você vai?

Para Uppsala de novo, respondi. Comentei isso há alguns dias.

Não comentou, não, respondeu ela.

Tudo bem, falei, dando um beijo rápido nos dois. Você deve ter esquecido. Sabe como a sua memória é ruim.

Você vai de novo?

Me pediram para voltar, expliquei. Dessa vez é uma reunião com o diretor executivo de criação.

Ela assentiu. Boa sorte.

No carro, conferi a hora e depois meu telefone.

10 horas, escrevi.

Ao sair, passei devagar pelas casas vizinhas. O Sr. Nilssen estava com os cavalos. Ergui a mão para cumprimentá-lo. Supostamente, ele é bilionário. Vende cavalos para os sauditas, mas ainda dirige um Honda. Nossa, como eu adoro os suecos. Fico feliz toda manhã ao sair e ver onde e como moramos. É a mais pura sorte ter isso tudo. Às vezes as coisas dão certo, eu acho.

Ia ser um belo dia. Ensolarado e claro. O trânsito estava bom.

Em quarenta minutos, eu estava diante da porta do apartamento dela, tocando a campainha.

Você chegou cedo, disse ela ao abrir. Estava usando um vestido de cetim marfim bem justo, que dava a impressão de que ela havia sido mergulhada em um creme de leite espesso. O cabelo comprido e louro estava solto e

levemente cacheado nos ombros.

Oi, Malin. Sorri.

Entre, indicou ela.

Mais tarde, em volta da mesa de reunião, olhei para os seis jovens suecos que assistiam ao meu filme. É uma mistura de imagens de campo antigas e um material novo em que andei mexendo no estúdio que montei em casa. É um bom trabalho. Sei fazer uma cena funcionar. Já me disseram que tenho um excelente olho para o cinema. Que é um dom.

Tomei um gole do expresso servido em uma xícara verde-hortelã.

Isto está ótimo, comentou o diretor criativo. Muito dinâmico.

Acho que tenho uma perspectiva diferente, argumentei. Por causa da minha carreira.

Toda essa autopromoção nem foi tão difícil. Finja até conseguir, essas coisas.

Diz aqui que você ensinava na Columbia.

É, respondi.

Por que mudou de carreira?

Dei um sorriso irônico. Bom, depois de alguns anos dando aulas para jovens, você percebe que o jogo virou. Eles sabem tudo e você não passa de um dinossauro com um pedaço de giz.

Ah, e fui demitido. Acho que eu poderia ter acrescentado isso.

Eles riem. Boa resposta. Encantadora, sem ser esnobe demais. Já tornei isso uma arte.

Então você filmava muito quando era antropólogo?

É, um pouco. Principalmente no início da carreira, na época em que eu fazia trabalhos de campo na África. Mas sempre quis trabalhar com cinema. Por isso voltei aos documentários agora.

Eles olharam para mim e sorriram. Nenhum deles tem mais de trinta anos, todos tão tranquilamente seguros que parecem até estar na lista da *Fortune* de quinhentos melhores CEOs.

Pneus de neve. O comercial é para uma empresa que fabrica pneus de neve.

Ótimo, falei. Parece interessante.

Um celular tocou e o produtor se levantou para atender. Antes de sair da sala, deixou um cartão de visitas na mesa à minha frente.

Desculpe, disse o diretor criativo, estamos ocupados com um grande projeto. Todo mundo está um pouco distraído.

Era minha deixa para ir embora. Fechei o laptop e me levantei, derrubando a cadeira para trás ao fazer isso.

Ele apertou minha mão. Vamos entrar em contato.

Como foi sua reunião?, perguntou Merry quando voltei para casa.

Foi boa, falei, muito boa.

Ela sorriu. Maravilha.

Tinha Conor nos braços, recém-saído do banho e pronto para a cama. Ele estava com os olhos vermelhos, como se houvesse chorado.

Vocês dois tiveram um bom dia?, perguntei.

Ah, claro, disse ela. O melhor.

Merry

Tarefas domésticas não costumam ser o departamento do Sam, mas, na noite passada, ele se ofereceu para dar banho no bebê. Saiu do banheiro com ele enrolado na toalha.

Ei, o que é isto aqui?, perguntou.

Ele ergueu a toalha e me mostrou as coxas do bebê. Corei. Eu não havia notado as marcas, quatro pequenos hematomas na pele dele.

Que estranho, falei. Engoli em seco.

Será, disse Sam, que as roupas dele estão muito apertadas? Pode ser isso?

Pode, respondi, é bem provável. Eu já devia ter comprado um tamanho maior.

Sam fez que sim com a cabeça. Bom, você pode cuidar disso de manhã.

Claro, respondi, é a primeira coisa que vou fazer.

E assim, por causa das novas roupas do bebê, pude ficar com o carro hoje. Sam ficou com o bebê e eu fui para Estocolmo, a música no último volume, as janelas abertas para o ar quente de verão. É incrível a sensação inebriante da liberdade, de deixar a ilha para trás. Eu tinha me arrumado: saia floral leve, blusa sem mangas.

Em Estocolmo, estacionei o carro e conferi o rosto no espelho. Soltei o cabelo e o balancei. Passei rímel e batom. Transformada. Andei um pouco até um café em Södermalm sobre o qual havia lido.

Às vezes faço isso, folheio revistas de viagem e imagino todas as vidas alternativas que eu poderia ter. Drinques no mais novo bar de Barcelona, uma noite no melhor hotel de Roma.

Peguei um jornal inglês no balcão, me sentei a uma mesa na janela e fingi ler. Adoro observar as pessoas na cidade. Todas são tão lindas... Pele clara e

olhos brilhantes, cabelo sedoso, corpos firmes e bem desenhados. Não há excesso. Nada pulando para fora, pendurado nem esticando as costuras. Até as roupas parecem imunes a amassados. Não são apenas os nossos vizinhos Karl e Elsa, é um país inteiro deles.

A imaculada Elsa. Eu provavelmente deveria convidá-la para um *fika* e tentar fazer amizade. Poderíamos conversar sobre receitas de torta e sobre a criação das crianças. Eu poderia perguntar sobre sua rotina de cuidados com a pele. Mas nunca fui boa nisso. Em fazer amizade com mulheres. Bem, com exceção de Frank, acho.

Sam não para de perguntar se estou animada com a visita dela. Tento parecer entusiasmada. Na verdade, estou ansiosa, acho. Exibir nossa vida, mostrar tudo o que conquistei. Mostrar a ela quem está ganhando.

Mas parte de mim sente um incômodo profundo. Algo no modo como Frank sempre vê além do que deveria. Ela acha que me conhece melhor do que ninguém... talvez até que eu mesma. Considera isso uma vitória. Portanto, vasculha minha vida feito uma criança cutucando uma foca morta que apareceu na praia. Esperando para ver o que sai dela. Cadê a Merry? Achei!

Ela está sempre cavando, cavando, tentando ir além da superfície. A verdadeira você, diz ela, eu conheço a verdadeira Merry. Seja lá o que isso quer dizer.

Na mesa à minha frente, observei uma jovem. Ela devia ter uns vinte e poucos anos, era loira, magra e bem-vestida. Estava comendo um enroladinho de canela, levando pequenas garfadas de massa à boca. Não parava de passar lentamente os dedos nos lábios. Conversava com um homem mais velho, de cerca de quarenta anos, com suéter de caxemira cinza e calça jeans escura. Assim como eu, ele observava com atenção os movimentos dela, seguindo o garfo com os olhos até a boca da jovem, acompanhando os dedos dela enquanto dançavam sobre os lábios vermelhos. Em determinado momento, ela tocou no braço dele, casual, amistosa e alheia a todo desejo. Mas, para ele, vi que foi eletrizante.

Ela mostrava algo na tela do laptop, apontando com os dedos compridos. Não usava aliança, apenas um anel fino de ouro no indicador, com um pequeno topázio no meio. Ele assentia, atento, enquanto a moça falava. Ela fazia anotações em um caderno aberto ao lado da xícara. Ele a observou tomar um gole: a maneira como lambia os lábios para garantir que não havia sobrado nenhuma espuma. Amor ou paixãoite, quem poderia dizer.

Uma mulher mais velha entrou sozinha, pediu um café e um sanduíche ao atendente e se sentou a uma mesa perto da janela. Ela era perfeita. Calça branca, escarpins de couro, brincos de pérola. Devia ter sessenta anos ou mais e era linda e resplandecente, sem nada puxado ou preenchido cirurgicamente. Isso é um mistério aqui, o modo como é permitido às mulheres envelhecer com tanta serenidade.

Pensei em minha mãe, em seu estranho rosto final e em todos os que vieram antes. Ela passou muitos anos tentando obsessivamente escapar das inevitabilidades do envelhecimento. Passavam-se alguns meses, ela fazia algo novo. Olhos esticados nos cantos, a pele que sobrava puxada e costurada nas têmporas. Depósitos de gordura aspirados e realocados nas bochechas ou nos lábios. Seios erguidos, a gordura da barriga sugada por uma bomba.

Quando criança, eu adorava vê-la se arrumar para sair. Meu pai sempre chegava em casa com convites para festas, bailes, jantares para a caridade ou inaugurações de novas alas de hospitais. Era uma rotina elaborada: maquiar o rosto, torcer o cabelo para prendê-lo de maneira elegante, apertar-se em um vestido dois tamanhos menor e duas décadas mais jovem.

Você é tão bonita, dizia eu.

Não sou bonita o bastante, sempre respondia ela.

Ou às vezes: Eu era, antes de você nascer.

Eu era acusada e responsabilizada por muitas coisas. A perda do corpo bonito. A queda de cabelo. A pele frouxa. A falta de atenção do meu pai.

Ele nunca pediu que ela parasse com as cirurgias. Talvez fosse seu jeito de puni-la.

Sam gosta de mim ao natural, diz ele. Isso significa magra. Bem-arrumada. Depilada. Lavada e hidratada, macia como uma fruta madura.

Certa vez, ele me depilou, no início do nosso relacionamento. Ele me colocou de pé na sua frente enquanto passava uma lâmina entre minhas pernas e raspava lentamente. Pronto, disse, é assim que quero você.

Eu tinha ficado encantada ao olhar para meu novo corpo. Amada, pensei. Isso é se sentir amada.

Seis anos depois e eu ainda escovo os dentes, pinto o rosto e penteio o cabelo de manhã cedo, enquanto Sam ainda está deitado, sonhando. Contorno as sobrancelhas, pinto os cílios e arranco os pelos aleatórios que surgem no lábio superior; tiro as cutículas e lixo a pele morta do calcanhar, pinto as unhas de acordo com as estações. Eu me depilo, hidrato e amacio a pele, passo perfume e desodorante e uso lencinhos íntimos especiais para ter aroma de flores e não de mulher. Faço tudo isso para que, quando ele acorde, eu esteja transformada; para que, quando me quiser, eu esteja pronta. Toda sua, digo. Sou toda sua.

É mentira. Guardo uma pequena parte para mim mesma.

Devia ser perto do meio-dia quando percebi que estava com fome. Saí do café e caminhei pelas ruelas de paralelepípedos sob o brilho do sol. É uma cidade agradável, eu imagino. Charmosa, contida de uma forma que Nova York não é e nunca será. Aqui não há aquela eletricidade no ar, o pulsar da luxúria, da necessidade e da brutalidade. Do desejo e dos segredos.

Perto de Götgatan, vi um café com uma fileira de quiches arrumadinhos na vitrine. Entrei, fiz o pedido no balcão e me sentei a uma pequena mesa no canto. A garçonete trouxe minha comida e dispôs os talheres e um guardanapo. *Tack*, falei, e ela sorriu com simpatia. A quiche era delicada, não muito pesada. Achei estranho e delicioso comer sozinha, uma delícia proibida de outra vida.

Pedi um café depois que acabei, sem querer terminar a refeição. O local estava enchendo de clientes. Notei a garçonete olhando para mim. Ela veio até minha mesa.

Você se importaria?, perguntou ela. Ele gostaria de comer alguma coisa.

Era o mesmo homem de antes.
Posso? Ele indicou a cadeira livre à minha frente.
Sorri. Claro.

Você é americana, disse ele, enquanto se sentava.

Sou, respondi. Desculpe por isso.

Ele riu. Tentei me lembrar dos movimentos da moça mais cedo, de como ela tocava os lábios, de forma delicada e deliberada. Passei levemente os dedos pela boca. Percebi que ele me olhava.

O que está fazendo aqui?, perguntou ele. Negócios ou prazer?

Ah. Sorri. Sempre prazer.

Meus dedos voltaram aos lábios.

Você me lembra de alguém, disse ele.

É, falei, ouço isso o tempo todo.

Está de férias?, perguntou ele.

Hesitei. Eu tinha uma coisa para resolver aqui, respondi.

Queria soar enigmática e misteriosa. O tipo de mulher que um homem como ele deseja. Tomei um gole de café, toquei em meus lábios. Dei um sorriso triste e olhei de repente para a rua, à meia distância, como se me lembrasse de um segredo obscuro ou de uma decepção amorosa.

É, eu sabia fazer isso. Percebi que ele me olhou e se remexeu na cadeira.

Em Nova York, tive inúmeros dias como este. É fácil em uma cidade daquele tamanho. Nunca vemos alguém duas vezes. Nunca temos que ser a mesma pessoa. Sentada no parque, passeando pelo Met, matando algumas horas na biblioteca pública. Eu era a mulher de vestido vermelho, ou casaco azul, ou lenço estampado com marcas de batom. Era advogada, estudante de pós-graduação, parteira, antropóloga, galerista. Eu era Dominique, Anna, Lena ou Francesca. Era todas essas mulheres. Todas menos Merry. Era sempre uma emoção, um momento que pertencia apenas a mim, um espetáculo só para minha diversão. Meu prazer secreto. Mas às vezes eu ia longe demais.

Mesmo quando era criança, minha brincadeira favorita era me apresentar diante do espelho do banheiro. Às vezes eu roubava um dos batons e algumas joias da minha mãe. Fingia ser modelo ou atriz, ou então uma namorada apaixonada sofrendo, ou uma esposa traída. Gostava de me observar, de me transformar em outra pessoa. Usava vozes e sotaques diferentes, fazia várias expressões. Inventava cenas por horas e horas. Nunca me cansava. E ainda não me canso. Talvez seja meu dom. A habilidade de entrar e sair de personalidades, como se fossem vestidos pendurados em um armário, esperando para serem provados e desfilados.

Aliás, me chamo Lars, disse o homem.

Ele estendeu a mão e eu a apertei por alguns segundos a mais do que devia. Enquanto ele almoçava, eu o distraí com histórias da minha visita recente às Ilhas Maldivas.

Dá para imaginar?, ri. Duas semanas em uma ilha tropical só com as roupas de inverno do Sr. Oleg Karpalov!

Que ilha?, perguntou ele.

Tentei me lembrar do e-mail da Frank, mas não consegui. Olhei para o relógio.

Tenho que ir, falei.

Ele agarrou meu pulso.

Espere, falou. Posso anotar seu telefone?

Tirou o celular do bolso e anotou o número que dei.

Eu sorri.

Tinha vencido.

Estava tarde e tive que correr para a Drottninggatan atrás de uma loja de departamentos. Precisava ser Merry de novo. Na seção infantil, joguei pilhas de roupas no braço. Camisetas, minicalças sociais, shorts cargo com dinossauros no bolso, pequenas calças de moletom e de pijama.

O telefone tocou e eu entrei em pânico.

Cadê você?, perguntou Sam. Achei que já ia ter voltado a essa hora. Ele

parecia irritado.

Pedi mil desculpas. Tive dificuldade de achar o que estava procurando, expliquei. Você sabe que sempre me perco aqui na cidade.

Bom, volte logo, disse ele.

Pode deixar, Sam, respondi, me desculpando de novo antes de desligar.

Paguei as roupas de bebê e entrei no banheiro. Diante do espelho, molhei um punhado de papel e tirei o resto da maquiagem sob a luz branca forte. Dentro de uma das cabines, uma mulher vomitava. Deve ser um distúrbio alimentar, pensei, apesar de poder ser qualquer coisa.

Andando até o carro, eu realmente me perdi... As ruas de paralelepípedos, as vitrines elegantes, as boutiques pitorescas e as lojas de antiguidades, todas misturadas na mesma imagem tépida: ruas impecáveis, pedestres educados, o fluxo ordenado demais de pessoas e carros. A liberdade inebriante que eu tinha sentido mais cedo já batia em retirada. Meu peito se contraía, as ruas se estreitavam, fechando-se ao meu redor, espremendo tudo até voltar ao tamanho normal. Odeio irritar Sam. Isso me enche de medo, toda vez que ele tem motivo para encontrar defeitos em mim.

Por fim, achei o estacionamento. Uma velha cigana estava pedindo dinheiro na entrada. Olhou para mim, sugou a saliva e balançou o indicador. Uma bruxa lançando uma maldição.

Voltei correndo para casa. Quando cheguei, Sam me entregou o bebê.

Ele ainda não comeu, disse. E precisa tomar banho.

Não me beijou.

Já havia uma mensagem de Lars me esperando. Apaguei-a depressa do telefone e fui cuidar do meu filho.

Sam

Hoje recebi um e-mail do pessoal de Uppsala. Vão contratar outro diretor para os pneus de neve. Idiotas. Fui o melhor da turma, me formei com honra, porra. Bolsas, financiamentos. Contratação. E agora isso.

Tudo bem. Vou chegar lá. Só tenho que me sobressair. Continuar me esforçando.

Do estúdio, ouvi Conor chorar. Faz alguns dias que ele anda chateado.

São os dentes, diz Merry. Segundo ela, é normal. Leu no livro sobre maternidade que comprei para ela.

Vamos dar um belo passeio, falei. Quero incentivar Merry a se exercitar. A ganhar músculos. Perder o peso da gravidez que se recusa a ir embora. Só precisa de disciplina, digo.

Coloquei Con no canguru e o pendurei nos ombros. Merry passou protetor solar e colocou um chapéu nele e passou também em minha nuca para que não me queimasse.

Fechamos a porta e seguimos para as trilhas da floresta que cercam a reserva. O dia estava quente, mas não muito, com um leve zumbido de insetos e aves no ar. Andamos em silêncio.

Suar um pouco vai nos fazer bem, falei, indo em direção a uma das trilhas mais difíceis.

Merry andava atrás de nós. Eu ouvia sua respiração.

Lindo, comentei. Os verões aqui são incríveis.

Merry estava quieta.

Querida?

Sam, eu falo isso o tempo todo, não é? É lindo. É perfeito. É incrível.

Caramba!, exclamei. Parece que você não engravidou esse mês, afinal.

Como assim?

Calma. Estou brincando. Deu para notar que você está com uma TPM daquelas, não é? O mau humor. Seus hormônios estão loucos.

Eu ri. Vocês, mulheres, sempre tão sensíveis. E acham que querem comandar o mundo.

Continuei andando, deixando-a bufar. Não aguento esse mau humor. Ela sabe que nunca vou aturar isso.

Terça de manhã e estou caminhando com um bebê nas costas. Acho que a vida é assim na Suécia. Transculturação. Em termos antropológicos, é o que acontece quando nos mudamos para outra sociedade e adotamos a cultura.

Professor. Sempre gostei de ser chamado assim. Acho que não funciona muito bem aqui. Ei, professor Hurley, pode dar um zoom nos pneus de neve?

Conor começou a choramingar e eu parei para dar uma olhada nele.

Havia tirado o chapéu e estava molhado de suor. Merry nos alcançou.

Ele está muito quente, avaliei.

Ele está bem, respondeu Merry. Só precisa de um pouco de água. Ela ofereceu a mamadeira a Conor, mas ele a afastou. Então jogou água em um paninho e colocou no pescoço dele para refrescá-lo.

Mãe maravilha. Você conhece todos os truques.

Desculpe por antes, disse ela. Acho que você tem razão. Só pode ser TPM.

Descemos de novo pela trilha e seguimos em direção ao lago.

Eu me abaixei para sentir a temperatura. Gelado, confirmei. Daqui a algumas semanas vai estar perfeito.

Merry parou para encarar o azul infinito da água, hipnotizada.

Está pensando em entrar?, brinquei.

Tipo isso, respondeu ela, distraída. Continuou parada ali por mais um tempo, perdida nos pensamentos.

Em casa, Merry preparou um almoço leve: queijo e pão fresco, uma salada. Ela ainda parecia distraída. Esqueceu o limão do meu refrigerante, o azeite da

salada.

Você não está bem hoje, falei, e ela se encolheu.

Desculpe, Sam, não sei o que é.

Frank já confirmou as datas?, perguntei, tentando melhorar o humor dela.

Não, respondeu Merry, balançando a cabeça. Precisa terminar um trabalho. Pelo jeito, vai tirar um ano sabático.

O pão está bom, falei, e ela sorriu.

Testei uma receita nova.

Essa é minha esposa, elogiei. Sempre se superando.

Merry sorriu. Ela precisa desse tipo de reafirmação, acho. Ou perde a noção de si mesma, começa a esmorecer.

Ah, falei. Consegui aquele trabalho.

Que bom, Sam, diz ela, eu sabia que você ia conseguir.

Depois do almoço, ela colocou Conor para dormir e voltou com dois cobertores, que estendeu no gramado.

Pronto, agora a gente também pode tirar um cochilo. Sorriu, semicerrando os olhos contra a luz, olhando para mim daquele jeitinho dela.

Merry, falei, é terça à tarde. Eu tenho que trabalhar.

Eu a deixei sozinha no gramado vazio e entrei em casa. No estúdio escuro, me sentei e assisti aos vídeos de outras pessoas no monitor de trinta polegadas que comprei, antecipando minha nova carreira. Li meus e-mails. Havia um da Universidade Columbia, um convite para me candidatar a uma bolsa. Provavelmente era uma lista de e-mails antiga.

Depois de mais ou menos uma hora, abri as persianas para olhar lá fora. Merry ainda estava sentada no cobertor, de pernas cruzadas, observando a casa. Sem sinal de muita alegria. Sem sinal de nada.

Como eu amo essa mulher, pensei.

Merry

Eu estava deitada na banheira, sob a água que já havia esfriado demais. O corpo submerso, a maneira como ele flutua, sem peso, expandido, tudo ao mesmo tempo. Cadáveres retirados da água sempre ficam irreconhecíveis, não é? Criaturas inchadas e estufadas, paródias em forma de dirigível de sua antiga figura humana. Estremeci e depois fiquei imóvel embaixo da superfície. Tão pálida. Tão magra. Há tão pouco de mim. Quase não ocupo espaço.

Diante do espelho, os primeiros olhos da minha mãe me encararam, os que foram exilados por terem se tornado velhos e tristes. Ou talvez não fosse tristeza que ela estivesse tentando disfarçar, mas raiva. Raiva do meu pai, por ele ocupar os dias com trabalho e as noites com outras mulheres.

A gente se casa com nosso pai, é o que dizem. É isso que rezamos para que não seja verdade. Às vezes penso em Sam, com todas essas viagens de negócio, com tanto tempo para gastar, enquanto eu e o bebê ficamos abandonados aqui, deixados por nossa conta e risco. Pode-se dizer que ele tem um histórico, um costume de sair da linha. Mas não ousou mencionar isso. Não me arrisco a revelar qualquer medo de que ele não seja o que diz ser: um homem diferente aqui, um homem melhor. E por que me importo, afinal? Que direito tenho de julgá-lo? Eu mesma não sou inocente.

Não sou inocente de nada.

Fiquei parada observando meu peito nu se erguer e tremer, os seios balançando, pendidos. Mais baixos do que antes, maiores e mais redondos. Sam os acaricia com adoração.

São seios de mãe agora, diz ele, como se o propósito divino deles tivesse sido enfim revelado.

Dei de mamar ao bebê durante seis meses inteiros, leite difícil saindo dos meus mamilos rachados e inchados. Às vezes a dor era tamanha que eu precisava berrar. O bebê não notava.

No hospital, logo depois que ele nasceu, as enfermeiras quiseram que eu o segurasse, que o conectasse a mim, pele a pele. Mamando. Sugando. Alimentando. Tudo primitivo e exposto. Você é um animal como sempre foi.

Vaca, porca, cadela; sangrenta e arruinada.

Em meus braços, o bebê não parava de procurar meus mamilos, rosado e macio como um porco atrás de trufas.

O leite não saía. O corpo não consentia. As enfermeiras trouxeram várias bombas e uma consultora de amamentação chamada Eve. Ela me deu pequenas pílulas brancas para engolir. Disse que eu deveria continuar segurando o bebê no colo, mantendo a pele dele junto à minha, mantendo sua boca sem dentes perto dos meus seios sem leite.

Como vim parar aqui? Ainda não sei direito. Sinto algo escorrendo de mim diariamente, lentas nuvens de leveza e vida. Um pouco aqui, um pouco ali. Às vezes isso acontece em resposta a algo benigno, como o entusiasmo interminável de Sam por esta nova vida resplandecente ou a adulação incansável dele pelo bebê e seu novo sorriso ou uma palavra quase incompreensível. Outras vezes é por um momento, uma imagem da minha vida refletida em uma janela ou um espelho. Esta é você. Esta é sua vida. Esta é sua cota de felicidade e alegria. Não há nada de errado com a imagem, a não ser tudo.

Se fecho os olhos, não vejo nada.

Não. Vejo Frank.

Tão clara, tão segura de si de tantas maneiras. Com margens estabelecidas. Uma mulher definida. E eu, apenas um borrão. Uma moldura que não se sustenta.

E ainda assim. Foi Frank quem sempre me deu forma. Uma maneira de me enxergar com clareza. Porque, de onde ela está, a vista é espetacular. Algo a

cobiçar. Algo a desejar, com uma vontade profunda e gutural que sabe que nunca será totalmente satisfeita. Melhor amiga. É, ela deve ser mesmo.

Na sala de estar, eu me sento e faço uma lista de tudo que vou ter que preparar para a visita dela. Lençóis novos, travesseiros e cobertas macias. Algumas cestas de vime e cactos em vasos de pedra para aquecer o quarto. Talvez uma ou duas gravuras emolduradas, algo gráfico e abstrato, ou um desenho de uma das lojas de design perto de Söder.

Da parede, sinto outros seis pares de olhos em mim, as máscaras de Sam, vazias e assustadoras. Uma vez eu resolvi procurar câmeras escondidas. Aquelas pequenas que as pessoas usam para espionar as babás. Eu tivera uma sensação abrupta de que Sam estava observando. Garantindo que não ia perder nenhuma das demonstrações do meu talento maternal. Ele gosta de estar no controle. Eu as tirei da parede e as examinei atentamente, o leve aroma de podridão vindo da madeira. Não havia câmeras atrás das máscaras, mas, ainda assim, elas continuam me incomodando. Continuam me lembrando que estou sempre sendo analisada. E agora vai ter outro par de olhos me observando.

Estava na hora do almoço do bebê. Em seu quarto, ele estendeu os braços para mim, agitado e ansioso. Olhei para ele, como sempre faço. Esperando. Torcendo para sentir alguma coisa.

Será que isso não foi herdado, de alguma forma? Instintos maternos ou a falta deles. Não me lembro de Maureen ter me pegado no colo. Aos seis meses, ela me deixou com uma babá durante um mês para poder participar de um programa de perda de peso na Suíça. Quando criança, sempre que eu chorava, ela revirava os olhos e dizia: Só piora, Merry, confia em mim.

Foi a mãe da Frank, Carol, que me mostrou o que significava ser amada. Ser cuidada. Como eu a adorava. O aroma da cozinha dela, a firmeza do seu corpo, a habilidade de abraçar com força e afastar várias tristezas. Minha mãe me deixava na casa da Frank como se fosse uma creche. Acenava para Carol do carro porque não queria entrar na sala de estar velha deles. As duas se conheciam por causa dos maridos. Meu pai, cirurgião-chefe do hospital

Cedars, e o pai da Frank, Ian, ginecologista.

Eu mal saía do carro com minha mochilinha e minha mãe já dava ré, correndo para ir almoçar com as meninas ou fazer algum tipo de manutenção: cabeleireiro, unhas ou um dia no spa; às vezes eram vários dias, enquanto se recuperava de uma cirurgia ou se desintoxicava em um dos seus retiros. Você é a melhor, Carol, cantarolava minha mãe, mas sempre que se encontravam em um evento social, ela fingia não conhecê-la.

Eu queria que ela nunca mais voltasse, para que eu pudesse ficar com Carol para sempre, envolta em seus braços, reconfortada pelo som do seu leve sotaque sulista, segura e acolhida no único lugar em que me sentia em casa. Mas toda vez que minha mãe voltava para me buscar nos olhávamos com uma breve decepção: você de novo.

No berço, o bebê tinha voltado a atenção para o ursinho. Os dois pareciam estar entretidos numa conversa.

Fiquei olhando para ele. Imaginei Frank vendo meu filho pela primeira vez, os cachos macios começando a se juntar atrás das orelhas, o sorriso banguela marcado pelas pontas afiadas de dentes novos, os olhos brilhantes, a barriga gordinha onde ele adora receber cócegas. As mãos fofinhas que pegam e puxam tudo que veem. O cheirinho dele quando sai do banho ou dorme profundamente, os suspiros satisfeitos e os beijos babados, os bracinhos que envolvem nosso pescoço e nos dão um abraço quente e delicioso.

Meu menino. Meu filho.

Eu o peguei no colo e dei a ele todo o amor que tinha.

Sam

Ah, Samson, você não vai me dizer sinceramente que está feliz aí.

Minha mãe ao telefone, ligando dos Estados Unidos.

Samson, eu conheço você.

Já falei, mãe, é maravilhoso aqui. Eu queria que você viesse e visse com os próprios olhos.

Por sorte, ela não vai fazer isso.

O voo é muito longo, respondeu.

Você nunca conheceu seu neto.

Nem isso vai ser o bastante para convencê-la. Ela não consegue superar o fato de eu ter ido embora. Então quer me punir. Ou talvez isso comprove o quanto odeia Merry. Ela não quer nem conhecer nosso filho.

Minha mãe suspirou. Aquela maldita Ida, disse.

Ela me deixou uma casa, respondi. Era uma boa pessoa.

Ah, por favor, bufou minha mãe. Graças a ela estou sozinha e você está a um milhão de quilômetros daqui.

Você está sendo maldosa, falei.

Ida era uma vagabunda manipuladora, eu sempre disse isso. Só se casou com meu pai para poder ficar no país. E aí fez isso, deixou uma casa para que meu filho se mudasse para o outro lado do mundo.

Seja como for, continuou, elas são todas iguais.

Quem?, perguntei.

As mulheres.

Silêncio do outro lado da linha.

Samson, disse ela lentamente. Joguei bridge com Myra na semana passada.

Prendi a respiração.

Você se lembra da filha dela. Josie Rushton, da Columbia.

Ela fez uma pausa.

É só fofoca, respondi, sabendo o que ela estava prestes a dizer.

Mas ela falou que você...

Fofoca, repeti.

Não foi por isso que você foi embora, foi?, insistiu ela. Não é isso que está fazendo aí, é, filho? Fugindo dos seus problemas. Eu sei que não seria a primeira vez. Eu sei que você gosta de...

Vou desligar, mãe, falei, antes de encerrar a ligação.

Fui para o jardim. As ligações da minha mãe costumam terminar assim. Comigo irritado. Abri a porta do celeiro. As caixas de Ida ainda estão empilhadas ali dentro. Um cortador de grama, uma canoa que precisa ser lixada e pintada. A lista de coisas para fazer é interminável. Pelo menos a casa está habitável agora, e o jardim, controlado.

Meu Deus, quando penso no dia em que chegamos e vimos o estado de tudo... A casa estava fechada, caindo aos pedaços, e o jardim era uma selva, uma mistura de espinhos, árvores podres e pontas afiadas esperando para nos deixar em pedacinhos. Merry grávida, eu dando a volta na propriedade em transe, como se esperasse que tudo entrasse em foco. É incrível que não tenhamos saído correndo.

A casa estava praticamente inabitável: os poucos móveis deixados por Ida tinham sido cobertos por lençóis marrons de poeira, as janelas estavam rachadas, as telhas, caindo. Cobrimos a boca com lenços e tiramos os lençóis um a um, abrimos as janelas e as portas e tentamos deixar o ar fresco fazer seu trabalho. Logo percebi que não havia pensado bem na logística: em camas, toalhas e chaleiras. Água, energia, cobertores para o frio. Não tínhamos nada, nem lugar para dormir. Não havia comida nem onde nos aconchegar depois de mais de vinte e quatro horas de aeroportos e voos.

O que estamos fazendo aqui, Sam?, perguntou Merry, os olhos brilhando com lágrimas e medo. Acho que foi a primeira vez que ela me olhou daquela

maneira. Como se eu não tivesse todas as respostas.

Fomos com o carro alugado até a cidade e paramos em três pousadas antes de acharmos um quarto. Deixamos as malas no carro, encontramos um pequeno café na rua principal e pedimos hambúrgueres e milk-shakes. Às duas da tarde, já tínhamos voltado ao quarto, onde dormimos profundamente, e só acordamos na noite seguinte, por mais que o jet lag devesse ter nos mantido acordados.

No terceiro dia, acordamos cedo e fomos até o hipermercado nos arredores da cidade. Enchemos o carro com produtos de limpeza, comida, velas e duas toalhas de praia baratas. Conseguimos ligar a água e a energia naquela tarde e começamos a trabalhar com os esfregões, o limpa-vidros e o lustrador de móveis, esfregamos e deixamos brilhando cada canto e reentrância da casa, encontramos e eliminamos cada centímetro de poeira, revertemos e restauramos cada sinal de abandono. Colocamos lâmpadas novas e testamos o fogão e a geladeira velhos. Deixamos a água correr pelas torneiras para limpar os canos e lavamos as enormes janelas de vidro com água e sabão. Juntos escrevemos listas intermináveis de coisas que precisávamos comprar para cada quarto, os consertos que precisavam ser feitos; para onde quer que olhássemos havia mais alguma coisa.

Compramos outro carro em uma concessionária em Uppsala e fomos até a loja de móveis mais próxima, fazendo várias viagens às lojas de ferramentas e de jardinagem. Construí o berço do bebê e pinte as paredes do quarto dele. Deixei lá uma das poltronas antigas de Ida e nós compramos um cobertor de tricô e almofadas para deixá-la confortável. Em Estocolmo, compramos o carrinho e a cadeirinha de bebê, banheira e bolsa para fraldas, termômetros e chocalhos. Os preços em coroas suecas enchem os olhos de lágrimas, mas lotamos o carrinho e entregamos nosso cartão.

Comprei um carrinho de mão e uma caixa de ferramentas, uma furadeira e

uma escada para consertar o telhado. O suor pingava do meu corpo. Amarrei uma bandana na testa e tirei a camiseta. Eu era um alfa puro, um homem com uma missão. Era muito emocionante.

No jardim, arranquei ervas daninhas e podei arbustos altos. Medi molduras, montei muretas em torno da horta e reconstruí paredes caídas.

Consertando, fazendo, moldando. Construindo nossa vida nova com cada gota de suor.

Você não vai me dizer sinceramente que está feliz aí.

Minha mãe se recusa a acreditar que um americano pode ser feliz em qualquer outro lugar que não sejam os Estados Unidos. Ela manda pacotes de lá com todas as coisas que acha que nos fazem falta. Caixas de macarrão com queijo, cookies com gotas de três tipos de chocolate, molho de pimenta. No último pacote, incluiu até uma bandeira americana, para o caso de precisarmos nos lembrar dela.

Você era tudo que eu tinha, filho, e agora foi embora. Com essazinha.

Mulheres, mulheres. São sempre as mulheres.

Se eu pensar na parte que é realmente viciante, na parte mais fofa, percebo que é a cara que elas fazem quando as magoamos. A maneira como racham e quebram. Mesmo a mulher mais forte é só uma menininha por dentro, desesperada para que você note algo nela. Tão ansiosa que vai fazer tudo que você pedir. Coisas que a rebaixarão.

Você é um homem cruel, Sam.

Já ouvi isso mais de uma vez. Sempre me sinto bem, apesar de não saber por quê.

No galpão de Ida, procurei a caixa escrita *Trenzinho* e peguei a garrafa que deixo guardada ali. Tomei um grande gole, depois outro. Examinei os trens de madeira; deviam ser do irmão de Ida. Há alguma história sobre ele que não consigo lembrar direito. Afogou-se no lago ou foi picado por abelhas. Seus trens bem esculpidos e pintados, cada vagão com uma forma e uma cor

diferentes. Um trabalho cuidadoso.

Provavelmente do pai dele. É isso que pais fazem. Testei o trem em um pequeno trecho de trilhos de madeira. Piuí-piuí. Conor vai adorar. Tomei outro gole. De repente me dei conta de que o irmão morto de Ida era o único motivo para eu ter herdado a casa. A tristeza de um homem é a alegria de outro, sabe como é.

Vou ter que ligar de novo para minha mãe. Inventar uma desculpa qualquer. Pedir mais dinheiro. Incluir um pouco de culpa por ela não se dar ao trabalho de conhecer o neto. Vai funcionar.

Nosso dinheiro está acabando. Não que Merry saiba disso. Não é o departamento dela, como eu sempre digo. Engraçado, sempre achei que ela fosse herdar uma boa quantia da mãe. Mas no fim das contas o velho Gerald não era tão bom em investimentos quanto era em cirurgias. Decisões ruins, perdas enormes. Depois que ele morreu, Maureen vivia gastando mais do que podia. No final, não sobrou nada além de um monte de impostos e uma série de contas de esteticistas em aberto.

Peguei o telefone. *Amanhã?*, escrevi.

Tudo bem, foi a resposta de Malin.

Ela me perguntou uma vez: Você ama sua esposa?

Amo, respondi, claro.

Ela assentiu com tristeza e não disse mais nada.

Bebi um último gole no celeiro e voltei para dentro de casa.

Merry

Hoje de manhã, recebi um e-mail de Frank. Os detalhes do voo estão confirmados. Até logo, escreveu ela. Senti uma onda inesperada de medo, um tipo de exaustão antecipada. Frank tão exigente, sempre louca por aprovação. Sempre observando para ver se há alguma falha. Erros de continuidade. Ela adora me pegar no flagra.

Não, tenho que me concentrar nas coisas boas. O rosto dela quando vir a casa. Quando segurar o bebê. Quando for confrontada por todas as partes que lhe faltam.

E assim ela não vai ter certeza de nada.

E eu vou ter tudo.

Anotei os detalhes e apaguei o e-mail. Entrei no site que acesso quase todos os dias. Eu o descobri por acaso. Um fórum anônimo. Todas nós somos mães, mas não daquelas que compartilham receitas de bolos de aniversário e ideias para fantasias improvisadas de Halloween.

Eu não escrevo nada, mas leio tudo.

Val, de Connecticut, que larga botões no tapete e torce para que sua filha engasgue com um deles. Ela joga um por dia, para que o destino decida no fim. Anônima em Leeds, que liga para a assistência social toda manhã e desliga antes que atendam, por não ter coragem de entregar os gêmeos que não aguenta mais.

Mulheres falsas, que fingem ser mães.

Sam saiu do estúdio e eu rapidamente fechei o site. Ele se aproximou de mim e pôs as mãos em meus ombros, beijando o topo da minha cabeça.

Quem é Christopher?, perguntou quando um e-mail apareceu na tela.

Um antigo cliente, respondi. Provavelmente ele não sabe que saí dos Estados Unidos.

É melhor avisar, disse Sam, antes de se afastar.

Li e apaguei o e-mail. Senti uma necessidade súbita e incontrolável de sair de casa. Peguei minha roupa de correr e fui atrás de Sam. Vou caminhar, anunciei.

Ele ficou surpreso, mas muito feliz. Fantástico, disse. Quer que eu cuide do Con?

Não, falei, quero ter um tempinho com meu filho.

É estranho como as palavras saem com facilidade, como a verdade passa pela língua enquanto o resto fica guardado.

Você é uma mãe incrível, disse Sam.

Fiz que sim com a cabeça. Estou fazendo o melhor que posso.

E estou, estou mesmo! Devo estar, senão por que tudo pareceria tão tortuoso, como se eu passasse dia e noite em um palco, sob luzes fortes, o rosto derretendo, o corpo travado em uma fantasia emprestada que mal cabe em mim. A mesma peça, sem parar, entrando pela esquerda do palco, recitando as falas que ensaiei. E olhando para a multidão, um mar de rostos, procurando, torcendo, precisando desesperadamente ouvir o som de palmas. Ou apenas um aplauso. *Eu vejo você. Você existe.*

Coloquei o bebê no carrinho e bati a porta. Andamos pela rua em direção ao lago e viramos à esquerda na estrada de terra que segue até as trilhas da floresta. Foi uma bela subida até a primeira colina, até a clareira plana da floresta com vista para o lado sul do lago.

Nos últimos meses de gravidez, às vezes eu acordava e me via ali, depois de andar pela casa na semiescuridão, sair pela porta, passar pelo jardim e pelo portão. Um transe que me levava inexplicavelmente até o início das trilhas e depois até a clareira. Eu cortava os pés no cascalho e nas pedras e a dor me dava arrepios, câimbras e vontade de gritar. Sentia o peso da vida dentro de mim, uma forma estranha, desajeitada e densa na floresta escura, batendo nas

árvores e nos galhos enquanto eu me arrastava. Havia ruídos e movimentos à noite, mas nada me assustava tanto quanto o que havia dentro de mim. Às vezes, de manhã, Sam encontrava um rastro fino de sangue começando na porta ao meu lado da cama; a Odette noturna havia voltado a se transformar no cisne amaldiçoado. Como cheguei aqui, como cheguei aqui? Eu não conseguia entender.

Era bom estar ao ar livre, no ar frio e silencioso, apenas as árvores e os chamados suaves dos insetos trabalhando. Olhei em volta. Não havia viva alma. Um chalé próximo estava trancado, as janelas fechadas, ripas de madeira pregadas de um lado a outro. Uma casa de pão de mel, pensei, e talvez dentro dela tenha uma bruxa canibal.

Olhei para o carrinho. O bebê estava dormindo. Sob a luz fraca do sol, ele parecia quase uma pintura, a criança com a auréola dourada da arte devocional. Passei o dedo em seu nariz. Ele se remexeu, mas não acordou. Analisei o carrinho. Eu me lembrei do vendedor de Estocolmo descrevendo a suspensão moderna, a roda frontal fixa, os pneus infláveis. *Mountain jogger* é o que está escrito no guidão. Foi feito para esse tipo de terreno.

Inspirei o ar da manhã, fresco e quente; abri os braços como se esperasse uma bênção divina. Então comecei a correr. Mais rápido, mais forte, cada vez mais longe em meio às árvores. À minha volta, os pinheiros surgiam altos, antigos e indiferentes; o solo abaixo de mim parecia triturado com folhas caídas, ervas daninhas e líquen espesso, tudo vivo e selvagem, um mundo próprio.

Não olhei para trás. Corri sem parar, como se minha vida dependesse disso. Corri e corri, até tudo doer e arder: coração, pulmões e cabeça. Questionei rapidamente se o bebê ficaria bem sozinho na floresta, exposto ao meio ambiente. Mas com certeza aquilo só nos faria bem. Um grande esforço, o ar fresco da floresta. Continuei em frente. O suor escorria de mim feito rios. Continuei. Corri. *Talvez eu nunca pare*, pensei. Imaginei como seria fácil persistir, correr, seguir cada vez mais para o norte, até Uppsala, depois Gävle,

Sundsvall. E ainda mais longe. Até o extremo norte, até Kiruna e a Finlândia, até Kilpisjärvi. Depois continuar, Alta e Nordkapp. Já olhei no mapa, nada além de espaço e céu, água e gelo. Svalbard. Groenlândia. Uma terra tão árida que com certeza eu me sentiria a primeira pessoa a pisar na Terra. Ou a última.

Todas essas viagens para o norte, as expedições polares até o branco e o nada. Em busca do desconhecido, de lugares para nomear e terras para chamar de suas. Ou talvez eles só estivessem atrás de um vazio, de um mundo novo.

Eu corri sem parar, tropeçando algumas vezes no solo irregular e no terreno desconhecido; pedras, raízes e tocos de árvores derrubadas. Corri até não conseguir mais respirar, até minhas pernas não conseguirem mais andar nem sustentar meu peso. Caí no chão. Arfei em busca de ar para meus pulmões em choque e o engoli como se fosse água. Mais, mais; coração disparado, pronto para explodir sua frágil gaiola de ossos. Coloquei a mão no peito. Não se aquietava. Era a sensação da morte. Ou talvez de estar viva.

Fiquei deitada no chão, as folhas às minhas costas, milhões e milhões de criaturas subterrâneas abaixo do solo, ocupadas com suas iniciativas secretas. Segurei e esmaguei a concha vazia de um caramujo, as pontas afiadas furando meus dedos. Minha respiração voltava lentamente ao normal.

Ainda assim, meu coração estava disparado. A sensação de estar livre. Aqui onde sou todos e ninguém, uma massa de células e átomos como tudo que vive, respira e é deste planeta. Tudo aquilo me inundou, o barulho do silêncio, a tranquilidade e o cheiro de vida ininterrupta. Tentei inspirá-lo, roubar um pouco para mim mesma.

Não sei por quanto tempo fiquei no chão.

Antes de voltar para casa com o bebê, parei para tirar uma foto com o celular. Algo na luz e nas cores me coagiu. Talvez eu a mandasse para Frank. Um gostinho do que está por vir.

Não foi legal?, perguntei ao bebê, que havia acordado. Não foi uma

aventura divertida para a gente?

Ele me apresentou com um sorriso e eu me tranquilizei. Suas bochechas estavam um pouco coradas, o cabelo grudado na cabeça depois de tanta movimentação. Tenho que conferir de novo se a floresta é segura, para evitar possíveis encontros com animais selvagens. Mas não consigo achar que tenha algo sinistro nessa região.

Vocês fizeram um bom passeio de mãe e filho?, perguntou Sam enquanto entrávamos pela porta.

Sorri. Eu me sentia genuinamente feliz. Era justo o que eu precisava, falei.

Merry

Recebemos uma visita hoje. Sam estava em Oslo; pegou um voo ontem à noite. Antes de sair, parou um instante à porta, o blazer novo abotoado, os tênis novos e brancos brilhando nos pés. Acho que ele está tentando se encaixar aqui.

Desculpe, disse. Sei que são muitas viagens. Sei que você fica muito tempo sozinha... Tempo demais, provavelmente.

Não faz o estilo dele pedir desculpas por alguma coisa. Fui pega de surpresa. Não sabia o que dizer.

Tudo bem, respondi, por fim. É só até você se estabelecer, não é? Está fazendo tudo isso por nós.

Ele deu a impressão de querer dizer mais, porém, em vez disso, me deu um beijo casto e estranho na bochecha.

Dormi profundamente, sozinha naquela cama grande. Eu me espalhei, rolei para o lado do Sam, senti o cheiro dele nos lençóis. Havia uma mancha, a marca seca da nossa busca reprodutiva. Bom, da dele. Não sei por mais quanto tempo consigo afastar a onça com a vara curta, por mais quanto tempo ele vai deixar isso passar antes de me mandar ser examinada pelo médico, revirada atrás de problemas e falhas.

Parece que foi tão rápido da primeira vez, disse ele.

É sempre diferente, garanti.

Sonhei com Frank. Um sonho ou uma lembrança, não sei ao certo. Nós duas estávamos na casa da minha infância, aquela torre de mármore e vidro. Em meu quarto, havia um armário com uma coleção de bonecas de porcelana, coisas lindas, delicadas, frágeis, muito convidativas para menininhas pegarem e

tocarem, mas que ficavam sempre trancadas, imóveis atrás do vidro.

Elas não são para brincar, dizia minha mãe. São bonecas especiais, só para olhar. Se brincar com elas, vão quebrar.

Claro que ela encheu meu quarto com rostos imóveis. Nunca entendi para quê.

Frank, no sonho, tinha destrancado o armário e estava com uma boneca no colo, a minha favorita: a menininha de cabelo escuro, lábios vermelhos e um vestido de organza azul. Usava uma pulseira de pérolas e sapatos que podiam ser descalçados dos seus pés de porcelana sem dedos. Por que você está com ela, Frank?, gritei. Puxei. A boneca era minha. Eu chorava no sonho; era muito injusto.

Carol entrou correndo no quarto e tirou a boneca de nós duas. Pronto, aprendam a dividir ou ninguém brinca, disse ela. Seu vestido estava cheio de sangue. Ela arrastava as entranhas pelo carpete branco, as partes femininas que a mataram no fim.

Carol, Carol. Acho que eu chorei enquanto dormia.

De manhã, fui até o quarto do bebê. Ele estava deitado de costas, os olhos abertos, me observando. Grandes olhos sem piscar. O que será que eles veem? Que segredos vão contar um dia?

Vesti as roupas de corrida e o coloquei no carrinho. Agora corremos todos os dias. Eu salivo, à espera disso. Não consigo ficar sem minha pequena fuga pela floresta.

Quando voltamos, peguei o bebê no colo. Ele precisava ser trocado, a fralda cheia e molhada. Eu o deitei na cama e fechei a porta; me sentei no sofá para assistir aos meus programas. Era dia de lavar a roupa e trocar os lençóis, mas eu queria aproveitar a casa vazia enquanto ainda dava. Devo ter passado quatro horas na frente da tela, acompanhando minhas colegas donas de casa em Miami.

Em algum momento, olhei para cima. Elsa estava à janela, acenando

freneticamente para chamar minha atenção.

Fui até a porta. Dei um sorriso falso.

Elsa, que surpresa maravilhosa, falei.

Ela parecia preocupada. Estava franzindo a testa.

Desculpe ter aparecido sem ser convidada, disse ela. Eu só queria conferir se estava tudo bem por aqui.

Foi então que ouvi o choro, os berros, na verdade, profundos e sofridos.

Devo ter ficado vermelha. Ah, eu... Desculpe se ele incomodou você, Elsa.

Não, não, disse ela, parecendo confusa. Não foi por isso que eu vim. É que ele... está chorando muito. Está chorando há muito tempo.

Ela deu uma olhada rápida para os fones em minha mão.

Desculpe, acrescentou, depressa, claro que não é da minha conta.

Ah, Elsa, falei. Muito obrigada por ter vindo. É muita gentileza sua. É só que, bom, estamos experimentando uma coisa. Estou experimentando uma coisa nova com o bebê. É um treinamento para dormir, falei. Para ver se melhora. Para ver se o bebê se adapta.

Ela olhou para mim e abriu um pequeno sorriso. Ah, disse. Claro.

Quer ficar para tomar um café?, perguntei. Posso passar um bule novo. Também tenho biscoitos. Assei ontem. Passas e aveia. Sem açúcar.

O bebê continuava chorando, esperneando. Elsa estremeceu com o som.

Aposto que Freja não chorava tanto quando era bebê, falei. Ela deve ter sido um anjo.

Elsa balançou a cabeça. Não sei, respondeu. Não sou a mãe dela.

Desculpe, falei. Eu achei...

Freja é filha do primeiro casamento do Karl.

Eu não sabia.

Faz muitos anos que tentamos ter um filho nosso, disse ela. Já perdi o bebê nove vezes.

Ah, respondi. Tenho certeza de que uma hora vai dar certo.

Ela balançou a cabeça. Karl acha que tem alguma coisa errada comigo.

O bebê continuava chorando.

Você deveria ir até lá, disse ela. Já estou indo embora.

Concordei com a cabeça. Obrigada, falei, enquanto ela atravessava o jardim e voltava para casa. Da parede da sala, as máscaras sem olhos observavam com uma censura silenciosa.

No quarto, o bebê não estava mais na cama, onde eu o havia deixado. Estava no chão.

Ah, bebê, falei, pegando-o no colo, beijando e acalentando. Mamãe sente muito. Mamãe não quis fazer isso.

Eu o segurei e o acariciei, mas ele só berrou ainda mais. Seu braço estava em um ângulo estranho. Toquei nele, o bebê gritou e meu coração acelerou, em pânico. Talvez estivesse quebrado. Dei uma colherada de remédio para acalmá-lo e o embalei com cuidado.

Mamãe está aqui, falei, mamãe vai cuidar de você.

Minhas mãos tremiam. Quis chorar. Desaparecer ou me tornar pó.

Na hora do jantar, dei pacientemente comida ao bebê, com muitos aviões para diverti-lo. Ele não riu. Depois, eu o segurei com carinho no colo e li uma história.

Quem é este escondido no celeiro?

Quem é este embaixo do cobertor?

Quem é este no ninho?

Ele ergueu as abas das páginas, desanimado. Encontrou o cavalo, o gatinho e o passarinho sem muito entusiasmo. Seus olhos ainda estavam vermelhos de tanto chorar. Eu o abracei e beijei sua cabecinha quente.

Testei seu braço, entregando o ursinho de pelúcia para ele segurar. Ele sentiu um pouco de dor, mas não gritou. Meu estômago se revirou.

Quando chegou a hora de dormir, deixei que ele adormecesse em meus braços, apoiado com cuidado em meu peito. Senti as batidas do seu coração, ouvi a respiração suave vinda de seus lábios, inspirando e expirando, inspirando e expirando.

Eu queria segurá-lo para sempre em meus braços.

Sam

Eu estava diante de Malin, observando seus movimentos cuidadosos, espiando aqueles seios pesados e as pernas compridas e macias. Ela é mais velha que Merry, mas é maravilhosa. Na juventude, deve ter sido de uma beleza incrível. A mulher com quem todo homem deseja transar. Ela ainda é assim.

Não consigo tirar os olhos dela.

Estava me perguntando sobre a Columbia. A vida de um professor de antropologia.

Você deve sentir falta, disse ela.

Não.

Mas você passou tanto tempo trabalhando para chegar onde estava, toda aquela pesquisa, aqueles artigos e conferências... tantos anos de estudo.

Cruzei os braços.

Não.

Você não liga para o fato de ter acabado?

Olha, respondi, já irritado. Acontece. Foi um azar o fato de uma vagabundinha ter decidido me destruir. O resto dos professores mal podia esperar para me derrubar por alguma coisa, qualquer coisa. Eu era bom demais, uma ameaça para a carreira patética deles.

Você sabe como a academia é impiedosa, completei.

Mas ela era sua aluna. Foi inapropriado.

Caramba, Malin, todo mundo faz isso. Eu só fui pego. Acabaram me usando como exemplo. Foi isso. Eles me fizeram de bode expiatório.

Ela tomou um gole de água. Sacudiu o cabelo com os dedos compridos e finos. O cheiro dela pairava no ar do apartamento, tudo tocado por aquelas mãos, tudo encostado por aquela pele.

Havia uma foto dela com um homem grisalho, os dois diante de um céu

rosa flamejante. É seu marido?, perguntei uma vez.

Ela não respondeu.

Malin olhou para mim e baixou a cabeça. Desculpe, Sam. Não quero me meter.

Eu me inclinei para a frente. Então vamos mudar de assunto, respondi, dando uma piscadela.

Ela sorriu. Como você quiser.

No caminho para casa, minha mãe me ligou.

Transferi o dinheiro, filho.

Ótimo, respondi.

Você poderia me agradecer, disse ela.

Não, mãe, falei. Não tenho nada para lhe agradecer nesta vida.

Merry

Faltam só alguns dias para Frank chegar.

No quarto de hóspedes, coloquei um vaso de lilases na cômoda e pendurei uma dezena de cabides no guarda-roupa. Ajeitei a cama e afofei os travesseiros.

Ainda não descobri se essa sensação é ansiedade ou alegria, prazer ou medo. Não sei se estou sentindo alguma coisa.

Com tanto para arrumar, peguei o carro emprestado e fui até Estocolmo fazer compras. Sam estava em casa, se preparando para uma reunião.

Você vai ter que levar Con junto, disse ele. Tenho muito trabalho a fazer.

Antes de sair, parei do lado de fora e olhei para a casa, imaginando como Frank vai vê-la pela primeira vez. É impossível não se impressionar. É impossível não se encantar. É. É linda. Um sinal de sucesso. Uma grande vitória. Minha. Sorri. Estava com o bebê no colo. Eu o beijei e peguei sua mãozinha, sentindo os ossinhos de seus dedos na palma da minha mão.

Isso mesmo, falei, mamãe ama você.

Em Estocolmo, percorremos as ruas quase familiares, entrando nas lojas para riscar coisas da minha lista. Uma nova luminária de cobre de uma loja de design finlandesa, um banco industrial para servir de mesa de cabeceira. Novos lençóis de algodão egípcio em um tom de verde-claro, uma manta tradicional norueguesa feita à mão para dar um pouco de cor. Na minha cabeça eu via como tudo ia combinar. O melhor quarto de hóspedes para a melhor hóspede. Eu devia ser boa nisso, apesar de meus dias de criadora de cenários em Nova York parecerem muito distantes.

Pensando agora, com certeza aquele emprego envergonhava Sam. Bom, ele

conseguiu o que queria, não foi? Naqueles primeiros meses de turbilhão, dizia que me via como mãe dos filhos dele. Eu ria. Mas ele sabia o que queria. E como conseguir.

Antes de ser cenógrafa, tentei várias coisas. Fracassei na maioria. Foi pura sorte, na verdade, eu ter começado a sair com um homem que trabalhava na área e um dia precisou de uma mãozinha extra. Você tem um olho ótimo, disse o diretor. Ele me contratou para o projeto seguinte e a coisa cresceu a partir daí. Criar mundos imaginários, construí-los peça por peça. Era sempre emocionante. Inventar algo a partir do nada. O modo como eu conseguia fechar os olhos e imaginar um mundo novo, depois abri-los e concretizar tudo. Não era a construção de um império, mas, mesmo assim, para mim havia certo poder naquilo.

Em Nova York, eu me reunia com produtores e diretores criativos. Usava salto alto e bebia espressos em volta de mesas de reunião à meia-noite, planejava calendários de filmagem e guarda-roupas e já atravesssei o país só para escolher a luminária certa. Sempre havia uma sinopse do personagem para me guiar: *John é um bancário trabalhador que gosta de bons vinhos e boa comida. Ele trabalha muitas horas, mas surfa no fim de semana e toca bateria em uma banda de punk rock.*

O cliente e eu conversávamos sobre John como se ele fosse uma pessoa de verdade, que poderia ter uma opinião sobre as escolhas que eu estava fazendo. Será que John realmente teria uma cafeteira Chemex? Será que não usaria uma Nespresso? Ou teria as duas? Passávamos horas debatendo sobre o John fictício, tentando chegar ao âmago da complexidade emocional dele.

Meu talento era natural. Mas eu sempre fui boa em inventar coisas. Conheci muitas pessoas, recebi convites para inúmeras festas. Por um tempo, consegui ser aquela mulher, a que parece ter tudo. Olhando de fora, pelo menos.

Em Östermalm, entrei em algumas lojas de marca. Comprei dois vestidos

novos, uma jaqueta fina e um par de sandálias douradas. O bebê ficou em silêncio me observando fazer compras, enquanto a vendedora me oferecia diversos tamanhos e cores. Olhei para mim mesma no espelho. Perfeito para Frank, pensei. Estiloso o suficiente para esfregar na cara dela, para colocá-la em seu devido lugar.

O estilo da Frank, não importa o quanto ela suba na vida — faculdade cara, mestrado em negócios, férias em um iate —, sempre se manteve o mesmo. O brilho de uma nova rica. Caipiras, diria minha mãe. Ela dizia isso sobre Carol.

No mercado central de Östermalm, com seu aroma de canela e frutas cítricas, parei para comer *kanelbulle* e tomar café com leite. Comprei um pão doce para o bebê chupar com a gengiva. Açúcar, sussurrei, imagine só o que o papai diria! Ele está usando a mão esquerda e mantendo o braço direito aconchegado junto ao corpo. Fiz um carinho de leve nele. Está tudo bem.

Eu deveria levá-lo ao médico por via das dúvidas. Pensei nisso enquanto dirigia para cá. Ele também precisa tomar várias vacinas. Fazer o check-up de seis meses e o check-up de nove meses. Eu deveria ter riscado essas coisas da minha longa lista de deveres maternos. Disse ao Sam que risquei. Isso vai voltar para mim algum dia, eu imagino. Tudo isso.

De volta em casa, depois que coloquei o bebê para dormir, encontrei Sam na sala. Eu me sentei no colo dele.

Olhe só para este meu lindo marido, falei, montando em seu colo, ronronando, puxando-o para mim.

Beijei seus lábios, enfiei gentilmente a língua em sua boca, depois não tão gentil assim. Com a mão, o excitei por cima do short.

O que é isso?, perguntou ele, surpreso com o ataque de carinho repentino.

Quem é você e cadê a minha esposa?, brincou.

Ah, não sei, falei. Abri o zíper, coloquei os dedos em volta dele e o acariciei. Por que a gente não descobre?

Ele me beijou, deixando as mãos caírem em meus seios e descerem.

Adivinhe só, falei. Hoje é um dia vermelho.

Ele gemeu.

Depois fiquei deitada com as pernas para cima, como devemos fazer. O esperma escorre; a gravidade ajuda todo mundo a seguir seu caminho. Sam encostou a mão na minha barriga. Carinhoso. Não. Possessivo. Ele se inclinou para beijar o lugar em que nosso bebê cresceria.

Uma vez li sobre gatos, sobre o pênis deles ser espinhoso para raspar o sêmen de outros machos do útero. É uma dor lancinante para a fêmea, uma tortura. Mas a natureza nem sempre é bondosa.

Shhh, digo para o bebê de manhã, enquanto coloco depressa a pequena pílula na boca. Não conte ao papai.

O bebê me observa com os olhos arregalados, feliz por fazer parte de mais uma conspiração.

Estou com uma sensação boa sobre esse mês, ronronei. Sam me abraçou e eu não me afastei. Quero que ele fique ao meu lado. Para deixar bem claro para Frank como é meu casamento. Minha felicidade.

Todas as coisas que são minhas, minhas, minhas.

Mais tarde naquele mesmo dia, nós três fizemos um longo passeio, atravessando toda a floresta até Sigtuna. No caminho de volta, passamos pelos conjuntos habitacionais e pelos campos que os separam da reserva. Ao lado da trilha, uma calcinha rosa suja de lama refletia sob o sol da tarde. Nem eu nem Sam comentamos. Acho que isso nos lembrava demais de outros acontecimentos. Coisas que não deveríamos lembrar, nem demonstrar que sabíamos.

Nunca mais, Merry, ele havia prometido, mais de uma vez. Ele sempre parece mais arrasado com sua infidelidade do que eu.

Engraçado, meu pai costumava dizer o contrário. Vou continuar fazendo isso, Maureen. Vou continuar até você me deixar ir embora.

A cada dois ou três meses, ele trazia os papéis do divórcio, que minha mãe

se dava ao trabalho de rasgar em mil quadradinhos, como confete. Quando meu pai entrava pela porta, ela jogava tudo nele, como se fosse um noivo sem noiva no casamento. Certo dia, ela até me deu um punhado para jogar também.

Posso destruir você, avisava ela. O que eu não souber, vou inventar. E sou muito convincente, Gerald.

Ela conseguia o que queria, minha mãe.

Está animada?, perguntou Sam. Para a visita.

Ah, sim, respondi, arrancando com as unhas uma pequena flor branca do caule.

Quer saber?, disse ele. Também estou.

Senti alguma coisa travar minha garganta. Eu me virei para olhar para ele.

É, continuou Sam. Sempre gostei da Frank.

Frank

Fazia mais de um ano que eu não via Merry e, no instante em que coloquei os olhos nela, pareceu que tínhamos nos encontrado no dia anterior. Ah, é a mesma sensação de sempre. Uma onda provocada pela ação das glândulas suprarrenais, alegria e ansiedade. Ficava pensando: Como vai ser dessa vez? Quem ela vai ser agora?

Merry Merengue, falei. Ela abriu os braços e nós nos abraçamos por muito tempo, inspirando o cheiro uma da outra. Senti os ossos dela sob minhas mãos, sua fragilidade. Ela está exatamente igual, sempre tão estranha e reservada, um ser etéreo de sombras e areia. Isso a torna irresistível. Uma beleza esquiva.

E agora também está cheia de saúde e alegria. Deve ser o ar fresco do campo, toda essa vida saudável sobre a qual tem me contado. Ah, e as fotos que ela manda... Cada momento da sua vida emoldurado, capturado e descrito. Olhe! Olhe só como tenho sorte!

Frank! É muito bom ver você, disse ela.

É mesmo?, perguntei. Eu estava em dúvida se você ia achar isso inconveniente.

Ela fez um gesto de desdém com a mão. Ah, de jeito nenhum. O momento não poderia ser melhor. A Suécia é maravilhosa nesta época do ano. Fim do verão. Tudo ensolarado e florido. Você vai adorar. Vai ver só. Estamos muito felizes por você estar aqui.

Cada uma pegou uma mala e a puxou até o estacionamento.

Por acaso você trouxe o mundo?, disse ela.

Fiz uma careta. Bom, você me conhece. Além disso, estou planejando uma

viagem bem longa.

Vi Merry estremecer.

Não se preocupe, não vou ficar tempo demais. Só estou planejando aproveitar ao máximo meu ano sabático.

Pode ficar o quanto quiser, garantiu Merry. Estamos muito felizes por você estar aqui.

Observei os movimentos dela, leves, confiantes; flutuando pela paisagem. O dia estava lindo: céu azul de verão, sol baixo e quente. Eu não sentia a diferença de fuso horário. Só a alegria familiar de estar outra vez com Merry.

No carro, ela se virou para me observar. Você está ótima, disse.

Uma mentira.

Você que está, respondi. Mas você sempre está ótima.

Sáímos do estacionamento do aeroporto e ela pegou a saída seguinte. Tudo era verde, quase pastoral.

Existem mesmo lagos com patos na beira da estrada?, perguntei.

Este lugar é uma coisa, respondeu ela.

Então você está feliz aqui, falei. Está bem.

Ah, Frank. A vida aqui é incrível.

Ela estava radiante. Engoli em seco. Abri a janela para deixar o ar entrar.

Merry camponesa, falei. Quem poderia imaginar?

Ela pegou a esquerda e dirigiu devagar por uma estrada de terra, ladeada por um bosque denso.

Esta é a reserva natural, disse. Ou, como gostamos de chamar, nossa casa.

Ela entrou em uma trilha de cascalho e estacionou em frente a um chalé de madeira vermelha e vidro. Tentei absorver tudo, o cenário, a riqueza da vegetação, o exagero de charme rústico.

Sam deve ter ouvido o carro estacionar. Ele saiu da casa, o bebê um pequeno Buda sorridente em seus braços.

O bebê!, berrei. Ah, me deixe ver o bebê.

Sam me cumprimentou com um beijo na bochecha. Tentou me entregar o

bebê, mas a criança se enterrou na axila dele.

Vai demorar um pouco para você conquistar o Conor, disse ele.

Escolhi um dos pés e fiz cócegas nos dedinhos do bebê. Dei um soquinho de brincadeira no braço de Sam.

Seu safado, falei. Olhe só para tudo isso. Olhe o que vocês têm aqui.

Sam deu de ombros. Este é nosso humilde lar, disse, sorrindo, enquanto Merry andava lentamente até ele.

Juntos, tiramos as malas do carro e as levamos para dentro. A casa estava brilhando, impecavelmente limpa, com uma arrumação imaculada, como se tivesse sido recortada de uma revista escandinava de decoração. Flores em um vaso, cheiro de algo recém-assado no forno. Era mesmo ela?

Foi bom você ter esperado um ano para nos visitar, comentou Sam. Fizemos muitas melhorias na casa.

Ah, o Sam foi incrível, concordou Merry. Ela tocou no braço dele. *Meu*. Ele fez tudo. Transformou a casa.

E você também, ao que parece, eu quis acrescentar. Mordi a língua.

Eles me levaram ao quarto de hóspedes, um espaço banhado pelo sol ao lado do quarto do bebê.

Merry fez de tudo para a sua visita, disse Sam. Tratamento digno de realeza. Lençóis e colchas novos.

Ah, mas não precisava, respondi. Eu não queria dar trabalho.

O bebê nos braços de Sam bateu palmas.

É maravilhoso. Que casa linda.

Olhei para o trio alegre. Para uma família linda, acrescentei.

Merry, na cozinha, contava garfos e facas e carregava pratos para a mesa do lado de fora. Dei mais uma olhada na casa. Tudo é novo: móveis novos, louça nova, nada do apartamento de Nova York a não ser as máscaras africanas de Sam. Como se cada pedacinho da vida antiga deles tivesse sido jogado no lixo.

Bom, típico da Merry, eu acho.

O que posso fazer para ajudar?, perguntei.

Nadica de nada, cantarolou Merry com aquela voz típica dela. Só fique à vontade.

Fui para o jardim e me sentei na grama, ao lado de onde haviam deixado o bebê em um cobertor. Protegi os olhos do sol e observei o rosto dele. Merry, mas nada de Sam. Bochechas gordinhas, olhos atentos cor de caramelo. Uma criaturinha perfeita. Ofereci meu dedo e ele tentou enfiá-lo na boca. Senti dentes afiados roçando na minha pele.

Merry apareceu com um frango assado e um pão caseiro. Sam trouxe um balde de gelo. O tempo estava maravilhoso. Nós nos sentamos, passando os pratos pela mesa, afastando as abelhas. A comida estava boa. Tudo delicioso, bem temperado, lindamente apresentado. Merry tinha mesmo se superado.

Sam serviu uma garrafa de prosecco gelado e ergueu a taça para um brinde.

Bem-vinda, disse ele.

À vida na Suécia!

Aos novos começos!

Todos nós sorrimos, inclinamos a cabeça para trás e deixamos as bolhas encherem nossas gargantas. Com o sol e o voo longo, fiquei zozza rápido.

Faz mesmo um ano?

Mais do que isso, falei.

E tanta coisa aconteceu.

É. Cruzei as pernas e me inclinei para a frente por causa da leve dor.

O voo foi bom?, perguntou Sam.

Longo, respondi.

Mas de primeira classe, sem dúvida. Merry deu um sorriso irônico. Frank não voa de econômica há anos.

Ergui as mãos. É o melhor jeito, não é?

É isso que fazemos, ela e eu. Fingimos que eu, de certa forma, consegui. Que tudo que fiz e conquistei é o bastante para impressioná-la. Que ela me

deu sua bênção em vez de ter se recusado a fazer isso durante todos esses anos.

O bebê mordiscava um pedaço de pepino.

Que fofo, comentei. Ele é o maior prêmio, e nós duas sabemos disso.

Merry sorriu. A gente não poderia estar mais feliz.

Dá para ver, concordei, dá para ver mesmo.

Eu a observei. Tentei interpretar seu sorriso, enxergar por trás dele.

Ela se levantou da mesa e levou a pilha de pratos, voltando com uma sobremesa. Era torta de maçã, fatias delicadas dispostas em leque sobre a massa com crosta, grudenta de canela e polvilhada com açúcar de confeitiro, que havia se tornado uma calda no forno.

Abelhas pousaram na torta; uma ficou presa.

Você também fez isto?, perguntei.

Vou falar uma coisa, disse Sam, enquanto Merry cortava a torta e a abelha tentava escapar. Esta mulher é uma deusa doméstica. A dona de casa do século.

Quem poderia imaginar, falei.

Sam espetou um pedaço da torta e pôs na boca. É como se ela tivesse descoberto seu verdadeiro dom. Como se fosse a mulher que sempre deveria ter sido.

Ele piscou para a esposa. Bom, desde o início eu sabia que ela ia conseguir.

Olhei para Merry. Não encontrei nada no olhar dela.

Sam cortou outro pedaço de torta para si enquanto Merry passeava comigo pela horta, exibindo os grandes canteiros de legumes e ervas, cenoura e coentro, ramos de tomilho e manjerição. Ela ergueu as folhas de alguns arbustos para que eu pudesse ver as frutas vermelhas gordinhas penduradas, com seus tons fortes. Parecia maravilhoso cultivar coisas e comê-las, trabalhar em algo por tanto tempo para depois devorá-lo em algumas garfadas.

Deixe Frank provar os morangos, gritou Sam. Deixe ela provar direto do pé.

Merry pegou um punhado de morangos e me entregou. Comi as frutas e lambi o suco vermelho que escorria pelos meus dedos.

Incrível, falei. Não estou acreditando. Sua vida. É tão.

Ela esperou, mas eu não concluí.

Sam entrou com o bebê para colocá-lo para dormir. Nós duas nos sentamos de novo à mesa. Merry serviu café. Mais uma vez, seus movimentos foram cuidadosos, pensados, lentos. Como se tivesse estudado tudo, observado e aprendido.

Merry esposa e mãe. Eu nunca sonharia com isso.

Ela enrijeceu. Você parece tão surpresa por eu estar feliz aqui, disse. É tudo uma questão de timing, não é? Em determinado momento da vida, a gente está pronta.

Tomei o último gole do café e lambi os farelos ao redor da minha boca, duros e um pouco amargos. Minha cabeça estava pesada de cansaço, de vinho e dos remédios que tomei mais cedo.

Estou feliz por você, respondi. Por essa vida combinar com você.

Bom, eu estou feliz por você estar aqui para compartilhar isso comigo, respondeu ela, com um tom de voz presunçoso.

O que é isto?, perguntei, olhando para uma foto emoldurada na prateleira da sala. Era minha mãe.

Ah, disse Merry, eu tenho essa foto há anos.

Sorri. Nós somos mesmo irmãs, não somos, Mer?

Isso sempre me enche de uma alegria única. Tudo que compartilhamos. Tudo que nos conecta, as raízes tão profundas da nossa amizade.

É, murmurou Merry. Acho que somos.

Sam

Durante todo o fim de semana, saímos com Frank, desfilamos com ela por todo canto, mostramos o melhor da vida nórdica. Fizemos uma longa caminhada pela floresta até Sigtuna, um passeio no lago para um mergulho rápido na água fria. Fomos de carro até Estocolmo para andar pela cidade antiga, escapamos das armadilhas para turistas e encontramos um café em Söder onde nos sentamos com xícaras e pães de cardamomo e comemos uma *fika* tradicional.

Olhe só para você dois, disse Frank. Parecem locais. Vocês realmente se adaptaram.

Merry segurou minha mão.

Frank queria ir no Museu do Vasa, o navio de guerra amaldiçoado do século XVII que afundou antes de sair do porto. Passamos uma hora andando pelo modelo de madeira, Conor no carrinho, pedindo para sair.

Mais tarde, visitamos o Moderna Museet, em que vimos uma exposição só de mulheres com as bobagens feministas de sempre: vaginas sangrentas e sangue menstrual costurado na tela. Havia uma obra chamada *Mulheres em queda*, uma projeção de vídeo enorme que mostrava uma mulher no primeiro lugar de um pódio, de pé, orgulhosa. De fora do quadro, outra mulher a empurrava e ela caía em um abismo escuro. Uma mulher diferente tomava seu lugar; outra a empurrava. E assim continuava, um movimento constante, uma fonte incessante de mulheres irritadas.

Gostou?, perguntou Frank.

Revirei os olhos.

Em um pequeno café com vista para o lago Mälaren, paramos para jantar cedo.

Então, qual é o plano?, questionou Frank. Você vai arranjar um emprego aqui, agora que estão instalados?

Merry lançou um olhar sombrio para ela. Eu já falei, disse. Ser mãe é meu trabalho agora.

Você não precisa trabalhar, que ótimo, respondeu Frank.

Já tenho alguns projetos grandes engatilhados, expliquei. Estamos bem.

O garçom se aproximou para anotar os pedidos. Frank e Merry quiseram a mesma coisa, inclusive sem cebolas, ao ponto, com molho à parte.

Eu ri. Nossa, vocês duas são muito parecidas. Parece que são gêmeas. O modo de falar, as palavras que usam. Até os gestos. Eu nunca tinha percebido.

Merry sorriu. Acho que isso acontece quando você conhece alguém por tanto tempo.

Parece que vocês estão se imitando, comentei. Como em um espelho.

Frank olhou para Merry. É um tipo de empatia, disse ela. Em termos evolutivos. É através da imitação que os primatas formam conexões emocionais. Bebês também. É assim que eles aprendem as emoções. Vocês devem perceber isso com o Conor. O jeito que ele imita o que vê em vocês.

Merry pegou um pedaço de pão e o deixou na lateral do prato.

E nem sempre isso é positivo, esclareceu Frank. Veja só os cucos. As fêmeas imitam o canto dos gaviões para afastar aves menores dos ninhos. Depois elas põem o próprio ovo dentro, uma cópia exata dos outros, para que se misture. A outra ave volta para o ninho e cuida do impostor, fazendo todo o trabalho.

E quando os ovos chocam?, perguntei.

Bom, continuou ela, o cuco nasce e mata os outros filhotes. Assim ele garante o monopólio de todos os recursos. É darwinismo simples, um jeito de prosperar.

Credo, disse Merry.

São parasitas de ninhada, explicou Frank. Esse é o nome.

Eles não têm coração, respondeu Merry.

Ou talvez sejam espertos. Frank piscou para ela.

Nós dois rimos.

É ótimo voltar a ter conversas inteligentes, falei. Sinto muita falta disso, por estar fora do campus e tal.

Frank sorriu. Fico feliz que aquele meu mestrado esteja servindo para alguma coisa, então.

Merry ficou quieta. É um assunto sensível para ela, claro, afinal nunca terminou nada que começou na faculdade. Mas é como eu digo: você não precisa de diploma para assar um frango.

É bom ter Frank por perto. Eu gosto. É uma rajada de ar fresco. Um pouco de estímulo. Ela também é ótima com Conor, tem o dom. Já no primeiro dia, ela o pegou no colo e o apoiou no quadril como se tivesse criado dezenas de bebês. Ela dá almoço a ele e se agacha no chão para brincar. O rosto dele se ilumina quando ela entra no cômodo; sabe como fazê-lo rir.

Você o conquistou rápido, falei.

Ela riu. Talvez eu devesse focar nessa idade quando pensar no sexo oposto.

Ah, fala sério, Frank, respondi. Quem você quer enganar?

Ela sabe exatamente o charme que tem. O modo como os homens ficam quando estão perto dela.

Frank enterrou o nariz no pescoço de Con. Se todos fossem charmosos como os Hurley, falou.

O garçom trouxe a comida. O bife de Merry estava cru, mas ela não quis devolver.

Eu gosto de mais sangrento às vezes, disse ela. E quais são os seus planos para esse ano sabático?, perguntou.

Frank deu de ombros. Quero viajar. Ver meus amigos. Descobrir o que fazer depois.

Como o mundo da consultoria vai viver sem você?, perguntou Merry de forma bastante sarcástica, eu achei.

Frank sorriu. Bom, talvez seja bom parar um pouco de resolver os problemas dos outros.

Olhei para as duas mulheres do outro lado da mesa. Clara e escura, suave e afiada. Conheci as duas na mesma noite, mais de sete anos atrás. Eu tinha vinte e oito anos. Foi em uma sexta à noite, no bar King Cole em St. Regis. Eu tinha ido a um jantar de professores, uma comemoração por ter ganhado a Medalha Huxley, o equivalente antropológico ao Nobel. O departamento estava frenético de tanta alegria.

Vi as duas paradas perto do bar. Bebendo martinis. Uma linda, cabelo louro, comprido e solto emoldurando as maçãs do rosto proeminentes, olhos muito azuis e lábios arredondados em um biquinho vermelho discreto. Seios empinados, cheios e carnudos, corpo firme modelado por um vestido preto; do tipo que dá para saber que vai ser perfeito nu. A outra, Merry, menos bonita, rosto levemente assimétrico, não feia, mas não realmente linda. Corpo um pouco angular demais, de uma composição estranha, como o rosto.

No entanto, algo nela, uma indefinição ou abertura, um espaço a ser preenchido. Havia certa pureza nela, como se não tivesse sido totalmente escrita. Isso faz a gente olhar de novo e depois perceber que é incapaz de desviar o olhar.

É ela, lembro-me de pensar. É a mulher da minha vida.

Observei Frank à minha frente. Tudo que eu havia perdido.

Se você ama tanto Merry, por que a trai?, costuma me perguntar Malin. Ela não fica irritada. Só curiosa. Quer entender, achar sentido naquilo.

Não sei a resposta. É difícil explicar.

Talvez as outras mulheres me permitam amar mais Merry. Porque são descartáveis, enquanto ela é permanente. Porque ela é e sempre vai ser minha.

Frank

Bom, a vida da Merry é perfeita. Não sei por que eu esperava menos do que isso, como se, de certa forma, eu tivesse certeza de que ia chegar e encontrar tudo aos pedaços. Ou pelo menos uma fachada bem frágil. Eu tinha ouvido falar da demissão do Sam da Columbia — não que Merry demonstre saber — e imaginado que, de alguma maneira, entre isso e o estranho exílio para o meio do nada, ela estaria arrasada. Bem pelo contrário. Ela parece adaptada. Esposa e mãe. Rá! Minha amiguinha metamórfica. Nunca vou saber como ela faz isso com tanta facilidade. É algo que até admiro nela, a capacidade de se transformar de forma tão convincente, tão desapegada. Isso nunca foi fácil para mim.

Os pães caseiros, o jardim cuidado com carinho, os potinhos de comida fresca para o bebê. Os sachês de lavanda no armário da lavanderia, os jantares caseiros extravagantes toda noite.

Caramba, exclamei, é você mesma, Merry Crawford? Uma menina da cidade transformada.

Merry, Merry Merengue. Um dia, feminista revoltada, no seguinte, a quintessência da mãe terra. Será que já tinha cozinhado um ovo antes? Já tinha se dado ao trabalho de segurar uma criança?

Que mudança, falei. Mal posso acreditar que seja você.

É como dizem, Frank. A maternidade faz a gente sentir que está cumprindo um objetivo maior como mulher. Espero que você também descubra isso um dia, disse ela.

Ela tirou uma travessa de muffins de banana do forno. Sem açúcar, sem glúten.

Isso é tudo que eu sempre quis, Frank.

Sam se aproximou por trás e deu um beijo na bochecha dela. O bebê bateu as mãos pálidas e fofas.

A criança. O bebê. Ele é maravilhoso. Sam também é. Bonito e forte. Todo dela. Uma família feliz. Uma ilha com três pessoas. Homem, mulher, criança. Autossuficiente e resguardada, como se fosse um globo de neve. Se sacudirmos, a purpurina vai voar, brilhar, cintilar. Tem coisa mais linda do que o que está dentro do vidro?

E você, Frank?, perguntou Merry. Me conte o que aconteceu com Thomas.

Claro que ela já sabe. É sempre a mesma história.

Esse é o anel de noivado da Carol? Ela olhava para a minha mão.

É, respondi. Você lembra.

Ela deu uma risadinha. Mas você não ia deixar isso guardado até ficar noiva? Não era esse o plano, o que Carol sempre dizia?

Ela não perdeu. A capacidade de me diminuir.

Mesmo assim, estou feliz por ela ter encontrado seu lugar, sua tribo. Merry, satisfeita. Deus sabe como demorou, aquela miríade de anos perdidos em busca de algo perfeito, de alguma essência à qual se agarrar.

Quero que ela seja feliz. É tudo que eu sempre quis. A felicidade da Merry é como a minha felicidade. Basta para nós duas.

Merry

No lago, sob o sol do fim da tarde, dei uma olhada no corpo dela. Frank continua como sempre foi: malhada e bronzeada, membros longos e graciosos, curvilínea, suave e macia, tudo ao mesmo tempo. O corpo tão desejado por outras mulheres. O corpo pelo qual deve se esforçar muito e sempre. Os seios dela são incrivelmente empinados. Não tem rugas em torno dos olhos.

Será que ela já começou a fazer os primeiros cortes e injeções, a prevenção contra a idade e o envelhecimento? Deve ter aprendido direitinho com a minha mãe. Frank sempre pareceu uma aluna empolgada.

É. Ela é linda. Inebriante. Frank, a sedutora, uma mulher que parece desejar, foi assim que Sam a descreveu certa vez. Ela nunca se esforçou para chamar a atenção dos homens. Mesmo assim, nunca foi o bastante para chegar às vias de fato. Para fazê-los ficar. Isso deve deixá-la com muita raiva. Isso deve ser um lembrete constante do seu fracasso. E é um fracasso, como mulher.

Isso e um útero inútil. Coitada da Elsa, pensei. Um gato em uma casa, com nove vidas para gastar; nove bebês e nenhum vivo, respirando. A vida pode ser cruel.

Sorri. Ou talvez tenha sido um sorriso irônico. A emoção familiar, o prazer de saber que Frank nunca vai conseguir o que quer. Na escola, ela foi a primeira menina a deixar um garoto dedá-la; logo depois, se tornou a menina que os deixava chegar até o fim. Atrás do palco do teatro, era lá que ficava esperando. Ela achava que eles iam amá-la, mas só a xingavam e riam dela. As outras garotas e eu ríamos. Frank Se Manque, acho que eu mesma espalhei isso.

Ah, tenho inúmeras histórias sobre a felicidade frustrada da Frank... muitas espalhadas por mim.

Peguei a mão do Sam e o bebê no colo.

Vamos, amores da minha vida, falei. Vamos dar um mergulho.

Senti os olhos da Frank fixos em mim. O desejo. O ódio.

É, pensei.

É isso.

Foi disso que senti falta. É exatamente disso que eu preciso.

A água grudava na pele à medida que eu entrava, fria demais, mesmo no auge do verão. Sob meus pés, pedregulhos escorregadios, cobertos de alga, se mexiam com meu peso. Beijei o bebê e o entreguei a Sam. Vou mergulhar, avisei.

Eu estava me sentindo ousada. Segura, de algum modo. Olhei para trás, Frank pequena e sozinha na toalha. Minha melhor amiga. Minha outra metade. Minha medida da realidade, dos anos, do tempo e do sucesso.

Acenei discretamente. Enchi os pulmões e afundei, aproveitando a ferroadada da água gelada na pele. Senti cada parte do meu corpo, por dentro e por fora, pele e órgãos, dentes e ossos.

Você não precisa dela. Não precisa dela na sua vida. Às vezes tenho que dizer essas palavras para mim mesma.

Mas não são verdade.

Preciso dela, sim. Precisamos uma da outra, sim. Sam me diz quem eu sou. E Frank é a prova de que ele diz a verdade.

Por que mais ela me invejaria tanto?

Voltei à superfície e abri os olhos. Sam e Conor estavam na toalha ao lado de Frank. E eu estava sozinha na água.

Frank

Abri e fechei os armários e as gavetas da cozinha, procurando o que precisava. Tudo estava assustadoramente arrumado — separado por intervalos regulares, arrumado em fileiras retas —, sem nenhum pote ou xícara fora do lugar, como se houvesse uma linha invisível ao redor, mantendo os objetos dentro de parâmetros determinados. Minha amiga é uma dona de casa meticulosa.

Coloquei uma colherzinha para o mel na bandeja e a levei ao quarto de Merry.

Chá com torradas e mel, falei.

Torradas com mel, disse ela, sorrindo. Eu lembro que sua mãe fazia isso.

É, respondi. A velha Carol e seus remédios caseiros. Passei o chá para Merry. Como você está se sentindo?

Ela fez uma careta. Estava na cama havia dias, derrubada por uma gripe horrível. Claro que ela não podia ficar perto do bebê nesse estado, então eu me ofereci. Conor parece não se incomodar com sua mãe substituta. Ele é um garoto maravilhoso, um pacotinho de sorrisos e beijos babados para a tia Frank.

Tia Frank! Adoro isso. Acho que combina. E adoro tanto esse menino. As bochechas gorduchas com covinhas, as coxas grossas, sempre chutando alguma coisa. Adora beijos na barriga e, quando finjo engoli-lo, ele cai na gargalhada.

Você tem tanto jeito com ele, disse Sam mais cedo. É impressionante como isso é natural para você.

Eu estava dando o café da manhã para Conor, “piuípiuizando” trezinchos de mingau para sua boca aberta.

Ah, ele é uma criança maravilhosa, falei. Estou totalmente apaixonada.

É. É verdade.

Entreguei uma pilha de vitaminas a Merry. Tome, pedi.

Achei que a gente já estivesse velha demais para brincar de médico e enfermeira, retrucou ela.

Eu ri. Ah, eu me lembro dessa época! Mas a gente só queria ser dona de casa, não era? Casada, com dois filhos cada uma.

Eu me lembro bem de nós, duas menininhas brincando de faz de conta, nos revezando para usar o único par de sapatos de salto alto que minha mãe tinha: peep toes prateados e bregas com uma tirinha no tornozelo. À mesa da sala, tomávamos refrigerante em xícaras de café, fingindo que eram cappuccinos.

Sempre carregávamos cadernos como se fossem agendas. Nós nos sentávamos e marcávamos manicures e reuniões com professores e decoradores.

Essa era a vida que imaginávamos que teríamos.

Merry engoliu os comprimidos e desabou de volta no travesseiro. Vou voltar a dormir agora, disse ela. Obrigada por cuidar de mim.

Coloquei a mão na testa dela. Estava ardendo em febre.

Vamos, me chamou Sam quando saí do quarto. Não tem por que todo mundo ficar preso aqui hoje. Vou levar você a um dos lagos.

Foi uma tarde maravilhosa. Sam, Conor e eu deitados na grama macia sob o sol brilhante. Dando mergulhos demorados na água fria. Tirei o vestido e observei o olhar de Sam me percorrer de cima a baixo, analisando meu corpo. Imagino que eu seja bem o tipo dele.

Sorri.

Ele balançou a cabeça, parecendo rir sozinho.

Sam pegou Conor e nós entramos juntos no lago. Outras famílias brincavam e dormiam ao sol. Quando passavam por nós, sorriam e nos cumprimentavam. Nós devíamos parecer uma pequena família.

Gostei dessa ideia. Gostei muito dessa ideia.

Minhas bochechas ficaram quentes. Havia uma sensação de leveza em meu sangue.

Que dia, comentei.

Bom, temos que aproveitar, respondeu Sam. Num piscar de olhos o verão acaba. É a única desvantagem.

Tínhamos parado no mercado para comprar pão, queijo e frutas para o almoço. Sam havia trazido comida para Conor, que eu mesma dei com o bebê aconchegado em meu colo. Em determinado momento, ele segurou o sutiã do meu biquíni e puxou. O bojo saiu do lugar, me expondo. Sam fingiu tapar os olhos enquanto eu reajustava o tecido para me cobrir.

Nada que eu já não tenha visto, implicou ele.

Ah, pare com isso, brinquei.

Depois do almoço, Conor adormeceu aconchegado em mim, o hálito quente e delicioso em minha pele. Eu me deitei ao lado dele e estremeci com a alegria que sentia. Com o desejo.

Provavelmente não está sendo o ano sabático que você imaginava, disse Sam. Cuidando tanto de uma criança.

É melhor do que imaginei, respondi.

Ele riu. Não force a barra.

Estou falando sério, retruquei. Este lugar. Dá para entender por que vocês são tão felizes aqui.

Toquei com cuidado a bochecha de Conor. E este carinho aqui.

Sam se levantou para voltar para a água. Observei o corpo dele. Sólido. Forte. A cintura baixa do short. Dava para ver os pelos engrossando, e que iam engrossar ainda mais. Eu já tinha visto Sam nu uma vez, saindo do banho, durante o verão em que alugamos uma casa juntos no Maine, Merry e Sam, eu e Simon. Lembro que Sam me flagrou na hora, olhando para ele, entendendo, sorrindo. O olhar de um homem que gosta de brincar.

O olhar que ele me lançou o dia inteiro. Um brilho nos olhos, um sorriso brincalhão.

Foi pouco depois daquelas férias que Simon terminou nosso noivado. Eu não entendi; fiquei arrasada. Alguns dias depois, Merry anunciou que ia se

casar com Sam.

Mas você disse que estava em dúvida em relação a ele, choraminguei.

Ela riu, ignorando minhas lágrimas e meu sofrimento. Ou incentivada por eles.

Não, disse, não mais.

Acho que ela não consegue evitar ser do jeito que é.

Frank

A vida e a sorte podem mesmo mudar em um instante. Acho que era nisso que meu pai acreditava — no que ele apostava —, passando dias seguidos sentado no cassino, recusando-se a aceitar que sua sorte não ia mudar, mesmo depois de ter perdido tudo. A casa, os carros, minha poupança para a faculdade. Tudo perdido em uma única noite. Ele nem pediu desculpas, só deu de ombros e disse: É a vida.

Mas a questão é que eu entendo. Como as coisas sempre podem mudar, muitas vezes em um piscar de olhos. Do nada, elas podem revelar uma nova série de possibilidades.

Ah, respire, Frank, respire! Estou sendo muito leviana.

Foram dias maravilhosos. Merry na cama, quente e grudada nos lençóis, suando a febre. Sam, Conor e eu aproveitando ao máximo o maravilhoso verão sueco. Juntos. Só nós três. Era uma alegria inebriante. O melhor estimulante que eu poderia esperar. Eu me sinto melhor do que em muitos meses.

Sam me levou para uma caminhada na floresta e de volta ao lago para outro mergulho gelado. Colhemos legumes na horta e ele me mostrou seus filmes no estúdio.

Você é muito talentoso, comentei, notando que ele ficou radiante. O modo como você trabalha os personagens lembra um pouco Herzog. Tem muita compaixão, mas obviamente está envolvido. Essa é a intenção?, perguntei.

Bem, ele quase desmaiou.

Eu cozinho e ajudo Sam a fazer compras e a ajeitar as almofadas do sofá. Nos

últimos dias, acho que me envolvi mais do que nunca com a vida doméstica. Estou me esbaldando. Não me canso.

Levo para Merry copos d'água e chá de limão, bandejas com comida de fácil digestão e as vitaminas separadas em um pratinho de vidro. Pela primeira vez na vida, estou sendo minha mãe. A quintessência da dona de casa, fazendo, assando e preparando. Ela nunca acreditaria que eu seria assim, como eu nunca havia imaginado que ela gostasse de todo aquele trabalho. Agora vejo como é possível encontrar alegria nisso tudo. Pode ser a solução.

Melhoras, digo a Merry, mas no fundo desejo que ela nunca saia da cama.

Ai, que maldade! Eu não deveria ser cruel. Mas estou gostando demais disso. Da casa e do jardim tão lindos, do ar fresco do campo. Conor em meus braços ou aos meus pés, balbuciando e sorrindo, fofo. Que criança querida, que menininho amado. Olhos brilhantes, aqueles estranhos olhos profundos dele, absorvendo o mundo. É tão fácil fazê-lo rir e amá-lo. Ah, o amor que emana dele... Uma fonte de alegria e encantamento.

Isso deve ser amor incondicional, o amor por uma criança. O amor que uma criança nos retribui tão livremente, com uma generosidade inimaginável. Por que perdemos essa capacidade, e quando? Por que moldamos nosso amor e estabelecemos tantas condições?

Não vou mentir. Também estou gostando de Sam. Talvez demais. Isso é traição, não é? A regra de ouro da amizade: fique longe do homem alheio. Mas, mas. Sinto o olhar dele fixo em mim. Vejo como ele ri das minhas piadas, como gosta da minha conversa — já que não tem mais companhias inteligentes, como diz —, como sorri diante do meu carinho pelo filho dele. É isso que mais o impressiona.

Nós jantamos ao ar livre, sob o céu ainda claro. Esta noite fiz um prato da Etiópia, um ensopado servido sobre *injeras* caseiras, depois que Sam mencionou uma semana que havia passado em Adis Abeba durante uma

conferência e a comida sublime de todas as noites.

Ele ficou encantado. Partimos o pão com as mãos e comemos o ensopado junto. Falamos sobre arte, política e cultura. Ou melhor: basicamente ele falou e eu ouvi, mas tudo bem.

Você é uma mulher estimulante, Frank. Ele sorriu.

É, estimulante. Retribuí o sorriso, um pouco embriagada demais, um pouco atirada demais.

Ficamos na varanda até depois das onze, depois que o céu escureceu lentamente. As estrelas cobriram a escuridão junto com a meia lua e dei uma olhada rápida no reflexo das janelas. O marido da minha melhor amiga. Estremeci um pouco. Porque não dava para ignorar. Ele e eu fazemos um belo par.

Formamos um belo casal.

Merry

Acordei depois de um sonho febril. Não, acho que acordei no meio de um. Minha vista está embaçada. Eu esfrego os olhos. Tento clarear a imagem.

Minha casa. Meu marido. Meu bebê. Mas o que há de errado com essa imagem?

A resposta é tudo.

Risque isso.

A resposta é Frank.

Ah, olha só quem acordou!

Ela estava aconchegada no sofá, com Sam ao lado, um cobertor cobrindo o colo dos dois. Duas taças de vinho, uma garrafa vazia na mesa de centro, outra no balcão da cozinha. Tarde da noite. Hora de dormir. Hora do diabo.

O que vocês estão fazendo?, perguntei.

Sam riu. Frank estava me distraíndo com histórias da vida corporativa. O mundo maldoso dos consultores de alto nível. Ela estava lidando com projetos de milhões de dólares enquanto o diretor executivo jogava Angry Birds no iPad. Rá! Dá para imaginar?

Ela riu também, fazendo um gesto de desdém com a mão. Bom, a gente estava só falando besteira.

Eles olharam um para o outro, um sorriso, uma piscadela. Uma piada interna só para os dois.

Ótimo, falei. Fiquei parada à porta, sem saber onde me posicionar na casa.

Está se sentindo melhor?, perguntou Sam.

Acho que sim, respondi.

Bom, Frank tem sido uma ótima esposa substituta, comentou ele com um

sorriso, a mão no joelho dela, fácil e familiar. Ela cuidou de tudo.

É mesmo? Que sorte a nossa.

Frank sorria para mim. O prazer foi todo meu, disse ela. De verdade.

Acho que vou voltar para a cama, avisei.

Sam não me acompanhou.

De manhã, me enrolei no robe e fui para a cozinha.

Frank tinha colocado o bebê na cadeirinha e, com habilidade, lhe dava comida na boca. O bebê ria, generoso com os sorrisos para ela. Carinhoso e responsivo. Espelhando-a, imagino. Havia várias panelas no fogão fervendo animadamente.

Ah, olha só quem chegou, murmurou Frank. O bebê olhou para mim, mas não sorriu.

Quer vir no colo?, perguntou Frank, e o bebê ergueu os bracinhos gordos. Ela esfregou o nariz na barriguinha redonda dele, e ele gargalhou.

Aaah, a tia Frank poderia morder você, disse ela. Morder você todinho.

Tia Frank. Estou vendo que eles são bons amigos, tia Frank e o bebê. Ela o apoiou com tranquilidade no quadril, confiante, materna, totalmente à vontade. Ele estava aconchegado nos braços dela, uma bolsa confortável feita só para ele.

Quer ir com a mamãe?, cantarolou ela no ouvido dele. O bebê virou o rosto. Frank deu de ombros, riu e beijou a bochecha dele. Uma recompensa por ele entrar na brincadeira.

Quem é meu menino? Quem é meu príncipezinho?, murmurou ela.

Cadê o Sam?, perguntei. Eu me sentia quente, grudenta e irritável. Minha cabeça doía.

Sam está no estúdio hoje, disse Frank. É melhor não atrapalhá-lo. Ele está trabalhando em um projeto grande essa semana. Um projeto incrível para uma ONG.

Ela ergueu a tampa de uma das panelas. O aroma de vinho e alho tomou o

ar.

É o jantar, disse ela. *Boeuf bourguignon*.

É o favorito do Sam, acrescentou ela, como se eu não soubesse.

Tentei sorrir. Bebi um copo d'água e fiquei observando Frank andar pela cozinha, pela minha cozinha; vi como abria e fechava armários e pegava coisas na geladeira. A maneira como segurava o bebê. O modo como me dava instruções sobre meu marido.

Café?, ofereceu ela.

Por favor, respondi, e ela serviu. Estava usando as xícaras que eu havia guardado em um armário de baixo. Tinha colocado as tigelas e os copos em prateleiras diferentes.

Olhe só para você, comentei, indicando com a cabeça o bebê tranquilamente pendurado no quadril dela. Não demorou para pegar o ritmo das coisas.

Para dominar tudo, era o que eu queria dizer. Porque Frank é assim. É isso que ela faz. Penetra pelos poros, feito um vazamento de gás perigoso; ela acha uma maneira de se alocar onde não é desejada. Cria raízes tão profundas que não pode ser expulsa.

Lembranças me inundaram. Imagens de trinta anos de amizade, ou o que quer que isso seja. Uma confusão de vidas e casas, eu na dela, ela na minha. Rabos de cavalo cortados com tesouras de jardim, bonecas roubadas, histórias contadas para causar problemas para a outra.

Nós trazíamos à tona o pior uma na outra. Inveja, raiva, mentiras. E demorou para aprendermos a controlar o impulso de machucar com os punhos. Descobrimos que as palavras e os silêncios são os verdadeiros assassinos. A privação de carinho, a esperta criação de boatos e meias verdades, o salgar hábil das feridas que sabemos que mais machucam. É aí que está o poder. Um tipo diferente de violência.

Mas ela é minha amiga. Mas eu o vi primeiro. Suas roupas sempre parecem

muito baratas.

Não havia regras. Ainda não há. Não sei quem fez o quê, nem o que foi pior. Eram sempre papéis intercambiáveis. Amor e ódio. Tão entrelaçados que não dá para distinguir um do outro.

Observei Frank girar o bebê no ar, balançá-lo como uma pipa, como um passarinho.

Eu amo esse pacotinho, disse ela, amo de paixão. Seu rosto estava ruborizado, brilhando, na verdade. Talvez seja isso. O amor de uma mãe. Ficava bem nela, qualquer um perceberia.

É, algumas mulheres têm isso, não é?

Sam saiu do estúdio, caneca de café na mão. Ele apertou a bochecha do bebê e apoiou tranquilamente o braço na cintura de Frank para dar um abraço nela. E ele ama você, completou. O rosto dela se iluminou por inteiro.

No lugar do coração, dois punhos irritados batiam em meu peito.

Quis sair de casa. É melhor eu dar uma olhada na horta, murmurei.

Cuidei dela enquanto você estava doente, disse Frank. Espero que não tenha estragado o sistema. Passado por cima de você.

Nos canteiros, vi que ela havia colhido alguns legumes ainda verdes, arrancando-os pela raiz e largando-os no solo para apodrecer. De propósito. Por maldade. Ou será que era tudo coisa da minha cabeça?

Peguei algumas cenouras e uma alface que as lesmas ainda não haviam atacado e levei para lavar em casa.

O bebê olhou para cima e mostrou a língua. Baa, disse. Tudo que era sólido se dissolveu.

Frank

Estou no meio de um quebra-cabeça e várias peças não se encaixam.

Estou tentando entender tudo isso, essa realidade curiosa que vem se revelando para mim, uma parte de cada vez. Os japoneses têm toda uma arte dedicada às rachaduras. Chama-se *kintsugi*. Eles remendam com ouro pedaços quebrados de porcelana e tornam mais preciosa a peça reconstruída: a beleza no destruído e tal.

Bom, talvez as rachaduras que estou vendo na vida de Merry revelem alguma beleza para mim também.

Ela saiu da semana de convalescência de péssimo humor. Sempre foi tão mal-educada. Nem um *Obrigada, Frank* por ter cuidado das coisas, do filho dela, por ter mantido a geladeira abastecida e jantares na mesa.

Tudo bem, Sam demonstra muita gratidão. Faz vários elogios. Percebo que ele fica impressionado ao me observar, pelo modo como lido com Conor, pela maneira como a criança está evoluindo sob meus cuidados.

Que danadinha! Roubei o *Guia para o primeiro ano do bebê* da mesinha de cabeceira de Merry enquanto ela estava doente e li tudo em uma noite.

Alguns dias depois, sugeri a Sam que fizéssemos alguns exercícios de força com o bebê para ajudá-lo a engatinhar.

Ele deveria estar começando a fazer isso agora, expliquei. Notei que está um pouco atrasado.

Eu não queria me meter, mas essas etapas do desenvolvimento são cruciais. Todo mundo sabe disso.

Sam pareceu um pouco chateado.

Desculpe. Provavelmente não é da minha conta.

Não, retrucou ele. Merry deveria ser melhor nisso.

Bom, agora eu e ele nos sentamos de pernas cruzadas no chão toda manhã, fazendo o bebê pegar bolas coloridas em um balde de plástico. Isso supostamente vai fortalecer o torso dele, o que vai incentivá-lo a tentar engatinhar. É uma gracinha observar Conor. Ele adora esse jogo — e outros: esconde-esconde embaixo de um cobertor, cadê o ursinho?, o João-bobo. Nós brincamos por horas.

Você tem tanto jeito com ele, me diz Sam, muitas e muitas vezes, e lentamente vou entendendo por quê.

Porque Merry não tem. Não. Ela não tem jeito nenhum.

Ela havia me enganado nos primeiros dias. Mas agora entendi tudo. Sabe os livros *Onde está Wally?*, como era difícil encontrar o primeiro Wally naquelas ilustrações cheias de detalhes? Mas, depois que conseguíamos, passávamos a encontrá-lo em qualquer lugar. Na praia, no zoológico, nas ruas de Paris — ele saltava na nossa frente, o primeiro rosto da multidão. É a mesma coisa com Merry. De repente ficou descaradamente óbvio. Estou vendo tudo.

Merry, Merry, a mais infeliz de todas. Minha pobre amiga desesperada. A vida dela é uma fraude. Ela finge estar animada quando eu e Sam estamos por perto, mas, quando a observo sozinha com a criança, a história é totalmente diferente. Não há nada maternal, nem uma centelha disso.

É tudo fingimento. Ou uma armadilha. Merry brincando de ser mãe, assim como brincou de tudo durante toda a vida. Merry, a inocente, Merry, a festeira. Merry, a estudante de teatro, Merry, a poeta, Merry, a instrutora de ioga, Merry, que se tornou Amira por um ano, depois que foi para Pune, na Índia, para fazer parte dos sannyas. Ela tentou seis faculdades diferentes. Seis! Tirou dois anos sabáticos, viajando pelo mundo com o cartão de crédito de Gerald no bolso, tentando se encontrar. Que besteira! Como se houvesse alguma coisa para achar.

Para piorar, os inúmeros danos no caminho, as almas de coração partido que caíram na chumbada, na vara e no anzol falsos dela, que acreditaram em suas

palavras e que ela era quem dizia ser. Conheci várias dessas pessoas, esbarrei em algumas que sofriam da dor pós-Merry, vi seus olhares de destruição e ruína. Conheço muito bem essa sensação. É o que acontece quando brincamos com as pessoas, não é? Quando as enganamos. Quando permitimos que acreditem que somos tudo que elas estavam procurando.

Eu não deveria ficar irritada. É o jeito dela. Esse é seu combustível. É como ela se sente viva, imagino. Na verdade, ela merece mais pena do que raiva.

Sam não vê nada disso, ou não quer ver. Mas eu a conheço bem demais. Por inteiro. Como poderia não conhecer, depois de tantos anos?

Isso sempre a incomodou, o fato de eu, de todas as pessoas, ser a única capaz de enxergá-la com tanta clareza. Sem máscaras, não importa qual ela esteja usando. Não importa o esplendor do seu disfarce, ela não consegue se esconder de mim. Qualquer outra pessoa poderia afirmar que o comportamento dela é causado por uma depressão pós-parto. Claro que não é. É só Merry. Merry sendo Merry.

O amor preso dentro dela. Confinado em um punho na base do estômago.

Ou talvez isso seja só o que eu espero. Talvez ela não tenha amor nenhum para dar.

Depois de hoje, com certeza acredito nisso. Estávamos sentados no jardim, almoçando juntos. Merry entrou com o bebê para trocá-lo, e eu fui logo atrás para usar o banheiro. Passei pelo quarto do bebê no caminho e dei uma espiada. Ele estava no trocador, choramingando e esperneando. Estava tendo um dia ruim, coitadinho, incomodado e irritado com os dentes, como é normal.

Vi Merry parada diante dele, observando em silêncio, rígida como uma pedra. Fiquei à porta, hipnotizada pela imagem, pela frieza dela, pela pura falta de carinho ou amor maternal. Pelo modo como olhava para Conor com ódio. Como se só houvesse gelo em suas veias. Como se ele fosse uma aberração monstruosa, terrível, e não sangue do sangue dela.

Estremeci. Mas a situação ficou ainda pior. Enquanto Conor chorava, Merry estendeu a mão e a posicionou acima da barriguinha dele. Eu a vi fechar e abrir a mão. Ele tentou se desvencilhar. Então ela levou as mãos às coxas dele.

Seus dedos enrijeceram. Ele berrou. Tapei a boca para me impedir de berrar também. Por quê, não sei. Acho que eu ainda não sabia o que estava vendo — como aquilo podia ser real, toda aquela cena lamentável acontecendo, como um pesadelo, diante dos meus olhos. De certa forma, talvez eu soubesse que, caso ela fosse pega no flagra, isso só provocaria ainda mais violência.

Por isso, não fiz nada além de ficar parada, observando. Vi seus dedos agarrarem a pele dele, enrijecendo, apertando, espremendo. Cada vez mais intenso, pressionando com toda força. Meu cérebro não conseguia processar a intenção dela de machucá-lo, de causar dor e sofrimento a ele. O filho dela! O bebê dela!

Meu coração se partiu, meus pensamentos uma mistura de por que e como — não dava para entender a lógica e a razão —, e eu não podia fazer nada além de me despedaçar por dentro. Era a percepção da pior verdade, o colapso de tudo que considero correto e aceitável.

Observei a mão, ainda parada ali, enquanto o rosto dele se contorcia de dor, enquanto o corpinho de Conor tentava se desvencilhar dos dedos cruéis da mãe. Merry não hesitava.

Por fim, não suportei mais e me afastei em silêncio. No banheiro, joguei água fria no rosto, lavi as lágrimas dos olhos. Tentei fazer minhas mãos pararem de tremer, mas elas não se firmavam. Olhei para o meu rosto no espelho. Abatida. Foi uma das piores coisas que já vi.

Quando voltei para a mesa ensolarada no jardim, Merry estava sentada com Conor no colo, sorrindo e bebendo limonada, mais tranquila do que se poderia imaginar.

Ah, aí está você. Ela deu um sorriso caloroso.

Sam ergueu o vinho. Parece que você precisa de outra taça.

Ele se virou para Merry. Mas nada para a minha esposa, brincou. Talvez outro Hurley esteja a caminho.

Merry ergueu a mão que tinha acabado de usar para maltratar o filho.

Dedos cruzados, disse ela.

Fiquei gelada.

Sam

As mulheres. As mulheres estão no cio. É muito divertido, não vou mentir. As duas disputando minha atenção feito leões no ataque. Em algum momento, acho que até ri.

Talvez seja o isolamento que esteja exacerbando tudo isso. A sensação de que somos os últimos três adultos do mundo. Mas, claro, só há espaço para dois.

Eu deveria estar à vontade. Merry, flexível como um elástico, esforçando-se ao máximo para ser doméstica e prestativa. Acho que ela pode estar mesmo grávida; da última vez, ficou com o mesmo visual nas primeiras semanas. Algo feroz e descontrolado, beirando o selvagem. Merry grávida. Não há nada melhor. Redonda e cheia, repleta de vida. É cedo demais para o teste, diz ela, mas só pode ser verdade. Já estamos tentando há bastante tempo. Ainda mais agora que Frank está por perto. Merry se joga em mim sempre que pode.

E Frank. Querida velha Frank. Toda mamilos eriçados e minissaia, sempre sem sutiã e usando pouca roupa, exibindo aquele corpo, cada centímetro dele, se puder. Ela pegou sol, está bronzeada e ainda melhor. Tem cheiro de frutas cítricas e sândalo, além daquele aroma familiar de mulher que quer ser possuída. O jeito que ela me olha, como se eu fosse o próprio messias; olhos brilhando, coração acelerado. Dá para sentir no ar o desejo, quente e elétrico como uma tempestade se formando. Não faço nada para desestimulá-la. É difícil se livrar de velhos hábitos.

Ela deixa as calcinhas para secar na borda da banheira. Toda noite, eu as afasto para o lado quando vou tomar banho. Pretas e rendadas, vermelhas e transparentes.

Às vezes pego uma para examinar mais de perto. Pequenas manchas brancas na renda preta; o cheiro é de sabão e sal. Eu o inspiro.

Na cama, Merry ronrona. Às vezes eu a viro de costas e empurro a cabeça dela no lençol. Imagino que não é Merry, mas a mulher do quarto ao lado. A voz em minha cabeça emite um aviso. Todo o resto fica feliz por entrar na brincadeira.

Eu deveria saber que não posso participar desses jogos. Eles têm finais inevitáveis. É sempre a mesma coisa. Já imagino a cara da Malin. A da Merry também, desabando com a traição. A esposa sempre sente que a vergonha é dela. *Se eu fosse suficiente, ele não precisaria procurar outra.* Elas nem sempre estão erradas.

Eu sei, eu sei. Não deveria, especialmente com Frank. Próxima demais. Como uma irmã.

Não farei. Não faria.

Vou só brincar. Nenhum mal, nenhuma infração. Ela também está gostando. Claro que está.

À noite, depois que Merry vai para a cama, nós dois nos sentamos sob as estrelas, dividimos um cigarro, talvez outra garrafa de vinho. Prazeres roubados. Por que não, dizemos, por que não.

Eu flerto, provoco. Digo as coisas que ela quer ouvir. Olho da maneira que ela quer ser vista. Ela se esbalda com isso; leite para uma gatinha sedenta. Sirvo mais. Tome, tome mais um pouco.

Eu a toco às vezes, sinto a eletricidade na pele. Os olhos dela imploram por isso, o corpo todo pede, arqueado em minha direção, esperando a deixa.

Sinto desejo, mas é só parte disso. É a provocação. A tortura da provocação. Tão confortável quanto um velho par de chinelos. Mais uma vez isso.

Tess, lembro, as pernas nuas enroscadas nas minhas. Ela disse que meu objetivo era punir as mulheres.

Você é um misógino, disse ela, que se disfarça de aproveitador.

Eu ri e enfiei as mãos sob os lençóis, em lugares escuros e quentes.

Que bobagem, eu adoro as mulheres. Não dá para perceber?

Ela gemeu; dava para perceber.

Ela culpava minha mãe, de quem eu só havia falado uma vez na sua presença.

Se nenhuma mulher presta, você sempre vai ser dela. Clássico, concluiu.

Caramba, Tess.

É verdade, Sam. É uma patologia comum.

Ela estava se formando em duas faculdades: antropologia e psicologia. Era intensa: tinha ligado as trompas aos vinte e um anos, feito a própria mãe levá-la à clínica para a cirurgia.

Não sou como as outras mulheres, repetia ela. Você não precisa brincar comigo como brinca com as outras.

Amo minha esposa, falei no fim, e ela balançou a cabeça, triste.

Não, Sam, você despreza todas nós.

Talvez tenha sido por isso que ela me denunciou para o reitor.

Imagino Frank como um animal. Não há nada que ela não faria. Mulheres bonitas nem sempre são as melhores para foder. A gente transa com elas de qualquer maneira, só pela conquista. A confirmação de que fomos nós que conseguimos. Mas aposto que Frank seria uma surpresa agradável.

Tento me controlar, deixar para lá. Levanto alguns dos pesos que deixo no celeiro. Cinco pesos, dez repetições. Queima, machuca. Fala sério, é só uma brincadeira. Estou inquieto. Entediado.

Preciso me distrair.

Desculpe, Malin. Um cachorro velho não aprende novos truques.

Eu disse a Merry que consegui outro trabalho. Ela me deu um beijo.

Estou fazendo isso dar certo, não falei que faria?

Ela assentiu. Orgulhosa do marido. Devidamente tranquilizada.

O que ela não sabe não vai magoá-la.

Merry

Orla, de Donegal, deixa destrancado o armário onde ficam a água sanitária e o desinfetante. Eloise, de Bordeaux, sempre se lembra de deixar um cantinho da lona da piscina aberta e desamarrada.

Qual é o seu problema?, perguntou Sam hoje de manhã ao me ver pegar no armário uma caixa de absorventes internos.

Não sei, respondi.

Mês passado, inventei uma visita ao ginecologista. Tudo certo, declarei. Vai ser logo.

Imagino que uma hora vai ter que acontecer. É isso que ele quer de mim. É isso que ele precisa que eu seja.

Outro e-mail de Christopher recebido e apagado. Sem assunto, só as mesmas três palavras dentro. Eu deveria bloqueá-lo, mas não faço isso. Sinto uma fásca sempre que vejo o nome dele na tela. Uma lembrança de algo que já tive. Poder, talvez. Não consigo me convencer a acabar com aquilo de vez, muito menos agora, com Frank aqui e tudo confuso; de cabeça para baixo e do avesso.

No fim da manhã, caminhamos até Sigtuna. Na volta, encontramos Elsa e Karl na trilha.

Ah, a gente tem que se reunir, disse Frank. Quero muito conhecer suecos de verdade.

Agora eles estão aqui para um jantar leve. Sam está preparando a carne na churrasqueira. Frank está na cozinha fazendo sua salada de batatas, famosa no mundo inteiro. Ela nos entreteve com a história de uma viagem de ano novo com amigos para o Sri Lanka em que teve que fazer a salada de batatas e de alguma forma encontrou alcaparras para o prato, apesar de ninguém na ilha

saber o que era uma alcaparra.

A vida que ela descreve é muito animada. Amigos, muitos amigos. Várias viagens exóticas. Requisitada por todas as empresas. Todos querem a cabeça de Frank. É uma vida perfeita, se considerarmos o que ela diz. E mesmo assim ela está se esforçando para se encaixar aqui.

Sou lembrada da sensação que tive depois que o pai da Frank perdeu tudo. Eles tiveram que vender a casa em Brentwood e se mudar para o apartamento de dois quartos da avó, entre Mid-City e Koreatown. Frank ficou muito envergonhada; ela odiava aquele lugar. Então se esforçou para sair de lá.

Ela pegava o ônibus até minha casa, chegava na porta, conquistava minha mãe dizendo como ela estava linda, como o cabelo dela estava glamoroso, como seus sapatos eram da moda. Então passava vários dias, semanas, parecia às vezes, enquanto eu ficava emburrada no quarto e Frank bancava a filha substituta sorridente que minha mãe levava para fazer compras e passar dias no spa. Eu era sempre convidada. Elas sabiam que eu ia recusar.

Parecia que Frank estava sempre presente. Ocupando espaço. Tentando ser uma versão melhor de mim. Talvez seja.

Tem alguma música tocando, um jazz africano que Frank conheceu durante uma viagem a Gana.

Ah, lá é maravilhoso, disse ela mais cedo, antes de discutir amplamente com Sam e Karl sobre a tradição fascinante dos enterros e dos elaborados caixões esculpidos. Claro que ela foi a um enterro; claro que tem um grande amigo que mora em Acra e mostrou o melhor do país a ela. Nada de pontos turísticos comuns para Frank. Ela já visitou setenta e dois países. Sempre há espaço para mais, acrescenta.

Ela traz a salada de batata enquanto Karl nos conta sobre um incidente em um dos centros de refugiados de Gotland. Militantes de extrema-direita puseram fogo em uma moça de hijab.

Meu Deus, diz Sam. Eu achava que isso não acontecia por aqui.

Bom, responde Karl, os suecos têm o direito de proteger o estilo de vida deles.

Elsa assente, solene, e eu fico na dúvida se deveria dizer alguma coisa em defesa da muçulmana queimada que está na UTI. Observo Karl. Os olhos dele estão fixos no decote de Frank, exibido em um vestido vinho apertado que me parece vagamente familiar.

Estou segurando o bebê no colo, sem jeito. Elsa o observa atentamente. Está menos bonita hoje. Noto rugas finas em volta da boca e uma secura na pele. Quando ela se abaixa para pegar o guardanapo que deixou cair, vejo uma parte do couro cabeludo, de onde uma mecha de cabelo deve ter caído.

Ponho a mão no rosto.

Você vai ver, sempre dizia minha mãe. Acontece rápido.

Ou talvez todas as mulheres fiquem mais feias perto de Frank.

Eu a vejo entreter meus convidados, meu marido. Quando eu tinha uns vinte anos, namorei um coreógrafo do balé de São Francisco. A primeira bailarina acabou se machucando antes da noite de abertura e, enquanto a substituta agradecia a chuva de aplausos ao fechar da cortina, observei o rosto dela, hipnotizada pela reação da bailarina à adoração que sempre fora sua por direito.

Todos os dias, pego o bebê e corro. Cada dia mais longe. O mais longe que consigo. Respiro o ar da liberdade, grandes rajadas dele em meus pulmões abalados. Tento levá-lo comigo, mantê-lo por perto. Essa sensação, essa sensação. Não vai perdurar. Às vezes Frank se oferece para cuidar do bebê, mas finjo que quero passar um tempo junto dele. Um tempinho entre mãe e filho, digo, para impedir que ela venha comigo, para não deixar que ela me tire ainda mais.

Quando o bebê está diante de mim, indefeso, rosado e irritado, fraco com suas necessidades e exigências infinitas, não consigo evitar. Eu belisco. Aperto.

Uma sombra escura em seu corpinho. Ele sente alguma coisa e eu continuo dormente. Os hematomas na pele dele são outro par de olhos: me observam e eu observo de volta. Minha vida. Minhas mentiras. Minha punição. Ele cheira a leite azedo e lágrimas. Está tudo errado.

Elsa estava dizendo alguma coisa sobre o fechamento da escola que fica no fim da estrada.

Não tem crianças suficientes.

É, acrescenta Karl. A taxa de natalidade nos países escandinavos é mesmo muito baixa.

É uma catástrofe, na verdade. Nossa raça está morrendo.

Balanço o bebê. Levo uma cenoura à boca dele para que chupe, para aliviar a dor dos dentes nascendo que o mantém acordado à noite.

Bom, é claro, continua Karl. Hoje em dia as mulheres têm muitas opções além da maternidade.

É, assente Elsa. Parece magoada com isso.

Sam avisa que a carne está pronta e nós nos sentamos à mesa. Elsa come ainda menos que da última vez. Os ossos de seus pequenos pulsos parecem prestes a quebrar. Tenho uma visão repentina: Karl ateando fogo nela. Uma punição pela esterilidade, talvez.

Onde está Freja?, pergunto.

Está visitando a avó, responde Karl. Em Katrineholm.

Frank, bancando a anfitriã, sorri ao passar os pratos e depois serve mais bebidas. A salada de batatas é considerada um sucesso. Karl pede que Elsa pegue a receita.

Parece que você é mesmo parte da família, diz Elsa a Frank.

Ela é, sim, digo e sorrio, o gosto das batatas subindo pela garganta.

Na cozinha, Frank e eu empilhamos os pratos. Ela está estranhamente distante de mim nos últimos dias, me observando com atenção, mas falando pouco. Talvez também tenha ficado confusa com o estado avesso das coisas. Hoje o

humor dela parece melhor. Talvez sejam todos os aplausos.

Aqui eu me sinto uma dona de casa dos anos 1950, diz, rindo. E quer saber? Estou adorando.

Está usando meu vestido?, questiono. Percebi agora que é um dos vestidos novos que comprei em Estocolmo. Eu ainda não tinha usado. Nos lugares em que sobra no meu corpo, ele se ajusta no dela, como se sua pele tivesse sido derramada e costurada, feito o enchimento de uma boneca.

Ah, diz ela, estou sem roupas limpas. Achei que você não fosse se importar. Coloco os últimos copos no lava-louças e fecho a porta.

Ah, continua Frank, estalando os dedos. Eu me esqueci totalmente de falar uma coisa.

Christopher, lembra ela.

Quem?, pergunto.

Christopher Atwood. Você o conheceu no jantar de Natal que dei antes de me mudar para Londres.

Concordo de leve com a cabeça. Claro.

Foi muito engraçado, diz ela. Esbarrei com ele na fila da Starbucks no - Heathrow. Eu estava vindo para cá e ele estava voltando para Nova York depois de uma viagem de negócios.

Eu me ocupo lavando as lâminas do processador de alimentos. Que coincidência, digo tranquilamente.

Bom, eu falei para ele que estava vindo visitar você na Suécia. Ele ficou muito surpreso em saber que você tinha se mudado. E tido um filho.

A gente não era amigo, comento. Eu só o vi naquela vez.

Bom, Frank sorri. Seja como for, prometi mandar fotos de tudo. Ele nunca veio à Suécia.

Na pia, a água de repente ficou manchada de vermelho.

Merry, grita Frank, você se cortou.

Mais tarde, depois que tudo foi coberto com um curativo e guardado, o bebê no chão da sala rola até ficar de bruços. Ele se levanta e fica de quatro. Depois se balança para a frente e para trás, para a frente e para trás. Então estende o braço e começa a engatinhar.

Sam pula de onde está sentado. Frank dá um grito agudo e aplaude.

Eles se abraçam. Aplaudem o bebê como se ele tivesse dado os primeiros passos da humanidade na Lua.

Olhe, berra Frank, nós conseguimos.

Esse *nós*, como a maioria das coisas ultimamente, não me inclui.

Frank

No retiro de autoconhecimento que fiz há alguns anos — aqueles com ioga, meditação matinal e pequenas doses de suco verde —, Krisha, a mulher que organizava os seminários, nos falou sobre presença. A perfeição do agora. Em nenhum momento devemos querer nada além do que temos e somos. Qualquer outra coisa, avisou ela, e você se condena a uma busca inútil por uma felicidade que não vai encontrar.

Não consigo deixar de pensar nela agora, e não consigo me impedir de querer tudo que ela pediu que evitássemos.

Sei que é um pensamento ridículo, a própria ideia... É uma loucura, mas não consigo evitar. A noção de que Merry não quer a vida que tem; e eu quero mais do que tudo no mundo. Andei brincando de casinha aqui, eu sei. Brincando como se fosse minha casa e minha vida, meu marido e meu filho. Por que não? É fácil e familiar, como se sempre tivesse sido assim ou ao menos devesse ter sido. Preparar o jantar, brincar com o bebê, ver Sam absorver tudo isso.

Então Sam à noite, quase toda noite, a mão em meu braço, olhos nos meus olhos, às vezes dando uma olhada rápida em meus lindos seios sem sutiã. Há desejo ali, e outra coisa também. Ele percebe; eu sei que sim. Percebe que deveria ser eu.

É, loucura, mas também não.

Porque se encaixa. Funciona.

Consertaria as coisas.

Eu poderia entrar e ela sair, uma troca de lugares tão suave e tranquila que ninguém notaria. O meu pelo dela. Uma troca simples. Com certeza coisas

mais estranhas já aconteceram. E Merry... Minha pobre Merry. Como meu coração sofre por ela. Está muito infeliz. É uma prisioneira dessa vida, deseja a liberdade. É sério, eu já vi demais para acreditar em algo diferente.

Desde que se recuperou da gripe, Merry sai todos os dias para caminhar com Conor. Eles sempre passam um bom tempo fora. Ela sempre volta sorrindo.

Não sei o que me fez desconfiar. Talvez quando perguntei se poderia ir junto e ela hesitou diante da minha sugestão. Talvez tenha apenas sido uma intuição, uma sensação de alguma coisa um pouco estranha. Ando em alerta máximo desde que a vi machucar Conor. Bom, ela o arrumou hoje de manhã e os dois saíram perto das nove. Sam ia ficar o dia inteiro fora, tinha ido a Gotemburgo para uma reunião. Eu o apresentei a alguns contatos que achei que poderiam ser úteis; esse é um deles. Não sou de grande ajuda? Ele está muito agradecido, diz. Tão agradecido. É o mínimo que posso fazer, respondo.

Calcei os tênis e fui atrás de Merry. Ela andava depressa, empurrando o carrinho pelas pedras em um ritmo acelerado. Esperei enquanto ela ajustava alguma coisa no carrinho. Depois atravessou a estrada e foi para a trilha. Segui lentamente atrás dela e me escondi por um instante, enquanto ela subia a colina.

Quando tempo suficiente já havia passado, fui atrás. Parei na clareira do topo da colina. Olhei para o que estava diante de meus olhos — algo realmente confuso — e fui para trás de uma árvore observar. Era o carrinho de Conor, abandonado na mata. Dava para ver o menino ali dentro, imóvel ou talvez dormindo, o cobertor azul preso embaixo das pernas.

Merry não estava em lugar nenhum. Tinha desaparecido. Conor havia sido deixado sozinho na floresta.

Esperei perto da árvore, supondo que ela estava fazendo xixi atrás de um arbusto ou, sei lá, colhendo frutas vermelhas. Esperei ainda mais, tentei racionalizar a cena, mas Merry não voltou. Vinte, depois trinta minutos passaram. Por fim, fui até o carrinho e dei uma olhada. Conor estava

acordado, observando tudo com atenção.

Ai, Conor, gritei. Você foi deixado aqui sozinho!

Meu cordeirinho, aquelas bochechas gordinhas, aquele nariz de botão no meio do rosto. Encostei nele e senti a pele fria.

Ele estava tranquilo. Percebi que aquilo não devia ser novidade. Peguei-o no colo e enchi seu rosto de beijos, fiz cosquinha sob os braços, tentei mostrar que o mundo não era um lugar cruel. Fiquei arrasada, pensando no que eu tinha visto alguns dias antes. E nos dias desde então.

E isso agora? Meu Deus, pensei, vai saber até que ponto ela vai.

Eu o mantive aconchegado e em segurança nos meus braços, as bochechas gorduchas pressionadas nas minhas. Cerca de uma hora depois, ou mais, ouvi o farfalhar das árvores e o bater de pés no chão. Coloquei Conor de volta no carrinho e me agachei atrás da árvore. Descontraída, calma, sem qualquer preocupação, Merry deu uma olhada rápida no filho e depois o empurrou para casa.

Esperei alguns minutos na sombra, acalmando meu coração, tentando pensar.

Ela não o merece. Ela nem o quer. Isso é certo.

Andei devagar até a casa, vendo tudo ao contrário. Não era bonita. Não era um lugar a ser desejado. Era apenas um cenário.

Merry pareceu surpresa quando entrei pela porta atrás dela.

Onde você estava?, perguntou.

Fui dar uma caminhada. Ar fresco, sabe como é.

Ela me lançou um olhar penetrante. Para onde você foi?

Acenei, indicando a direção da floresta. Perto das trilhas. A mais baixa, falei, e a vi relaxar. Ela havia tirado Conor do carrinho. Segurava-o de forma estranha no colo enquanto ele se contorcia para se soltar.

Meu menino querido. Quanta crueldade ele vai ter que aguentar?

Passamos o resto do dia ajeitando a casa. Merry no jardim, catando ervas daninhas e plantando fileiras de favas; eu brincando no gramado com Conor, tentando enchê-lo de amor. Só Deus sabe como ele precisa.

Ajudei Merry a fazer a leva seguinte de comida para bebê e depois uma simples salada e frango grelhado com limão para o jantar, que comemos no balcão da cozinha.

Isso é que é vida, falei.

É, temos muita sorte.

Você é feliz aqui, não é, Merry?, perguntei, esperando incentivá-la a ser mais sincera. A ajudá-la a pelo menos compartilhar seu sofrimento, se não resolvê-lo.

Sou sua melhor amiga, lembrei a ela. Pode me contar tudo. Estou sempre aqui para te ouvir.

Ela deu apenas um sorriso amarelo. Por que eu não seria feliz?, perguntou.

Bom, por causa de todas as outras vidas que você teve, respondi. Elas não poderiam ser mais diferentes disso.

Eu não sabia o que estava procurando na época. Não sabia onde me encaixava.

E agora?

É isso. Esta sou eu.

Está bem. Assenti. Abri uma garrafa de vinho e servi uma taça só para mim. Então Merry pegou uma para ela no armário.

Desculpe, falei, achei que vocês estivessem tentando engravidar. Tomei um gole do vinho e a observei encher uma taça generosa.

Ela fez uma careta. Ah, eu não estou grávida.

Dá para ter certeza?

Ela riu. Dá, Frank. É bem simples.

Então, tudo bem. Enchi minha taça de novo e, juntas, terminamos a garrafa.

À noite, ouvi o bebê chorar. Entrei em silêncio no quarto dele e o peguei no colo. Eu o abracei e o acalmei com carinho. Shhh, shhh, volte a dormir. Cantigas no escuro, um embalo reconfortante na poltrona. Inspirei seu cheiro sonolento, leite, sabão e suavidade, a perfeição dilacerante de uma vida nova; como as melhores coisas: dolorosamente frágil e muito fácil de perder. Quando ele estava em meus braços, em um sono profundo, seguro e feliz, era

fácil esquecer que ele não era meu.

Merry

Freja estava na sala brincando com o bebê, puxando-o pelas pernas quando ele engatinhava na direção de algo perigoso. Ele agora está em constante movimento, ganhando velocidade e agilidade a cada dia. Frank e Sam não poderiam estar mais felizes. Disseram para eu tomar mais cuidado com o lugar em que deixo as coisas.

Achei uma das suas presilhas na boca do Conor outro dia, disse Frank durante o jantar, me dando uma bronca. E, no dia anterior, continuou ela, catei um botão no carpete da sala.

Você precisa ter mais cuidado, avisou Sam, irritado. Essas coisas podem fazer o Conor engasgar.

É, um perigo. Podem até matá-lo. Objetos minúsculos que podem tirar a vida em poucos segundos.

Freja é uma criança fofa, curiosa e educada. Ela tem o olhar penetrante de Karl, um pouco desconcertante, um pouco azul demais, feito as crianças daqueles cartazes da juventude hitleriana. Ofereci um copo de suco de maçã, que ela tomou com cuidado, segurando com ambas as mãos. Está aprendendo inglês na escola, mas tem vergonha de falar na minha frente. Com o bebê ela fala sueco.

Frank estava em uma ligação no Skype com amigos em Paris, ou Dubai, ou Hong Kong. De vez em quando, ataques de riso vinham do quarto dela. Imaginei que ela estivesse entretendo os amigos com histórias da nossa rotina provinciana, anedotas sobre a pitoresca Sigtuna contadas para as pessoas das metrópoles mais emocionantes do mundo. Como será que ela age entre eles? Que tipo de mulher imaginam que seja? Popular, bem-sucedida, ambiciosa. Talvez. Talvez ela seja todas essas coisas no mundo. Uma mulher a ser

admirada. Uma mulher que conquistou coisas importantes e impressionantes. Que venceu na vida... Essa noção curiosa.

Não conheço essa Frank.

Só conheço a mulher que não é mulher, mas uma menina. A menina que sempre vai estar do lado de fora, olhando para dentro. Desesperada. Impiedosa. Enquanto ela estava no outro quarto, dei uma olhada em seu celular. Estava cheio de imagens de muffins recém-saídos do forno e do lago visto pela janela da cozinha, fotos com o bebê, algumas com Sam. O tipo de foto que eu costumava mandar para ela. Mas não apareço em nenhuma delas. É como se eu não existisse.

Ampliei uma foto da Frank, do Sam e do bebê. Uma imagem linda; uma sobrecarga de beleza e sorrisos brancos. Quase não consegui desviar o olhar.

Meu estômago se revirou. O braço de Sam em volta dela. Sam, que não consegue controlar as próprias mãos.

Não pode ser. Ela não se atreveria. Mas o modo como ela se aconchega no sofá. O jeito que olha para Sam, toca no braço, na mão dele, em tudo que pode, sempre que tem a chance. A maneira como pega o bebê e o pendura em seus braços. Quem ama você, meu pequeno Con? Quem quer morder você?

Como se tudo fosse dela. Como se a hóspede da casa fosse eu.

E Sam. Percebo como ele olha para ela. O modo como ficam sentados conversando até tarde da noite. Tão próximos. Quase se tocando. Às vezes se tocando (passei algumas noites à janela, observando, sentindo o cheiro das dobras das cortinas, tentando ficar escondida). Sei que eles têm piadas internas e gestos particulares. Que se fecham no estúdio para conversar sobre o trabalho dele, porque Frank tem tantas ideias!

Não. Não. Qualquer pessoa, menos ela. Eu aguento qualquer coisa, já aguentei muito. Mas isso eu não suportaria. Frank tomando o que é meu.

Se um dia Frank conseguisse o que quer. Não. Nunca. Eu não sobreviveria a isso.

Olhei para a foto uma última vez, dando zoom no rosto sorridente do

bebê. Afastando o outro pensamento, desagradável e perturbador.

Lá fora está chovendo outra vez, uma garoa leve. O tempo já está esfriando um pouco, os dias, frescos e úmidos. Dá para sentir as estações mudando lentamente, a luz dando espaço à escuridão inevitável e desesperadora. Um segundo inverno na Suécia paira no ar, escuro e frio; o ambiente conspira com Sam para me manter presa aqui dentro. O bebê logo vai fazer um ano, outra etapa, outra marca no tempo. Um ano inteiro.

Vamos ter que dar uma festa. Sam vai querer comemorar a ocasião de maneira apropriada; bolo e velas. No meu primeiro aniversário, minha mãe contratou um pônei e um palhaço. Meu pai não compareceu. Eu chorei o tempo todo e só parei quando o último convidado foi embora. Meu pai morreu há sete anos e não tenho nenhuma lembrança carinhosa dele. Três semanas antes do meu casamento, foi quando ele escolheu fazer isso. Não havia ninguém para entrar comigo na igreja naquele dia. Eu mesma me entreguei ao noivo.

Da cozinha, observei Freja brincar com o bebê. Elsa veio até a porta de manhã, parecendo ansiosa. Achei que tivesse algo a ver com Conor outra vez, mas desde que Frank chegou há muito menos choro para fazê-la reclamar.

Merry, preciso de ajuda, disse ela. Desculpe incomodar.

Elsa tinha uma consulta médica urgente. Não disse por quê. Estava com um isoporzinho azul nas mãos; segurava-o com força. Seus olhos estavam agitados e em pânico.

Por favor, não diga nada ao Karl. Ele não pode saber.

Claro, respondi.

Ele vai ficar preocupado à toa, acrescentou ela, dando um sorriso forçado. É só por isso.

Concordei com a cabeça. Sorri. Encostei a mão de forma tranquilizadora no braço dela. Ela se encolheu e afastou de mim a caixinha de isopor.

Então acenou, apressando Freja para que a menina viesse para nossa casa, e

saiu em seu sedã prata.

Bom, Freja, falei. O que você quer fazer?

Ela apontou para o bebê no tapetinho.

Ótimo, respondi.

Ela foi se sentar ao lado dele no chão.

Jag är din mamma nu, disse a ele. Agora eu sou sua mãe.

Onde será que a mãe verdadeira da Freja está? Ela os abandonou? Será que Karl a mandou embora?

Quando éramos pequenas, sempre que visitava minha casa, Frank saía com alguma coisa minha escondida nos bolsos. Eu notava que algo estava faltando depois que ela já tinha ido — uma bolsa de Barbie, uma caneta bonita com estrelas de glitter dentro, que balançavam enquanto escrevíamos. Depois, quando eu ia ao quarto dela, às vezes via os objetos roubados entre suas coisas.

Isso é meu, eu dizia. Ela apenas olhava para mim e sorria.

Ah, não é, não. É meu.

Você roubou!, eu gritava.

Ela ria, dava de ombros e completava: Não, Merry, você deve ter se enganado. Eu sempre tive isso.

Conferi os legumes que cozinhavam no fogão e tentei ouvir o que Frank estava dizendo no Skype. Ela saiu do quarto rindo.

Meu amigo Will, disse. Ele é hilário.

Servi um copo d'água para ela, tentando ser receptiva, tentando manter tudo sob controle. Ser boazinha. Não foi isso que me ensinaram? Sejam boazinhas, meninas. É. É assim que querem que a gente seja.

Cadê o Sam?, perguntou ela.

No estúdio, respondi. Está editando um filme para aquele pessoal de Gotemburgo.

Vou dar uma olhada para conferir se está tudo certo, comentou ela antes de sair, me deixando com os legumes cor de vômito.

Quero que ela vá embora. Preciso que ela vá. Ela é demais. É muito irritante. O fato de poder derrubar todo este castelo de cartas, tudo que trabalhei para construir. Tudo do qual ela foi excluída. Não aguento mais.

Preciso pensar em uma maneira de fazer isso, algo que não me deixe parecendo infantil demais, irritada por ter sido deixada de lado. Senão, Sam vai me provocar. Ah, tem alguém com ciúme, implicaria. Ele vai ficar muito feliz. Vai se sentir vingado.

Vocês, mulheres, dirá ele.

Sam acha que as mulheres têm que ser controladas. Guiadas, diz ele, porque mulheres não são boas em tomar decisões. Nunca sei se ele está falando de todas nós. Ou só de mim.

Ouvi Freja chamar da sala. Conor fez cocô, disse ela.

Fui até onde os dois brincavam e peguei o bebê no colo. Ele ficou bravo por ser tirado de perto dos brinquedos e começou a chorar.

Freja olhou para mim e riu. Rá-rá, disse ela, fazendo uma careta. Viu? Ele não gosta de você.

Sam

No jardim, sob as estrelas. Depois de alguns dias frios, dos primeiros sinais do outono, o céu estava claro naquela noite. Rosado, amplo e magnífico.

Merry havia passado um tempo no gramado, antes de Con começar a chorar. Esses dentes, disse. Frank olhou para ela e sorriu. Não se levantou.

Nós dois ficamos sozinhos do lado de fora. Algo quente no ar entre mim e ela ousava, dançava na beira do precipício. Tenho sido malvado. Não estou brincando direito. Olhares e mãos demorados demais. Ela está achando. Que isso é alguma coisa.

Algumas noites atrás, eu a vi passar para ir ao banheiro, o robe aberto, nua por baixo. Ela se depila toda, branca e lisa como uma pedra. Seios lindos, empinados e cheios, mamilos escuros, o resto do corpo flexível como o de uma bailarina, os músculos definidos sob a superfície, feito uma ilustração de anatomia. Uma mulher esperando para ser devorada.

Ah, me desculpe, disse ela, fazendo menção de se cobrir. Mas seus movimentos foram lentos, relutantes. Ela queria que eu visse. Soubesse.

Ela sorriu. Eu sorri. O que tem aí?, provoquei.

Eu não deveria.

Não deveria, mas faço. Estou ignorando as mensagens de Malin. Não fui ao apartamento dela essa semana. Semana passada nos encontramos e brigamos. Contei a ela que estava tentando engravidar Merry, o que não deve ter sido a coisa certa a dizer.

Ela balançou a cabeça, em reprovação ou descrença.

Comentei que estava demorando para acontecer e ela surtou.

Nem tudo tem que ser culpa de outra pessoa, disse ela. E se o problema for seu, para variar?

Acho que ela quis me provocar um pouco. Não posso culpá-la, eu acho.

Agora ela deve estar se sentindo mal. Já me mandou duas mensagens. Não respondi.

Não é justo com ela, mas não quero lidar com determinadas coisas agora.

Talvez eu seja covarde. Como minha mãe diz, todos os homens são, no fim das contas. Ela mandou mais dinheiro. Pelo menos ela serve para alguma coisa.

Os olhos de Frank vidrados nos meus. Sorrindo. Um sorriso secreto, compreensivo. Quantas eu já vi assim. O instante antes da recompensa.

Provavelmente deixei isso chegar longe demais. Deveria ter imposto um limite. Recuado, saído. Era nisso que eu estava pensando quando ela se aproximou, os lábios em minha boca, um beijo leve.

Ela parecia algo doce derretendo na língua, hálito quente, tudo quente. Prazeres antigos, o proibido. Senti que eu estava me rendendo. Ela se aproximou, arfando, Tateando, minhas mãos a puxando sob o tecido, na pele. Urgentes, famintas.

Então o grito.

Penetrando a escuridão, acabando com o momento.

Conor. Meu filho.

Como um banho de água fria. Como um despertar indelicado. Meu filho.

Pare, rosnei, empurrando Frank.

Ela me segurou. Sam. Mas Sam.

Agarrei as mãos dela. Pare, repeti. Pare.

O rosto dela se contorceu. Ela não entendeu. Sam, tudo bem. É o que nós dois queremos.

Estava medonha, implorando e suplicando.

O feitiço tinha se quebrado.

O que você está dizendo não faz sentido, Frank, completei.

Não, Sam, respondeu ela, a única coisa que não faz sentido é você e Merry. Olhe só para ela. Olhe para ela com Conor. Sam, escute... Ela não quer isso.

Está tudo errado, é tudo... Ela está errada.

Segurei o rosto dela entre as mãos. Com firmeza, com firmeza demais, talvez. Ela tentou se afastar.

Frank, escute.

Ela tentou se desvencilhar. Eu a segurei.

Merry e Conor são as únicas coisas que me importam. Não você. Entendeu? Nunca você.

Frank me olhou como se eu tivesse cravado uma faca nela, uma ferida fatal. Suas bochechas ficaram vermelhas e molhadas.

Na cozinha, me servi um copo d'água. Olhei para Frank ainda no gramado, deitada de costas, iluminada pela Lua, observando as estrelas.

Porra, falei. Idiota.

A casa estava escura. O choro havia parado. Entrei no quarto de Conor para ver se Merry fazia companhia a ele, secava suas lágrimas. Ele já estava sozinho, dormindo profundamente, o peito subindo e descendo de forma lenta e regular sob o cobertorzinho cinza. Meu filho, meu coração. Tudo que importa.

Em meu bolso, o celular apitou.

Malin outra vez. Ela não ia desistir.

Você pode passar aqui amanhã?

Coloquei a mão na testa de Conor e voltei para a cozinha.

No jardim, Frank continuava imóvel, uma boia de piscina jogada no gramado para rachar e se desfazer.

Cuspi na pia. Vagabunda. Tentando seduzir um homem casado. Um homem de família.

Mais uma mensagem de Malin. *Às dez?*

Pensei no rosto dela, no sorriso suave, nos olhos cor de chocolate, tão quentes quanto um. No cheiro de flores recém-collidas e café quente, no perfume, na risada, em tudo nela que parece um abraço.

Não. Chega. Elas são todas iguais. Sangue e pânico pulsavam em minha cabeça.

Respondi: *Não posso. Desculpe.*

Fiquei mais um tempo no escuro.

Estou tentando, disse a mim mesmo. Pelo menos estou tentando.

Sam

Um novo dia. Um novo dia. Pensei no que Malin disse. Marquei uma consulta em uma clínica de fertilidade em Uppsala. Só por via das dúvidas.

Estou cansado de esperar. De querer e não conseguir. Está na hora de assumir responsabilidade pela minha vida, de parar de culpar todo mundo. Malin já me disse isso mais de uma vez, daquele jeito típico dela de fazer tudo soar razoável e gentil. Ela é uma mulher rara. Provavelmente devo mais a ela do que quero admitir. Talvez isso precise mudar também.

Depois de marcar a consulta, reservei um hotel para mim e para Merry. Vamos comemorar nosso aniversário de casamento. Quero fazer tudo direito. Consertar. Colocar as coisas de volta nos eixos.

Frank ainda não havia acordado quando terminei de me arrumar para sair. Merry tinha deixado Conor na cadeirinha. Ela foi fria comigo. Quase hostil. Talvez tenha visto alguma coisa ontem à noite. Talvez tenha entendido tudo errado.

Eu te amo, falei. Você sabe disso, não é?

Puxei-a para mim. Beijeí sua boca e toquei nela, sob a roupa.

A gente deveria se dedicar mais a fazer esse bebê, comentei. Parece que não estamos tentando muito nos últimos tempos.

Ela sorriu. Era isso que queria ouvir.

Essa é minha menina, elogiei. É assim que gosto de você.

Samson Hurley, informei à recepcionista enquanto ela me entregava um formulário para preencher.

Estou me dedicando. É o que precisa ser feito. Chega de fraqueza. Ação.

Isso. É assim que se faz.

Frank foi só uma distração. Ruído. Nada importante.

Devolvi o formulário e a recepcionista me indicou uma sala mal-iluminada.

Frank. Frank. Os peitos dela, a sensação deles nas minhas mãos, e a xota dela, apertada e molhada, tão molhada... Eu penetrei, dois dedos, três, e ela gemeu, agarrou meu pau por cima da calça jeans, explodindo, querendo, querendo, já imaginando como seria estar dentro dela. Ela também imaginava, se roçando, empurrando e forçando minha mão mais para dentro, até o fim, o máximo que pudesse.

Frank, Frank, sua vagabunda.

Em silêncio, no cubículo escuro, gozei no copinho plástico.

Frank

Está tudo perdido. Talvez tenha sido cedo demais. Eu deveria ter esperado. Ou dito mais alguma coisa. Dado a Sam algo mais concreto sobre Merry e o que ela vem fazendo.

Ah, não sei, agora as coisas estão confusas demais. Ele está agindo como se eu tivesse inventado tudo. Será que inventei?

Mas seria possível? Não sou cega. Meus olhos já viram coisas. Coisas demais.

Meu único consolo é aquela criança linda e querida. Conor, meu filho do coração, já que não é da minha barriga.

É, eu vou contar. Sou uma mãe melhor para ele do que ela jamais será. Amo essa criança com cada centímetro do meu ser. E achei que houvesse um jeito de... Bom, agora não adianta mais nada.

Foi bobeira minha.

Sam está sendo cruel de propósito. Reforçando sua opinião. Não tira as mãos da esposa. Fez planos elaborados para comemorar o aniversário de casamento deles na cidade. E eu vou ter que ficar de babá. Não passo de uma funcionária contratada.

Tenho certeza de que não vai se importar, Frank, disse ele. Você e Conor são grandes amigos.

Eles saíram no início da tarde para aproveitar o dia ao máximo. Sam fez reservas para um jantar chique e uma noite em um hotel. Merry fez uma lista e a prendeu na geladeira. Horários das refeições, possíveis combinações de pratos, mamadeiras, diversos remédios para possíveis problemas, brinquedos favoritos, hora de dormir.

Como se eu já não soubesse disso tudo. Como se eu não estivesse fazendo

isso há semanas.

Eu estava rancorosa. Depois que eles saíram, vasculhei as gavetas e os armários da casa. Encontrei anticoncepcionais escondidos em uma bolsinha no fundo da gaveta de lingerie de Merry. Outro detalhe que Sam com certeza desconhece.

Tateei as calcinhas e os sutiãs. Comuns, de algodão, a maioria desbotada pelas lavagens. Dá para entender por que Sam se distrai com tanta facilidade. Merry tem uma caixa com cartas e fotos em uma das gavetas mais embaixo. Uma foto dela com o pai, outra de Sam ainda na faculdade, em algum lugar exótico demais, posando ao lado de um homem coberto de cinzas ou lama branca. Uma da mãe em alguma sessão de fotos profissional, ao que parece.

Minha outra filha. Era assim que Maureen sempre me chamava: a filha que eu deveria ter tido.

Ela era fácil de conquistar. Bastava dizer como estava bonita naquele dia.

Ah, você é uma graça, dizia, fingindo vergonha, agindo como se não tivesse disposto tudo aquilo em uma bandeja, com suas cirurgias, retoques, cortes e pontos infinitos.

Não é exagero? Não é muito jovem?

Ah, não, Maureen. Essa minissaia fica maravilhosa em você, também, com essas pernas lindas...

A gente aprende os truques e logo eles se tornam naturais; nosso padrão. Elogiar, paparicar, encontrar espaço.

Você é uma sanguessuga, Frances.

Lembro que Merry me disse isso muitas vezes quando éramos adolescentes.

Não, eu respondia. Só sei como conseguir o que quero.

Sempre achei que isso fosse uma coisa boa. Um verdadeiro dom. Mas Merry nunca soube o que significa querer. Desejar algo fora do seu alcance. Como poderia, se toda a vida lhe foi entregue de bandeja? Tudo que ela sempre quis ou cogitou querer.

Jantar de aniversário de casamento. Imaginei os dois comemorando a vida idílica que levavam na floresta. Como ela consegue enganá-lo assim? Como ele consegue se enganar tanto?

Bom, eu já decidi. Não tenho escolha a não ser contar a Sam tudo que sei, tudo que vi nas últimas semanas — as mais estranhas e tentadoras da minha vida.

Conor, pelo menos, merece isso. Alguém que cuide dele. Coitado desse menino, tão maltratado. É, vou fazer um relatório completo. Deixar que descubram todos os segredos. Deixar que se afoguem em um oceano de verdade. Deixá-lo se erguer lentamente e lavar toda essa falsidade sombria, essa grande fachada da vida deles. Vai ser melhor para todo mundo.

Parei em frente ao espelho do quarto principal. Eu tinha encontrado o vestido de casamento de Merry guardado no fundo do armário e coberto com plástico. Estranho que ela o tenha trazido para cá, afinal, deixou tanta coisa para trás. Eu me lembro de como ela ficou nele, o corpete afinando a cintura, a saia de renda larga ondulando até o chão.

Um vestido de princesa, com o qual sonhei durante anos. Coloquei uma foto dele em um dos quadros de sonhos que montamos certa vez, aquelas coisas que meninas fazem aos dezessete anos: recortes de casas, carros e carrinhos de bebê, anéis de noivado que nos enfeitariam, as praias onde passaríamos férias com nossos lindos maridos. Os vestidos que usaríamos no dia do casamento. Esse era o meu. Ela o roubou, entrou na igreja com ele — encantadora, etérea, com seu sorriso falso — enquanto eu ficava no canto, com meu vestido de madrinha pêssego, tentando não explodir de raiva.

Tirei o vestido do plástico. Senti o material. A armação rígida do corpete. Então me despi. Entrei no vestido. Foi difícil fechar os botões das costas. Puxei-os para a frente e fechei três quartos deles. Depois virei lentamente o vestido de volta. O corpete estava muito apertado, espremendo minhas costelas, forçando o ar a sair. Prendi a respiração.

Então me olhei no espelho. Não. Eu não estava bonita naquele vestido.

Não era a noiva de ninguém.

Conor começou a gritar do quarto. Tinha acordado da soneca. Tentei abrir os botões para tirar o vestido, mas era complicado demais.

Fui até o quarto do bebê. Ele estava de pé no berço. Batia as mãos nas barras, irritado e impaciente. Venha cá, pedi, e ele ergueu os braços.

Tudo bem, falei. Tia Frank está aqui. Tia Frank ama você.

Ama você ama você ama você, repeti na barriga dele, fazendo-o rir.

O som foi um tônico para a alma, uma lembrança de tudo que ainda é bom e bonito, mesmo em meio a tanta escuridão.

Que sorte eles têm. Quantas bênçãos receberam.

Conor agarrou as pérolas do vestido e puxou.

Não é um vestido bobo?, perguntei. Estava apertado demais. Eu sentia a rigidez dos colchetes de metal se enfiando na lateral do meu corpo, cortando a pele.

Na cozinha, me estiquei para pegar uma das mamadeiras do bebê no armário. Senti o tecido rasgar.

Ah, que pena, falei. Mas essas coisas acontecem, não é?

Ficou mais fácil respirar. Achei uma garrafa de vinho e servi uma taça para mim. Conferi a hora. Coloquei Conor no tapete e levei para ele uma pilha de bloquinhos de madeira.

Vamos construir uma casa.

Ele logo ficou entediado e um pouco irritado. Peguei algumas panelas no armário da cozinha e deixei que batesse nelas com uma colher. Ele gostou. Tirei da geladeira um dos potinhos de comida de bebê que Merry havia preparado e o aqueci. Coloquei um pano de prato em cima do vestido de noiva e dei a comida a Conor com uma colher. Ele me observou e sorriu, esperando que eu fizesse barulho de caminhões, aviões e foguetes.

Como aquilo parecia natural, só nós dois. Ele olhava para mim com muito amor.

O telefone tocou enquanto eu tirava Conor do banho. Era Merry.

Só para saber como vão vocês, disse ela, toda gentil e alegre. Como estão as coisas por aí? Tudo bem?

Tudo, respondi. Tudo perfeito. Está aproveitando a comemoração?

Você sabe, replicou ela. Estamos nos divertindo muito. De verdade.

Desliguei o telefone. Vi de relance meu reflexo na grande janela de vidro. Uma mulher em um vestido roubado duas vezes. Não me reconheci.

Olhei para o bebê deitado, nu, de costas. Observando tudo com aqueles olhos cheios de confiança. Imaginando o que eu ia fazer.

Eu o encarei por um longo tempo, acho que em um transe, um delírio de rejeição e injustiça. Conor estava cansado, esfregando os olhos, bocejando. A barriga gordinha, as coxas fofas, as pernas sem joelhos chutando o ar. Os pés, pés conhecidos que pertencem a Merry. Dedos compridos, finos, afunilados. Ele balançou as pernas na minha direção. Queria se mexer, ser acalentado e amado.

Nunca vou saber o que deu em mim. Talvez tenha sido ela. Merry. Olhei para Conor e segurei as pernas dele. Travei-as. Então as apertei. A pele entre meus dedos era molenga, quase sem ossos. Só gordura.

Eu estava em transe, sonâmbula. Uma mulher fora do corpo.

Apertei e ele berrou. Então apertei com mais força por um instante — um breve instante — e tirei as mãos dele; trêmula, fraca. A pele dele estava vermelha. A criança esperneava. Meu coração batia freneticamente quando o peguei no colo.

Ele bateu no meu rosto e eu considerei o tapa bem-vindo. Meu Deus, meu Deus, que coisa monstruosa eu fiz. Chorei sem parar, balancei, ninei, acalmei e beijei o pequeno.

Você está bem, você está bem. O coração de Conor também estava acelerado. Eu o senti bater, como as asas de uma mariposa presa sob um vidro.

Meu bebê, meu bebê. Uma onda de amor exagerado e arrependimento infinito.

Conferi a perna dele para ver se havia hematomas. Beijei todo seu corpo e o ninei na cadeira até ele pegar no sono, em segurança.

Também devo ter dormido, encolhida no carpete macio aos pés do berço dele.

De manhã, acordei com seu choro. Eu ainda estava com o vestido. Entre duas costelas, um filete de sangue havia escorrido e manchado o tecido de vermelho.

Merry

Estou me sentindo uma nova pessoa. Ou talvez a antiga. Mais leve, feliz, mais bem definida. Restaurada. Porque tudo vai voltar a ser como antes.

A comemoração do nosso aniversário de casamento foi surpreendentemente boa. Divertida, inclusive.

Dirigimos até Estocolmo e nos hospedamos no hotel. O quarto era simples e limpo, nada muito exagerado. Sam se deitou na cama, deu um tapinha na colcha. Venha aqui testar isso comigo.

Ele tem sido extremamente carinhoso, gentil e atencioso nos últimos dias. Está se esforçando. Ou compensando.

Não. Não importa. Ele voltou a se concentrar no que importa.

Às seis, tomamos banho e nos vestimos.

Você está maravilhosa, disse ele. Eu estava usando um vestido novo, preto e rendado, um tecido transparente delicado que pendia suavemente até os tornozelos.

O restaurante ficava a alguns minutos a pé do hotel. As ruas estavam cheias de turistas saídos de navios lotados, liberados para comprar bugigangas vikings e trolls de plástico. Nós nos afastamos da multidão e achamos o restaurante aconchegado em uma rua lateral de paralelepípedos. O interior era mais charmoso do que eu havia imaginado, com iluminação baixa e cabines de madeira esculpidas em estilo art nouveau. O garçom era um jovem com forte sotaque espanhol. Ele trouxe os cardápios e uma bandeja com o couvert.

Pedimos as entradas e o prato principal, e Sam pegou minha mão.

Aqui é legal.

É.

Você está feliz.

Estou.

Era isso que eu queria. É o que me motiva a fazer tudo que faço.

Assenti. Olhei para o meu marido, meu marido bonito demais. Bonito demais para mim, sei que é isso que as pessoas devem pensar. Mas ele me escolheu, não foi? De todas as pessoas, ele me escolheu.

À minha esposa, brindou Sam. À nossa linda família. E ao crescimento dela também. Ele sorriu.

Senti uma onda de culpa, vergonha nas entranhas, enraizada em mim. Um leve pânico também. Recebi um e-mail pouco antes de sairmos de casa. Pela primeira vez, com palavras diferentes. Dessa vez só havia duas: *Eu sei*.

Engoli em seco.

À nossa linda vida, falei.

A comida chegou, tábuas de madeira com três tipos de arenque e potinhos de mostarda. O garçom trouxe uma cestinha com pão fresco. A comida estava deliciosa.

O chef só usa ingredientes locais, disse Sam. Pelo visto, ele sai pela floresta colhendo grande parte das coisas. Frutas vermelhas, cogumelos. Temperos.

Esses suecos, respondi. Levam tudo ao limite.

Havia um casal sentado diante de nós. O homem era igualzinho ao meu pai. Sam olhou para eles. Um Gerald suíço, falou.

Fiz que sim com a cabeça.

Você sente falta dele.

Não, respondi. Não dá para sentir falta do que não se teve.

Não sei, ponderou Sam. Eu senti saudade do meu pai. Senti a ausência dele.

Foi um raro momento de vulnerabilidade. Sam exibindo suas rachaduras. Peguei a mão dele. Quis ser melhor como esposa. Como propriedade dele.

O garçom trouxe os pratos principais, os serviu e organizou os pratinhos de acompanhamentos entre nós. Espinafre, cenouras grelhadas, batata-doce frita.

Tudo certo?, perguntou e nós assentimos. Sim, tudo maravilhoso, obrigada.

Você é linda, disse Sam. Não digo com frequência suficiente o quanto você significa para mim.

Assenti. Eu sei, eu sei.

E, mesmo assim, eu o enganei de maneiras inimagináveis.

Merry, começou ele. Sobre Frank.

O que tem ela?, retruquei. Eu não queria pensar em Frank.

Ele comeu uma garfada de comida. Nada, nada sério, é só que... Acho que está na hora de ela ir.

Por quê?, perguntei. O que aconteceu?

O que ela fez. O que você fez, pensei.

Ele balançou a cabeça. Não, nada. É só que já faz quase um mês.

Mais de um mês, corrigi.

É, tempo demais. Quero nosso espaço de volta. Quero você de novo para mim. Do jeito que eu gosto.

Ele deu aquele sorriso. Eu suspirei.

Fico feliz por você ter mencionado isso. Eu estava pensando exatamente a mesma coisa.

Ótimo, respondeu ele. Então fale com ela.

Peguei uma garfada da comida. Mastiguei devagar.

Isto é bom, comentou Sam. Você e eu. Um tempo para a gente.

Ele já havia terminado de comer. Embaixo da mesa, as mãos dele acharam meu colo, me abriram, seguiram em frente.

É bom, não é?

A segunda garrafa de vinho estava quase no fim. Ergui a taça e a esvaziei. Minha cabeça flutuava, meu corpo cantava. O tamborilar da música do bar, as mãos me pressionando, me penetrando.

É, respondi. É muito bom.

E era. Como nos velhos tempos, nas primeiras semanas e meses, quando tudo era novo e emocionante. Um novo tipo de vida com um homem que olhava para mim como se soubesse exatamente o que o esperava.

Éramos apenas nós dois naquela época, e era mais que o suficiente. Sam e Merry. Duas metades que formavam algo inteiro. Duas metades, mais nada.

Ninguém mais para confundir as coisas.

A sobremesa foi servida, bolinhas de mousse de chocolate com sorvete de manjerição e wafers de mel. Meu garfo caiu no chão e Sam o substituiu pelo dedo. Chocolate na boca, mais difícil do que parece. Nós rimos e nos escondemos atrás dos guardanapos. Passei mousse nos lábios e dei um sorriso achocolatado.

Terminamos o jantar com dois espressos e a conta; Sam deu uma bela gorjeta e o garçom nos desejou uma boa noite.

Havia um bar a alguns metros do hotel, em um porão minúsculo e espremido sob uma escada em caracol. O barman usava terno e ficava atrás de um velho balcão de madeira, servindo gimlets em copos de cristal. Pedimos dois drinques e nos acomodamos no sofá de veludo; mãos nas coxas, línguas soltas, sorrisos fáceis. A liberdade era inebriante; acho que devo ter me sentido feliz. O alívio da partida de Frank, o alívio de saber que, quando estávamos só Sam e eu, tudo ficava bem. E tudo ficaria bem de novo. Eu ia garantir isso.

O e-mail, as palavras foram se apagando em uma bruma de fumaça e luz de velas, fina como gaze, até desaparecerem totalmente. É, pensei, eu ia fazer tudo desaparecer.

No quarto do hotel, Sam e eu caímos na cama, nos atrapalhamos, nos beijamos, nos despimos pela metade, fizemos amor ou tentamos. Caímos em um sono pesado e rápido, os dois abraçados feito duas tigelas de sopa em uma prateleira.

Você me perdoa, murmurou ele, quase incoerente, em meu ouvido.

O quê?

Você me perdoa por ter trazido você para cá e estarmos felizes. Nós três. Somos felizes.

Hum, falei, ou assenti, ou grunhi. Algum barulho aceitável saiu de mim e ele me apertou ainda mais com os joelhos para que eu ficasse presa no lugar.

Estou tentando, murmurou ele. Vou ser um homem melhor, prometo.

Voltamos para casa no dia seguinte sorrindo.

Tudo ficaria bem de novo. Eu sabia como fazer isso. Esquecer tudo. Recomeçar. Sem segredos. Sem mistérios. Sem dúvidas.

Olhei para a casa entre as árvores enquanto estacionávamos. Linda. Maravilhosa. O dia estava nublado, mas parecia que a chuva ainda levaria algumas horas para cair. Respirei fundo algumas vezes, o aroma de musgo da floresta úmida. A decadência do fim do verão, quando as folhas começam a cair e as últimas frutas vermelhas ficam gordas e doces nos galhos. Disse a mim mesma que deveria colhê-las pela última vez, para estocar amoras e fazer a geleia que Sam gosta de comer com torrada de manhã.

Pensei em Frank indo embora.

Sorri.

Merry

O bebê estava na cama. Eu tinha aberto as janelas. O dia lá fora era só tons pastel e luz baixa, como uma aquarela. John Coltrane tocava ao fundo; o favorito de Sam. Mais cedo, eu havia cozinhado ovos para ele, preparado molho holandês e passado em fatias grossas de pão de massa lêveda. Frank continuou no quarto, fora do caminho. Talvez esteja sentindo que já ficou tempo demais.

Olhei para o bebê na cama, analisei seu rosto e seu corpo. Acompanhei seus traços com o dedo enquanto ele observava, os olhos grandes seguindo meus movimentos. Desconfiado. Sempre desconfiado.

Imagino que ele tenha motivo.

Encostei a cabeça na barriga dele, inspirei o cheiro de criança recém-trocada, talco, sabonete e inocência misturados.

Uma onda de medo, uma faísca de dúvida.

Sinto muito.

Sinto muito. Ele não pediu isso.

Na cozinha, Frank estava fazendo café, ainda de robe.

Dia de folga?, brinquei.

Ela olhou para mim. Coçou a cabeça. Não consegui dormir ontem, disse. Estou com muita coisa na cabeça, eu acho.

Ela estava horrível. Pensei em como o clima havia esquentado quando ela e Sam ficaram no mesmo cômodo ontem e balancei a cabeça. Qual a importância disso? Logo mais ela vai embora.

Pigarreei. Frank, comecei. Sam e eu estávamos conversando outro dia.

Ela largou a caneca, o rosto analisando o meu.

Foi ótimo você ter vindo visitar a gente, continuei. Mas está na hora de recuperarmos nosso espaço. De voltarmos à nossa rotina. Acho que vai ser melhor para todos nós.

Achamos que já está na hora.

Achamos que é melhor você ir embora.

Ela olhou para mim, a mágoa visível nos olhos.

Entendi, disse. Você quer que eu vá embora.

Não, Sam e eu. Nós dois. Nós dois queremos.

Observei a expressão dela. Aquele olhar. Querendo. É, era assim que devia ser. Frank querendo.

Estiquei as costas, ergui a cabeça. Eu estava me sentindo bem. Forte de um modo que só fico perto de Frank. Seja lá o que tenha acontecido, fui eu que ganhei.

Ela estava mordiscando as unhas, franzindo a testa. Balançou a cabeça. Eu sei o que você está fazendo, Merry. Eu sei...

Eu estava gostando demais. Estava sendo cruel. Pelos velhos tempos, falei. Porque eu já havia dito isso.

Aqui não é o seu lugar, Frank.

Você não pertence a lugar nenhum, quase acrescentei. O rosto dela estava contorcido, a mágoa se espalhando como uma erupção, vermelha e furiosa. Uma mulher em chamas. Queime, pensei. Queime.

Eu me senti viva por dentro.

Frank

Ele estava em cima de mim, grunhindo de prazer, tentando se conter para não gozar. Estávamos no celeiro; à nossa volta, o aroma de pinheiro natural, a sensação da madeira fria. Feito animais, pensei.

E por que não. Por que não ir até o fim. Tornar isso ainda mais vil e sórdido do que já é. Corpos nus enlaçados, um segredinho sujo no escuro.

É o meu remédio costumeiro em momentos como esse. Quando estou por baixo, eu me rebaixo ainda mais. Amorteço o sofrimento com a vergonha. Gosto da dor. A repugnância é o meu único conforto.

Mas você é casado, protestei, como se isso me chocasse.

É, suspirou ele ao meu ouvido, excitado e ansioso, e desde quando isso impediu alguém?

As mãos dele estavam em mim, apertando tudo, tateando e descobrindo com os dedos e a língua. Isso, ah, isso.

Percebi com o passar dos anos que o desejo torna os homens nada atraentes. É sempre a mesma repetição de vontades primitivas. Enfie aqui, aperte ali, bata acolá. Todos os caminhos levam a Roma. Nós havíamos nos encontrado nas latas de lixo reciclável; ele se livrava do plástico da semana.

Venha comigo, implorou.

Não precisei de muita insistência.

Fechei os olhos. Não senti prazer nem dor. Não queria sentir muita coisa.

Esse sempre foi meu problema. Emoções exageradas.

Sentir demais.

Amar demais.

Merry quer que eu vá embora. Não, corrigindo: Sam e Merry. Nós, ela

deixou bem claro. Nós. Os dois.

Era de se esperar, imagino. E ela está certa. Meu lugar não é aqui. Nem o dela, mas isso não é da minha conta. Todo mundo deixou bem claro.

Sam, bem, não posso culpá-lo por querer que sua pequena família permaneça intacta. Se eu tivesse uma família, ia querer o mesmo. Talvez ele só estivesse entediado. Talvez eu seja irresistível, como já me disseram. Os homens que falam isso não querem elogiar. É mais uma acusação. Por tê-los feito sair da linha. Por roubá-los de suas esposas.

Pegável. Essa é a palavra. O tipo de mulher com quem um homem quer transar. Não se casar, claro. Só trepar.

É. Sou boa em ser sensual, em toda a performance. Biquinho, pose, jogar na cara deles. Provocá-los com a ilusão do prazer que os aguarda.

Ele começou a me machucar, a ser agressivo nos movimentos. Ser bruto era do que ele gostava. Nenhuma surpresa nisso. Costuma ser assim com homens casados. Um cavalheiro com a esposa nos lençóis de algodão egípcio e um sádico com a amante.

Quantos homens casados já foram? Não importa, na verdade. Já tive medo de que importasse. De que o carma fosse me encontrar e fazer as mesmas coisas comigo, me transformar na esposa de um marido que me traísse ou abandonasse. Mas não existe marido. E os homens sempre me abandonam.

Eles ficariam se você não fosse tão carente, Frank. Foi o que Merry me disse há alguns anos.

Você os sufoca com a ferocidade da sua carência. É claro que saem correndo.

Ela estava tentando ajudar, eu acho. Ou se vingar. Sempre foi boa na segunda opção. Em me lembrar do que nunca vou ter. Das minhas eternas deficiências. Talvez essa seja a marca da amiga mais verdadeira, a que diz todas as coisas que não queremos ouvir.

Estava frio no celeiro. E um breu. Eu só conseguia distinguir o branco dos

olhos e dos dentes. Ele parecia vampiresco.

Pensei em aranhas. Ninhos de vespas nas vigas. Ratos nos cantos. Estremeci em volta dele. Talvez ele tenha achado que era um orgasmo.

Isso, ah, isso. Ele agarrava meu cabelo no punho fechado, afastando meu rosto para longe do dele, ganhando velocidade; ia acabar logo.

Merry e eu no ensino médio. Como nós ríamos dos diagramas do corpo feminino durante as aulas de educação sexual. Olhe, é aqui que os óvulos estão; é aqui que o bebê cresce.

Ejaculação, ereções; ruborizávamos ao ouvir essas palavras, pensando nos meninos que conhecíamos, nos esforçando para tentar não imaginar o pênis deles. Ninguém ensinava a nós, meninas, que poderíamos sentir prazer. Que poderíamos transar por outros motivos além da procriação e da necessidade de agradar ao homem.

Olhe só, apontara Merry, rindo de um torso de mulher aberto, sem pernas e reduzido, apenas um grande buraco vermelho. Parece uma boca aberta, dissera ela. Como alguém gritando por ajuda.

A Srta. Foster nos pediu para ficarmos quietas e tirarmos o bebê de dentro da mulher de plástico em cima da mesa.

Está decidido: vou deixar Merry e Sam na ilha paradisíaca deles. Vou voltar à vida que está esperando por mim, a vida que construí e que tornei linda com a minha força de vontade. Eu consegui, não foi? Mais do que a maioria. Brown, Harvard, um emprego cobiçado após o outro. Sócia de uma firma, uma vida em Londres... Bom, não dá para ficar melhor, dá? As pessoas sonham com isso.

E o que Merry fez com a vida dela? Achou um marido e deu à luz. Como se isso pudesse ser considerado sucesso!

Eu não sou Merry. Esta não é minha vida. E, meu Deus, depois da outra noite, daquele momento horroroso e inesquecível em que senti o que ela deve sentir e aproveitar sempre que maltrata o filho... Bom, se isso significa ser Merry Hurley, agradeço a Deus por não ser e por nunca poder me transformar nela.

O corpo dele convulsionou contra o meu. Ele tirou e gozou nos meus peitos em explosões espessas.

Ouvi os batimentos ferozes do seu coração, o esforço exigido para seu prazer.

Imagino que sua esposa não deixe você fazer isso, comentei friamente.

No escuro, ele achou suas roupas. Ouvi o zíper da calça jeans.

Você está certa, respondeu.

Ele se abaixou para me beijar na boca. Então vamos ter que fazer isso de novo.

Ele pegou a jaqueta do chão e saiu. Eu me limpei com a camisa e vesti o casaco. Atravessei o campo, nua por baixo, o eco suave das aves ao amanhecer, a grama fazendo cócegas em meus pés.

É, eu vou embora. Mas, primeiro, vou garantir que ela nunca mais machuque Conor.

Sam

Itália, dizia Frank. Estávamos na cozinha, todos de pé com uma caneca de café na mão. Ela sorria, mais animada do que nos últimos dias. Como se nada tivesse acontecido e nós fôssemos apenas velhos amigos batendo papo.

Muito bem, muito bem.

Bom, eu vou embora na sexta, disse ela. O voo é direito para Florença e, de lá, vou alugar um carro. Soube que é a melhor época para visitar, depois da alta temporada.

Merry assentia.

Bom, continuou Frank, eu me diverti muito aqui e espero não ter ficado tempo demais. Realmente não queria causar nenhum problema.

Merry ficou em silêncio.

Foi bom ter você aqui, me intrometi.

Deixei as mulheres e segui para o celeiro, supostamente para procurar ferramentas, mas, na verdade, eu precisava de uma bebida. Alguma coisa me incomodava. Uma ideia que ainda não havia se formado por completo.

O médico tinha me ligado alguns dias antes.

É uma questão simples, explicou, relativamente fácil de solucionar com medicação. Isso deve resolver o problema.

Não é uma complicação séria, reiterou ele, para me acalmar.

Tomei um longo gole e saí do celeiro. Olhei de volta para a casa, vi as mulheres paradas bem próximas, as cabeças unidas, como se conspirassem.

Oligospermia. Baixa contagem de espermatozoides.

Não é um grande problema. Não mesmo.

A porta de Karl se abriu violentamente do outro lado da estrada. Freja saiu

correndo, como se estivesse sendo perseguida.

O que houve?, gritei.

Ela correu até mim, sem fôlego, brilhando de alegria.

Ebba, disse ela, Ebba vai ter um bebê.

Freja pegou minha mão e me puxou para ir com ela. Nós corremos pelos campos até a casa do Sr. Nilssen. Venha, pediu ela.

Eu a segui até os fundos do estábulo, onde Nilssen estava agachado a uma pequena distância de uma das éguas. Ela estava no chão, calma e imóvel, uma membrana branca e escorregadia saindo lentamente do seu corpo.

Ebba, repeti. Tinha entendido.

Karl chegou com Elsa e disse algo em sueco para Nilssen, que assentiu.

Ela estava desesperada para assistir a um nascimento, explicou Elsa, indicando Freja com a cabeça.

O estábulo cheirava a ferrugem, feno e sangue, aromas animais e humanos. Aquilo lembrou algo da minha infância, que tentei esquecer.

A égua se levantou de repente. Ficou de pé por alguns instantes e então se deitou com cuidado de novo, desta vez ficando de costas. Ela começou a grunhir, um gemido baixo de dor. Dentro da membrana, sangue, líquido e a sombra escura de um casco de potro.

Freja estava totalmente imóvel, sem medo nem nojo. Meu estômago se revirou. Ebba estava rígida, esperando. De suas tetas, o leite escorria lentamente. Mais da membrana havia saído, agora duas pernas dianteiras. Uma tinha perfurado a cobertura branca.

Nilssen havia feito isso muitas vezes. Ele foi para trás da égua e estendeu as mãos com cuidado para puxar as pernas do potro envolto pela membrana. Seu macacão já estava gosmento com a secreção do parto e do sofrimento.

Ele saiu. Humano e animal, de perto é tudo a mesma coisa. O parto de Merry foi primitivo e monstruoso, cheio de choro e grunhidos. Mas uma vida surgiu dela. Meu filho. Meu, abrigado nela como um segredo que cresce e se move até ganhar vida própria.

Freja arquejou, um grito discreto que ecoou pelas paredes de concreto do estábulo. O potro havia nascido. Mole e sujo, uma pilha de ossos e pele coberta pelo restante da membrana branca.

Nilssen observou, esperou por sinais de respiração ou vida. Pôs a mão no corpo do potro, tateou alguma coisa, murmurou em sueco, tentou de novo.

Elsa estava com lágrimas nos olhos. Karl pegou a mão de Freja. Tudo ficou em silêncio.

Ebba virou a cabeça para olhar, para empurrar com o focinho o corpo da sua cria recém-nascida.

Uma pergunta incômoda surgiu em minha mente no instante em que Nilssen declarou:

O potro havia nascido morto.

Frank

Dobrei a carta que escrevi para Sam e a enfiei em um envelope, que guardei entre as páginas de um livro ao lado da cama. Pronto, uma coisa para o último dia. Escrevi tudo que sei. Que Merry machuca Conor de propósito. Que o deixa sozinho no meio da floresta enquanto corre. Estou avisando do jeito que posso. O que vai acontecer depois é problema dele, não meu.

Estou feliz por ir embora logo. Estamos todos aliviados, eu principalmente. Eu me deixei levar. Me perdi por um tempo, não foi? Em miragens brilhantes, bobas. De longe, parecem o que queremos, mas de perto são só armadilhas de luz e água. Nada é real.

Talvez Merry acredite na vida dela, mas eu sei a verdade. E talvez isso seja o suficiente. Talvez seja tudo de que preciso. Vou desejar uma boa vida a ela. Vou desejar felicidade. Mas vou embora.

Mais cedo, falei com meu pai ao telefone. Está chegando a hora; ele já gastou todo o dinheiro que mandei alguns meses atrás.

Você é uma boa menina, Frances, disse ele. Sua mãe estaria orgulhosa.

Meu pai só diz isso para me deixar mais generosa com o valor que transfiro para a conta dele. Bom, eu nunca contei com ele para muita coisa. Nem de longe foi a figura paterna de que uma menina precisa. Mas ele me ensinou alguns truques.

Merry estava no corredor amarrando os cadarços, se preparando para caminhar. Ela estava grudada em Conor havia alguns dias, mantendo-o sempre por perto. Fazendo um grande espetáculo para nós. Toda vez que tento pegá-lo, ela o agarra e diz: Não, não, a mamãe precisa de um abraço. Às vezes ela

realmente exagera. Sinto falta dele, a sensação da sua pele gordinha, suave e macia, o cheiro, o modo como ele sorri e me faz derreter por dentro.

Bom. Vou me acostumar. Vou preencher o vazio com outras coisas. A Itália vai ser um ótimo começo. E de lá... o mundo todo me espera. O que mais eu poderia querer?

Nós já vamos, disse Merry.

Ela havia ficado estranha de repente, muito distraída.

Ou nervosa. Talvez fosse isso.

Sam foi para Estocolmo hoje e também parecia preocupado. Não me atrevi a perguntar por quê.

Tenho que parar de tentar entendê-los. Preciso deixá-los nesse universo desconfortável de faz de conta e achar meu caminho em outro lugar.

Algumas horas depois, enquanto arrumava minhas últimas coisas na mala, ouvi o grito romper o silêncio e espalhar as aves pelo céu. O som de um desespero inimaginável. Incessante enquanto ecoava por todos os lados, por todos os lados, a reverberação do horror, um grito sem fim.

Corri para a porta da frente. Lá estava Merry, em disparada pelas árvores.

Frank, berrou ela. Frank, meu Deus, Frank, aconteceu uma coisa.

Aconteceu uma coisa horrível.

Sam

Saí da consulta e fui direto para o bar mais próximo.

Um duplo, pedi.

Eu tinha nas mãos a folha que havia sido impressa para mim. Pareciam manchas de tinta de uma impressora falha.

Isso está certo?

Está, senhor. É bem definitivo.

Mais um, pedi ao barman.

Aquilo abafava a sensação, mas nada além disso. A fúria permanecia.

Eu havia mentido e dito que ia ficar em Estocolmo para uma apresentação. Tinha dado um beijo de despedida em Merry e falado: eu te amo.

Olhando nos olhos dela, tentando ver o que havia por trás deles.

Eu te amo, Sam, respondeu ela. Eu te amo mais do que tudo.

Amor. O que é o amor, além de um prelúdio para a traição?

Eu avisei, minha mãe vai chiar. E ela é a pior de todas.

Filho, filho, você é tudo que eu tenho. O único homem de que preciso.

Deitada na cama de camisola transparente, tudo visível, tudo delineado sob a luz suave, curvas e picos, todas as partes misteriosas que só conhecemos em duas dimensões, de telas e páginas, agora diante dos seus olhos. Um adolescente perdido e confuso.

Venha aqui. Ela deu um tapinha no cobertor. Venha aqui consolar sua mãe.

Bile é o sabor em minha boca, o cheiro e a sensação que me dominam. Só bile. Nojo. Peguei o remédio, aqueles pequenos portais amarelos para o sucesso. E então.

Eu tinha pensado nisso por alguns dias e ligado de novo para o médico.

Como aconteceu da primeira vez?, perguntei.
Você não estava tomando remédios?
Um silêncio incômodo na outra ponta da linha.
Tenho certeza de que há uma explicação, disse ele, para preencher o vazio.
De repente, ficou óbvio. Como poderia ser outra coisa?

Nas mãos, amassei o papel do médico.

Corri para o banheiro e vomitei minhas entranhas; o mijo de outros homens molhando meus joelhos. Meu celular caiu do bolso no piso frio. Eu o enxuguei. Dezesseis ligações perdidas. Todas de Merry.

Vomitei mais duas vezes e fui para casa. Enquanto me aproximava, vi as luzes piscando. Ambulância. Duas viaturas da polícia.

A porta da frente estava aberta. Merry no sofá, uma policial diante dela, anotando. Frank estava na cozinha, fazendo café para os policiais.

Merry levou a mão à boca quando me viu. Ela se levantou, veio até mim, o rosto assustado e pálido. Eu a vi avaliar meu estado, meu cheiro — vômito e bebida —, mas ela apenas balançou a cabeça.

Ele se foi, Sam, ele se foi.

No quarto, Conor estava na cama. Pálido e pequeno.

Azul. Frio. Morto.

A morte torna os humanos pequenos, e os bebês menores ainda. Como bonecas, saídos de outro mundo, a humanidade quase desaparecida. Eu me lembrei das máscaras mortuárias da Idade Média, do armário de cabeças encolhidas que vi no British Museum quando era estudante, a coleção pessoal de Henry Wellcome de curiosidades mórbidas e grotescas do mundo inteiro. Eu tinha ido ao museu em um encontro. A menina se chamava Sinead, era de Cork e tocava bodhrán.

Deus. Meu Deus.

Conor, falei, como se ele pudesse acordar. Conor.

Merry estava na cama, em transe, incapaz de se concentrar. Os olhos dela estavam vidrados; suas palavras não faziam sentido.

Ela tinha levado o bebê para uma caminhada, disse. Como sempre. Em algum lugar na volta, havia parado e notado que o ursinho caíra. Ela o pegou. Então olhou para o carrinho e viu Conor. Foi aí que percebeu que havia algo errado, que ele não respirava nem se mexia.

Mas, mas, gaguejou ela. Tentei ressuscitá-lo, tentei... Tentei fazê-lo reagir, mas.

Acho que ele já estava morto, completou ela. Morto. Estava frio. Estava... A pele estava estranha, parecia cera. Eu... Eu corri para casa e chamei a ambulância, mas. Não sei, não sei o que está acontecendo.

Olhei para o bebê na cama e tive vontade de vomitar outra vez. Tapei a boca.

Na sala, a polícia ou os paramédicos. Frederick e Linda, os nomes escritos nos pequenos distintivos presos ao uniforme vermelho. Linda cheirava a eucalipto e café velho. Tinha o cabelo ruivo preso em duas tranças.

Sentimos muito, disse ela.

É verdade. Frederick concordou. É difícil entender uma coisa dessas. Como estávamos dizendo à sua esposa, é muito possível que tenha sido síndrome da morte súbita do lactente. Infelizmente, é muito comum. Até uma febre seria algo grave para um bebê, um vírus qualquer. Essas são as possibilidades mais prováveis, mas é claro que teremos que investigar mais.

Linda assentiu. Para acabar com todas as dúvidas sobre a morte.

Ela olhou para nós três e guardou o caderninho no bolso da jaqueta.

Eu ainda estava bêbado ou totalmente sóbrio, não sabia dizer. Todas as vozes eram um borrão, todas as ações também, partes móveis, mas nada fazia sentido.

Filho, meu filho.

Eu só estava dormente.

Frank

Estou arrasada.

Todos estamos. Fico tentando fingir que não estou aqui, tentando oferecer chá, comida e lenços, ou então ficar fora do caminho. Tenho medo de fazer muito barulho, medo de ocupar espaço aqui, quando a casa está tão cheia de tristeza. De uma tristeza terrível e impensável.

Estou inconsolável. Não consigo parar de chorar.

Conor se foi.

Conor está morto.

Merry está estranhamente quieta; deve estar estarecida, com certeza, mas... Bom. Ela é como é. Sempre foi estranha em relação a emoções. Desconectada. Agora parece estar em transe, de pernas cruzadas no sofá ou encolhida na cama, imóvel, encarando o abismo. Levei para ela uma xícara de chá de hortelã e deixei ao seu lado. Ela mal se mexeu.

Sinto muito, sinto muito mesmo, eu disse.

Nada.

Sam está lá fora, andando de um lado para outro, fumando na frente de todos, bebendo uísque direto da garrafa. Revelando todos os seus segredos. De que isso importa agora? Como poderia importar.

Levei-lhe um café puro, do jeito que ele gosta. Não falei nada, nem ele. Bebeu da xícara e ficou olhando para o lago, onde nadamos algumas semanas atrás. Não há mais sol. Não há mais calor.

Todas as outras pessoas foram embora. Os paramédicos se foram com o pequeno Conor... Pior coisa que já vi. Eles o enrolaram em um cobertor e o levaram até a ambulância estacionada. Abriram as portas traseiras, então não vimos mais nada. Se o prenderam a alguma coisa ou o colocaram em uma

cama ou uma caixa. Estremeço só de pensar. Levaram-no correndo, desapareceram com ele como se tivesse sido apenas um sonho.

Ah, aquele menininho lindo e querido. Luz e amor, a encarnação mais pura da alegria. Como eu o amava. Eu o amava tanto.

Minhas mãos, minhas mãos não param de tremer.

Merry

A casa está em silêncio, todos os dias, nada além de silêncio. O interior parece quando boiamos de costas no mar, as orelhas submersas e os olhos abertos: nada para ouvir além do som da respiração e de corações frios batendo. Vazios e desolados. Uma onda de calor chegou, alguns dias estranhos assando no calor úmido, nos cozinhando entre as paredes, extraindo nossos líquidos e nossas lágrimas. O vidro retém o calor, a luz do sol inunda os cômodos, mas a sensação não é de luminosidade, é de escuridão. A pior escuridão que se pode imaginar.

Tudo está amortecido. Morto por dentro, morto por fora.

Acabou.

O bebê se foi.

Como é possível.

Não.

O que foi que eu fiz.

O que foi que eu fiz com nosso menino?

Eu me sinto doente. A culpa. O horror.

Não mereço viver.

Na primeira vez que o segurei, tive certeza de que ele não podia ser humano. Uma coisinha escura e enrugada, rosada e pequena, se contorcendo.

Ele é lindo, disse Sam. Mas não era. Recém-nascidos são assustadores, ferozes e agitados, parecem animais, criaturas cegas à procura de um seio. Ele veio antes do esperado, abrindo caminho pelo meu corpo, cortando e rasgando tudo por onde passava. A violência é impensável, mas se recusam a chamar isso de outra coisa que não milagre. A parteira o tirou de cabeça do meu corpo arrebatado e o colocou em meu colo. Ele era minúsculo, cabia

nas minhas mãos unidas; a soma das nossas partes. Vida, o milagre, e então a morte, o fim de tudo.

Ele se perdeu. Nós o perdemos.

Pensamentos flutuam, mas não se assentam. Por que não? Por que não me lembro? Os últimos dias se transformam em formas e cores, sorrisos e piscadelas; a sensação de alegria e certeza, um caminho a seguir, um plano... Mas agora. Isto. Só isto.

Mas será que eu? Eu poderia? Será possível? A declaração que dei à policial e que a vi anotar no caderninho. Escrita com sangue, pecados da carne, segredos e mentiras. Tantas mentiras.

Eu não tinha escolha. Desejei e fiz acontecer.

Fiz? Não fiz?

O bebê, o bebê. Quente e depois frio. Aqui e então não. Vivo e depois desaparecido. Como em um passe de mágica, como em algum tipo de magia negra. Bruxas na floresta, um feitiço lançado sobre você, uma maldição para causar sofrimento. Um segundo e a cena muda para sempre, de forma irrevogável.

Fiquei fora de mim.

Estou sempre lá, ao que parece.

Partes perdidas. Uma mulher despedaçada.

Agora estou totalmente despedaçada. Todo o esforço do mundo não conseguiria remontar Merry.

Eu fiz isso. Eu fiz isso.

Por favor, não, implorei ao corpo morto. Berrei, mas as árvores se mantiveram rígidas e imóveis. Em meu corpo, uma dor profunda e gutural; algo está faltando. Algo foi perdido. Algo vai me destruir. Tudo vai desmoronar.

Sam! Sam! Tudo que me mantinha inteira se foi.

Mal consigo respirar. Não paro de vomitar, nada além de amarelo e ar, mas

sempre vem, sempre que penso nisso. Sempre que penso no momento.

Sam não encosta em mim. Ele está em choque, quase literalmente, como se tivesse eletricidade nas veias. É um animal. Andando de um lado para outro, furioso, esperando para atacar, para pôr sua tristeza em ação.

Não entendo, diz, não entendo.

Febre, lembra ele. Será que ele estava gripado? Que você não notou. Quente. Será que ele devia estar ao ar livre no... Estava frio demais? Quente demais? Ele... Ele foi sacudido com muita força, de alguma maneira, na trilha, enquanto você... Sua voz falha, e ele balança a cabeça. Morde o punho fechado.

Mordo o lábio. Sinto gosto de sangue. Eu o sugo de volta.

Só vamos saber qualquer coisa daqui a alguns dias, foi tudo que disseram, é tudo que sabemos. Só podemos esperar. Existir nesse espaço vazio.

Sempre estaremos aqui agora.

Sam

Karl nos visitou hoje. Elsa também. Trouxeram uma cesta de comida: um frango assado, um pão fresco, um saco de uvas rubi do mercado. Tinham visto a ambulância, as viaturas da polícia. Alguém deve ter dado a notícia.

O Sr. Nilssen passou aqui trazendo um pequeno abeto em um balde de plástico verde.

Talvez vocês possam plantar esta árvore para o bebê, disse ele. Foi o que fiz quando minha esposa morreu.

Eu o chamei para tomar café comigo e ficamos sentados em silêncio, a árvore em meu colo, onde Conor estaria antes.

Nós fomos casados por cinquenta e dois anos, lembrou ele, triste.

A casa é um túmulo para os mortos. As portas estão fechadas. As cortinas também. Nenhuma luz entra, nem sai. Não consigo pensar. Não consigo sentir. Ele se foi, mas não sei se isto conta como tristeza. Perda devastadora. Ou outra coisa.

Perda. É perda porque tudo está perdido. Tudo que era bom e certo se tornou impensável e assustador.

Eu fui traído.

Frank disse que ia pegar o carro e fazer compras.

Ela voltou e pôs um prato diante de mim. Retirou-o horas depois, basicamente intocado. Trouxe café. Colocou remédios para dormir em pratinhos que eu nem sabia que tínhamos e fechou as cortinas quando escureceu.

Não consigo comer. Não consigo dormir. Não consigo chorar. Às vezes, fico imóvel por tempo suficiente para que a exaustão me domine, algo entre o

sono e a vigília. Vejo Conor em meio a essa névoa, Conor me chamando, *Pa pa pa*, e eu correndo para encontrar o berço vazio, seu corpo rígido na prateleira acima da cama; um bebê empalhado ao lado da girafa de pelúcia e do ursinho tristonho.

Pior ainda: o sonho acordado que não é sonho. Um berço vazio. Uma pilha de fraldas no trocador, dobradas, destinadas a nunca serem usadas. Filho. Criança. Se foi.

Está tudo vazio.

Sinto que fui roubado. De tudo que deveria acontecer.

Amor. Família. Uma infância sueca perfeita para meu filho, envolta por bondade e brilho. Triciclos, depois bicicletas e pesca no lago, Legos, jogar bola e tomar sorvete de casquinha à beira do mar Báltico, tão frio e cinzento. Passeios de barco pelo arquipélago, visitas a ilhas e mergulhos na água gelada. Fogueiras, estações de esqui e andar de trenó, pipoca no cinema e coleções de dinossauros cobrindo o peitoril da janela do quarto, piqueniques no parque, danças folclóricas com amigos louros cujas irmãs ele mais tarde amaria. Três meias de Natal, ou talvez quatro, idênticas e com nossas iniciais, cheias de bugigangas, penduradas lado a lado; caça a ovos de Páscoa e primeiros dentes guardados em uma caixinha, trocados por moedas. Joelhos ralados, primeiros encontros e primeiros beijos, viagens só de meninos, passeios de pesca e sempre e para sempre a concretude do único laço inquebrável. Pai e filho.

Meu coração está partido ao meio.

Merry, Merry.

Ando em torno dela. Não consigo tocar sua pele. Fecho e abro o punho.

Ainda não. Ainda não.

Não liguei para minha mãe. Eu me sentei com o celular nas mãos e achei o número dela. Eu o encarei, mas não apertei o botão.

Seu neto está morto.

Conor se foi.

Tenho uma notícia horrível.

Minha mente é uma nuvem. Muitas partes se movendo, muitas perguntas sem respostas.

Eu o amava, ele era meu e eu o amava.

Filho. Meu filho. E agora acabou.

Um golpe duplo. E qual é o pior?

Causas naturais. Morte súbita do lactente, disseram os paramédicos, mas o que há de natural no fato de um bebê aparecer morto?

Tudo é uma confusão.

E onde o senhor estava?

Menti sem hesitar; é fácil assim. O instinto de esconder a verdade. A recusa em declarar a vergonha.

Houve um barulho; um toque, uma campainha guinchando. Furiosa e aguda.

Ergui os olhos. Pelo vidro, vi dois policiais diante da porta.

Frank

Vieram buscar Merry. Eles a levaram embora.

Não a algemaram antes de enfiá-la no banco traseiro do carro. Ela não gritou nem resistiu.

O que está acontecendo?, perguntou Sam, o que houve?

Temos que conversar com sua esposa, disseram. Tem a ver com a morte do seu filho.

Mas por que vocês...?

Senhor, disseram. Pode vir conosco à delegacia.

Agora estamos aqui. Minha mão apoiada no braço de Sam, gentil e tranquilizadora.

Vamos resolver tudo isso. Vamos entender.

Ele está paralisado pelo choque; claro que está. Todos nós estamos.

Como se o que aconteceu com Conor já não fosse terrível o bastante. Agora isto. Devastador. Impensável. A informação mais inconcebível de processar. Não, não dá para entender. Não mesmo.

Observo a mão de Sam se abrindo e se fechando em um punho firme, nós dos dedos pálidos, veias pulsando, querendo destruir alguma coisa. Alguém.

Vou ali pegar um café para você, ofereço.

Não quero porra de café nenhum. Ele afasta o braço, se levanta e anda de um lado para outro, o clique-claque dos chinelos no linóleo; ele pegou o primeiro par de sapatos que encontrou no corredor quando a polícia apareceu na porta.

A delegacia não é tão ruim quanto eu imaginava. Bem-iluminada e com

móveis novos. Limpa. Moderna. Sem prostitutas aos berros e viciados sangrando. Um cartaz convoca novos membros a entrarem para a polícia sueca.

Observo as outras pessoas na sala de espera. Uma idosa rindo ao telefone. Um casal jovem sussurrando enquanto preenche um formulário.

Outro cartaz, *A Suécia deseja boas-vindas aos refugiados*. Mais cedo, um policial passou arrastando um bêbado com roupas de couro. Ele tinha uma suástica tatuada no pescoço e usava óculos escuros, como se fosse cego.

Sam volta a se sentar. Meu Deus, exclama. Os últimos dias parecem ter saído do *Além da Imaginação*.

Acho que conheço um advogado para quem posso ligar, digo.

Ele balança a cabeça. Não preciso de um advogado. Preciso da porra de uma explicação.

Eles não nos dizem nada. Largaram Merry em algum lugar, trancada em uma sala. Ainda não deixaram Sam vê-la. Talvez seja melhor assim.

Um policial passa pela sala de espera e Sam o chama.

Policial, por favor. Alguém pode me explicar...

Desculpe, responde ele. Vamos falar com o senhor assim que tivermos mais informações.

Sam se senta. Está fedendo a álcool e cigarros. Suas roupas estão molhadas de suor; o hálito, terrível. Sinto pena dele. Mesmo depois do jeito que me tratou, sinto pena deste homem.

O mundo inteiro dele foi destruído.

A bolha estourou.

Merry

A detetive pediu a um dos colegas para pegar uma garrafa d'água. Quando a trouxeram, ela a pousou na minha frente. Então abriu um sorriso bondoso. Tinha as unhas muito curtas, não usava aliança nem joias.

Às vezes é muito difícil, não é?

O quê?

A maternidade.

Eu a observei.

Sozinha, tão isolada em Sigtuna, com um bebê pequeno. É. Bem difícil mesmo.

Tomei um gole d'água. Olhei para cima, na direção das luzes fluorescentes.

Câncer, comentei. Estas luzes dão câncer.

A detetive abriu um arquivo. Nova York, disse ela. Era lá que você e seu marido moravam antes de virem para a Suécia.

Era.

É uma cidade linda, Nova York. Muito agitada. Sempre tem alguma coisa para fazer. A cidade que nunca dorme, não é?

Concordei com a cabeça.

Bom, com certeza Sigtuna foi uma mudança drástica. Talvez não tenha sido a melhor escolha.

Ela suspirou. Poucos americanos se mudam para cá, continuou. Bem poucos mesmo. Culturalmente, imagino que seja estranho demais. Somos pessoas muito diferentes, os suecos e os americanos. Água e vinho. Dia e noite.

A detetive estremeceu de leve. Eu não conseguiria morar nos Estados Unidos, disse. Sei que ia detestar. Ia querer fugir na primeira oportunidade.

Ela olhou para mim. Leu alguma coisa no arquivo.
Você se sente estranha aqui, Merry? Sozinha. Deprimida. Desesperada?
Olhei para ela.
Seria bem compreensível se fosse o caso. Totalmente normal.

A sala era silenciosa, nenhuma interferência do mundo exterior. Será que Sam estava do outro lado daquela parede? Esperando. Preocupado. Furioso. O que haviam contado a ele? O que ele sabia?

A verdade nos liberta. É o que dizem. Mas qual é a verdade? Nem consigo lembrar.

Não quero um advogado, respondi quando a detetive perguntou. Ela ficou surpresa, mas não se incomodou.

Ela suspirou.

Sra. Hurley. Seria bom para você se falasse comigo.

Qual é mesmo o seu nome?, perguntei.

Detetive Bergstrom.

Ah, é, lembrei. Detetive Bergstrom.

Merry, disse ela. Quero ajudar você. Entendeu?

Balancei a cabeça. Estava com frio. Tremendo. Queria voltar para casa.

Casa. Onde nosso coração mora. O lugar a que pertencemos.

Merry, repetiu ela.

Ergui os olhos. Não entendo. Meu filho acabou de morrer. Não sei por que estou aqui, em uma delegacia.

Minha mãe me dava um tapa na cara sempre que me pegava mentindo.

Odeio mentirosos, Merry.

Bom, você se casou com um, eu respondia. Ou, às vezes, quando queria ser cruel de verdade: Seu rosto inteiro é uma mentira.

Eu não quis dizer isso. Eu não quis dizer isso. Não quis mesmo.

A detetive estava me observando, como policiais costumam fazer, me

analisando de todos os ângulos. Julgando o que eu seria capaz de fazer. Duvido que ela soubesse. Quase nunca sabemos.

O bebê, morto e frio nos meus braços, o peito imóvel. Do nada, ele não existe mais. Problema resolvido. Acho que essa foi a primeira coisa em que pensei.

Cuidado com o que você deseja, porque pode conseguir. Era minha mãe que dizia isso também?

Eu tremia.

Tinha ido fazer uma trilha. Correr. Estava feliz. Era um bom dia, não era? Eu não estava me sentindo bem? Frank. Frank ia embora. Eu ia ficar. Tinha vencido. Estava com Sam. Eu e Sam. Só nós dois, sempre melhor quando ficávamos só nós dois.

Recomeçar do zero. Sem mais segredos.

Não era possível. Não podia ser. Na minha cabeça, eu via a clareira, mas as coisas não se esclareciam. Corri depressa. Senti os músculos se esticarem e queimarem, correndo para longe, correndo em direção a alguma coisa. De cima, eu havia olhado para o lago, um espelho fantasmagórico do céu nublado, nenhuma linha separando um do outro, a água do horizonte, o começo do fim, o bom do mal. Uma dança de luz e matéria; um horizonte brilhante muito próximo, quase ao alcance das mãos, mas insuportavelmente distante. Sempre recuando.

Hiraeth, essa é a palavra, de origem gaélica, intraduzível para o inglês. *Hiraeth*, um poema na língua, belo e terrível. Saudade de um lar ao qual nunca poderemos voltar ou que nunca existiu. É, é, essa é a sensação. Eu estava tentando voltar, não estava? A uma versão anterior de mim. De nós. O vazio iria embora.

Eu voltaria a existir. Eu. Eu!

É, era isso.

Não era?

A detetive se inclinou para a frente. Merry, disse ela. Preste atenção.

Por que ela ainda estava falando? Por que tinha tantas perguntas?

Merry, disse ela. Você está aqui porque achamos que seu bebê foi assassinado.

Sam

A polícia me pediu nomes e telefones para confirmar onde eu estava na hora da morte. Mostrei a eles os tíquetes do estacionamento.

Senhor, ainda assim precisamos dos nomes.

Assassinato. A autópsia indica assassinato. *Autópsia, assassinato*. São palavras agora. São palavras do meu vocabulário.

Sufocamento. Morte por sufocamento. Foi isso que disseram. Travesseiros, mãos. O mais provável é que tenha sido o cobertorzinho azul que estava no carrinho de Conor, mantendo-o aquecido na floresta.

O que você está dizendo?

Sr. Hurley, quando mortes desse tipo acontecem com bebês, é muito difícil distinguir a síndrome da morte súbita do lactente de um sufocamento proposital.

Proposital, repeti.

O legista encontrou provas de petéquia, o que, por si só, não basta para considerar a morte do seu filho assassinato. Mas é o suficiente para querermos aprofundar a investigação.

Assassinato, falei de novo.

Achamos que alguém pode ter matado seu filho de propósito.

Quantas horas se passaram? Foi no mesmo dia ou no seguinte? Olhei para os sapatos. Meus pés estavam gelados. O hálito rançoso. As coisas em minha cabeça flutuavam, colidiam, destruíam-se com o impacto. Nada se mantinha.

Do outro lado da mesa, as perguntas continuavam vindo.

Senhor, pelo que sabe, sua esposa estava deprimida?

Senhor, ela tomava algum remédio?

Ela teve algum problema no passado? Casos de depressão. Surtos psicóticos. Histórico de violência. Histórico de doença mental. Ela era apegada ao bebê?

Era incomum ela levá-lo à floresta?

Como ela se comportou nos dias anteriores?

O que ela disse quando ligou?

Merry. Merry está sob suspeita. A pessoa que estava com ele na hora da morte. Além disso: algo sobre evidências de abusos anteriores. Merry. A encarnação da mãe perfeita. Tudo que eu queria. Tudo que achei que tinha.

Os últimos dias se transformaram em um horror após o outro, um caleidoscópio de coisas terríveis demais.

O policial saiu da sala.

Oi, eu sou a detetive Bergstrom.

Uma mulher entrou, apertou minha mão. Usava um terninho cinza. Não sorriu.

Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, disse ela.

Acabei de responder uma porrada de perguntas.

Tenho só mais algumas.

Ela se sentou diante de mim. A cadeira rangeu.

Você entende o que está acontecendo aqui, Sr. Hurley?

Não, respondi. Não estou entendendo porra nenhuma.

Certo. Está bem. Bom, temos motivos para suspeitar que seu filho, Conor, não morreu de causas naturais. Nós achamos que ele pode ter sido assassinado.

Filho. Estremeço toda vez que dizem isso.

O senhor falou que não estava em Sigtuna naquele dia, continuou ela. E onde estava?

Em uma reunião. De trabalho.

Ela olhou para mim. Fez uma anotação.

Era sua esposa que estava cuidando do seu filho. Foi isso que ela disse.

Era.

Então o senhor entende por que estamos interrogando Merry sobre a morte do seu filho. A morte suspeita do seu filho, corrigiu ela.

Esperei. Ela estava me observando, rastreando cada movimento, cada piscar de olhos, cada espasmo dos músculos faciais. Olhos para cima e para a esquerda, uma mentira. Olhos para baixo e para a esquerda, uma lembrança. Comunicação não verbal, a mais verdadeira. O corpo não mente. Não tem como.

Sr. Hurley, prosseguiu, consegue pensar em algum motivo para Merry querer machucar seu filho?

Cerrei o punho com força, balancei a cabeça.

O senhor notou algum comportamento suspeito? Ela estava fazendo alguma coisa estranha ou incomum, algo que o preocupasse? Alguma vez houve qualquer sinal de que ela estava machucando seu filho de propósito?

Balancei a cabeça. Eu não conseguia falar.

Você nunca notou nenhum hematoma, nenhum sinal de que ele tinha sido machucado?

Meu Deus, falei, acho que vou vomitar.

Última pergunta, senhor. Sua esposa teria algum motivo para querer seu filho fora do caminho?

Merry

Entende por que estamos confusos, Merry?

A detetive está exasperada. Ela quer que eu fale. Quer ir para casa.

Eu também. Tenho muita coisa para fazer. Acho que hoje é dia de lavar a roupa. Já está na época de plantar as sementes dos nabos e rabanetes. Acho que Frank marcou o voo para ir embora.

A detetive Bergstrom empurra um arquivo na minha direção. Um raio X.

Vamos falar sobre isso. Este é o braço do seu filho. O braço direito dele.

Está vendo isto aqui? Ela aponta com a caneta. É uma fratura leve do osso da ulna direita.

Eu me encolho. Desvio o olhar.

Não, por favor, olhe, diz a detetive Bergstrom.

Isso é antigo. O legista acha que aconteceu alguns meses atrás. Tem alguma explicação para isso? Um acidente. Um dia em que ele se machucou, um dia em que ele caiu. Da cama, do berço. Essas coisas acontecem, claro.

Estremeço; balanço a cabeça. Sinto meu estômago se revirar como sempre. Coitado do bebê. Coitado do menininho.

Merry, diz a detetive Bergstrom, o legista descobriu algumas outras coisas durante a investigação.

Ela olha para uma foto em cima da mesa e depois a vira.

Não vou mostrar a você. Talvez não seja necessário.

Ele achou hematomas, Merry. Sinais de trauma. Mais uma vez, causados certo tempo antes da morte. Parecem... propositais. São piores que os costumeiros arranhões e contusões da infância. Foram feitos com a intenção de machucar.

Ela se aproxima de mim, perto demais. Sinto o cheiro do almoço dela. Cebolas e peixe.

Merry. Com certeza você já entendeu aonde quero chegar com isso. O que isso parece para a gente. As conclusões que estamos tirando. Já sabe por que preciso que me diga a verdade.

Controle-se. Não fale. Não conte. Não deixe ninguém descobrir.

Ela toma um gole de café. Sugere que pode pedir que peguem uma xícara para mim.

Não, obrigada.

Eles são tão educados aqui. Mesmo em uma delegacia. A sala é pequena e iluminada; mesa, cadeiras, sem janelas para uma pessoa desesperada se jogar, sem canetas largadas para serem enfiadas em uma jugular. Uma caixa. Um caixão, pulsando com ruído branco e perguntas.

Vamos voltar, instrui ela. Ao começo. Vocês se mudaram para cá... Quando? Um ano atrás?

Um pouco mais do que isso.

Você estava grávida.

Estava.

Você queria se mudar para cá.

Engulo em seco. Não.

Foi ideia do seu marido.

Foi.

Ele vinha falando sobre isso havia algum tempo... Era uma coisa que você planejava fazer?

Não.

Então foi porque ele perdeu o emprego na universidade.

Não, digo. Ele quis ir embora. Para fazer outra coisa.

Ela balança a cabeça. Ele foi demitido. Dispensado por... O que diz aqui? Uma conduta irregular contínua com alunas... Assédio sexual, acusações de relações sexuais inapropriadas.

Foi isso mesmo?

Abro as mãos e as encaro. Uma linha do amor curta, me falaram certa vez. Não lembro o que isso quer dizer. Puxo a pele para esticá-la; um destino diferente agora.

Esta é a declaração oficial da Universidade Columbia, insiste ela.

Não digo nada.

A esposa sempre sabe, não é? A esposa sempre tem aquele sexto sentido.

Continuo em silêncio.

Você tem amigos aqui? Um emprego?

Balanço a cabeça.

E o seu marido. Ele trabalha. Viaja muito, pelo que disse. Era normal, não era, você ficar sozinha com Conor?

Acho que sim.

Ela anota isso. Pode ser que ele esteja tendo um caso aqui?

Mordo o lábio.

Então seu marido tem um caso, perde o emprego, carrega você para uma vida nova em um lugar muito longe. Você não tem amigos, emprego nem família por aqui, não é? Não tem mais ninguém na Suécia?

Não preciso de ninguém. Não preciso de mais nada.

Ela ignora isso.

Então você está sozinha. Presa naquela reserva, que, vamos ser sinceras, é legal no verão, mas só Deus sabe como é nos meses de inverno. Bom, mesmo a pessoa mais sã ficaria meio maluca, não acha? Tão isolada. Tão longe de tudo e todos.

Não digo nada.

A detetive Bergstrom assente.

Eu ficaria. Com certeza ficaria. E acho que você também ficou.

Maluca. Uma mulher louca que precisa ser internada. Uma mulher que machuca o filho. Filicídio. Infanticídio. Qual é mesmo? Como vão chamar isso? Mamãe Monstro! Sem dúvida essa vai ser a manchete. Gostam de

aliterações nesses casos. Alguma coisa cativante.

E então, Merry? Você amava seu filho? Você queria ter filhos?

Aquele apertão nas entranhas. Sim, sim, digo, eu amo meu filho. Eu amo.

Pega na mentira, diz uma voz.

Está quente demais na sala. Tiro o suéter, tento inspirar um pouco de ar. Meu estômago ronca. Preciso comer.

É claro que amava, concorda ela. Claro.

Ficamos em silêncio por um instante.

Tomo um gole d'água.

Mas o amor é uma coisa engraçada, afirma ela. Nem sempre é suficiente, é?

Ela está me observando, os olhos perfurando meu ser.

Que escuridão será que ela vê?

Às vezes parece uma armadilha, não é?, pergunta ela. Amor. Casamento. Maternidade. Isso tudo exige muito. Sobra pouca coisa.

O rosto da minha mãe, paralisado em uma máscara plástica grotesca. O do meu pai, desesperado, implorando. Me deixe ir embora, Maureen, me deixe ir.

Algumas das maiores crueldades são as que as pessoas casadas infligem umas nas outras.

Eu odeio vocês, berrei. Odeio vocês dois.

O cérebro dele espalhado pela luminária do escritório... Por que ela me obrigou a ver aquilo? Casamento, dissera ela. É isso que consegui depois de trinta anos de casamento.

Como é que dizem, mesmo? O contrário do amor não é o ódio, mas a indiferença. Ódio é o que sentimos quando o amor nos trai.

Eu nunca quis ser mãe, confessou Maureen. Era seu pai quem queria um filho, mas ele imaginou que seria um menino.

Ah, Conor, ah, Conor, o que foi que eu fiz?

Por favor, pare, peço. Por favor.

Não posso parar, Merry, responde a detetive Bergstrom. Uma criança morreu. Seu filho.

Meu corpo todo tremendo com lágrimas e medo.

Algumas mulheres simplesmente não são feitas para serem mães.

Ou não merecem isso.

Diante de mim, a detetive Bergstrom espera.

Ele não estava doente, Merry. Não morreu de causas naturais. Mas você sabe disso, não é?

Sei, sei. O cobertor na cabeça dele. O ursinho, um travesseiro. Todo o peso do meu corpo... Sim, sim, quantas vezes não tive coragem. Desejei. As coisas que fiz com aquele menino, aquele bebê.

Pense, deseje, faça acontecer. Desde o início uma criança indesejada, a inexistência sonhada, um segredo enrolado no cobertor. Planejei a morte dele e ela se concretizou.

Merry, repete a detetive Bergstrom. Você sabe disso.

Não.

Sabe. Sabe. Sabe porque estava lá.

Não.

Faça. Faça.

O desafio e então o ato. O bebê nos braços pela última vez.

Resolva. Acabe com isso.

Assim nós poderíamos recomeçar. Assim nós poderíamos voltar a ser como antes. Antes de Christopher. Antes das mentiras. *Eu sei*, havia escrito ele, mas o que isso significava? Precisava ser resolvido.

Só nós dois.

Sam e Merry. Merry e Sam.

Merry, diz a detetive Bergstrom. Nós duas sabemos que você estava lá. E nós duas sabemos que você o matou.

Sam

Frank dirigiu na volta da delegacia. Eu não falei nada, nem ela. Mantive os punhos cerrados. Travei a mandíbula, rangi com força os dentes. Belisquei a pele, senti a pontada de dor. Ainda estou aqui, pensei, mas só de leve.

Em casa, fui primeiro para o celeiro, tomei algumas doses de uísque direto da garrafa, senti a leve queimação do calor e do esquecimento.

O rosto de Merry enquanto a enfiavam na viatura de polícia. Assassinato, disseram. Acharmos que seu filho foi assassinado.

Frank enfiou a cabeça dentro do celeiro. Se tiver alguma coisa que eu possa fazer, é só falar.

Neguei. Só me deixe em paz.

Desabei no chão, agarrando a garrafa. No celular, uma mensagem.

Onde você se meteu hoje?

Malin.

Minha cabeça rodava; o chão dançava sob meus pés.

Devo ter bebido até dormir. De manhã, havia um cobertor em cima de mim e um travesseiro embaixo da minha cabeça. Frank. Eu me levantei rápido demais. Minha cabeça latejava, barulhenta e irritada. Meus dedos estavam rígidos de frio. Entrei em casa. Liguei a cafeteira. Olhei em volta. Um mausoléu. É isso que a casa é agora. Morte cercada por paredes. Um memorial aos mortos e à morte dos sonhos. A casa não faz mais sentido. Nada faz sentido.

Queimei o café, mas bebi mesmo assim. Sentei-me e encarei uma foto presa à geladeira com um ímã em forma de pretzel. Merry, Conor e eu, uma foto do verão passado. Uma viagem pelo arquipélago de Gotemburgo. Balsas,

lagos e sorvetes ao sol. Fomos de balsa até Donsö, andamos pela pequena vila de pescadores e paramos para tomar café e comer sobremesa no píer. Em Styrösö, comemos ostras, em Brännö, nadamos na praia, mergulhando os dedinhos dos pés de Conor na água, rindo enquanto ele contorcia o rosto, encantado com o frio.

Rostos sorridentes, felizes.

Parece tão puro aqui, comentei com Karl certa vez. Como se nada de ruim acontecesse ou pudesse acontecer.

Ele riu. Você sabe quantas pessoas aqui são depressivas ou alcoólatras?, perguntou. Ou alcoólatras e depressivas?

Fala sério, respondi.

E o clima, continuou ele. Só isso já basta para matar alguém.

Eu achava que era a realização de um sonho.

Peguei a caneca de café vazia e a joguei na janela. A caneca quebrou, mas a janela, não.

Frank entrou correndo na cozinha. Você está bem, Sam?

Estou ótimo, respondi. Ótimo.

Ela se ofereceu para preparar ovos. Você precisa, insistiu. Precisa mesmo comer alguma coisa.

Frank pôs um prato no balcão, faca, garfo, guardanapo. Serviu mais café, depois sentiu o cheiro e o jogou fora.

Vou fazer outro bule, disse ela.

Encontrou a vassoura e varreu os cacos da caneca.

Não precisa fazer isso, comentei. Deixe tudo aí.

Ela varreu mesmo assim. Esvaziou a pá no lixo e lavou as mãos.

Você não ia embora ontem?, perguntei.

Ela assentiu.

Você perdeu o voo.

Não me pareceu um bom momento para ir embora, explicou ela. Merry precisa de mim.

Bufei.

Ela serviu os ovos, uma fatia de pão de centeio com manteiga. Trouxe um pote de geleia de amora. Fiquei encarando a letra de Merry na etiqueta. Outra de suas conquistas caseiras.

A mulher faz a porra da própria geleia e é suspeita de ter assassinado o filho.

Fiquei observando Frank andar pela casa, ajeitando tudo, tentando restaurar algum tipo de ordem. Senti uma pontada de alguma coisa, talvez arrependimento. Dava para ouvi-la pela porta do banheiro fechada. Chorando. Pensei nela com Conor. Tanto jeito com ele, algo que eu nunca tinha visto. Como se ela tivesse nascido para ser mãe e amar.

A campainha tocou. Karl.

Posso voltar depois, disse ele. Se não for uma boa hora.

Nenhuma hora vai ser boa, respondi.

Ele suspirou. Eu entendo. Só achei que talvez você quisesse um pouco de companhia. Uma caminhada ou alguma coisa assim. Uma distração.

Espere. Saí de casa e fui para o celeiro.

Ergui uma garrafa de uísque.

Melhor ainda, concordou ele.

Andamos pela estrada de terra que conecta nossas casas, depois seguimos para a reserva e atravessamos a rua em direção às trilhas da floresta.

Conheço um lugar, comentou ele. Elsa e eu sempre vamos lá.

Andamos rapidamente, a garrafa pela metade balançando em minhas mãos.

Não há o que dizer, na verdade, disse ele.

Não.

A gente sente muito. Muito mesmo. Por essa perda tão horrível.

Chegamos ao topo de uma colina, uma clareira com vista para o lago. Protegida por um círculo de árvores, musgo macio sob os pés, mirtilos explodindo quando pisávamos neles.

Nós nos sentamos em um tronco, madeira morta de uma árvore apodrecida

ou abatida. Entreguei a garrafa a Karl e ele tomou um gole. Sua barba estava por fazer, um visual rústico. Combinava com ele e eu me perguntei por que havia reparado.

Ele me devolveu a garrafa e eu tomei um gole.

Vieram buscar Merry ontem, falei.

Merry?

Estão dizendo que foi uma morte suspeita. Parece que Conor pode ter sido morto. Sufocado.

Meu Deus, Sam.

Balancei a cabeça. Encontraram sinais de petéquia... Meu Deus. Não consigo nem falar. Fico com vontade de vomitar.

Mas Merry, repetiu, incrédulo, porque, claro, ele também tinha visto. A mãe do ano, porra.

Era ela que estava cuidando dele quando aconteceu, expliquei.

Tomei outro gole, longo e lento desta vez. O dia estava frio; uma névoa espessa pairava sobre o lago. Estremeci. Pensei em contar a ele a outra novidade.

Não, ainda não.

Tome outro gole, disse Karl, e eu obedeci, agradecido pela lubrificação do cérebro, pelo leve embaçar dos pensamentos e do tempo. Vi a imagem de Merry no dia do nosso casamento, prometendo ser minha. Merry em Nova York, chegando em casa em horas estranhas. É uma filmagem importante, explicou ela, o rosto vermelho. Então grávida, a realização de um sonho. Um filho, uma chance. Família e alegria.

Destruídos agora. Ela destruiu tudo.

Quem machucaria uma criança?, perguntei. Quem seria doente a esse ponto?

Eu ainda não conseguia imaginar.

Karl não disse nada.

Bebi outro gole. Tossi. Engoli; saliva e uísque descendo pelo mesmo

buraco.

Eles acharam outras coisas, continuei. Provas de maus-tratos anteriores, pelo que disseram. Hematomas suspeitos, uma fratura.

Hematomas, pensei, lembrando de repente.

Karl estalou os dedos. Pegou a garrafa, tomou um longo gole.

Sam, começou ele. Isso não é da minha conta. Mas Elsa já mencionou uma coisa para mim algumas vezes. Que ouvia muito choro vindo da sua casa. Nas tardes em que chegava cedo em casa.

Esperei.

Ele deu de ombros. Não sei. Só estou repetindo o que ela disse. Que havia choro sem parar. Diversos sons. Diversas... causas. Ela disse isso algumas vezes. Que Conor estava sempre chorando. Que parecia que ele... Como se não fossem só os dentes. Como se algo ruim estivesse acontecendo.

Olhei para minhas mãos. Fechei e abri.

Aos poucos vou entendendo. Sinto-me enojado. Tão enojado que quero enfiar as mãos no estômago feito aqueles cirurgiões espirituais filipinos que observei em Laguna certa vez. É, quero rasgar minha pele com os dedos e retirar cada ramo de podridão sangrenta, a dor, o sofrimento e a raiva incendiada que se alojou no fundo das minhas entranhas, esperando, esperando, marinando no caldo da traição de Merry.

O que é pior: o assassinato ou a mentira? São a mesma coisa para mim.

Karl e eu voltamos para casa pouco depois de a polícia chegar.

Mandado de busca, disse Frank. Eles foram entrando.

Andaram por todos os cantos, policiais com câmeras e sacos de provas, sapatos cobertos por plásticos para evitar qualquer transferência. Corte, clique. Câmeras e flashes; o resumo da nossa vida ensacado e mandado para análise.

Fui até o quarto. Um homem estava tirando algo de uma das gavetas de Merry.

O que é isso?, perguntei.

Parecem anticoncepcionais, disse ele antes de abrir um saco de provas e jogar a caixinha redonda lá dentro.

Anticoncepcionais. Todos aqueles dias vermelhos, aquelas conversas lacrimosas sobre aumentar nossa família... Ah, Sam, eu mal posso esperar, quanto mais melhor.

Era tudo um jogo. Tudo. Nada além da falsidade de Merry. Um espetáculo. Fazendo-me acreditar que era real.

Frank

Estou fazendo tudo que posso para ser útil. Para não atrapalhar, para estar por perto se Sam decidir que precisa de mim. Coitado. Ele está sofrendo duplamente. Primeiro, pelo filho morto, depois, pela esposa assassina. Uma reviravolta impressionante, uma revelação horrível e trágica. Uma mulher machucando uma criança. É contra todas as leis da natureza, não é? Uma aberração.

Ainda não acredito que ele se foi, aquele menino lindo e mágico.

Ele está em todos os cantos da casa. O cheiro dele, as roupas, os bloquinhos de madeira colorida. Na geladeira, fileiras ordenadas de refeições intocadas, verdes e laranjas, batidas e prontas para serem dadas ao bebê. Vrum-vrum, piuí-piuí. Os favoritos eram o trem e o jato; ele sempre abria a boca para esses dois.

No banheiro, brinquedos de plástico esperam pacientemente na beira da banheira, três patos de olhos arregalados que guincham e um elefante azul que espirra água e sabão pela tromba. Quack-quack. Splish-splash.

As meias, tiradas de seus dedinhos, perdidas entre as almofadas do sofá. As mamadeiras, esterilizadas e arrumadas uma atrás da outra no armário, os bicos marrons mastigados demais e precisando serem trocados. Os livros de páginas fofas, os livros de banho, os adaptadores para o carrinho e a cadeirinha, o tapete de atividades no chão, o cheiro suave de um biscoito integral pela metade, cuspidos e abandonados em algum lugar que só ele sabia. Na porta de vidro, várias marcas de mão refletidas pela luz do sol, junto com os beijos babados ainda marcados. Não há nenhum canto da casa que não o contenha. Ah, é agonizante a crueldade de vê-lo sumir deste mundo.

Preparei o jantar hoje, carne assada e legumes; as últimas verduras e cenouras

que davam para colher na horta. Uma bela salada verde, vinagrete caseira.

Enquanto amarrava o avental vermelho e listrado de Merry na cintura, estremecei.

Onde ela estava agora? Em uma cela, sendo interrogada de novo. Sei do que ela está sendo acusada — sei de que crimes é culpada —, mas ainda assim sinto pena dela. Minha melhor amiga. Uma mulher desesperada. Uma mulher presa às próprias mentiras.

Uma mentira é como uma bola de neve, sempre avisava minha mãe. Quanto mais rola, maior ela fica.

Duvido que Carol tenha dito uma mentira sequer em toda sua vida.

Sam entrou na cozinha.

O que é isto?

Às vezes uma boa refeição ajuda, respondi. Mesmo que seja só um pouco.

Acendi velas, servi uísque para ele.

Sam se sentou e eu preparei um prato. Ele deu uma garfada. Mastigou e engoliu e as paredes ecoaram o barulho.

Depois de um tempo, resolveu falar. Você conhece Merry.

Suspirei. Achei que conhecesse.

Ele me lançou um olhar penetrante. Você sabe os segredos dela, acusou. Apontou para mim com a faca. Sabe o que ela andou fazendo.

Devo ter demonstrado a surpresa que sentia.

Pois é, disparou ele, você sabia, não sabia?

Engoli em seco, balancei a cabeça. Sinto muito, Sam. Sinto muito mesmo. Eu não queria me meter. Eu não...

Ela é minha melhor amiga.

Me conte, exigiu ele. Me conte tudo.

Respirei fundo outra vez.

Está bem, cedi. Foi logo depois que eu cheguei. Um dia, passei pelo quarto enquanto ela estava trocando Conor. Tinha deitado o menino de costas. Ficou

parada olhando para ele por muito tempo, e então agarrou as pernas dele e apertou, beliscou. Estava machucando o bebê, isso ficou claro. Ela estava machucando o bebê de propósito.

Sam não disse nada, então eu continuei.

Conor chorou, e ela afastou as mãos dele. Eu saí de perto porque não estava acreditando no que tinha visto.

Eu ia contar para você, Sam... Ia contar tudo, eu juro. Escrevi uma carta; estava planejando entregar para você antes de ir embora. Para que soubesse. Para que soubesse de tudo.

Ele olhou para os punhos fechados, balançando a cabeça. Não, não, murmurou ele, você não entendeu. Não estou falando de...

Eu sinto muito, repeti. Por tudo que aconteceu. Fico pensando que, se tivesse dito antes, bom, talvez as coisas fossem diferentes. Talvez Conor ainda estivesse aqui. Talvez o resultado de tudo isso fosse outro.

Ele riu com frieza. Empurrou o prato. Sua melhor amiga, disse. É a merda de amizade mais estranha que já vi.

Sam se levantou para pegar o uísque. Obrigado por esse jantar maravilhoso. Riu com desdém. Pegou a garrafa e saiu furioso para a noite, de volta ao celeiro como um urso a sua toca.

Joguei a comida intocada no lixo e fui para o meu quarto. Peguei a carta que havia escrito para Sam, escondida entre as páginas do meu livro. Eu a abri e reli.

Os maus-tratos. As fugas na floresta.

Voltei para a mesa, onde as velas ainda tremeluziam, onde os jogos americanos permaneciam; os vestígios de um jantar agradável para dois. Levei a carta à chama brilhante e esperei que queimasse.

Sam

Não sei como controlar isso. Está me consumindo. Implacável.

Mordo o punho fechado até os dentes rasgarem a pele; mordo sem parar, dentes nos ossos brancos em choque. Isso. A dor é um conforto único. Assim que fica bom demais, eu paro.

Quando eu era criança, Ida me trazia livros ilustrados de presente quando ia com meu avô visitar sua terra natal, traduções para o inglês dos clássicos suecos. *Peter in Blueberry Land*, *The Children in the Forest*, *100 Swedish Folk Tales*. Eram aventuras mágicas entre a neve e os pinheiros; ilustrações detalhadas e supercoloridas de crianças sorridentes e criaturas da floresta. Às vezes havia uma história sobre algo assustador: trolls malvados ou Huldra, a traiçoeira esposa da floresta. No entanto, a maioria dos contos de fadas terminava com um reconfortante “felizes para sempre”. Os meninos e o rei dos mirtilos, prestativos, brincalhões e bondosos.

Ah, você vai adorar a Suécia, costumava dizer Ida, em seu staccato encantador. É muito linda; é um lugar maravilhoso.

Posso ir lá um dia?, eu perguntava. Ela me beijava e fazia carinho na minha mão.

Claro, querido, claro.

Eu amava Ida. Tão diferente da minha mãe, tão calorosa, gentil e bondosa. Não tinha nenhum outro objetivo quando distribuía amor.

Suécia, contei a Merry. Vamos para a Suécia.

Tínhamos acabado de saber do bebê. Havia uma casa esperando, um país novo, um mundo desafiador. Nós nos transformaríamos, seríamos melhores.

De repente, tomei uma consciência excruciante do corpo dela, da delicadeza dos seus ossos e dos lugares em que era mais macia e vulnerável.

Pode deixar; não, não levante isso. Uma coreografia de papéis e funções. Marido, esposa, futuros pais. Comprei para ela as vitaminas e os livros, imprimi da internet as listas de coisas que deveriam ser evitadas: atum, salmão, detergentes tóxicos.

Como nos contos de fadas de Ida, construí para nós uma casa de madeira e pedra, plantei um jardim com flores e heras. Chocamos nossa profecia em forma de filho e imaginamos uma longa vida pela frente. Tudo que havia sido feito de errado conosco, faríamos certo com ele.

Minha mãe sempre me falava que meu pai me batia; eu não lembrava, mas ela insistia que era verdade. Foi por isso que o mandei embora, dizia.

Ela cedeu e me deu o nome completo dele na manhã do meu aniversário de vinte e um anos, enquanto minha mão pressionava a cabeça dela nos travesseiros. Eu o encontrei em uma churrascaria perto da Michigan Avenue. Não precisei perguntar se éramos pai e filho.

Ela me enganou, disse ele. Só engravidou para que eu largasse Beth.

Ele não largou Beth nem os três filhos. E não quis me conhecer.

Nada pessoal, reforçou, enquanto trocávamos um aperto de mão e seguíamos para lados opostos da DuSable Bridge.

Ele nunca esteve presente, mas eu seria uma constante na vida do meu filho. Eu seria um homem melhor.

Eu queria acreditar que os suecos estavam passando aquilo para a gente. Saudáveis. Tudo em ordem, bonito e civilizado. Tudo em moderação.

Lagom, como dizem, o bastante. Mesmo no aeroporto, ao ver um par de suecos de meia-idade enchendo suas garrafinhas com álcool logo de manhã cedo, ou ouvindo os cantos dos protestos neonazistas diante do parlamento sueco, ou lendo sobre homens flagrados com as filhas acorrentadas no porão, eu me recusava a acreditar em qualquer coisa que não fosse boa. Eu havia nos trazido para cá para podermos ser as pessoas que queríamos ser, longe da cidade e de suas tentações, das lembranças e da implacável necessidade que aquele lugar tem de sugar a pessoa.

Ela poderia ser a esposa de que eu precisava. A mãe que meu filho merecia. Um quadro branco. Era isso.

Não, havia outra coisa também. Um jeito de controlá-la. De mantê-la focada no que importava.

Sozinha. Sem amigos. Sem trabalho. Só eu.

Só nós. Melhor assim.

Andei pela casa, entrei e saí dos cômodos, um hamster em um labirinto. À porta do quarto de Conor, parei. Não consegui entrar. Em vez disso, me tranquei no estúdio e assisti a horas e horas dos meus velhos filmes não editados. Arquivos marcados pelas datas, alguns só como *Conor*, outros feitos na época em que ele veio ao mundo.

Conor com alguns dias, Conor com algumas semanas, Conor sorrindo, chorando e dormindo. Conor mais velho, rindo e batendo palmas, deitado no gramado, ele e Merry lado a lado, o bebê aconchegado em seu colo. Em uma cena, ela fazia cócegas embaixo do queixo dele para que risse para a câmera. Menino lindo, dizia, quem é meu menino lindo?

Outra cena. Estou dando comida a ele, a primeira papinha sólida, um marco. Então meu aniversário, Conor em meu colo, bolo de chocolate feito por Merry diante de nós, com uma vela esperando ser usada para um desejo.

Eu sopro; Conor chora porque a chama apagou.

Há muitos vídeos. Conor vai crescendo na tela, uma vida evoluindo rapidamente. Ele parece feliz na maior parte do tempo, um bebê como qualquer outro, não afetado pelo mundo. Nós também parecemos felizes. Ela me fez acreditar que éramos.

O último filme a que assisto está marcado como *Lago*; foi nos primeiros dias da primavera passada. Merry está usando um maiô floral. Conor, com cerca de quatro meses, está sorridente nos braços dela, um chapéu na cabeça, a barriga gordinha exposta, os braços balançando.

Isso é que é vida, não é?, ouço-me dizer. Merry não se mexe para responder, o sorriso congelado no rosto, a cabeça rígida. Mas lá está. Eu vejo,

percebo agora. Pela câmera é difícil não notar. A tensão nos músculos dos braços, os dedos agarrando as coxas brancas e fofinhas. Ele grita, um grito irritado, e a câmera se afasta.

Assisto de novo. Então uma terceira vez. Dou zoom. Observo os dedos pegarem a pele, forçarem, apertarem, machucarem.

Desligo a tela e fico sentado no escuro por um longo tempo.

Ela me fez de bobo. Fez isso com tudo que construí para nós. Com meus sonhos.

Ela não fez nada além de mentir e enganar.

Traíçoeira.

Foi traíçoeira desde o início.

Lembrei-me da caixinha redonda de anticoncepcionais. Mas por que, se ela sabia que...

Talvez ela não saiba. Talvez só suspeite.

Foi por isso que o matou? O rosto de Conor, congelado na tela, sorrindo para mim. Eu mal conseguia olhar, ver. O rosto dele não mais o meu, mas o de um estranho.

Não fico triste por ele ter partido.

Merry

Quantos dias desde que eu tinha visto o sol. Ou dormido, ou tomado banho. Mal conseguia manter a cabeça erguida. Meu cabelo coçava. Quando meti a unha, arranquei sangue.

Estou dizendo a verdade, insisti.

Acho que você não falou uma palavra que fosse verdadeira, Merry. Só um bando de mentiras.

Balancei a cabeça. Não, você não entendeu. Não fui eu. Tenho certeza de que não fui eu. Frank, quase sugeri, talvez ela tenha... Mas para quê? Toda a dedicação perfeita a ele nas semanas anteriores, todo aquele conhecimento e cuidado maternos tão natos. Isso só pioraria a minha imagem.

Você quer ser a vítima aqui, disse ela. A mãe de luto.

Eu sou a mãe de luto.

Não. Você é a mulher que matou o próprio filho.

Que dia é hoje?

Quinta.

Quando cheguei aqui?

Terça de manhã.

Cadê meu marido?

Ele foi para casa.

Quando posso vê-lo?

Ele não quer ver você.

Alguém me trouxe café fresco e um pão de canela. Eu estava faminta. Sentia minha boca suja.

A detetive Bergstrom entrou de novo na sala. Tinha trocado de roupa.

Uma camisa nova, um terno azul-marinho. Usava tênis brancos. Pôs mais uma garrafa d'água na minha frente. É normal, disse. Acabou a com gás.

Ela se sentou.

Merry, começou ela. Você está longe de casa. Mas, neste caso, isso é bom.

A justiça sueca não é como a americana. Não queremos punir, e sim reabilitar.

Ela ergueu os braços acima da cabeça e se alongou. Imagino que seja boa em ioga. Flexível. Dei aulas de ioga durante alguns meses, tive um estúdio no Colorado enquanto morava com Matt, o instrutor de snowboard.

Por que estou te contando isso?, continuou. Estou contando porque realmente quero ajudar você. Arranjar a ajuda que talvez precise há muito tempo. Está entendendo?

Eu não ia olhar para ela.

Sou detetive há bastante tempo. Tanto que já vi alguns casos como o seu. Uma mãe desesperada e deprimida, incapaz de dar conta. Um pai ausente. Uma criança no meio disso tudo. O resultado é uma tragédia, mas tentamos ajudar essas mulheres porque... Merry, olhe para mim.

Deixo que ela me prenda com seu olhar.

Porque nós sabemos que não são mulheres más, completou. São só mulheres que foram levadas ao limite do que conseguem aguentar. Elas fizeram uma coisa muito, muito ruim. Mas podem ser ajudadas. Podem ser perdoadas. Só que isso sempre deve começar com a verdade.

Havia mais papéis no arquivo. Ela abriu a pasta e achou o que queria.

Seu pai. Ele se suicidou.

Por que estamos falando do meu pai?

Estamos falando do seu estado mental. Em 2014, sua mãe faleceu. Certo?

Certo.

Como ela morreu?

Com os seios abertos e os mamilos em uma tigela cirúrgica ao lado. Isso é

ironia ou sátira? Eu me lembro da ligação. Esmerelda, a empregada dela, ligou para dar a notícia.

Ela morreu durante uma cirurgia plástica, contei.

Ela fez várias cirurgias?

Fez.

Tomava algum remédio para depressão?

Não sei. Ela tomava muitos analgésicos.

Você tinha um bom relacionamento com ela?, perguntou a detetive.

Dei de ombros. Era minha mãe.

Alguém bateu na porta e a detetive Bergstrom se levantou em um pulo para abrir. Ela disse alguma coisa em sueco e fechou depressa a porta na cara do homem que havia nos interrompido.

É inacreditável, disse ela. A placa diz *Não perturbe* e, mesmo assim, alguém sempre bate.

E Sam? Você considerava seu casamento feliz. Ele é um bom marido para você?

Estou muito cansada, comentei.

Falta pouco para terminarmos. Sam. Que tipo de homem ele é?

É um bom marido, respondi.

Violento.

Não.

Possessivo.

Não.

Tem certeza? Ele não trouxe você para cá para deixá-la trancada, sozinha?

Não.

Ele parece estar no comando. Mude para cá, faça isso. Tenha um bebê, fique em casa. É ele quem toma todas as decisões. Quem decide como a sua vida vai ser.

Não, repeti. Não.

Ela analisou meus olhos.

Anotou outra coisa. Bebeu água.

Merry, você sabe o que eu acho. Acho que foi assim. Sam fez besteira e perdeu o emprego. Pegou você e partiu para o fim do mundo, a Suécia. Então ele começou a deixar você sozinha o dia inteiro com um recém-nascido. Sem amigos, sem apoio. Nada familiar nem receptivo. O bebê era uma armadilha. Você não podia ir embora. Sam não deixava, não é?

Os olhos dela brilhavam. As axilas do paletó estavam com manchas molhadas. Ela havia suado até ensopar a camisa limpa.

E sabe o que você tem aí?, perguntou.

Ela se inclinou para a frente, aproximando o rosto do meu.

O que você tem, disse, é um motivo.

Sam

Quero que ela sofra. Quero que ela pague.

No estúdio, editei a cena de Merry machucando Conor, cortei para que ficasse só essa parte, repetindo-se sem parar. Toda a prova necessária.

Peguei a chave no balcão da cozinha. Frank tinha acabado de acordar.

Vou até a delegacia, falei.

Entreguei o CD à detetive e me sentei ao lado dela para assistir. Ela balançou a cabeça. Passou de novo. Suspirou.

Agora você já tem, não é?, perguntei. Prova de que foi ela.

A detetive balançou a cabeça.

Não, respondeu. Sua esposa não confessou nada. Insiste que não matou o bebê.

Ela é uma atriz boa para caralho, rebati. Isso eu admito.

A detetive se levantou e andou pela sala. Será, disse, que ela falaria para você? Talvez você seja a pessoa certa para arrancar uma confissão dela.

Não posso. Vou matar aquela mulher.

Não. Mas pode forçá-la a contar a verdade, argumentou a detetive Bergstrom.

Na sala, Merry olhou para cima e me viu. Seu rosto denunciou o desânimo.

Sam, não fui eu. Você tem que acreditar em mim.

Não acredito em nada do que você diz, Merry. Era tudo mentira.

Ela balançou a cabeça. Não, não. Por favor.

Eles haviam me emprestado um laptop. Eu virei a tela na direção de Merry. Mostrei o vídeo. O próprio rosto refletido, o sorriso que não era um sorriso. O abraço no filho que não era um abraço.

Veja, mandei.

Ela apertou a barriga e gemeu. Vagabunda doente. Eu queria bater nela, dar um tapa, fazê-la sangrar. Bum. Uma batida da cabeça dela no canto da mesa, o crânio partiria ao meio. O cérebro escorreria para fora, pingaria pelo nariz. Os olhos rolariam para trás da cabeça, a parte branca para a frente, vazia e cega.

Esta é a sua esposa. Na saúde e na doença. Uma doença não pode ser pior do que isso. Nojo, um amargor que o corpo todo sente. Vai, pensei, por que não? O que há para perder que já não foi perdido? Inclinei-me para a frente e ela se encolheu.

Vou contar, Sam, disse ela. Vou contar tudo.

Recostei-me na cadeira.

Ela enxugou os olhos. Estava horrível. Nem parecia humana.

Esperei.

Você tem razão, Sam, assumiu ela.

Sou culpada.

Merry

Eu fiz isso, sim, Sam.

Você tem razão. Eu o machuquei. Sou culpada de machucá-lo. Eu beliscava e apertava com muita força. Eu... Eu o fazia chorar. Não sei por quê. Não consigo explicar. Não me entendo. Eu só me sentia, não sei. Tão irritada. Tão presa. Parecia que eu estava sufocando. Como se aquela não fosse mais minha vida.

Como se nunca tivesse sido, continuei.

Ele me observava, o rosto contorcido. Ódio, tanto ódio naqueles olhos.

Não sei por que descontava nele. Eu só... Ele estava lá. Tão inocente e puro e, por dentro, eu me sentia tão podre. Tão vazia. Você não vai entender.

Você mentiu, Merry. Mentiu sobre tudo. Foi tudo uma encenação.

Não.

Foi.

Eu sinto muito, Sam. Não sei como posso me arrepender mais.

Você quer o meu perdão, decretou ele.

Não.

Você quer que eu entenda.

Você também mentiu para mim, Sam.

Porra nenhuma.

Mentiu, sim. Fingiu que a gente tinha vindo para cá para mudar de vida. Achou que eu não fosse descobrir que você tinha sido demitido. Que teve mais um caso com outra aluna.

Como se isso importasse, como se isso fizesse alguma diferença.

Ele riu com frieza. Casos. Riu com desdém. Você realmente quer falar dos meus casos?

Cobri o rosto. Não fui eu, Sam. Você tem que acreditar em mim.

Você estava com o Conor, Merry. Ele foi sufocado.

Balancei a cabeça.

Não, Sam. Isso era outra coisa que eu fazia. Eu o deixava lá, sabe. Eu levava o bebê para a floresta e o deixava lá para correr. Eu só queria...

Meu Deus, Merry, você é mesmo doida.

Eu só precisava correr, Sam. Precisava ficar sozinha. Me movimentar. Ter a impressão de que havia alguma coisa só minha. Me sentir viva. Você estava sempre longe; eu estava sempre sozinha. Você sabe que eu odeio ficar sozinha, você sabe.

Você o amava demais!, eu queria berrar. *Não sobrou espaço nenhum para mim.*

Sam me olhou como se eu fosse um animal raivoso. Horror e nojo. E quem poderia culpá-lo?

Você machucou o Conor, disse ele. Você o abandonou. Queria que ele sumisse.

Não, Sam, não. Eu o amava, falei. Eu amava nosso filho.

De repente, as mãos dele agarraram meu pescoço, apertando com força, obrigando o ar a sair, o sangue a subir. Tentei respirar.

Nosso filho, berrou ele no meu rosto. Não se atreva a dizer essas palavras de merda para mim.

Sam

Depois de me tirar de cima de Merry e antes de me mandar para casa, a detetive me fez sentar em uma das cadeiras de plástico cinza da sala de espera da delegacia. Pediu que alguém me trouxesse um copo descartável com água do bebedouro.

No seu depoimento, disse ela, você falou que estava em uma reunião de trabalho no dia do assassinato. Você mentiu.

Coei a barba malfeita que dominava meu rosto. Não falei nada.

Onde você estava?, perguntou a detetive Bergstrom.

Terminei a água e amassei o copinho branco.

Tive uma consulta médica, respondi. Podem conferir.

É o que vamos fazer. Mas por que mentiu sobre isso, Sr. Hurley?

Dei de ombros. É um assunto meio pessoal.

Confidencialidade médica, eles não vão contar nada a ela. Não sei por que isso importa. Talvez pela impressão de que eu é que devo falar a verdade à Merry. Assim vai machucar de verdade. Olhar direto nos olhos dela: game over, você morreu.

Fui da delegacia direto para a casa de Malin. Apertei a campainha até ela abrir.

Sam, eu não posso.

Por favor, implorei. Eu precisava dela. Precisava estar na presença dela, sentir o calor de outro ser humano. Uma leve conexão com alguma coisa que não a dor.

Ela me deixou entrar e preparou dois espressos na máquina vermelha da cozinha. Na minha xícara, colocou dois torrões de açúcar.

Contei tudo a ela.

Quando voltei, a casa parecia demais, sugando tudo até o talo, fazendo com que fosse difícil pensar, respirar. Atravessei o campo até a casa de Karl e bati na porta.

Elsa abriu. Karl está lá nos fundos, disse. Ele vai caçar hoje.

Fui até o barracão encontrá-lo.

Posso ir junto?, perguntei.

Você andou bebendo?

Não, menti.

Ele guardou o resto do equipamento e nós entramos no carro. Dirigimos por uma ou talvez duas horas, seguindo a oeste, entrando nas montanhas.

Obrigado. Eu precisava disso.

A caça aqui na Suécia é humana; mortes com um único tiro, um fim rápido. Os animais não sofrem. Toda a carne é consumida. É o mínimo de crueldade que se pode infligir, o que, em alguns casos, é o melhor, imagino.

Passamos a maior parte do dia na floresta, tão linda. O ar frio da montanha, árvores centenárias, silêncio e um céu interminável para além dos pinheiros. Nós nos agachamos, rastreando duas alces fêmeas adultas. Os animais eram lentos, metódicos ao pastar. De vez em quando, ficavam tensos, arrepiavam-se com nosso cheiro, com o barulho da grama se partindo sob nossas botas.

Karl me emprestou uma arma. Ele não tirou os olhos dos alces. Fez um sinal com a mão para mostrar que o bicho estava na minha mira. Observei o animal, uma grande onda de músculo e carne, o olhar imóvel, o hálito visível no frio. Em meio ao silêncio, tudo era salientado, as asas de uma ave alçando voo, o movimento furioso dos besouros nas árvores.

O tiro soou curto, claro. O ruído ecoou pelas árvores, dominando todos os outros sons. Então o estampido, os corações acelerados, os cascos batendo; os outros animais saindo em disparada, correndo para salvar a própria vida. Vida. Vida e depois morte. Basta isso.

Ela era enorme de perto. A expansão de uma criatura antes viva, as pernas traseiras desabadas. A língua para fora, os olhos encarando, acusando. Por que

eu?, pareciam implorar.

Temos que levá-la para casa, disse Karl.

Juntos, nós amarramos as patas e colocamos o animal morto nos ombros, Karl na frente, eu carregando a parte de trás. O alce era pesado. Peso morto. Tive que parar e mudar de posição, passar a maior parte do peso para os ombros.

Foi um bom tiro, comentou Karl.

Foi?

Seguimos para Sigtuna com o alce amarrado no teto do carro, preso por uma corda grossa que Karl havia trazido.

Você gostou?, perguntou ele.

Não tenho certeza, respondi.

Ele perguntou por Merry.

Eu odeio aquela mulher, desabafei. Odeio tanto que quero matá-la.

Ele mordeu o lábio, balançou a cabeça. Por reprovação ou empatia, não sei.

Não estou brincando, reforcei. Mulheres. São muito boas em mentir. A gente não tem nenhuma chance.

Ele olhou para mim. Mas os homens mentem também.

Talvez, respondi.

Fala sério. Todos nós já mentimos. Talvez não tenhamos mentido totalmente, mas com certeza não contamos toda a verdade. Omissões. Reformulações.

Você, impliquei. O macho alfa sueco supremo.

Ele riu com frieza. As coisas nem sempre são o que parecem, Sam. Nem aqui, disse.

Especialmente aqui, pensei.

Estava escuro quando voltamos para casa. Karl estacionou do lado de fora do maior de seus dois celeiros. Deixou os faróis acesos para iluminar nosso caminho e saiu para abrir a porta e escorá-la com uma tora de madeira.

Está na hora de cortar a carne, disse ele.

Tiramos o alce do teto do carro e o carregamos para o celeiro. Tivemos que virar a carcaça de lado para arrastá-la pela porta. O frio tinha quase congelado o animal. Ou talvez fosse só o fato de estar morto, o encerramento preciso e lento do sistema. A batida do coração, o sangue correndo; tudo que separa os vivos dos mortos.

Não pude deixar de me lembrar da imagem de Conor na cama, deitado de costas, como se não estivesse fazendo nada além de tirar uma soneca. O cadáver rígido, o rosto branco e pálido, lançado para sempre em uma morte fria e inexpressiva. Como era possível caber tanto horror em apenas um dia?

Algumas mechas de cabelo castanho-dourado roubadas da escova de Conor e guardadas em um saquinho plástico. Um médico em Estocolmo que oferecia testes de paternidade com resultados imediatos. No mesmo dia. A confirmação de que ele não era meu.

E então, do nada: morto. Não havia mais criança. Entendi por que Merry queria que ele desaparecesse. Naquele dia eu também desejei que ele sumisse.

Dentro do celeiro, Karl tinha ganchos de carne, serras, um freezer gigante e uma mesa coberta de plástico para cortar o animal em pedaços.

Parece o sonho de um serial killer, comentei.

Karl sorriu para mim. O truque é retirar as entranhas primeiro, explicou. Escorre menos sangue. E é melhor para a carne também.

Ele começou o processo cortando, raspando, como um cirurgião trabalhando. Depois de retirar as entranhas, me entregou a faca. Tome, disse.

Eu hesitei. A faca pesava em minha mão, gosmenta de sangue e morte.

Comece aqui, sinalizou Karl, depois siga nesta direção. Ele me indicou com as mãos.

Enfiei a lâmina, senti a resistência da carne, o metal atingindo o osso. Cortei lentamente, pedaço por pedaço, tirando gordura, tendões e músculos, reduzindo o alce a um conjunto de partes sangrentas. Karl usou uma serra para cortar as costelas e dividiu a carcaça em bifes.

Quando terminamos, usamos uma seladora a vácuo para embalar a carne, que duraria todo o inverno. Enquanto limpávamos o resto do sangue, Freja apareceu à porta para saber o que estava acontecendo. Ela nem estremeceu ao ver as entranhas e os ossos. Karl disse alguma coisa para ela em sueco e a menina riu e assentiu.

Ela quer jantar hambúrguer de alce, explicou.

Ele encheu um saco e me entregou.

Se precisar de mais, sabe onde encontrar.

Eu estava imundo. Exausto. Sentia o sabor do sangue. Fedia a abate.

Na cozinha, Frank estava sentada sob a luz fraca do forno, bebendo uma caneca de chá. Levou um susto quando me viu.

Olhei para baixo. Estava todo manchado de vermelho.

Pode deixar que eu ajudo você, disse ela.

Ela ergueu meus braços para tirar a camiseta ensanguentada. Abriu a torneira da pia e usou sabão para esfregar minhas mãos. As mãos dela nas minhas, esfregando sob a água, mexendo os dedos ao redor dos meus. Muito perto, exalando o cheiro dela, o cabelo comprido em meu rosto, roçando em mim para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Ela estava de camisola, a pele exposta. Eu via tudo através do cetim. Via ainda mais quando ela se inclinava para a frente.

São todas iguais. Todas elas. Você as procura para se sentir completo, mas sai mais vazio do que antes.

Eu continuava sentindo o cheiro do alce morto em mim. O calor estava no ar. E adagas. Afiadas e letais. Lembrei-me daquelas noites sob as estrelas. Frank e seu desejo. O que ela queria? O que eu queria?

Eu a puxei para mim, pressionei minha boca na dela. Os olhos de Frank eram piscinas escuras. Não dava para ver o fundo. Minhas mãos na pele dela, o calor e a maciez. Eu queria mais. Queria voltar ao passado.

Sem dizer nada, Frank se soltou do meu abraço. Ela limpou a boca com as costas da mão e recuou lentamente para dentro da casa escura.

Merry

Lior, de Tel Aviv, a enfermeira pediátrica que deixa o bebê sozinho na banheira. Verity, de Perth, que deixa a porta da varanda só um pouquinho aberta.

Se não foi você, então quem? A detetive Bergstrom está tentando. Talvez ela não queira acreditar em mães assassinas, no fim das contas.

Não sei, respondi. Simplesmente não sei.

Pense, insistiu. Quem você conhece? Quem conhece você?

Balancei a cabeça. As pessoas que cercavam o bebê só tinham amor por ele, abraços e beijos. O papai e a tia Frank, os vizinhos simpáticos, Karl, Elsa e a pequena Freja. Devoção pura. Era só eu e meus destroços.

Não sei, repeti.

Não consigo pensar em ninguém além de mim que quisesse que ele sumisse.

A detetive Bergstrom não estava anotando. Mas parecia estar ouvindo.

Eu havia confessado tudo para Sam. Bom. Não tudo. Algumas coisas. Só o que era preciso. Agora estava me repetindo para a detetive.

Contei a ela como às vezes me sentia sozinha, frustrada e isolada, como se eu fosse uma prisioneira em Sigtuna, como se tudo aquilo fosse alguma punição. Contei que às vezes tinha ideias suicidas (não podemos deixar isso de lado, não é?) e que de vez em quando pensava em abandonar Sam e o bebê. Contei que uma ou duas vezes eu o apertei com força demais por frustração, para tentar fazê-lo parar de gritar, que tinha me sentido tão mal que aquilo me fizera pensar que ele ficaria melhor sem mim.

A detetive assentia enquanto eu falava. Era o que ela queria ouvir. Sempre sei o que as pessoas querem ouvir.

Ela mencionou o fórum. Eles haviam conferido o laptop, o histórico de navegação.

É, falei. Porque eu me sentia muito sozinha. Como se fosse uma mulher defeituosa.

Ela olhou para mim com compaixão ou algo parecido.

Repeti que deixava o bebê sozinho na clareira enquanto corria. Foi o que aconteceu no dia em que ele morreu, expliquei. Voltei da corrida e o encontrei frio, imóvel e já morto. Falei que o havia pegado no colo e tentado ressuscitá-lo, mas que tudo havia sido em vão.

Foi o pior momento da minha vida, afirmei. O pior.

Essa parte era verdade.

É, isso estava mais claro agora. Eu tinha lembrado: cada coisa em sua caixa.

Contei a ela que a princípio havia pensado que era minha culpa, que ele estava doente, febril ou havia ficado com frio. Eu não queria que Sam soubesse que eu tinha deixado o bebê sozinho; também não queria que a polícia soubesse.

Por isso eu menti, expliquei. Menti porque não sabia mais o que fazer.

Então o que você está dizendo, Merry, falou ela, é que outra pessoa matou seu filho.

É.

Não foi você.

Não.

Era isso, não era? Mentiras. Mentiras, mas não assassinato.

Talvez.

Você não fez isso, repetiu ela.

Não.

Todas as provas, tudo o que discutimos. E está negando que foi você.

Não fui eu, sussurrei. Não fui eu.

Ela suspirou. Quero acreditar, mas você está tornando isso muito difícil. Já mentiu para a polícia. Mentiu para seu marido. Como vou saber que está

dizendo a verdade agora?

Porque preciso, declarei. Porque fui uma mãe negligente e horrível. É. É. Isso eu aceito. Eu admito. Posso ser queimada na fogueira por isso. Mas não matei meu filho.

Ela me analisou por bastante tempo, sem dizer nada, só observando.

Eu parecia abalada. É, pensei, a melhor atuação da minha vida. Mas todas não haviam sido? Com Christopher foi demais. Eu o havia feito ultrapassar o limite.

A detetive Bergstrom fez que sim com a cabeça. Saiu da sala. Quando voltou, trazia um mapa de Sigtuna.

Mostre, disse. Onde você corria. Onde estava. Mostre onde ele foi encontrado.

Olhei para o mapa. Não sou boa com essas coisas.

Tente, insistiu ela.

Marquei com uma caneta. Aqui, da nossa casa. Até mais ou menos este ponto. Talvez aqui. Tem um chalé por lá. Está fechado.

A que horas. A que horas você saiu de casa?, perguntou. A que horas encontrou Conor?

O que mais?, continuou ela. Alguém que tenha visto você. Alguém com quem tenha conversado. Alguém que possa ter visto alguma coisa.

Balancei a cabeça. Ninguém, respondi.

Ela abriu o arquivo. Conferiu algumas folhas.

Isto pode ajudar, disse. Temos a hora da morte. Um pequeno intervalo. Se provarmos que estava a uma distância afastada o bastante dele nessa hora, talvez você consiga alguma coisa.

Mas pense. Alguma coisa, qualquer coisa que possa ser útil.

Ela estalou os dedos. Um daqueles monitores cardíacos, sugeriu, aqueles que rastreiam a pessoa correndo.

Balancei a cabeça.

Celular? O GPS do celular.

Não sei, respondi. Estava comigo.

Ótimo, assentiu. Ótimo. Vamos conferir isso.

Ela olhou para mim. Merry, disse. Isso vai ser difícil de provar. É só uma aposta. Entendeu?

Confirmei com a cabeça. Ela estava sendo gentil. Demonstrando piedade. Acreditou naquilo, na mãe arrasada, na crueldade que surge nas mulheres desesperadas e solitárias. Não parecia certo ser perdoada ou compreendida. Escapar da punição.

Quem machucaria uma criança?

Eu.

A resposta era eu.

Merry, repetiu ela. É melhor você não estar mentindo de novo. Está ouvindo? Porque senão vou para cima de você com vontade. E não vou ser tão simpática. Não vou ser nada simpática.

Frank

Estou cansada das nossas escapadas noturnas, Karl e eu, sozinhos no celeiro frio e poeirento dele. Ele está me penetrando com força sem parar, um pouco distraído esta noite. Mas, conhecendo o cara, não vai querer parar antes de gozar.

Estou arrependida por isso ter se tornado frequente. A primeira vez cumpriu um objetivo, agora é só cansativo.

Isso, isso, grito para apressar as coisas. Enfio o dedo onde ele gosta. Aproximo os seios do rosto dele e mudo de posição para ficar menos desconfortável.

Tento imaginar Merry atrás das grades. Uma criminoso. Sendo punida pelos crimes dela. Como a vida pode ser curiosa; os lugares a que pode nos levar. Na outra noite, Sam me tateava com mãos sangrentas e hálito fedorento. Eu não havia notado como ele é grosseiro. Como é desagradavelmente confiante e comum. Estou acostumada a homens de calibre melhor que ele.

O que eu estava pensando? Minhas avaliações são realmente falhas às vezes. Bom. Sofri traumas próprios nos últimos meses, não é, por causa dos ataques cruéis deles. Em algumas noites em que não consigo dormir, entro no quarto de Conor, sinto o cheiro dos seus cobertores, passo o dedo pelo lugar em que costumava ficar deitado. Sinto uma pontada de dor no coração.

Houve uma noite em que Sam chegou tarde em casa. Eu estava ninando Conor para que ele voltasse a dormir, na antiga poltrona do seu quarto. Tia Frank, sussurrou Sam, a fada madrinha. Na época eu sorri diante dessa ideia. Agora só penso em madrinhas que lançam feitiços e maldições. As que fazem as crianças dormirem por cem anos ou as sequestram.

Karl me pega pelo pescoço, puxa, segura. Minhas coxas doem, mas não ousa parar. Isso, isso, isso. Ele finalmente goza, dentro de mim desta vez.

Tudo bem, minto. Tomo anticoncepcional.

Elsa perdeu outro bebê alguns dias atrás, diz ele, suspirando.

Ela está abalada.

Tenho que me controlar para não dar um tapa na cara dele.

Ele fecha o zíper da calça e me larga no chão de cimento frio.

Merry

Merry, Merry, você está me ouvindo?

Eu queria fechar os olhos. Desaparecer, célula por célula, mergulhando no nada, permitindo que tudo desse lugar ao esquecimento.

Eu já tinha pensado nisso antes, uma ou duas vezes, em Nova York. Em simplesmente me deitar na rua, ou nos trilhos do metrô, me deitar, fechar os olhos e deixar acontecer. Pronto. Uma entrega. Nem morte nem suicídio. Só uma maneira de desistir da luta, do negócio exaustivo que é viver.

Olhei para cima e tentei me concentrar.

Merry.

Era a detetive Bergstrom, bem-arrumada como sempre. O cabelo cortado e pintado de um louro platinado forte. Estava assim desde que cheguei? Ela mascava chiclete. Senti cheiro de hortelã. Devia estar com bafo. Juntei as mãos para conferir o meu. Horrível.

Merry, repetiu ela. Vamos retirar as queixas contra você.

O quê?

Você vai ser liberada, falou.

Não estou entendendo.

Encontramos uma testemunha. Alguém que confirmou sua história.

Como? Não tinha ninguém... Eu não vi ninguém.

Tinha, sim, disse ela. Tinha. O chalé que você mencionou. Acharmos o dono. Fomos conversar com ele. Parece que ele tem um filho, um adolescente que decidiu usar o chalé para encontrar a namorada. No dia da morte do Conor. Ele tinha levado maconha e uma bebida roubada do bar do pai, por isso ele não quis falar. Mas ele viu o que aconteceu. Ou, pelo menos, o suficiente para tirar você daqui.

Ele viu, ele viu quem matou o bebê? Ele estava lá?, perguntei.

Ela balançou a cabeça. Não, infelizmente... Ou talvez para a sorte dele.

Quando conversamos, ele contou que chegou no chalé pouco antes de você. Viu você ir até o carrinho, pegar o bicho de pelúcia, como você contou. Viu você gritando e segurando o bebê, tentando fazer respiração boca a boca. Ele viu você chorando histericamente, em choque. Disse que quis ajudar, mas ficou com medo de o pai descobrir sobre o chalé.

A detetive Bergstrom me olhava, sem sorrir nem fazer careta.

Isso é uma boa notícia para você, reforçou ela.

Senti como se fosse o contrário. Uma injustiça. Como poderia ser outra coisa?

Ele viu mais alguém na floresta?, perguntei.

Não. Ele chegou no chalé pouco antes de você. E deve ter vindo de outra direção. A namorada também. Eles não viram nada.

Ela se alongou de novo, os braços acima da cabeça. Ouvi seus ombros estalarem.

A equipe também analisou seu celular. Eles rastrearam sua localização usando as fotos que você tirou; os momentos e locais confirmam tudo que você me disse. Considerando a hora estimada da morte, há espaço para sugerir que você pode não ter feito isso.

As fotos, lembrei. A luz e as cores do lago, o mistério encantador do mundo brilhante lá embaixo. Eu havia ficado parada ali por bastante tempo, hipnotizada.

Merry, disse a detetive Bergstrom. Eu acredito em você. Acredito que você não matou seu filho.

Fiz que sim com a cabeça. Estremeci. Estou livre, repeti.

Está.

Mas isso não resolve nada, não é?

Resolve muita coisa para você. Para o caso, estamos analisando outros cenários possíveis. Agora temos a possível cena do crime. A perícia está

trabalhando na área em torno da clareira e do chalé. Eles vão achar alguma coisa. Vestígios, fibras. Algo vai aparecer. E nós vamos descobrir se alguém fez isso com o seu filho.

Fiquei sentada, olhando para ela.

Então é só eu ir para casa.

É, você está livre e pode ir para casa.

Casa. Sam. Sam e sua raiva monstruosa solta em cima de mim. A mulher que o enganou. A mulher que machucou seu filho. Seria direito dele. Seria a vingança dele. Ninguém poderia impedi-lo.

Talvez você consiga dar um jeito de seguir em frente com seu marido, disse a detetive Bergstrom, parecendo entender minha hesitação. Juntos ou não.

Ela empilhou as pastas. Pôs a bolsa no braço. Parecia ansiosa para ir embora ou para se livrar de mim.

Eu estava muito cansada. Me sentia pequena e suja, alguma coisa presa na sola de um sapato.

Sou um monstro, falei, não sou? Mesmo que não tenha matado meu filho.

Ela se levantou e abriu a porta.

Não, Merry, respondeu. Acho que você é uma mulher como muitas outras.

Frank

Merry voltou. Eu acordei e a encontrei na cozinha, preparando o café da manhã casualmente, como se nada tivesse acontecido. Como se os últimos dias nunca tivessem acontecido.

Você está em casa, exclamei.

Eu não sabia se deveria abraçá-la ou fugir dela.

Oi, Frank.

O que aconteceu? Como conseguiu voltar?

Você parece decepcionada, rebateu ela. Estava com o cabelo molhado, gotejando pequenas poças no chão.

Claro que não, respondi. É ótimo você ter voltado. O que eu quis dizer é: o que aconteceu para eles soltarem você? A gente não ficou sabendo de nada, Sam e eu, achamos que eles ainda estavam ocupados com o interrogatório, com a, você sabe, possibilidade de ter sido proposital, tentando entender o que tinha acontecido...

Sou inocente, interrompeu ela. Foi isso que aconteceu. Você acredita em mim, não é, Frank? Você acredita que não fui eu.

Claro, concordei. Claro. Nunca achei que você seria capaz de fazer algo assim. Ai, Merry, que coisa horrível e inimaginável. Não é? Não é absurdo? O choque da morte do Con... E agora isto. Essa notícia horrorosa de que foi...

Eu mal conseguia pronunciar a palavra. *Assassinato. Assassina.*

Ela bebeu o café devagar. Serviu mais na caneca. Estava muito magra, pálida. Desgrenhada, mas claro que estaria. Pareceu perdida em seus pensamentos por um tempo e depois olhou para mim de novo. Serviu outra caneca de café e me entregou. Quando fui pegar, pisei na água que escorreu do cabelo e se acumulou a seus pés, sentindo o frio encharcar minhas meias.

Havia uma testemunha, declarou ela. Um homem se apresentou. Ele viu o que aconteceu.

Testemunha, repeti. Onde? O que ele disse? O que ele viu?

Senti mais água pingar nos meus dedos. O café. Eu havia derramado.

Merry me observou. Cuidado, disse.

Minhas mãos estavam queimando. Eu me virei para largar a caneca.

Você deve estar exausta, comentei. Eu me abaixei para limpar o chão, uma reverência aos pés dela. Merry não se mexeu. Senti seus olhos fixos em mim.

Cadê o Sam?, perguntou ela acima da minha cabeça.

Provavelmente no celeiro, respondi. Ele tem dormido lá. Está congelando, mas acho que é isso que ele quer. Frio. Chão duro.

Olhei para cima e ela me observou com atenção.

Você continua aqui, Frank, disse.

Merry

No celeiro, Sam estava encolhido como uma bolinha, o travesseiro enfiado entre duas caixas, cobertor em cima da cabeça para combater o frio. Havia uma garrafa ao lado dele, um maço de cigarros. O fim do nosso estilo de vida saudável sueco. O fim de tudo.

Eu me agachei. Ele fedia. Havia uma mancha de baba branca, seca, no canto da sua boca, uma camada de sebo no rosto. Ele abriu um dos olhos.

O que você está fazendo aqui, caralho?

Sam, não fui eu. Eles me soltaram.

Ele me deu as costas. Fedia à bebida da noite anterior, a um homem que não se lavava havia dias.

Mentirosa, rebateu ele. Puta mentirosa.

Não, disse. Tem uma testemunha. Eles têm provas de que não fui eu.

Mentirosa, repetiu ele.

Saí do celeiro e fechei a porta. Voltei para casa.

No quarto do bebê, encostei o rosto nos cobertores dele e inspirei, senti os bichos de pelúcia ainda cobertos pela baba e pelos beijos dele. O ursinho desgastado pelo uso, orelhas mordidas e pelo descolorido. Senti o cheiro dele; suguei as pontas da lã para senti-lo e o imaginei em meus braços, aconchegado em mim.

Abri a geladeira e observei o que tinha dentro. Os potes de comida de bebê enfileirados ainda estavam fechados na primeira prateleira. Brócolis e cenoura. Abobrinha e pimentão vermelho. Batata e ervilha, o favorito dele. Senti a familiar pontada de dor na boca do estômago. Morto. Desaparecido. Você fez isso. Você merece isso. Um dia, Merry, você vai pagar por tudo. Todas as suas

mentiras.

Quem disse isso? Não consigo nem me lembrar do rosto.

Peguei um saco de lixo e o mantive aberto enquanto jogava os potes de comida, um a um, jantares e almoços que nunca seriam consumidos. Pensei nos dias em que o deixei com fome. Nos dias em que desisti de dar comida a ele depois de uma ou duas colheradas. Vi o rosto dele, aquele rosto calmo, confiante, o modo como observava o mundo com os olhos de cílios escuros, procurando informações, buscando sorrisos, sem querer nada de mim além da coisa mais instintiva: amor materno.

Amor materno. Amor materno incondicional. Onde estava? Onde esteve? Me desculpe; me desculpe, Conor. Me perdoe, filho. Senti vontade de vomitar. Senti vontade de gritar.

Juntei o lixo e levei para as latas de reciclagem no fim da rua.

Elsa estava fechando a tampa do lixo biodegradável, o casaco de inverno bem fechado.

Oi, disse.

Ela balançou a cabeça para mim como uma ave nervosa, tremendo. Merry, respondeu. Não posso falar com você.

Assenti. Dei um passo para o lado e a deixei passar.

Voltei devagar para casa. Era um esforço me mexer, pôr um pé diante do outro. Eu estava exausta até os ossos, até as células; tudo em mim queria se render. À exaustão, à tristeza, ao grande vazio escuro que queria me engolir.

Tudo se foi. Tudo que você tinha se foi. O vazio de antes, mas pior. Mais profundo, mais escuro. Não mereço compaixão. Nem piedade.

De fora, me virei para a casa para ver se Sam estava lá. Em vez disso, vi Frank na cozinha, lavando a louça, mexendo alguma coisa no fogão. Era assim que eu devia estar algumas semanas atrás, pensei. Essa devia ser minha imagem. Gostei da cena, da domesticidade gentil, do prazer das tarefas simples. A criação de uma casa. A transformação de uma casa em lar.

Quem ia querer seu filho morto, Merry? Quem teria se beneficiado disso?

Eu havia analisado a lista de pessoas que conhecíamos na Suécia; meia dúzia, se tanto. A detetive Bergstrom havia anotado o nome de todas.

Mas elas o amavam. Todo mundo o amava.

Uma dor, um soco.

Todo mundo o amava, menos eu.

Frank, tão maternal, instintiva e carinhosa. Aquela foto dela com Sam e o bebê guardada em minha memória: um trio feliz.

Será que essa tinha sido a foto que ela havia mandado para Christopher?

Parei para observar o interior do lado de fora. Vemos tudo de maneira diferente assim. A perspectiva se inverte, feito binóculos usados ao contrário.

Frank na minha casa, emoldurada pelo vidro. Frank na minha casa, parecendo muito confortável. Por que sempre parece que ela está tentando se meter na minha vida?

Frank. Frank e o jeito dela. O modo como a mágoa é rapidamente transformada em raiva. Namorados que a dispensaram, homens que a recusaram, maridos que não largaram a esposa por ela depois de tantas promessas. Colegas que foram promovidos antes dela. Eu havia observado o resultado sangrento. Ela sabe ser impiedosa. Ligações para esposas na hora do jantar, calcinhas esquecidas para que namoradas descobrissem, envelopes pardos com fotos incriminadoras enviadas para diretores. Ela sempre conseguia o que queria.

Tenho que ser assim, disse ela certa vez. É o único jeito de subir na vida.

Talvez seja isso que uma infância de escassez faça a uma pessoa.

Mas uma criança.

Meu filho.

Continuei observando Frank pelo vidro. Linda. Ela sempre foi linda demais. Mas só por fora. Na verdade, é só uma ilusão de ótica.

Eu te amo, Merry Merengue.

Eu te amo, Frankitcha.

Somos tão boas em fingir, não somos?

Uma vida entrelaçada ao mundo de alguém, o fio que nos conecta, grosso, áspero e resistente às intempéries. Eu, você, nós, a gente. Duas vidas e duas pessoas, amarradas por um nó forte, feito raízes retorcidas de árvores milenares, tão profundas e contorcidas que não dá para distinguir uma da outra, que não dá para cortar uma sem matar as duas. Parte eu, parte você. Melhores amigas.

Coisas roubadas uma da outra durante anos, não para ter, apenas para magoar. Namorados que consegui virar contra ela. Não fui muito legal. Mario, o italiano, seu grande romance da faculdade. Não precisei fazer muita coisa para criar aquele draminha. Ele simplesmente parou de atender às ligações dela. Com Simon também, o quase marido. Dei um jeito de fazer o noivado terminar rápido. Não sei por quê. Acho que ela estava feliz demais. Muito satisfeita consigo mesma para precisar de mim. E isso nunca parece certo.

Cuidado, alertei Simon. Ela costuma ser bastante possessiva com quem ama.

Era um problema para ele, Frank já havia comentado comigo. Tudo que tive que fazer foi atizar as chamas. Histórias inventadas sobre quase overdoses de Frank após término — só para chamar atenção, expliquei —, uma ordem de restrição, o lento isolamento de todos os amigos e parentes para que ela fosse o único foco.

Só para você saber, completei, como se achasse que estava sendo uma boa amiga.

Mas ela não sabia dessas crueldades. De outras, talvez.

Retaliação.

Vingança.

Ou os mesmos jogos de sempre.

Meus.

Não, meus.

Vá embora, eu tinha dito e observado com alegria a tristeza no rosto dela. O prazer único, a felicidade sempre presente ao cutucar suas feridas. Traída, deixada de lado. Todas as coisas que Frank não suporta.

Mas isso. Uma criança.

De forma repentina, ela olhou para a frente da casa e levou a mão ao coração.

Tinha me visto. E eu a havia assustado.

Sam

Olhei para Merry diante de mim. Calada. Imóvel. Esperando que eu fizesse o que quisesse. Eu mereço. Era isso que ela estava dizendo. É o que diria se pudesse falar. Eu quero. Quero o castigo, Sam. Quero sentir dor.

Quero que você faça isso. Faça tudo. Faça-me sofrer.

O sentimento é de raiva, queimando, feroz, tão quente que parece que alguém está jogando carvão em minhas entranhas, o calor subindo pela barriga, até o peito, subindo, subindo, subindo e parando na garganta, tirando meu fôlego, mantendo tudo preso dentro de mim.

Eu tremia. Meus punhos, aqueles punhos, duros, vermelhos e quentes, pulsando, loucos para bater, para expulsar o ódio através dos nós dos dedos, jogar tudo na minha esposa. Um golpe, um soco, um choque de osso e sangue.

É, disse a voz. Faça.

Faça.

Os punhos. Os punhos.

Agora, Sam. Faça. Por toda a dor. Toda a mágoa. Todas as mulheres que fizeram mal a você.

Tantas mulheres. Manipuladoras. Cruéis.

Mentirosas.

Todas mentem tão bem.

Pus toda a força na mão e dei o primeiro soco. Acertei; ela desabou.

Outro, disse a voz. Vá com tudo agora. Sinta de verdade.

Eu me inclinei para trás, me joguei para a frente e bati nela. De novo e de novo; os punhos doendo com o impacto. Ouvi gritos assustados, brutais

e urgentes, mas os ignorei e continuei.

Tome isso. Tome isso, sua puta, sua vagabunda.

Mais, Sam, mais.

Mentirosa! Vadia! Mãe puta vagabunda dos infernos. Mulher horrenda. Mulher horrível e cruel, você não merece viver.

Os gritos se intensificaram. Havia sangue em minhas mãos e eu parei para limpar lágrimas e baba do meu rosto. Estava sem fôlego, suando com o esforço. Tremendo. Os gritos eram meus.

Olhei para Merry, não mais minha esposa. Só uma pilha abandonada no canto, destruída e ensanguentada.

Ótimo, disse a voz. Você foi muito bem, Sam. Muito bem mesmo.

Sequei os olhos. Respirei fundo. Tentei me controlar. Acalmar meu coração.

Obrigado, falei, por fim. Acho que para mim acabou.

No carro, de volta para casa, pensei na conversa com Karl. Nos segredos que guardamos. Mas isso tudo é culpa dela. Tudo.

Você está tão irritado, disse Malin, e isso antes de tudo acontecer.

De que adiantava tentar entender? Elucidar a história, como dizem.

Volte até o início. Mergulhe fundo. Sinta a dor. Isso é bom, diz o psiquiatra.

Viva a sua verdade. Domine sua dor.

Porra nenhuma.

Eu havia tentado depois que tudo dera errado em Nova York. Tess, em seu pedestal, insistindo que eu pagasse pelo que havia feito. Pensei: algo tem que mudar. Deixe-me mudar. Deixe-me tentar. Nada muda.

Nada muda nunca.

Como pode mudar, se todas as mulheres são iguais? Está no DNA delas.

Frank

As coisas estão horríveis por aqui. Sam e Merry retumbando pela casa, ele em um estupor semiembriagado, ela em outro tipo de transe.

Ele ficou fora a maior parte da tarde de ontem, pegou o carro e saiu, deixando Merry e eu sozinhas em casa. Ela não disse muita coisa, passou quase dezoito horas dormindo profundamente. Dei uma olhada no quarto dela em determinado momento para conferir se estava tudo bem. Ela estava embaixo das cobertas, morta para o mundo.

Ainda não me contou nada. Testemunha. Testemunha. Não imagino quem possa ser.

Preparei o almoço e conferi as opções de voo. Sem dúvida está na hora de ir. Agora que Merry foi absolvida. Agora que ela está livre. Sinceramente, mal posso esperar para ir embora. Me livrar de toda essa tristeza, da grande perversidade da vida deles. Como tudo parece diferente agora, a cortina erguida, as máscaras caídas.

Acho que vou seguir o plano e ir para a Itália. Apesar de poder ir para qualquer lugar.

Tenho amigos em outras partes do mundo, muitos deles. Sempre me dizem: Venha nos visitar. Você tem que vir, Frank. Então eu vou.

Alain em Paris, Oren em Bruxelas, o recém-divorciado Nicolai em seu grande prédio em Hong Kong.

É, vai ser um novo capítulo, um novo mundo de possibilidades à frente. Estou muito animada.

Pegue uma pá e cave a própria saída. Esse era um dos lemas da minha mãe. Não dava para esquecer que ela era uma menina da fazenda. Mas tinha razão.

Sempre tive talento para usar pás. Criar minha sorte, estabelecer o curso certo para minha vida.

Você poderia ser minha filha, Frances, disse Gerald, mas toquei o indicador nos lábios dele e balancei a cabeça. Tinha dezesseis anos.

Eu também quero, sussurrei com delicadeza, uma tentativa de sedução. Estava usando lingerie nova, vermelha e barata. O pai de Merry gostava de novinhas; todo mundo sabia disso. Eu o beijei e enfiei as mãos dentro da calça dele como tinha visto mulheres fazerem nos filmes. Esfreguei até senti-lo enrijecer em minhas mãos. Ele mordeu meus seios e me empurrou com uma das mãos até eu estar esparramada no balcão da cozinha.

Depois, o rosto dele ficou abatido. Ele me olhou, pálida e nu, terrivelmente jovem. Ele tremeu. O que foi que eu fiz?

Não preciso contar à Maureen ou à Merry, falei. Eu nem sonharia em fazer isso.

Eu queria ir para a faculdade, só isso. Na manhã seguinte, o primeiro de vários pagamentos generosos tinha sido depositado em minha conta.

A velha Frank perseverante. É, eu sempre fui assim.

Meu telefone tocou. Elias, de Xangai, um velho amigo do curso de negócios. Ele leu um livro sobre sinceridade radical há dois anos e vem praticando desde então.

Eu não amo mais você, disse à esposa. Sinto repulsa. Ela se divorciou e ele se mudou para a China.

O que você está fazendo no cu do mundo?, perguntou.

Visitando uma velha amiga, respondi.

E como estão as coisas?

Meio chatas, para ser sincera. Fiz uma careta. E estavam, certo? Engraçado... E pensar que cobicei isso tudo.

Preenchi o resto do dia com cochilos e leitura. Fiz um pouco de ioga. Terminei uma caixa de biscoitos de centeio e queijo. Olhei ao redor, para o quarto de hóspedes que tinha começado a parecer esparso, frio e hostil.

O que achou da Suécia?, o pessoal de Londres e de Nova York vai perguntar, colocando as novidades em dia em jantares e brunches com

champanhe. Já me imagino respondendo com um gesto de desdém e um revirar de olhos brincalhão.

Ah, sabe como é, vou dizer. Pitoresca, mas muito chata. Vamos rir e o alívio vai nos invadir, o fato de termos sido poupados daquelas vidinhas e do tédio provinciano.

Por volta das sete, ouvi a porta da frente se abrir. Sam estava em casa. Fiquei no quarto, escutando o barulho dos sapatos dele. Achei que ia seguir direto para o celeiro, mas outra porta se abriu. A do quarto.

Eu me levantei e fiquei parada à porta. Me aproximei devagar.

Já pedi desculpas, Sam. Estou implorando. Não posso mais repetir isso. Não posso sentir mais pelo que aconteceu.

Merry tentando outro ângulo.

Ele ficou quieto.

Não fui eu, Sam. A polícia não teria me soltado se tivesse sido. Então pode continuar me odiando. Pode me expulsar, pode me castigar, pode fazer o que for preciso. Mas eu só quero descobrir quem fez isso. Acho que você quer a mesma coisa.

Ele murmurou alguma resposta, mas não ouvi.

Fez-se silêncio. Então Merry voltou a falar.

Acho que foi a Frank, disse. Acho que ela pode ter me seguido até a floresta. Eu sei que é loucura, mas acho que foi ela.

No escuro, fiquei imóvel, paralisada. Eu me senti enjoada, com o coração na garganta. Inacreditável. Depois de tudo que fiz. Depois da amiga que tentei ser.

Eu me afastei com cuidado da porta e saí da casa, ainda de meias. Puxei a porta sem fazer barulho e me sentei do lado de fora. Procurei o maço de cigarros que Sam guardava sob um dos vasos de flores e soprei nuvens de fumaça branca no ar frio da noite. Minhas mãos tremiam, fúria e choque. A injustiça

daquilo tudo. Mas por que estou surpresa?

Ela nunca deixou de jogar a culpa em mim. Se ao menos ela conseguisse ver. Se ao menos pudesse saber.

Nós somos iguais. Somos tudo que temos para nos apoiar.

Estremeci, observando a porta da casa de Karl do outro lado do campo, iluminada pela lâmpada vermelha pendurada sobre ela. Uma guirlanda de Natal havia sido colocada na porta, provavelmente feita por Elsa e Freja; uma tarde alegre de artesanato. Karl não merece as duas.

Elsa, comentou ele. Mais um aborto.

Sugerindo muitos outros.

Coitada. Esse tipo de coisa pode mesmo destruir alguém. A sensação de que, não importa o que faça, a vida sempre vai achar um jeito de negar as coisas que você mais quer.

Olhei para o céu. A noite estava linda. Fria, mas clara. As estrelas brilhavam; a lua, um círculo de luz pura. O fim de um ciclo. Um bom momento para uma grande mudança, não é o que dizem?

Fiquei mais um tempo sentada, uma sombra sozinha na noite escura. Uma menina muito longe de casa. Uma menina sem casa.

Coitada da Elsa, pensei mais uma vez, antes de entrar sem fazer barulho.

Merry

A casa nos gela até os ossos. Mesmo assim, as janelas permanecem abertas. Ninguém ligou o aquecimento. Não há lenha cortada para a lareira. O frio é estimulante, um tapa, um castigo. Logo vai doer mais, vai ser doloroso respirar, difícil se mover. Cada dia fica mais frio e escuro que o anterior, cada vez menos luz; daqui a mais ou menos um mês não vai haver nenhuma, só um punhado de horas de luz do dia para esconder o céu escuro.

Tomo o café da manhã na varanda, sentada, observando o jardim. Tudo está sucumbindo à nossa negligência. Legumes morrendo nos pés, galhos caídos, grama alta, ervas daninhas em todos os cantos, abrindo caminho.

Tudo apodrecendo.

Insetos, pontinhos brancos nas folhas, agitando-se em meio ao verde. Lesmas em suas casas encharcadas, se escondendo sob as folhas. Vegetais caídos, desistindo da vida. Grande parte das coisas já haviam se rendido ao frio.

A decomposição começou a dominar.

Mesmo assim, as aves estão indo para o sul. O resto dos animais está se preparando para os meses de hibernação. Nada parou: nem o tempo nem a estação, nem o crescimento nem o oposto. Fomos só nós que paramos, feito um relógio no momento eterno da nossa maldição.

Na cadeira, senti a rigidez do meu corpo. Eu me inclinei para a frente e estiquei os braços, ouvi as partes tensas estalarem e resistirem. Olhei para a floresta. A trilha conhecida. Não voltei lá desde aquele dia. Terminei o café e entrei para vestir as roupas de corrida.

Comecei a andar pela floresta, ainda sem saber direito por quê. Andei e parei. Andei e parei.

Sou uma mulher livre, disse a mim mesma, mas só sentia culpa.

No início da trilha, olhei de volta para as casas.

Elsa e Karl à esquerda. Sam e eu à direita. Duas casas de madeira emolduradas pela paisagem. Dois bons pontos de observação das idas e vindas pela reserva.

Continuei andando. Olhei para trás. Não consegui deixar de lado a estranheza da sensação de estar fazendo isso sem o carrinho. Sem o bebê. Nunca mais com o bebê.

Ao me aproximar da clareira, senti tudo voltar. O pavor daquele dia. A percepção repugnante de que ele havia morrido. De que eu seria descoberta. E fui, não fui? Acho que mereci.

Talvez tenha mais por vir. Talvez esse seja só o começo.

A fita azul e branca da polícia, que isolava a área, foi rasgada e jogada fora. Algumas partes ainda estão presas na entrada do chalé. Fui até lá e forcei a porta. Abriu. Eu entrei. Era minúsculo e estava empoeirado, praticamente vazio. Um banco de madeira que devia servir de cama, uma mesa, uma prateleira com algumas latas de mantimentos, uma tigela e um prato esmaltados. Não é um belo ninho de amor para adolescentes.

Parei à janela e olhei para fora. A clareira, as árvores. A pedra à direita, a grande árvore à esquerda, um esconderijo perfeito. Para observar, para esperar. Havia alguém ali. Alguém tinha me seguido. Senti um nó no estômago. *E você o deixou sozinho.*

Crimes assim, segundo a detetive Bergstrom, costumam ser pessoais. Íntimos. Alguém da família. Alguém esperando para me incriminar.

Para tomar o que era meu.

Para me punir.

Amigas. Irmãs. Duas partes do mesmo todo.

Olhei para onde o bebê tinha morrido. Sufocado. O próprio cobertor levado à

boca, mantido ali até que ele não conseguisse mais respirar. Azul, a cor dos peixinhos estampados no tecido. A cor do rosto dele quando o encontrei.

A cabeça dele deve ter ficado enrolada ali dentro. Enrolar. É isso que as enfermeiras da maternidade nos ensinam a fazer no hospital. Para que a criança se sinta segura. Para que a criança saiba que não há nada a temer no mundo fora do útero. Só amor. Só amor.

Mas você queria que ele morresse. Desejava que ele nunca tivesse existido.

O rosto dele, sempre te observando, sempre ameaçando revelar mais um segredo. Eu ia ajeitar tudo.

Eu sei, havia escrito Christopher. Não *Preciso de você*, como em todas as outras vezes. Era por isso que ele queria que Frank mandasse uma foto. Ele viu o que eu nunca percebi. O que eu nunca quis acreditar.

Mas eu tinha um plano. Eu ia responder, só uma vez. *Ele não é seu*. Eu fingiria ter certeza, que havia feito testes, provas irrefutáveis.

Talvez eu o ameaçasse com alguma coisa vergonhosa se ele entrasse em contato de novo.

Quem é Christopher?, havia perguntado a detetive. Encontramos mais de duzentos e-mails dele apagados no seu computador.

Engoli em seco. Um velho amigo. Ele não está bem, expliquei. Mentalmente instável.

Parece meio obcecado por você, disse ela. Ele tem motivo para isso?

Balancei a cabeça. Ele não está bem, repeti.

Era verdade. Ele não estava bem quando o conheci e eu só piorei as coisas. Fingi que o amor enlouquecedor que ele sentia era recíproco. Fingi ser como ele.

Parece que somos as únicas duas pessoas no mundo que entendem o que tudo isso significa, disse ele.

É, respondi, entusiasmada, só eu e você.

Ele era engenheiro de dia, só números e medidas; à noite, um poeta maníaco em busca de uma musa. Eu adorava o modo como ele me olhava. Adorava

como eu me sentia viva, refletida nos olhos dele.

Preciso de você, eu dizia. Eu te amo, prometia.

Nunca amei. Talvez nunca ame.

Sempre foi um bálsamo e não outra coisa. O gosto de uma vida maior. Um jeito de ser outra pessoa.

Então se tornou uma maldição.

Ouvi um farfalhar do lado de fora, uma intrusão repentina no silêncio, sapatos batendo no chão. Uma mulher surgiu das árvores, de costas para o chalé. Usava um gorro cobrindo o cabelo. Parou, sem fôlego, no meio da clareira. No mesmo lugar. Olhou para cima, para o céu, para as copas invisíveis dos pinheiros. Ela olhou em volta, cobriu o rosto com as mãos e deu um berro alto, repentino e agudo.

Um som doloroso, profundo e sombrio, de um tom gutural muito familiar para mim.

Ela se virou. Girou sem sair do lugar, o choro mudando, se tornando um uivo baixo. Agarrou a barriga e vomitou no chão. Então desabou, uma pilha destruída com a cabeça baixa.

Quando olhou para cima, reconheci o rosto.

Elsa.

Era Elsa.

Sam

No celeiro, estou com o ursinho de pelúcia. O urso e o uísque. Nenhum deles serve para nada.

A névoa em minha cabeça só fica mais escura, mais pesada. Sinto que estou me desfazendo, tudo abaixo de mim está cedendo. Não suporto olhar para Merry, mas ainda assim. Preciso saber que ela vai sofrer pelo que fez. Só não sei como ainda.

Do celeiro, ouço pneus na trilha de cascalho. Abro a porta e vejo dois carros estacionarem e duas duplas de policiais saírem. Entre eles, a detetive Bergstrom. Eu a reconheci da delegacia.

O que foi agora, pensei, mas ela não veio até nossa porta. Foi a campainha de Karl que tocou.

Alguém atendeu e deixou os policiais entrarem. A outra dupla perambulou pela propriedade, analisando a garagem e os celeiros. Eles saíram carregando algo embrulhado em plástico.

A porta da frente se abriu e Elsa saiu, de olhos arregalados e de pantufas bege. A detetive Bergstrom a guiou para um dos carros e eles foram embora.

Da porta, Freja ficou parada, observando. Acenei para ela, mas a menina virou a cara e fechou a porta.

Um dos outros policiais atravessou o campo. Ele ergueu o saco plástico para me mostrar.

Isto é do seu filho?, perguntou.

Era um dos cobertores de Conor. Eles vinham em pacotes com dois, a mesma estampa com as cores invertidas.

Assenti. É. O que é isto, onde vocês acharam...

Obrigado, senhor, cortou ele, e depois foi embora.

Esta é a realidade. Tudo à nossa volta se transformou em uma versão deformada de si mesmo. Filho morto. Mulher sádica. Vizinhos... o quê? Assassinos de bebês.

Aprendemos que os seres humanos percebem só uma pequena fração do que nos cerca, que nossa visão e audição são muito inferiores às de outras espécies: abelhas com sua visão infravermelha, golfinhos e morcegos com seus radares sônicos, cavalos e cachorros com um olfato apurado o bastante para detectar emoções. Medo, alegria, eles identificam tudo.

Mas nós perdemos mais do que jamais veremos, grandes pedaços de informação difundidos no éter, coisas acontecendo bem embaixo do nosso nariz. Facilmente enganados. Propositadamente ignorantes.

Entrei em casa. Cheirava a lixo podre, a tudo que há de ruim. Ouvi o barulho do chuveiro. Merry, ou talvez Frank. Sentei-me no estúdio, analisando o equipamento que havia comprado. Ferramentas para o trabalho. Pensei em dias melhores.

Professor assistente. Elogios ao meu trabalho. Adoração, até. Isso também me foi roubado. Outra traição. Outra vagabunda traiçoeira.

Ouvi uma batida na porta. Merry.

O que você quer?

Sam, falou. A detetive Bergstrom ligou. Eles levaram Elsa para ser interrogada.

Eu vi, respondi. Vi as duas mais cedo.

Ela balançou a cabeça. Pelo jeito, eles têm motivo para acreditar que ela pode ser instável. Algumas provas chamaram a atenção deles. Foi o que a detetive falou. Que Elsa pode ter, sei lá, tido algum surto. Ela estava grávida e sofreu um aborto um dia antes do Conor ser...

Ela se interrompeu.

Meu Deus, exclamei. Elsa.

Não faz sentido, faz?

Ela acha que me importo agora. Acha que isso importa para mim. Mas o que sinto pelo filho morto de outro homem?

A questão é, disse ela, que eu a vi. Na clareira. No lugar que ele... Bem no lugar em que aconteceu. Ela estava chorando. Realmente histérica... Não sei. Descontrolada. Tipo culpada. Envergonhada.

Esfreguei os olhos. Aquela mulher parece incapaz de pisar em uma formiga.

Merry apertou os braços. Eu sei. Também acho. Mas encontraram um dos cobertores do Conor no celeiro deles. O cobertor azul. Estão testando, tentando achar alguma prova que ligue a Elsa e...

A voz dela embargou. Ela balançou a cabeça. Bom, eu só queria deixar você avisado. Para que saiba o que está acontecendo.

Olhei para ela à porta do estúdio. A sombra de uma mulher. A sombra de uma esposa. Nada restou além de uma concha vazia. Ela parece abatida e gasta, como uma camiseta velha. Exausta, suja. Magra demais. Ossos sob as roupas cutucando a pele, olhos vazios como os na parede; olhe para eles e verá apenas um buraco. Ela tem outro cheiro também, úmido e doce, como o de fruta madura demais. Parte mulher, parte outra coisa.

Continuo usando a aliança.

Leve-me até lá, falei de repente. Até onde aconteceu. Quero que me leve até lá. Quero ver.

Ela hesitou um instante e depois assentiu, concordando.

Frank

Da janela, observei os dois andarem em direção à floresta. Será que eles vão voltar?, pensei. Bem, talvez agora que Elsa é suspeita, a raiva de Sam em relação à esposa tenha se tornado um pouco menos assassina.

Verdade seja dita: ambos são assustadores. Imprevisíveis e desvairados, como se tudo fosse possível.

Penso no meu pai, o jeito que ficava depois de um longo período de azar. Um homem sem nada é um homem sem nada a perder. Certa vez, eu o flagrei no banheiro do apartamento da minha avó com a calça arriada, entrando no que parecia ser uma fralda gigante. Fraldas geriátricas. Levei anos para entender. A determinação dele de não se afastar das máquinas caça-níquel até conseguir o que tinha ido atrás.

Ele me levou ao cassino uma vez, uma tarde, quando eu tinha cinco ou seis anos. Minha mãe estava fora da cidade, ajudando minha avó a embalar as coisas da grande casa da fazenda no Arkansas, depois que a venderam para construtores.

Meu pai havia prometido me levar ao aquário para ver os pinguins. Em vez disso, fomos até o cassino, paramos no estacionamento cinza comum e entramos. Havia uma área para crianças perto da entrada.

Espere aqui, disse ele. Vai ser divertido, Frances.

Havia brinquedos, bonecas sem braços ou pernas e um grande balde de bloquinhos de plástico; uma TV passava o canal de desenhos e tinha uma mesa de plástico baixa cheia de giz de cera colorido e enormes folhas de papel branco.

Não vou demorar, garantiu meu pai. Vai ser divertido, insistiu.

Havia outras crianças na sala, a maioria mais nova do que eu. Um bebê no carrinho, dormindo, segurando um daqueles livros de plástico.

No canto, havia uma menina sentada em uma cadeira de rodas. Ela poderia ter oito ou dezoito anos, o corpo pequeno e estranho, os membros todos retorcidos na direção errada. A cabeça ficava virada para o lado, a boca aberta. Seus dentes pareciam muito grandes. A babá tentava dar suco para ela com a ajuda de um canudo, mas a menina sempre deixava derramar. Sua blusa estava manchada de vermelho, como sangue.

Peguei um giz e desenhei um passarinho.

Ficou lindo, querida, comentou a babá. Depois, ela me deu uma maçã cortada em fatias e um saquinho de biscoitos minúsculos sabor cheddar.

Eles nunca se lembram de trazer almoço, não é?, disse ela.

Já estava escuro quando fomos embora. Eu tinha dormido no chão.

Meu pai se agachou para me acordar. Estava sem o relógio e a aliança.

Vamos embora?, perguntei.

Vamos, respondeu ele.

Nunca mais vou voltar aqui, falei, irritada.

Nem eu, Frances, mas, mesmo naquela época, eu sabia que era mentira.

Hoje de manhã, fiquei na janela do quarto de hóspedes observando Elsa ser levada.

Pessoas desesperadas fazem coisas desesperadoras.

E não é difícil acreditar. Desespero, a sensação de que o mundo está conspirando contra você, de que você e mais ninguém está sofrendo, arrasada, com punições muito maiores que a justiça exigiria. Não conseguimos ver direito. Não conseguimos pensar direito. Só sentimos a mágoa urgente e feroz dentro de nós.

Ah, eu conheço isso muito bem. A vontade de ter algo que não se pode ter.

Como minha mãe tentou tirar isso de mim... Temos mais do que a maioria das pessoas, querida. Um teto, comida na mesa.

Minha mãe não tinha perspectivas muito amplas. Suas expectativas eram bem baixas. Duvido que ela tenha considerado torcer por coisa melhor. Eu a

desprezava por isso. Sentia raiva de sua simplicidade, da aceitação cega de tudo que lhe era dado.

Como eu poderia não querer mais se aquilo era esfregado na minha cara todos os dias? Tudo que as outras crianças tinham. Tudo que eu tinha que viver sem.

Foi Maureen quem me colocou na mesma escola particular de Merry. Minha mãe chorou, agradecida, como se aquilo tivesse sido feito por ela. Na verdade, era só para que Merry e eu pudéssemos ter os mesmos horários. Assim, minha mãe poderia fazer tudo. Cuidar de mim, cuidar de Merry.

Nós sempre fomos irmãs, não fomos? Partes intercambiáveis. Se você sangrar, eu sangro. O que você ama, eu também amo. Do que você precisar, tenho que dar a você.

Isso é amor. É assim que funciona.

Sozinha na casa, percebi o imenso tédio que sentia. Árvores, paredes, céu feio e nublado. Ficar aqui, em quarentena, realmente podia enlouquecer alguém.

Talvez tenha sido isso que aconteceu com Elsa. Talvez seja isso que aconteça com todas as mulheres aqui.

Sam

Alguém bateu na porta com urgência. Era Karl.

Sam, Sam. Eles levaram Elsa ontem. Por que faziam isso? O que você disse para que pensassem que ela tinha alguma coisa a ver com a morte do Conor?

Caramba, Karl, respondi. Não sei. Não tenho ideia. Não falei nada.

Frank havia entrado na sala. Ele olhou para ela e a agarrou de repente pelo pescoço com uma das mãos. A outra ele usou para segurar os pulsos dela. Ela estava presa, como um animal.

Sua vagabunda, disse ele. Foi você, não foi?

Ele cuspiu na cara dela. Frank se contorceu e protestou. Não me mexi nem tentei tirá-lo de cima dela. Só fiquei parado, olhando.

Você é uma mulher perigosa, não é? Uma mentirosa, encenqueira.

Karl, pediu ela, qual é o seu problema?

Você era a única que sabia sobre o aborto, rebateu ele. Ninguém mais.

Ele olhou para o rosto aterrorizado dela e a empurrou para longe antes de sair da casa, furioso.

Fiquei observando Frank apertar os pulsos, esfregar as marcas vermelhas que ele havia deixado.

O que foi que você fez? Do que ele estava falando?

Ela balançou a cabeça. Não conseguia falar. Claro. Karl é um homem gigante. Um minuto a mais e ele poderia ter acabado com ela.

Ah. Aos poucos fui entendendo.

Você estava trepando com ele, não estava?

Ela pegou o casaco no gancho. Vocês são pessoas horríveis, falou. E sabem disso. Horríveis.

Frank abriu a porta e a bateu ao sair. Pelo canto do olho, vi Merry se aproximar em silêncio. Que dupla. Duas selvagens.

Essa sua amiga é mesmo complicada, comentei.

Merry assentiu.

É, disse. Sei como é.

Frank

Furiosa, fui andando até Sigtuna. Uma hora na chuva, mais um dia sueco cinzento e triste, presa no meio do nada, isolada da vida, de toda a agitação do mundo real. Passar de conversas com milionários sobre portfólios de ações a isto! Cozinhar legumes e limpar a casa.

Esse fim de mundo, os suecos chatos e essa vida sem graça na floresta. Árvores e céu, verde e azul. Todo dia uma repetição do anterior. Vai ser bom ir embora. Vai ser bom ir para muito, muito longe.

No vilarejo, encontrei um pequeno café no fim de uma rua lúgubre com algumas lojas e restaurantes, cinco para ser mais exata. Eu me sentei e procurei voos no celular. Pronto. Comprei uma passagem só de ida para domingo. Decidi ir para a Indonésia. Uma semana em um retiro de ioga em Bali, depois Hong Kong. Escolhi Nicolai. Mandeí um e-mail e ele respondeu quase no mesmo instante, cheio de ideias para passeios e fins de semanas de safadeza.

Só para você saber, Frank, escreveu ele, eu vou continuar saindo com outras mulheres.

Claro, pensei, claro.

Dei uma resposta jovial e inteligente. Por dentro, senti a contração daquela parte que enrijece a cada afronta. Karl cruel, Sam covarde, ambos tão cheios de necessidades, tão desesperados para acabar com o tédio e a podridão. Casamento. Que farsa. E ainda assim eles fazem parecer que é um grande prêmio. Como se houvesse algo errado com você caso não pedissem sua mão.

Pedi café e um *kanelbulle*. Devem ser as únicas coisas daqui das quais vou sentir falta.

Por favor, vá embora. Por favor, vá.

Palavras conhecidas.

As palavras de Thomas poucos meses antes. As de Simon antes dele. O soco é sempre o mesmo. Na boca do estômago. E algo se prende e gruda na garganta. Todas as palavras que não posso dizer.

Seu lugar não é aqui, Frank.

Não, nunca é, não é.

Talvez eles mereçam um ao outro. Todos nesta ilha triste que imaginam ser um paraíso. Eu os desprezo. Tenho pena deles.

Penso em Elsa, sozinha em uma cela na cadeia. Tão frágil, uma mulher frágil feita de vidro. Ainda assim, o interior é o que eles nunca veem. A raiva, o fogo baixo sempre queimando, lento e invisível desde o início. Talvez seja quando eles dizem: *sente-se com as pernas cruzadas*, ou quando o primeiro menino puxa seu rabo de cavalo, ou quando o primeiro homem enfia a mão em algum lugar sem a sua permissão, ou quando o primeiro namorado diz tudo que falta em você, tudo que impede você de ser mulher o bastante. Está lá, está lá. Você tenta ignorar, tenta controlar, shhh, shhh, sorria e seja boazinha. Mas está sempre lá. Então, às vezes, fica demais. E esse lado quer aparecer.

Terminei e pedi a conta. A garçonete era jovem, o rosto cheio. Paguei e ela me agradeceu profusamente pela gorjeta generosa.

Como eu queria tirar o vigor da juventude da cara dela com um tapa.

Merry

Frank sempre consegue o que quer. Ela toma o que quer. Ela sempre dá um jeito.

Eu havia começado a ver, claro como o dia.

Ela queria tudo.

O telefone tocou. Detetive Bergstrom.

Merry, disse ela. Infelizmente, não avançamos muito com Elsa nas últimas vinte e quatro horas. Suspirou. Ela está muito frágil, perto de um surto, ou no meio de um. Ela estava tentando engravidar, sofreu um aborto e também... Bom, ela tem opiniões fortes sobre o tipo de mãe que você era.

É, respondi. Tenho certeza que sim.

Ela está muito frágil, repetiu a detetive. Uma mulher que chegou ao limite. Mas não tem estômago para matar alguém. Não havia vestígios do DNA dela na cena do crime. O médico a deixou de repouso depois do aborto, então é improvável que ela tenha conseguido subir a trilha. Ainda estaria muito fraca.

Mas a clareira, insisti. Ela esteve lá, como eu falei.

A detetive Bergstrom soou cansada. Ela a conhece bem; morou aqui a vida inteira, disse ela.

E o cobertor?, perguntei. No celeiro deles.

Não tem nenhum vestígio no cobertor que o ligue a Elsa. Ela também é muito alérgica a poeira, então nunca entrou no celeiro. O que significa que é bem provável que alguém tenha plantado o cobertor lá. Para que o encontrássemos. Para que nos distraíssemos.

Entendi. Acho mesmo difícil acreditar que tenha sido ela, concordei.

Ela suspirou de novo. Sinto muito, Merry. Nós estamos explorando todas as opções aqui.

Eu sei.

Ela ficou em silêncio por um momento do outro lado da linha.

Merry, disse. Você consegue pensar em algum motivo para sua amiga Frank querer seu filho morto?

Não hesitei.

Consigo, falei. Consigo pensar em alguns.

Merry

Ela voltou tarde, tremendo de frio, o rosto vermelho e úmido com a garoa constante do dia. Não perguntei aonde havia ido. Apenas lhe servi uma taça de vinho.

Tome, falei, parece que está precisando.

Ela começou a chorar. Ah, Merry, que época horrível. Todo mundo está tão triste. Tão irritado. Sendo tão cruel uns com os outros.

Eu a observei. Tomei um gole de vinho.

É. Estamos mostrando nosso pior lado, concordei. Todos nós. Todos nós fizemos coisas horríveis, não foi? Coisas horríveis e vergonhosas.

Ela não olhou para mim. Tomou um gole de vinho. Enxugou as lágrimas.

Você ficou sabendo de mais alguma coisa sobre Elsa?, perguntou.

Não, menti. Ela ainda está sendo interrogada.

Acham mesmo que pode ter sido ela?

Bom, encontraram um dos cobertores do bebê no celeiro do Karl.

Meu Deus.

É. Servi mais vinho. Difícil de acreditar, não é?

Ela estremeceu.

Dá para imaginar?, falei. Ela me seguiu pela floresta, se escondeu, esperou a oportunidade... e fez aquilo.

Frank balançava a cabeça. Mas será que ela fez de propósito? Quero dizer, o matou. Será que ela queria mesmo que ele morresse?

Me diga você.

O quê?

Me diga você, Frank, repeti. Eu estava cara a cara com ela, tão perto que poderia cuspir nos seus olhos. Eu a impensei no balcão com o corpo, mas ela

não estava tentando se afastar.

Foi você, Frank, não foi?, rosnei.

Merry, por favor.

Diga. Agarrei um punhado do cabelo dela. Puxei sua cabeça para trás. Foi você. Foi você.

Com uma fogueira dentro de mim e uma calma mortal por fora, senti o cheiro e o medo dela.

Você quer acreditar nisso. Quer me culpar, disse ela.

Ela começou a lutar comigo. Enfiei o joelho na virilha dela para segurá-la.

No início, não consegui acreditar, falei. Que você poderia ir tão longe. Que você poderia fazer uma coisa tão horrível assim.

Merry, você sempre foi boa em me transformar na vilã. Tudo é sempre culpa minha, não é?

Peguei a cabeça dela e a bati no armário, ouvi a pancada do crânio na madeira.

Quieta.

Ela sorriu para mim. Merry perfeita com sua vida perfeita. Você é uma fraude. Sempre foi. Ele só está morto por sua causa.

Mais uma vez, peguei a cabeça dela e bati. Frank se virou no último segundo; abriu um corte na bochecha. O sangue escorreu até sua boca.

Tão invejosa. Sempre tão invejosa, tão doente de inveja porque sua vidinha patética nunca seria igual a minha. Coitadinha da Frank. Tão invejosa que teve que matar um bebê.

Ela se remexeu e se contorceu; era forte, só que eu era mais. Feroz como um gato selvagem. Raiva, ódio e desespero, arrependimento desesperado. Enfiei o joelho ainda mais fundo. Queria que ela se machucasse. Queria que sangrasse. Mais, mais.

Você nem amava o Conor, berrou ela. Queria que ele morresse. Estava machucando seu filho... Estava...

Ela conseguiu me empurrar, arranhar meu rosto com as unhas. Pensei em como devíamos estar, no meio da noite, arranhando, mordendo, tirando sangue. Nós duas reduzidas a nosso lado mais animalesco. Primitivas e

enlouquecidas, nos atacando.

É a isso que tudo que se resume. A vitória é a sobrevivência.

Tropecei para trás e caí no chão. Ela subiu em cima de mim, uma perna de cada lado do meu corpo, o rosto perto do meu, sangue pingando como lágrimas. Tentei me soltar, me arrastei para a sala, mas ela veio atrás de mim, me segurou no chão.

Eu o amava, gritou. Eu o amava.

Mas você, respondi com frieza, você não merece ser amada. E não merece ser mãe.

Ela se aproximou ainda mais; abriu a boca e mordeu meu lábio. Então se sentou. Limpou a boca. O sangue formou faixas no rosto dela como se fosse alguma marca tribal.

Eu sei, sussurrou ela. Sei todos os seus segredos, Merry.

O ódio surgiu, a adrenalina disparou. Libertei a mão direita e puxei o colarinho da camisa dela para trás, sufocando-a, segurando com força.

O rosto dela ficou vermelho, depois roxo, os olhos giraram para trás. Eu segurei. Puxei. Ela lutou e eu puxei ainda mais. Ela se debateu e arquejou, a boca aberta, mas sem ar entrando. Observei.

Merry, disse uma voz.

Olhei para descobrir de onde tinha vindo. Sam, de pé no escuro. O homem nas sombras, observando o espetáculo.

Eu me virei para Frank, repentinamente chocada com a cena. Minha mão se abriu. Livre, Frank tropeçou para trás e bateu na parede. Ao cair, derrubou uma das máscaras do suporte. A máscara desabou no chão. A madeira antiga rachou bem no meio e o rosto se dividiu em duas metades sombrias.

Sam se serviu de outro copo de uísque e saiu da cozinha.

Frank

A detetive Bergstrom é uma daquelas pessoas empáticas demais. Já deve ter participado de uma boa quantidade de seminários de psicologia. Talvez até alguns no estilo Nova Era. Grinberg e a experiência psicossomática. Algo corporal.

Ela não parava de observar minhas mãos. Não parava de olhar para meu pescoço enquanto eu falava, para reparar se eu engolia em seco ou me remexia, para tentar reconhecer minha ansiedade. Ou minha culpa. Tem uma tatuagem pequena no braço, na dobra do cotovelo. Parece uma pena.

Me diga uma coisa, Frances, disse ela. Onde você estava no dia da morte do Conor?

É Frank, corriji.

Certo, respondeu ela. Desculpe. Frank.

Eu estava na casa da Merry.

O dia todo.

O dia todo.

Você não saiu, foi dar uma volta.

Não.

Você sabia aonde ela estava indo.

Sabia.

Que ela costumava deixar o bebê na clareira.

Eu sabia que ela ia fazer uma trilha. Sabia que ia todos os dias. Com o bebê.

Você foi com ela algum dia?

Não, ela nunca queria companhia. Agora eu sei por quê, claro. Tudo faz sentido.

Você sabia qual trilha ela usava?

Não.

Tem certeza?

Tenho.

Você nunca a seguiu?

Por que eu faria isso?

Seu DNA foi encontrado na criança. No cobertor usado para sufocar Conor.

Claro que foi, respondi com frieza. Eu estava ajudando a cuidar dele. Você deve saber que Merry não era uma mãe muito boa.

Você esteve com ele naquela manhã. Com ele no colo.

Estive.

Por quanto tempo?

Desculpe?

Por quanto tempo ficou com ele? Por quanto tempo ficou com ele no colo?

Dei de ombros. Desde que ele acordou. Eu tinha acordado cedo. Brinquei com ele, dei o café da manhã. Como sempre.

Ela anotou. Desenhou um asterisco no topo da folha.

Soube que Elsa não é mais considerada suspeita. Passei por ela no caminho para a delegacia. Sorri e disse oi. Não posso deixar a educação de lado, não importam as circunstâncias.

Então me fale sobre a sua relação com Merry, pediu a detetive Bergstrom. Vocês duas são velhas amigas. Amigas de infância.

Isso mesmo.

Essas relações podem ser difíceis, não é? Muito ciúme, muitas mágoas antigas. Vários segredos.

Bom, falei, isso não parece muito uma amizade.

Ela examinou meu rosto. Está com um belo corte aí.

Pus a mão na bochecha. Eu não tinha tentado esconder o sangue seco nem os hematomas com maquiagem antes que a polícia viesse me buscar naquela manhã.

Parece uma briga, sugeriu. Horrível.

Não falei nada.

Quer me contar o que houve? O que está acontecendo naquela casa? Parece ruim a ponto de você dar queixa.

Não tenho nenhuma intenção de fazer isso, rebati. Foi culpa minha.

Entendi, disse ela, assentindo. Tropeçou em uma porta ou em um armário?

Eu a encarei. Em uma porta, falei.

Vamos voltar a essa amizade. Você e Merry.

A gente é amiga há trinta anos, respondi. Melhores amigas. Como irmãs.

Irmãs brigam.

Acho que sim.

Vocês duas brigam muito?

Bom, quando pequenas, sim.

Por que brigavam?

Não sei. Coisas bobas. Bonecas quebradas e brinquedos roubados. Ela estava sempre na minha casa. Minha mãe cuidava dela durante a tarde. Ela ficava muito na nossa casa.

Você não se importava?

Às vezes. Minha mãe me obrigava a dar minha cama para ela. Eu dormia no chão. Sempre tinha que ser legal com ela.

E você não gostava disso.

Não.

Não queria que ela ficasse lá.

Minha mãe vivia protegendo Merry. Era sempre eu que levava a culpa.

Ela anotou alguma coisa na ficha. Odeio isso, disse.

O quê?

Quando alguém coloca a culpa em outra pessoa.

Quando vocês ficaram mais velhas, brigavam por quê?

Dei de ombros. Não gosto de me lembrar daquela época. De toda a tristeza.

Coisas normais de adolescentes, sugeri. Sabe, todos aqueles hormônios...

Não concluí a frase.

Pode me contar, pediu ela.

Bom, a gente brigava por causa de garotos. Outras meninas. Roupas.

Você sentia inveja dela.

Talvez.

Por quê?

Os pais dela tinham muito dinheiro. Uma casa grande. Férias chiques.

Merry ganhava uma bela mesada. Não precisava trabalhar.

Sua vida era bem diferente.

Era. Meu pai era viciado em jogo. Tivemos que morar com a minha avó.

Não foi fácil.

Eu dividia a cama com uma mulher de oitenta anos toda noite.

Você deve ter ficado bastante irritada.

Por um tempo.

Merry foi uma boa amiga para você nessa época?

Não sei. Eu passava muito tempo na casa dela. A maior parte do tempo.

Um pouco o contrário do que acontecia antes.

É.

Ela se importava de você estar lá?

Não sei. Ficávamos juntas. Víamos TV, escutávamos música. Eu passava muito tempo com a mãe dela.

Fazendo o quê?

Coisas de filha, eu acho. Compras, unhas...

Com Merry.

Só Maureen e eu.

E onde Merry ficava?

Ela não queria ir com a gente. Não gostava da mãe.

E você gostava?

Eu a compreendia.

A detetive Bergstrom esticou as pernas embaixo da mesa. Balançou a cabeça.

Confusa, disse ela.

O quê?

Essa amizade. O jeito que vocês cresceram.

Talvez.

Você sentia raiva da Merry pelas coisas que tinha?

Não.

Por que não?

Porque nunca era o suficiente.

Como assim?

Merry sempre foi... meio vazia. Não importa o que ela tenha.

Vazia, repetiu a detetive. Interessante.

É mesmo? Acho que está mais para trágico, na verdade.

Ela abriu um sorriso forçado para mim.

E quando vocês ficaram mais velhas? Mulheres.

Dei de ombros. Sempre fomos próximas. Bem próximas.

Vocês seguiram caminhos muito diferentes.

É.

E você está satisfeita com a sua vida?

Ah, claro, respondi. É tudo que eu sempre quis.

Uma carreira.

É mais que uma carreira.

É?

Eu sou muito boa no que faço.

Ela assentiu. É, eu soube.

A detetive sorriu para mim outra vez. Será que ela já havia ligado para eles e descoberto a verdade sobre meu emprego? Ou a inexistência dele.

E Merry?, perguntou ela.

O que tem ela?

Você acha que a vida dela é um sucesso?

O filho dela acabou de ser assassinado.

Antes disso.

Não dá para saber, não é? O que uma pessoa quer da vida. O que a faz

feliz. Mesmo que ela saiba o que é.

Mas você é feliz, disse ela. Solteira. Sem um casamento. Sem filhos.

Ela olhou para mim e repetiu. Sem filhos seus.

Não, rebati.

Você quer ter filhos, Frank? Acha que ia gostar de ser mãe?

Sorri. Tentei me conter. Talvez um dia, respondi.

E um marido.

Talvez.

Alguém como Sam.

Espero que não.

Você não gosta dele?

Ele não faz meu tipo.

E que tipo de homem ele é?

O tipo que trai a esposa.

Ah, disse ela. É.

Ele tentou transar comigo, confessei. Como se eu fosse fazer isso com a minha amiga.

Sua melhor amiga, corrigiu ela. Interessante.

Engraçado você dizer isso sobre homens casados, continuou ela. Porque você estava tendo um caso com o Sr. Andersson.

Quem?

Karl. O vizinho.

Bom, essas coisas acontecem.

Foi por isso que você tentou culpar Elsa pela morte do Conor?

Ela olhou para mim, os olhos azul-claros brilhando de orgulho. Nós investigamos a fundo, disse. Rastreamos a ligação, a dica que nos alertou sobre o estado mental de Elsa. O aborto.

Bocejei. Não dormi bem nas últimas noites.

Outra coisa estranha, continuou a detetive Bergstrom. Seu DNA estava em

todo o cobertor que os policiais encontraram no celeiro do Sr. Andersson.

Isso não é nada estranho, respondi. Já falei. Eu cuidava do Conor o tempo todo. Eu o amava muito.

Hum, murmurou ela. Amor.

Ficamos nos observando, uma de cada lado da sala. Nenhuma solidariedade ali. Nenhuma sororidade.

Eu queria saber, disse a detetive Bergstrom. Se isso não deixou você com inveja. O fato de Merry ter tudo. O bebê, o marido. Você não queria... trocar de lugar com ela? Ou estragar as coisas para ela de alguma maneira?

Dei risada.

É uma sugestão engraçada?

Eu me inclinei para a frente. Detetive, para ser sincera, falei, foi Merry que sempre teve inveja de mim.

É mesmo?

É.

E por que ela teria inveja de você, Frank?

Revirei os olhos. Por favor, respondi. Uma faculdade ótima, mestrado em Harvard, uma carreira fantástica. Já morei no mundo todo, viajei... Tenho amigos, uma vida maravilhosa. E conquistei tudo isso sozinha.

A detetive Bergstrom estava me encarando. Então você acredita que, de alguma forma, Merry acha que não conquistou tanta coisa quanto você?

Exatamente, assenti. Ela ainda não descobriu quem é.

Mas você, sim.

Ah, claro.

E quem você é, Frank?

Sou uma mulher que sabe o que quer.

E o que você quer?

Agora, respondi, quero ir embora. Ou ligar para o meu advogado.

A detetive Bergstrom fechou o arquivo com força.

Claro, disse. Como quiser.

Ela se levantou e abriu a porta para eu sair.

Obrigada, Frank. Foi esclarecedor.

Enquanto eu passava, ela tocou de leve em meu braço.

Merry vai vir amanhã, comentou. Tenho certeza de que vai ter muitas outras coisas para compartilhar sobre tudo que conversamos hoje.

Merry

Observei da janela a viatura da polícia encostar. Frank saiu. Estava ao telefone. Rindo de alguma coisa que parecia mesmo muito engraçada.

O rosto dela dava a impressão de estar doendo. O meu estava. Toquei no rastro que as unhas dela haviam deixado.

A detetive Bergstrom ligou quando terminou o interrogatório.

Acho que a pegamos, declarou. Só preciso esclarecer algumas coisas com você amanhã. As últimas peças do quebra-cabeça. Então poderemos fazer uma denúncia formal.

Ótimo.

Eu estava enjoada.

A outra ligação foi do legista. Eles haviam encerrado a autópsia e o relatório. Tinham coletado todas as provas possíveis.

Estamos prontos para liberar o corpo do seu filho, disse a recepcionista.

Mas o que fazemos com ele?, perguntei.

Vocês vão ter que decidir, explicou ela, gentil. Nós costumamos mandar o corpo para uma funerária, para ser enterrado ou cremado.

Obrigada, respondi.

Eu gostaria de cremá-lo, anunciei.

O que você preferir, respondeu Sam.

Tudo bem para você?

Você era a mãe dele, Merry, disse. A decisão é sua.

Eu quis dizer: Mas você era o pai.

Pensei melhor. Já tinha dito mentiras suficientes em voz alta. Ainda assim, ele não tem como saber. Pelo menos não agora, de qualquer forma. Não há motivo para isso.

Eu quis estender a mão e tocar nele. Sentir o calor de sua pele. A solidez de sua carne sob meus dedos, a certeza de outro ser humano. O Sam que inseria vida em mim e me transformava em uma pessoa.

Ele tinha um cheiro forte de uísque e suor. A barba espessa, o rosto sujo. Um homem selvagem, um homem das florestas. Do tipo que nos salva do perigo. Ou de nós mesmos.

Você acha mesmo que Frank fez isso?, perguntou ele.

Concordei com a cabeça.

Por quê? O que isso resolveria?

Frank não suporta quando eu tenho o que ela quer, expliquei.

Isto, disse ele. Ela mataria por causa disto?

Acho que foi o que fez.

Ele estendeu o indicador e traçou a linha fina de sangue seco embaixo do meu olho.

Que tipo de amizade é essa?, questionou.

O tipo que é perigoso, respondi.

Ele recolheu a mão e a fechou.

Mas Bergstrom está perto, continuei. Ela vai pegar Frank. Vão prendê-la. Ela vai pagar pelo que fez.

Ele olhou para mim, a ameaça iluminando seus olhos. E você, Merry?, perguntou. O que vai acontecer com você?

Como você vai pagar?

Frank

Eu estava do lado de fora, sob o céu noturno, frio e sem estrelas. As casas estavam todas às escuras, todo mundo aconchegado sob as cobertas, perdido em sonhos e cansaço.

Meus dedos frios no vidro da janela do quarto, batendo rá-tá-tá-tá-tá-rá-rá-rá. Nosso código, como sempre.

Esperei.

Bati outra vez.

A janela se abriu. Com olhos turvos de lágrimas ou de sono, Merry tentou reconhecer quem era.

Venha comigo, sussurrei. Vou contar tudo.

Ela foi pegar o casaco e as botas. Eu a ajudei a sair para a noite escura. Tremíamos de frio, mas não dissemos nada enquanto andávamos. Eu carregava a lanterna que tinha roubado do celeiro de Karl para iluminar nosso caminho, mas não era necessário. Acho que nós duas sabíamos nosso destino.

O dia e a noite pertencem a mundos diferentes. O ar é estranho, mais espesso e úmido; os animais que se comunicam no escuro são furtivos, mais selvagens, ferozes e atormentados pela luz. Havia uma imobilidade sombria, nosso hálito pesado e denso contra a noite. Dava para vê-lo à nossa frente: prova da vida no ar congelado.

Cuidado, falei, quando Merry tropeçou em uma pedra. Peguei o braço dela. Senti cheiro de sangue. Ela havia cortado a mão ao evitar a queda.

Atravessamos a rua deserta e seguimos para a floresta, percorrendo a trilha até a clareira. Em determinado momento, Merry parou e balançou a cabeça.

Isso é loucura, Frank, disse.

Ainda assim, continuamos andando, ouvindo folhas e galhos estalarem, animais noturnos se escondendo em suas tocas; os casacos bem fechados ao redor do nosso corpo, os punhos cerrados nos bolsos.

Tudo à noite tinha um aroma mais forte, penetrante; vida ou decomposição lenta, porque tudo é igual no fim. Chuva formando piscinas na pedra ou folhas apodrecendo e voltando a ser húmus, amontoados espessos de musgo e fezes de mamíferos furtivos.

Eu sabia o caminho, assim como Merry. Havia sido marcado a ferro quente nos recessos da memória, as coisas mais sombrias e terríveis; aquele dia horroroso e os que o antecederam.

Na clareira, eu parei.

Aqui, falei. Segui você até aqui naquele dia.

Merry estava imóvel, mal respirava.

E antes disso. Muito antes, confessei. Segui você e vi o que estava fazendo. Que deixava Conor sozinho enquanto fugia.

Iluminei as árvores com a lanterna. O brilho foi suficiente para mostrar o rosto dela, o contorno dos olhos e do nariz, a boca formando uma careta. Com certeza parecíamos minúsculas em comparação com as árvores, dois seres encolhidos e insignificantes diante de uma força maior. Uma escuridão e um mistério que não temos como combater.

Você o matou, concluiu ela, a voz um sussurro.

Não planejei isso, argumentei.

Mas matou.

Sob aquela meia-luz estranha, ela parecia quase fantasmagórica, uma névoa de fragmentos no escuro, dançando, brilhando como um rastro branco. Angelical e pura. Ela também conseguia ser assim, e às vezes era.

Ah, Frank, gemeu Merry. Ela caiu de joelhos, a camisola exposta sob o grosso casaco de inverno verde. O choro em meio às árvores, o eco de um coração vazio.

Me conte, pediu ela. Me conte o que você fez.

Eu estava muito irritada, expliquei. Com você e Sam. Me pedindo para ir embora. Me tratando como pária. Eu sabia o que você estava fazendo, que estava mentindo sobre ser uma esposa e mãe feliz. Então segui você. Achei que ia... Sei lá. Tirar algumas fotos. Ter alguma coisa concreta para mostrar ao Sam, para confrontar você. Ah, sei lá, na verdade. Não tinha um plano exato.

Ela ouvia, a cabeça entre as mãos, os aromas à nossa volta repentinamente exagerados, úmidos demais, lembranças de corpos. Sangue, sexo e morte. Senti vontade de vomitar, mas continuei.

Eu segui você, repeti. Esperei você deixá-lo aqui. Então fui até ele. Tirei algumas fotos para mostrar que ele havia sido deixado sozinho em meio às árvores. Eu o peguei no colo. Ele estava quase dormindo, sonolento, quente e macio, naquele estado delicioso que as crianças ficam.

Bem. Eu o segurei. Só queria segurá-lo, sabe.

Merry fungava, suaves gemidos de desespero, um animal estranho miando.

Ah, Merry, falei, eu olhava para ele e via você. Ele tinha a sua boca. Essa boquinha pequena e fina que você tem. Eu olhava para Conor e pensava em você com ele. Em como você estava triste. Em como você estava totalmente presa.

Não, rebateu ela. Eu amava meu filho.

É, respondi. Tenho certeza de que isso é verdade. Mas era uma prisão, não era? A maternidade.

Ela gemeu, chorando com todo o ar que tinha nos pulmões.

Você é minha melhor amiga, Merry, falei. Tudo que eu sempre quis foi que você fosse feliz. E você não estava feliz. Sabe que não estava.

Era libertador contar a ela, ouvir as palavras ditas em voz alta. Mostrar o quanto eu a amo. A que ponto vou chegar.

Merry, continuei. Você tem que entender que eu fiz isso por você.

Ela gritou. Não, Frank, não fez. Você não fez. Por favor, diga que não fez.

Ela me agarrava, puxava meu casaco. Eu não a afastei.

Merry, do fundo do coração. Eu não queria machucar você. Só queria ajudar. Libertar você.

Peguei o rosto dela entre as mãos. Afastei seu cabelo da testa e olhei para

ela, os olhos arregalados com lágrimas e verdades. Merry de joelhos. Merry abatida.

Não eram mentiras, Frank, gemeu ela. Eu era feliz. Eu era feliz.

Coitada da Merry. Mesmo agora, não sabe o que isso significa.

Ela gemeu; se balançava e tremia. Eu suspirei.

Ela não parou.

Não ia parar.

Por favor, insisti. Pode ser você mesma comigo. Seja honesta. Seja honesta por cinco minutos.

Não, não, não, Frank. Ela voltou a me agarrar, as mãos arranhando, tremendo com violência. Então me puxou para o chão ao lado dela.

Você é uma psicopata. Uma psicopata descontrolada, berrou.

Eu a empurrei e ela se encolheu em uma bola, curvada sobre os joelhos, tremendo e fungando. Eu a observei. Desse jeito, ela sempre me causou repulsa. Todas essas lágrimas de crocodilo. Medonhas. Virei o rosto e me levantei.

Tudo bem, Merry. Você não precisa mais fingir.

Não, Frank, gemeu ela. Por favor, não.

Ela estava embaixo de mim, pedindo, implorando. Papéis invertidos, pensei. Finalmente.

Fiquei ali, de pé, com a mão na cabeça dela. Uma bênção, um perdão.

Você o machucava, Merry. Queria que ele sumisse.

Ela engasgava com as lágrimas, balançando-se sobre os calcanhares, para a frente e para trás. De dar pena.

Eu esperei. Deixei que ela chorasse até as lágrimas acabarem. Alguma hora ela teria que parar. Iluminei as árvores com a lanterna, nos cercando de escuridão, mantendo todos os nossos segredos guardados, seguros.

Você estava presa, falei baixinho. E eu libertei você.

Ela havia parado de chorar. Estava imóvel ao meu lado, com o olhar vidrado no chão. Absorvendo tudo aquilo.

Imagino que ela poderia ter me atacado, pegado uma pedra no chão e jogado na minha cabeça, me apedrejado com sua raiva. Não importava. Eu não ligava.

Eu sei todos os seus segredos, Merry, falei. Sou sua melhor amiga. E melhores amigas não se enganam.

Ela olhou para mim, lágrimas já secas. Os olhos límpidos; vidro ou gelo. Fria. Entorpecida. Essa era Merry. Insensata. Indiferente. Todos os papéis intercambiáveis. Ela não era uma mãe sofredora.

Eu tinha dado a liberdade de presente a ela. O que ela sempre havia desejado.

Entendeu?, perguntei. Fiz isso por você.

Merry

Pinte o rosto com uma camada de base, depois deixe uniforme, cobrindo as rugas e os poros, a linha fina de sangue. Torne os olhos maiores, mais arregalados e intensos. Sim, estas são as janelas para minha alma, veja como estão tingidas de preto e azul. Se chorar, elas se revelarão hematomas, dois grandes olhos roxos. Como se tivesse sido punida e espancada com violência.

Talvez esse seja o melhor visual. Talvez esse seja o verdadeiro rosto que você deveria mostrar ao mundo.

Nos lábios, um toque de cor, um tom mais escuro só para deixá-los mais definidos, para que a boca não pareça apenas uma sobra de pele aberta com uma faca.

Não posso sair sem pôr meu rosto, dizia sempre minha mãe. O rosto criado, a única cara que queria conhecer e mostrar. O rosto plástico, fazendo o possível para manter o verdadeiro grampeado e oculto sob ele.

O reflexo no espelho me mostrava duas mulheres. Frank e eu.

Ela sorriu. Você está pronta, decretou.

Obrigada, respondi.

Foi sempre Frank que me ensinou a criar um rosto. Tínhamos doze anos quando ela me levou para o banheiro pela primeira vez com uma bolsinha cheia de truques, sombras, blush e batom. É assim que meninas aprendem a serem mulheres.

Quando formos adultas, disse ela, vamos ser mulheres perfeitas.

Na cozinha, tentei dar algumas mordidas em uma torrada, alguma coisa leve para forrar o estômago. Engoli uma caneca de café. O celeiro continuava

fechado. Sam devia estar dormindo, perdido em seu esquecimento alcoólico. Inconsciente de tudo que havia acontecido na noite passada. Tudo que foi dito e acertado.

Entrei no carro. Liguei o aquecimento para tentar me esquentar. Coloquei o rádio em um programa de auditório sueco e fui para a delegacia.

No bolso da jaqueta, eu trazia o celular da Frank, roubado de manhã depois que nos abraçamos e eu inventei uma desculpa para procurar alguma coisa no quarto de hóspedes.

Fiz isso por você, Merry, dissera ela, e eu tive que fingir que acreditava. Que estava até agradecida.

Você sabe que eu amo você, Merry.

É, eu sei, Frank.

No estacionamento da delegacia, dei uma olhada no celular dela. As fotos que havia tirado do bebê no bosque, capturadas sob a data e a hora. Ele ainda estava acordado. Uma facada no coração, vê-lo pequeno e abandonado no carrinho, uma criança largada em meio às árvores.

Ele ainda não sabia falar para pedir ajuda. Mamãe. Papai. Não estávamos por perto.

Ele estava à mercê de tudo e todos que fossem cruéis.

Frank, a mais cruel de todas.

Eu estava atrasada para a reunião, mas ainda assim fiquei ali sentada, tentando deixar o calor do carro derreter o gelo em mim. Sofrimento. Perda. Culpa. A verdade horrível, irreversível.

Monstro. Assassina.

Mas qual de nós é pior?

Na galeria do telefone, uma foto que eu não tinha visto. Um registro raro de mim e de Frank, dois rostos sorrindo para a câmera. Sam devia ter tirado. O braço dela em volta dos meus ombros, me puxando para perto, como se estivesse protegendo meu corpinho com o dela.

Parecemos felizes, como pessoas que estão felizes parecem. Um dia alegre, um momento fora do tempo. Nada a provar, nada a perder, nada a tirar disso. Só duas velhas amigas aproveitando o sol em uma tarde quente de verão.

Eu sei todos os seus segredos, Merry, disse ela.

Guardei o celular no bolso.

Frank

Não era tudo mentira. Não era tudo verdade. O que isso importa, afinal? As duas acabam se misturando em algum tipo de realidade. Uma versão de alguma coisa que meio que se parece com os fatos.

Esta é a verdade. A verdade é que nem sempre decidimos fazer alguma coisa. Às vezes, é a parte enterrada em você que domina, sua parte mais profunda e sombria. Sabemos que ela está ali — sempre esteve —, mas é mantida em segredo, acorrentada no porão por ser tão terrível, assustadora e vergonhosa que não imaginamos que alguém possa vê-la e entender que nos pertence. Como os membros, os dentes e o seu maldito coração, ela é parte de você, não importa o quanto tente renegá-la.

Não, dizemos. Choramos, imploramos. Vá embora, me deixe em paz. Por favor, não quero você aqui.

Ela se aquieta. É esperta, sabe esperar. Matar o tempo até o momento ser irresistível e estarmos fracos demais para resistir.

Nessas horas, o monstro surge das profundezas, a fera que arranca a própria pata para escapar das correntes, o tigre de circo que um dia vira a boca no meio do espetáculo e rasga o domador ao meio.

Chega, grita ela, soltando-se, rosnando, cuspiendo e uivando para a noite. Você me manteve presa por tempo demais.

E então ela solta uma fúria caótica no mundo.

É. Foi isso. Eu, furiosa, magoada e banida, explodindo pela injustiça. Segui Merry até o bosque. Segurei o bebê nos braços porque era a melhor sensação do mundo, o peso cálido de um pequeno ser humano.

Um bebê. Um bebê que nos observa com olhos arregalados, esperançosos,

um bebê que diz, sem pronunciar uma palavra, que somos bons o bastante, que somos amados, que somos tudo de que ele precisa para se sentir seguro e feliz no mundo. Esfreguei as costas dele, sentindo os nós das vértebras, a pequena escada das costelas, os batimentos fortes daquele coração jovem e puro. Ele cheirava a xampu infantil de lavanda e pomada para assaduras, a algo novo e imaculado.

Ah, Conor, meu Conor. Que menininho fofo, querido. Eu o abracei e o amei. Eu o amava muito. Eu o abracei e chorei pelo modo como o havia machucado na noite do aniversário de casamento. Pelo modo como havia sido absurdamente cruel.

Não. Pelo modo como a mãe dele era cruel. E por saber que ela nunca o amaria o suficiente.

Eu o segurei e olhei para seu rostinho. A boca de Conor estava aberta, a mão espalmada com suavidade sobre meu coração. Eu o analisei, aquela pele incredivelmente macia, todo gordinho e jovem, os cílios compridos, os olhos brilhantes... como ouro líquido.

Aqueles olhos! Olhei para ele. O bebê da Merry. O bebê não amado por Merry. Assisti à vida dela no rosto dele, uma peça sendo montada na tela da pele dele. Toda a vida da Merry, sempre conseguindo o que queria. Sem nenhuma briga, sem nenhum esforço. Imune à perda ou ao apego. Imune às pessoas e suas emoções.

Pensamentos que nem sabemos que existem começam a se unir. Eles empurram tudo para o lado e marcham para a frente do seu cérebro. Sacodem você e gritam.

Merry não merecia o bebê. Merry não queria o bebê. Merry não queria Sam.

Estava tudo errado. A situação era toda errada. Injusta.

Mas não é justo, reclamaria a pequena Frank para minha mãe.

E quem disse que a vida é justa?, respondia ela sempre. A velha Carol, tão pragmática, que quase nunca conseguia o que queria.

O lampejo de uma ideia terrível e cruel, a voz dizendo *sim*. Sim. Talvez eu pudesse consertar aquilo.

Leve-o.

Leve-o.

Olhe só o que você fez, Merry. Olhe o que me forçou a fazer.

Beijei Conor na boca, o beijo envenenado de sua fada madrinha.

Confusão. Minha pequena confusão. O que vamos fazer?

Beijei a boca sonolenta dele outra vez. Enrolei-o no cobertor. Puxei-o com gentileza para cobrir seu rosto. O sol passava por entre as árvores, dispersando a névoa da manhã. A luz manchava todo o cobertor. Estava calor. Ele não se mexeu. Eu o segurei, o ninei com carinho, como uma mãe nina o filho até dormir.

Nana, neném, que a cuca vem pegar.

Ninando, com cuidado, com cuidado, vá com muito cuidado, Conor, vá com cuidado para a noite.

Senti o cheiro dele. Abracei-o com força enquanto ele puxava o último ar para seus minúsculos pulmões. Eu o amava. Eu o amava tanto...

Depois de vários minutos, eu o afastei. Tirei o cobertor do rosto dele. Estava feito. O que foi feito não pode ser desfeito, e eu não queria que fosse.

É. Ele se fora. Eu o havia levado. Tinha tirado o que ela não merecia. O que ela não queria. Ela me agradeceria, de alguma forma. Era o que ela queria. Era necessário.

Sempre fui muito boa em saber do que ela precisava.

Devolvi Conor com gentileza ao carrinho. Puxei o cinto por cima do seu corpinho mole para mantê-lo no lugar. Cobri as perninhas com o cobertor, como antes.

Pronto, pronto, Conor, murmurei. A mamãe já vai voltar.

Eu tinha feito aquilo. Por você, Merry, por você. Porque eu conheço você melhor do que você mesma se conhece.

Está bem, está bem. Aqui está outra verdade.

A mesa de operação, o cheiro da esterilização. O anestesista dizendo: Conte até dez ao contrário. Dez, nove, oito, sete... Quando acordar, já vamos ter tirado todas as partes malformadas de você.

É melhor assim, havia garantido o médico.

Não vejo um futuro com você, dissera Thomas, e ele não havia sido o primeiro a falar isso...

E por quê? Porque você está destruída, você não é boa o bastante. Agora eu estava ainda mais destruída do que antes. A verdade é que eu estava destruída de forma irreparável.

Eles abrem você e raspam tudo, arrancam como se fosse a polpa de um melão. Os nós da carne e as células malevolentes. Raspam, arranham, cortam. Tudo desaparece. Tudo que estava esperando dentro de você, se preparando da infância à idade adulta, sabendo de todos os segredos, prometendo todos os presentes.

Um dia, sussurra seu corpo no seu ouvido, um dia você vai fazer milagres com sua pele.

Ovários e útero desaparecidos, erradicados. Choramos pelo que perdemos, mas as lágrimas não lavam nada, só nos esvaziam ainda mais. Os pedaços de você que geram a vida são destruídos. Os pedaços que fazem o oposto se fortalecem.

Menopausa, disse o médico, descrevendo os sintomas que logo surgiriam. Sintomas de mulheres velhas, que as fazem esbravejar, suar e secar em todos os cantos. Não pode acontecer comigo, não pode ser. Mas é.

Ah, uma curiosidade engraçada: só no mundo ocidental as mulheres sentem calor na menopausa. O calor é a vergonha, o desespero vermelho e urgente da perda do seu espaço na sociedade. Em qualquer outro lugar, a menopausa não passa de um portal para outra etapa gloriosa da vida.

Quase contei isso ao Sam naquela noite. Achei que o lado antropólogo dele

ficaria feliz com minha pílula de sabedoria.

Minha mãe, morrendo devagar e sozinha no hospital enquanto eu passava duas semanas em Ibiza com um empreendedor de tecnologia, que havia levado três mulheres para o caso de ficar entediado.

Era tarde demais para ela fazer a operação que poderia salvar sua vida. Depois de todos aqueles anos morando com um ginecologista, tinha decidido que não precisava se consultar com um fora de casa.

Quando foi descoberto, o câncer estava em estágio três, uma grande bola de células malignas, as raízes retorcidas já profundamente enterradas na parede do seu útero. Genética, esse presentinho que ela me passaria mais tarde.

Eu estava ao lado da sua mãe quando ela morreu, mentiu meu pai. Estava segurando a mão dela quando se foi.

Depois, quando conversei com a enfermeira do hospital, ela me disse que meu pai não fazia uma visita havia dias. Por sorte, sua amiga estava aqui, explicou ela. Merry. Veio visitá-la todos os dias.

Esteve com ela no fim.

Injusto. Desleal. Sofremos por tudo que perdemos, mas isso não traz nada de volta.

Você teve sorte. Foi o que meu ginecologista disse. Ah, claro, a velha Frank sortuda. Sempre tão cheia de sorte.

Ganhei duas semanas para me recuperar da cirurgia. Meu chefe me mandou flores e minha assistente, Jill, foi me visitar no hospital. Ela me deu uma pilha de revistas para ler e uma pasta cheia de documentos para assinar.

Quer que eu busque você quando estiver pronta para ir embora?, perguntou ela.

Vou pegar um táxi, respondi.

Em casa, andei pelo apartamento, as mãos apertando o ventre, pressionando o vazio, esperando os sintomas aparecerem. Trinta e cinco! Eu tinha trinta e cinco anos.

Não contei a nenhum amigo. Não recebi visitas nem telefonemas. Era só eu, sozinha naquele lindo apartamento em Londres, paredes e teto, janelas com vista para um parque cheio de carrinhos, crianças correndo atrás de cachorros e bolas de plástico coloridas. Eu me tranquei dentro do banheiro e gritei até minhas orelhas berrarem de volta. Você não tem nada, construiu tudo isso e ainda não tem nada.

No espelho, a mulher é perfeita, alta, magra, bronzeada e firme, tudo que deveria ser para que a considerassem bonita. Não há pelos indesejados, não há gordura, não há buracos de celulite. Seios altos e redondos, barriga reta e macia.

É exaustiva essa manutenção constante.

A pele ainda jovem, o rosto sem linhas de expressão ou marcas de sofrimento. Cabelo comprido e volumoso. Em boa forma, tem um corpo bonito, é o que dizem. Costuma ser o suficiente para atrair os olhares, para merecer uma cantada ensaiada e charmosa. Sinto os olhos deles me analisarem, de cima a baixo e ao contrário, dependendo do que gostam, se são mais de peitos ou de bunda. Então a aprovação, o grunhido interno que quase dá para ouvir. Você serve.

Mesmo assim, não é o suficiente. Eu daria uma nota oito ou nove. Tem muita qualidade, dizem, mas, quando abre a boca, as expressões se anuviam. Dizem que você cai no conceito deles.

Você é intensa demais.

Você é carente demais.

Você é ambiciosa demais.

Você é tudo demais.

E agora isso.

Agora isso.

Eu me encolhi no chão do banheiro e fiquei lá.

Foi Jill que me encontrou. Ela havia ido pegar outra assinatura; tinha um molho extra de chaves. O médico foi chamado, a ferida considerada

infeccionada, a paciente considerada arruinada, mas ainda com chance de conserto. Eles drenaram o pus amarelo e bombearam antidepressivos em minhas veias. O psicólogo fez perguntas inúteis e anotações em uma ficha.

Jill ligou para dizer que o chefe recomendou que eu tirasse uma licença.

Seis meses, disse ela. Para que você tenha todo o tempo de que precisa.

Claro que nós duas sabíamos o que aquilo significava.

Olhei ao redor do apartamento. Sabia que não poderia ficar.

Foi então que liguei para Merry. Merry, isolada em sua ilha no Báltico congelante, exilada pelo marido infame, presa com um filho. Eu queria ver Merry e Sam na Suécia, uma pantomima que não podia ser perdida. Queria ver a tristeza dela. Queria usar isso para abrandar a minha. Esperei até poder viajar e marquei meu voo.

Ah, os grandes planos. Bom. Não posso dizer que não tentei. Por um tempo, achei que era possível ter tudo que queria. Por um tempo, achei que nós duas poderíamos vencer.

Eu, feliz. Merry, livre. Parecia possível. Parecia fazer sentido.

Até que não. Tinha sido uma confusão só. Uma confusão enorme e terrível.

Falei ontem à noite que fiz isso por ela.

Não.

Fiz isso por mim. Por toda a rejeição e crueldade, por todas as coisas tiradas de mim, por todas as maneiras que fui roubada e abandonada. Olho por olho, dente por dente.

Ela está com a polícia agora. A detetive vai fazer anotações, analisar o rosto de Merry enquanto ela fala. Por que eu fiz isso? Por que contei tudo a ela, ou pelo menos uma versão de tudo?

Por que queria dar isso a ela, mostrar minhas cartas. Pensei, deixe que ela decida a verdade que quer contar. Vou aceitar o resultado, seja qual for. Estou pronta. Será bem-vindo. Estou cansada demais de lutar contra isso.

Nós nos abraçamos ontem à noite. Nós nos abraçamos com força. Hoje de manhã, ela sorriu de leve para mim. Está fingindo que entende. Que tudo foi acertado entre nós duas, verdades equilibradas em uma balança. Mas vai saber?

O destino, aquele filho da puta sem coração, o amante mais impiedoso de todos. Quero que ele faça o que quiser comigo. Quero que ele decida isso de uma vez por todas.

Viu, papai, parece que eu também sei apostar, no fim das contas.

Merry

A detetive Bergstrom queria me dar um tapa. Dava para perceber pela expressão dela, pelo modo como mantinha as mãos embaixo da mesa, fora do caminho.

Repeti. Acho que ela não faria isso.

Mas ontem você disse...

Eu me dei conta de que estava projetando minha raiva nela. Não fui justa. Não foi ela. Ela é minha amiga, detetive Bergstrom. Por que ia querer machucar meu filho?

Está retirando tudo que disse sobre ela.

Suspirei. Cometi um erro horrível. Foi absurdo ter sugerido isso. Percebi ontem à noite.

Então, de repente, ela não era invejosa. Não estava tentando roubar seu marido. Não era manipuladora e maliciosa.

Frank é minha melhor amiga.

Então ela não sabia aonde você estava indo.

Não.

Ela ficou em casa a manhã toda. Não saiu.

Estava cozinhando. Não teria saído de casa com o forno ligado.

Cozinhando, disse a detetive. E imagino que ela teve contato com Conor de manhã. Para explicar a transferência de DNA. Para ele. Para o cobertor. Para o cobertor usado no sufocamento do seu filho.

Isso mesmo, assenti. Posso confirmar tudo.

Merry, você entende o que está fazendo aqui?

Entendo.

Está absolvendo Frank de toda a culpa. Está fazendo com que seja

impossível processá-la.

Por que vocês iriam processá-la?, perguntei. Não foi ela.

A detetive Bergstrom pressionou as têmporas. Exasperada. E quem poderia culpá-la?

Merry, você entende que provavelmente a investigação vai voltar para você?

Balancei a cabeça. Bom, na verdade, não, respondi. Não vai.

Alguém fez isso, Merry. E eu com certeza não vou descansar até descobrir quem foi.

Detetive Bergstrom. Acho que nós duas sabemos que em breve a investigação vai ser encerrada.

Ela cruzou os braços.

Eu dei uma pesquisada, expliquei. Esses casos são quase impossíveis de provar, certo? Bebês que morrem de asfixia. Como é que dizem? “A única diferença entre a síndrome da morte súbita do lactente e um sufocamento é uma confissão.”

É isso, não é? Não tem como saber de verdade.

Inacreditável, riu ela. Merry, você é uma figura.

Você não tem nenhuma confissão, detetive Bergstrom. Não fui eu. E não foi Frank.

Fui muito clara com você, falei. Dei todas as informações que pude. Contei tudo que aconteceu.

Bebi um gole d’água.

Tentei me lembrar de tudo que eu tinha para dizer.

Eu agradeço, meu marido e eu agradecemos de verdade por todo o esforço de vocês. Por tudo que fizeram para chegar à verdade sobre a morte do nosso filho. Mas e se vocês estivessem errados esse tempo todo? E se foi só um caso trágico e horrível de morte súbita do lactente? Inexplicável. Sem culpados.

A detetive Bergstrom deu um tapa na mesa. Mas alguém é culpado, Merry,

rosnou ela. E você e eu sabemos quem.

Balancei a cabeça. Não, respondi. Eu realmente não acho que isso seja verdade.

Ela se sentou e me encarou do outro lado da mesa.

A verdade, disse ela, por fim. Vou falar o que aprendi sobre a verdade, Merry. Ela sempre aparece uma hora. Sempre encontra um caminho no fim.

Eu me levantei. Quero ir para casa agora.

Claro, assentiu. Mas, antes que eu esqueça... Uma coisa estranha.

Ela sorriu para mim, um sorriso nada amistoso ou bondoso.

No dia em que Conor morreu. Bem, você deveria perguntar a Sam onde ele estava, concluiu ela.

E por quê.

Ela abriu a porta e me deixou sair.

Fui para casa, meu estômago se revirando enquanto estacionava. Olhei para a casa de Karl e Elsa. Havia passado dias mortalmente quieta, ninguém entrando nem saindo. Eu queria saber onde Freja está. Queria saber se algum dia faremos de novo um churrasco com nossos simpáticos vizinhos suecos.

No cercado, vi o Sr. Nilssen ocupado com os cavalos. Você pode trazer seu filho para dar comida a eles, se quiser, falou na primeira e única conversa que tivemos. Ele olhou para mim e deu um aceno sombrio.

Entrei em casa. Havia um sanduíche pela metade no balcão da cozinha. Eu o peguei e dei uma mordida. Depois fui para o banheiro e tirei a maquiagem do rosto. A água estava gelada. Não ia esquentar.

Frank estava no quarto de hóspedes. A mala, aberta no chão. Estava guardando o restante das suas coisas.

Vou embora amanhã, informou. Bem cedo.

Ótimo, respondi.

Peguei o celular dela no meu bolso e o coloquei na cama. Ela olhou para o aparelho e depois para mim.

O caso foi encerrado, avisei.

Ela assentiu. Não pareceu surpresa nem especialmente aliviada.

Você não contou a ela.

Não.

É nosso segredo, Merry. Só nosso. Ela deu um sorrisinho. Todo mundo ganha, falou.

Eu me apoiei no batente da porta.

Frank.

O que foi?

Nunca mais quero ver você.

As palavras pareceram curiosas em minha boca. Falsas.

Ela continuou juntando meias e as enfiando na mala, aparentemente inabalada com os acontecimentos das semanas anteriores, com a possibilidade do processo, com a certeza da expulsão da minha vida. Dentro de mim, o nó se apertou.

Você me ouviu, Frank? Nunca mais.

Ela olhou para mim e sorriu. Claro, Merry, respondeu, tranquila. Como você quiser.

Saí do quarto e andei até o celeiro. Sam estava acordado, curvado sobre uma caixa, montando o que parecia ser um trenzinho velho. Mal notou quando abri a porta.

Sam. Só vim aqui avisar você. Não foi ela. Eu queria que fosse, queria culpar alguém. Ter uma resposta. Mas não foi Frank.

Ele olhou para mim. Acharam provas, foi o que você disse.

Eu sei. Queria explicar o que aconteceu. Mas não podemos mudar a verdade. A verdade é que não foi ela.

Você acredita nisso?, perguntou ele.

Acredito.

E a detetive?

Não sei. É difícil achar respostas nesses casos. Parece mais provável que tenha sido morte súbita do lactente. Só o destino frio e cruel. Um tremendo azar.

Azar, repetiu ele. Sei.

Olhei para Sam. Por que não estava mais irritado? Por que estava aceitando o que eu dizia? Sam, chamei. Onde você estava no dia em que ele morreu?

As mãos dele estavam em mim em um instante, me empurrando para a parede, me prendendo.

Ele aproximou o rosto do meu. Fedia a algo rançoso, ácido e estragado. Sua barba arranhou meu queixo. Ele se virou e cuspiu perto da minha orelha, a bola de catarro caindo em meu ombro.

Nada de me fazer perguntas, disse. Entendeu?

Você está me machucando, sussurrei.

Machucando, repetiu ele. Você nem sabe o que isso significa.

Ele me deu às costas e voltou para o trem.

Corri para dentro, para o banheiro, para vomitar, para tirar o cheiro dele da minha pele. Os hematomas em meu pescoço estavam enormes, azulados; inchaços de desgraça e vergonha.

Azar, eu disse.

Imaginei Val em Connecticut, jogando todo dia um botão no tapete.

Talvez *destino* seja mais correto.

Sam escancarando a porta do banheiro, me flagrando com o teste de gravidez nas mãos, um teste de gravidez que eu havia planejado jogar fora embaixo de uma pilha de cascas de legumes e lenços de papel amassados. Uma gravidez que eu já havia decidido interromper. Mas lá estava Sam, em casa mais cedo porque tinha acabado de ser demitido.

Destino. Uma intervenção dos céus.

Fiz isso por você, Merry, disse Frank; a amiga sempre leal. Fiz isso para você ficar livre.

No espelho, meu rosto se contorceu. Só um pouco, em torno da boca. Apenas aquela palavra. Uma única palavrinha.

Livre.

Você está livre.

Enquanto os hematomas escureciam, fiquei parada observando.

Não pude deixar de sorrir.

Frank

Finalmente acabou. Minha última noite.

Do lado de fora, o vento batia na porta feito um hóspede irritado trancado sem ter como entrar. Eu, talvez, em forma de elemento. O ar está amargo, congelante. Ataca a pele e deixa tudo azul.

Vai ser um inverno longo. Pesado. Não teremos como fugir de suas mãos frias.

Olho ao redor do cômodo que tem sido meu quarto; apenas um quarto de hóspedes de novo. Achei que sentiria uma pontada de alguma coisa, tristeza ou arrependimento, mas, ao olhar para a cama, a cômoda, o guarda-roupa, a lâmpada de metal barata e a colcha que faz minha pele coçar, tudo parece pertencer a outra vida. Confiro as prateleiras e embaixo da cama, abro e fecho as portas do armário pela última vez. Guardo o resto das coisas de banheiro na mala. Enfio a mão no fundo para sentir o ursinho.

Uma coisinha para levar comigo. Uma lembrança.

De mim, não há mais nada, nem um único vestígio dos meses que passei neste quarto, entre estas quatro paredes. Vou embora amanhã; o táxi vai chegar antes do nascer do sol. O primeiro voo para fora daqui. Eu teria ido antes, mas isso poderia causar desconfiança. Fugir da cena do crime, essas coisas.

Será que Merry vai se despedir de mim de manhã, para garantir que eu vá embora? Para garantir que se livrou de mim.

Enquanto eu embalava os pertences da minha mãe depois que ela morreu, achei uma pequena pilha de fotos e cartas em uma lata de biscoito velha. Meus pais no dia do casamento, cortando um bolo barato de supermercado com uma faca de prata alugada. Minha mãe de maiô no píer de Santa Mônica. Meu

pai me segurando, recém-nascida, o rosto contorcido em um choro infeliz. E então havia a foto de duas menininhas, de oito ou nove anos, o cabelo trançado em marias-chiquinhas iguais, sorrisos largos, abraçando-se com força. Atrás, minha mãe havia escrito: *Minhas meninas, 1988*.

Vocês vão ser amigas para a vida toda, dizia ela sempre. Sua primeira amiga é a única que você vai precisar que esteja sempre do seu lado. Vocês vão cuidar uma da outra.

Ela disse isso para mim ou para Merry? Não lembro.

Coloquei a foto ao lado da minha cama, protegida por um porta-retratos fino de madeira. Nas cores desbotadas da foto apagada pelo sol, poderíamos ser facilmente consideradas a mesma criança. Mesma altura, mesmo cabelo, mesmo sorriso largo, ambas com um dente faltando em cima e embaixo.

De vez em quando, alguém me perguntava sobre as menininhas da foto. É sua irmã? Ou, às vezes: é sua irmã gêmea?

É, eu respondia sempre para as duas perguntas.

Imagino que vou pensar nesse tempo na Suécia como nos lembramos de um sonho, um borrão confuso de imagens e ações que não fazem muito sentido à luz do dia.

Foi uma tragédia horrível, vou dizer, caso alguém cite minha velha amiga Merry e seu bebê morto. Uma época medonha para todos nós.

Queria estar longe deste lugar. De todas as lembranças de coisas perdidas. Seguir sempre em frente, um novo capítulo pronto para acontecer, as páginas em branco esperando.

É, acho que sim. É exatamente assim que deve ser. Não me arrependo de nada.

Merry... Não consigo imaginar as mentiras que ela tem pela frente. Ou Sam. Talvez eles fiquem exatamente onde estão, prisioneiros de sua casa desgraçada e sombria na floresta, atados por contratos feitos com Deus, sem muita intenção. Talvez eles simplesmente deixem de existir, as árvores e heras crescendo em torno deles, cobrindo a casa, alastrando-se sobre seus corpos

vazios dentro destas paredes por toda a eternidade... ou mais.

Merry, Merry Merengue. Acha que vou sair da vida dela. Mas não dá para cortar parte de nós e achar que a lembrança vai desaparecer. Nós nos adaptamos, claro. Mas a ausência nunca some de verdade, as terminações nervosas e sinapses nunca deixam de esperar o retorno da parte que falta.

Ela vai voltar para mim. Sempre volta. Eu sei. Pode não ser nada além de um cartão-postal, daqui a um ano ou uma década. A foto vai exibir uma beleza genérica, um fiorde dramático, um lago coberto de neve, cercado por pinheiros antigos, os azuis e verdes da aurora boreal em todo o seu esplendor. Talvez um lugar completamente diferente; uma praia exótica, uma cidade cheia de vida. Não vai haver mensagem, nenhum vestígio do nome dela. Mas o cartão vai bastar como mensagem. Vou saber o que ela quer dizer. Vou entender na hora.

Você foi perdoada.

Sinto sua falta.

Vai dizer: *Obrigada, Frank. Você sempre foi minha amiga mais verdadeira.*

Merry

O caso está oficialmente fechado. Os arquivos foram selados, as provas, encaixotadas e guardadas. A detetive Bergstrom nos chamou pela última vez. Sam e eu na familiar sala sem janelas.

Caso vocês não tenham algo mais a acrescentar, nenhuma informação, não vamos ter nada concreto para um processo.

E a Frank?, perguntou Sam.

A detetive olhou para mim. Sua esposa parece ter certeza de que não foi ela. Confirmou tudo que Frank nos contou. Tudo que poderia ser usado contra ela foi dispensado por Merry.

Ela vai se safar de um assassinato, sentenciou Sam.

A detetive Bergstrom me olhou.

Não sei, Sr. Hurley. Eu sinceramente espero que a verdade apareça algum dia. Por enquanto, vai ser considerado um caso de morte súbita de lactente sob circunstâncias suspeitas. Há muitas perguntas sem resposta. Para vocês e para nós.

Sam e eu, sozinhos no carro. Era uma sensação estranha. Íntima demais. Próxima demais. Seguimos a maior parte do caminho em silêncio.

Você deveria voltar para dentro de casa, sugeri, de pé na cozinha. Eu vou embora. Posso ir. Tentei disfarçar o pânico na voz.

Ele balançou a cabeça. Não, respondeu, ainda não.

Sam tem alguma coisa guardada para mim. Isso eu sei. Não vou fugir. Não vou fazer a injustiça de tirar essa chance dele.

Fomos até a funerária.

Estamos aqui, informamos à mulher na recepção, para buscar nosso filho.

O escritório era iluminado e arejado, como a recepção de um quiroprático. Tudo branco e brilhante, flores frescas em um vaso, uma reprodução de Monet emoldurada na parede. *Mulher com sombrinha*. Tínhamos visto o original na Galeria Nacional de Arte em uma viagem para Washington alguns anos atrás, mandado um cartão-postal dele para a mãe do Sam.

A recepcionista deu um sorriso sem graça. Meus sentimentos, disse ela. Devia falar isso o dia inteiro.

As cinzas foram entregues em uma caixa de papelão simples, com o nome da pessoa cremada impresso com clareza na lateral. Dentro, outro recipiente guarda os restos recolhidos, depois de esfriarem, em um saco plástico reforçado.

Carreguei a caixa com ambas as mãos, voltando devagar e com cuidado para o carro. Sam abriu a porta e eu entrei. Coloquei a caixa no colo e tracei o nome impresso na etiqueta com o indicador. Conor Hurley.

Sáímos do estacionamento, viramos à esquerda para ir para casa e sair da cidade. Era muito estranho estar perto de outras pessoas. Andar por uma cidade como se tivéssemos lugar nela.

Acho que vai ser um longo inverno, comentei, para ter alguma coisa para dizer.

Mas também porque percebi. O tempo, parado no momento da morte de Conor, e ao mesmo tempo ampliado diante de nós, elástico e aparentemente infinito. Um longo inverno, depois outro, depois outro.

Tive uma ideia para Conor, disse Sam. Para as cinzas.

Aquele dia, continuou ele. Em Finnhamn. Lembra?

Lembro, respondi. Tinha sido um dia bom.

Foi na primavera passada. Conor devia ter uns cinco ou seis meses. No meio de maio, o primeiro fim de semana realmente quente. Tínhamos ido até Estocolmo e pegado a balsa para a ilha. O barco se chamava *Cinderela*, e nós sorrimos diante disso e fizemos piada sobre nos transformarmos em abóboras.

Percorremos uma longa trilha, circundando toda a ilha, seguindo o caminho gramado, Conor nas costas do Sam, o sol quente, o céu mais azul que tínhamos visto em meses. Achamos uma baía reservada e, por causa do calor, decidimos tirar a roupa e mergulhar de roupa de baixo. Conor estava dormindo, então Sam o colocou com cuidado em um cobertor à sombra, nossas roupas enroladas para mantê-lo no lugar.

Tínhamos estremecido na água, que não havia descongelado completamente depois do longo inverno. Mas eu me lembro da sensação, do puro prazer de estar na natureza depois de meses trancados, de frio e escuridão implacáveis. Era como estar numa prisão. Tudo aquilo, na verdade.

O clima pode enlouquecer você, avisou alguém quando soube da nossa mudança. Só cinco horas de luz por dia.

Tínhamos dado de ombros. É só o clima, não é? Mas o primeiro inverno havia nos castigado.

Tínhamos comprado a lâmpada, a vitamina D de alta dose da farmácia para evitar o pior.

Vocês vão se acostumar, dissera Karl, mas parecia outro lembrete do fato de sermos estranhos àquele lugar.

Seja como for, aquele dia de maio foi o primeiro dos melhores, uma primavera e um verão que pareceram abrir um portal para outro mundo; a luminosidade uma trégua repentina e bem-vinda do seu oposto aparentemente infinito.

Na água, Sam me abraçou.

Estamos construindo uma vida boa aqui, disse ele, e, pela primeira vez, quase pareceu verdade.

Existem cerca de cem mil lagos na Suécia, comentei. Em quantos você acha que vamos nadar?

Havia um futuro naquela pergunta, ele e eu, velhos e grisalhos, saudáveis e sadios. Apoiando-nos um no outro e dando passos curtos em direção às profundezas geladas da água.

Não sei, talvez tudo tenha sido só mais uma tentativa de transformar aquilo em realidade.

De roupas molhadas, comemos *köttbullar* e batatas em Finnhamns Krog, com vista para o lago e tocando as mãos entre o sal e a pimenta. Conor sorria ou dormia; o ar fresco e a caminhada o haviam cansado. Perdemos a última balsa de volta e achamos um chalé rústico e charmoso entre as árvores para passar a noite. Fizemos um ninho de travesseiros para Conor e o deixamos ao pé da cama.

De manhã, compramos pães frescos em uma loja de produtos de fazenda e esperamos no porto a balsa que nos levaria de volta para Estocolmo. Parecia um cartão-postal, nós três um borrão no canto de uma cena bucólica.

Acho que posso ser feliz aqui, Sam, falei.

Tinha sido um dia bom.

Olhei para a caixa marrom que segurava com força. Tudo que restava.

Minha ideia, disse Sam. Quero voltar a Finnhamn e espalhar as cinzas do Conor no lago em que nadamos naquele dia. É um bom lugar.

Engoli em seco e ele se virou para me observar, uma ameaça nos olhos. Um homem com uma vingança na cabeça. Ele não disse mais nada sobre Frank. Sobre o fato de eu ter deixado ela ir. Talvez palavras sejam inúteis. Talvez tudo se resuma a ações no fim.

Boa ideia, concordei.

Sam

Em Estocolmo, estacionamos o carro e andamos até o porto, onde as balsas para o arquipélago margeiam a baía. O mar estava agitado, a água de um tom cinza denso abaixo de nós, profunda de uma maneira inimaginável. Fomos as últimas pessoas a embarcar. Em Finnhamn, descemos. O céu havia clareado um pouco, a chuva na espera, mas as nuvens já baixas e prontas.

Andamos um pouco à beira d'água, depois seguimos a trilha pelo limite da ilha até a baía. Havia um casal solitário caminhando, bem enrolados nos casacos impermeáveis. Eles passaram por nós no caminho e sorriram para nos cumprimentar.

Hej, respondemos, como se fosse um dia comum.

O frio era revigorante, a ilha mais marrom do que verde, com muitas árvores já quase sem folhas, o inverno se estabelecendo rápido. Logo tudo seria gelo e neve, uma terra árida com seus inúmeros lagos congelados.

Observei Merry andar à minha frente, frágil e pequena, os movimentos lentos, mas determinados, feito um animal indo para o abatedouro. Não falamos nada.

Quando chegamos à pequena baía, nos sentamos nas pedras. Os dedos de Merry em volta da caixa estavam azulados. Como vamos fazer isso?, perguntou ela.

Vamos espalhá-las aqui pela água.

Ela assentiu.

Sabe, comentei, eu estava vendo alguém. No ano passado.

Eu a ouvi inspirar fundo.

O nome dela é Malin.

Merry não disse nada.

Ela é terapeuta, continuei. Fui fazer terapia com ela.

Terapia, repetiu Merry.

Sabe, eu estava tentando. Estava tentando ser melhor. Ser um homem melhor. Largar os velhos hábitos, os padrões destrutivos. As coisas que me impediam de ser feliz de verdade.

Eu parecia um folheto de férias. Ah, Malin. Tinha tanta esperança para mim. Ela me fazia encenar coisas. Terapia Gestalt. Ela me fazia conversar com travesseiros como se fossem minha esposa e minha mãe; ela me fazia dizer coisas impensáveis.

Odeio você. Você me assusta. Quero destruir todas vocês.

Ela achou que eu estava fazendo progresso. Lento, mas regular. Pequenos passos, dizia ela sempre.

Olhei para Merry, que encarava a água. Vou jogar, decretou.

Ela abriu a caixa com delicadeza, tirou o recipiente e o saco plástico de dentro. Uma pilha de areia cinzenta, o peso de um bebê. Ela a entregou para mim.

Descemos com cuidado pelas pedras, em direção à água. Abri o saco, peguei um punhado de cinzas, sentindo nos dedos os restos ásperos dos ossos esmagados. Coloquei o braço para trás e joguei tudo no mar.

Passei o saco para Merry.

Ela pegou um punhado, uniu as mãos e tacou na água, protegendo os olhos das cinzas que o vento jogava de volta em seu rosto.

Nós nos revezamos, passando o saco entre nós, espalhando punhados de cinzas na baía, observando enquanto eram varridas pelo vento e depois pela água, suaves e leves como beijos.

Quando o saco ficou vazio, ficamos parados encarando o abismo do mar logo abaixo. Conor flutuava para longe com a correnteza, partículas carregadas para o infinito das marés, indo e vindo, do Báltico para o Atlântico, leve e mutável; atemporal, sem peso e eterno. Era um local apropriado para o descanso dele,

pensei.

Venha, chamei-a. Rápido.

Não haveria justiça, mas eu teria a minha mesmo assim.

Tirei as botas e a calça jeans, as meias e a cueca. Ela olhou para mim e entendeu. Tirou as roupas e, juntos, nós entramos, a água congelando a pele, queimando e enrubescendo tudo.

Mergulhei e Merry me seguiu. As cabeças submersas, o ar suspenso, a vida toda pausada. Abri os olhos. Merry me observava. Surgimos na superfície em busca de ar, o mar salgado em nossos lábios, a poeira cinzenta em lugar nenhum e em todo lugar. Eu a lambi, provei, engoli.

Merry, água e lágrimas, congelada e tremendo. Ela olhou para mim, parado diante dela; duas metades quebradas.

Você estragou tudo, Merry.

Ela me encarava, vazia, entorpecida. Eu estava começando a tremer, a água gelada demais. Só mais um pouco. Seria o suficiente.

Tudo que eu fiz por você. Tudo que construí. E você me traiu, me traiu do pior jeito.

Os olhos dela escorriam, o olhar imóvel. Olhando para mim, sabendo o que tinha que fazer.

Perdão. Não sairia barato. Nem deveria.

Me desculpe, Sam. Eu sinto muito por tudo.

Ela analisou meus olhos, talvez em busca de sinais de piedade. Não lhe dei nada. Merry assentiu. Me desculpe, Sam, repetiu.

A cabeça dela mergulhou. Então se virou para o lado oposto a mim, nadando para mais longe, para o nada gelado; esquecimento e morte certa. Esposa obediente. Eu sabia que ela faria isso.

A água era uma lâmina, espetando, cortando até os ossos. Meus pulmões lutavam, o peito se contraía com o esforço de respirar com tanto frio. Fiquei parado, imóvel, vendo a forma dela virar um borrão sob a água, seguindo para cada vez mais longe.

Vá, pensei, morra sentindo dor, torturada pelas facas do gelo.
Ela não merece nada menos que isso.

Você teme as mulheres, disse Malin. Tem medo de que elas tirem coisas de você. Tirem seu poder. Do jeito que sua mãe fez quando você era criança e adolescente.

Eu não tinha contado a ela nem metade.

Tentei. Fiz tudo que podia. E que bem isso fez? O que consegui em troca? Isto. Só isto.

Estremeci. Precisava sair da água. Enxuguei os olhos. Procurei por Merry, mas ela era uma mancha desaparecida nas profundezas. Sumindo, sumindo, sumiu.

Eu estava sozinho e ela se foi. Conor se foi. Frank. Tudo se foi.

Olhei para a água, um mar de nada, uma massa indiferente. O frio cortava a água; fora dela, o vento uivava, a chuva gelada pronta para cair.

Soltei um uivo de raiva.

Não houve resposta.

Sozinho. Gritei outra vez.

Como me mexi, não sei, mas fiz meus membros congelados mergulharem, o coração disparado, a cabeça em chamas. Eu nadei, o mais rápido que pude, cortando o frio com o peso de toda a minha fúria, nadando, nadando, cada vez mais rápido, a cabeça submersa, os olhos abertos, procurando, procurando freneticamente por Merry no fundo. Uma sombra, uma sombra quase imperceptível, então uma auréola de cabelo escuro.

Nadei naquela direção e lá estava ela, pesada como chumbo em meus braços, o peso de mil homens, o peso de uma esposa. O frio não parecia mais frio — o pior sinal, a maneira mais certa de morrer. Eu a coloquei embaixo do braço e arrastei, batendo os pés, empurrando, enfrentando a correnteza e gritando para o vazio. Vi as pedras, o lugar em que a terra encontrava o mar, nossas roupas ainda espalhadas onde as havíamos deixado; os restos de um naufrágio.

Merry em meus braços, puxando-nos para baixo, para o fundo — *Venha, venha*, canta a sereia, *eu conheço o lugar perfeito* —, porque um fim é tentador demais, fácil demais; uma rendição final aos deuses. *Sim, sim, estamos de joelhos*.

A água implora para que você desista, os membros anseiam por sucumbir. Flutue, afunde, deixe a água levar você. Deixe tudo acabar.

Gritei: *Não*. E continuamos nadando, empurrando, arrastando. Com a água na cintura, eu me levantei e andei; um homem primitivo saindo da água. *Vejam, pernas e pulmões, agora vocês são humanos, agora nasceram de novo*. O ar gelado machucava contra o frio úmido, queimando a pele.

Puxando-a comigo, eu andei e arrastei-a, até que desabamos nas pedras, Merry ao meu lado, seu corpo aparentemente exangue. Fria como a morte, ainda mais fria, mas ainda assim eu sabia que a terra seca não bastava. Possuído, eu a rolei para cima de mim, pele nua em cima de pele nua, ansiando por calor, ansiando por vida.

Respirando, soprando. Eu a envolvi com meus braços, envelopei todo seu corpo. Seus olhos estavam abertos, ela não havia se afogado, apenas congelado, a donzela de gelo.

Esfregue, pedi, forçando mãos, respiração, pele sobre ela, trazendo à força a vida de volta para o corpo dela. Lentamente, ela pôs as mãos geladas em mim, respirou em meu pescoço, de novo e de novo, quente e calorosa, fraca e então vigorosa. Os ossos dela me pressionavam, as pedras sob nós frias, ásperas e impiedosas. Com as mãos, esfreguei as costas dela, as coxas, aquecendo, abracei com força seu corpo frágil, aquele corpo, sempre tão frágil, frágil como esculturas de açúcar, colando minha boca no seu rostinho azulado, em suas bochechas, em seus lábios rígidos, sentindo-a contra mim, o coração disparado soprando vida no meu.

Merry. Merry, você está bem. Estou com você.

Verdade. Pura e fria. Nada mais a esconder.

Não, sempre mais.

Ficamos abraçados nas pedras até sentirmos nosso sangue quente, duas criaturas estranhas e desoladas trazidas à praia.

Merry. Esposa.

Mãe do meu filho.

Merry

Ficamos muito tempo deitados, nos braços um do outro. Sem dizer nada, só sentindo o calor da respiração suave na pele azulada.

Depois que secamos, voltamos para a balsa. Demoraria demais esperar pela próxima. Estávamos com muito frio, gelados até os ossos.

Venha, disse Sam, tremendo.

Alugamos um dos chalés, como da última vez. Tiramos os cobertores extras do armário e nos enfiamos nus na cama, o único jeito de recuperar o calor.

Fechei os olhos. Mexi os dedos do pé para tentar fazer o sangue circular. Senti a solidez familiar do corpo de Sam nas minhas costas, o cheiro e o ritmo da respiração dele. Rasa, um pouco desesperada.

Ele poderia ter me deixado. Deveria ter deixado, talvez.

O que senti naquela água, além do gelo? Nenhum arrependimento. Nem mesmo tristeza.

Só ausência.

Sam olhando para mim com todo aquele nojo, toda sua enorme decepção dolorosa pelas coisas perdidas.

Sob a água, segui com a correnteza — talvez o modo como vivemos seja o modo como morremos. Flutuando, flutuando, sem âncora, sem bússola. Só uma direção desconhecida puxando, me chamando para ela.

Você está livre. Você está livre.

O presente da Frank para sua amiga. Entendo por que ela pensaria assim. Por que acreditaria que o que fez foi um ato de compaixão.

Mas um presente, às vezes, é uma maldição. Liberdade, liberdade. O que devemos fazer com algo tão precioso assim?

Pobre Frank. Destruída. Mais uma vez banida, quando só queria meu coração. Esse poderia ter sido meu presente para ela. Tudo de que ela sempre precisou.

Mas eu nunca poderia lhe dar.

Vi o rosto do Conor nas profundezas da água. Não chorava, não ria, só aquele olhar vazio que reservava para mim. Observando, esperando para ver o que eu ia fazer em seguida.

Meu filho, meu menino. Eu queria me sentir mais arrependida. Mais triste. Queria sentir mais alguma coisa. Olhei para o rosto dele, a criança injustiçada. A mentira na mentira na mentira. Flutuei à deriva, sem peso, totalmente congelada. Me desculpe, me desculpe; sempre fui uma mulher de desculpas. É o fim, pensei, mas e daí? Eu me entreguei. Não ia fazer escândalo. Não ia resistir ao destino. Nunca resistir. Imagino que nunca vou resistir.

Acho que foi então que senti os braços de Sam. Vindo me buscar. Cortando a água e o silêncio. Me tirando de lá. Me reivindicando para ele.

Eu estava viva.

Talvez fosse perdoada.

Ou tivesse renascido.

Lá vamos nós de novo, Merry.

Agora estamos aqui. Sam e Merry, Merry e Sam. Deve ter sido isso que o destino estabeleceu. Estiquei pernas e braços, senti o sangue agora quente sob minha pele.

Estou aqui. Estou aqui.

Na cama, que cheirava a naftalina e sabonete com aroma de limão, Sam moveu o corpo para ficar de frente para mim. Ele sorriu, uma expressão diferente de mais cedo. Algo novo em seus olhos. Ele me abraçou e baixou a cabeça na direção da minha. Então, ao meu ouvido, sussurrou baixinho as palavras:

Vamos fazer um filho.

Agradecimentos

Sou profundamente grata às incomparáveis Amy Berkower e Genevieve Gagne-Hawes, da Writers House, cujas dicas preciosas, apoio e paciência são tudo que um escritor poderia querer. Um enorme obrigada a Alice Martin por suas revisões incisivas nos últimos rascunhos e por sua ajuda valiosa, e a Maja Nikolic e sua equipe por lidar habilmente com a venda dos direitos para o exterior.

Minha imensa gratidão a Reagan Arthur, Emily Giglierano e à equipe maravilhosa da Little, Brown and Company nos Estados Unidos e à equipe da HQ no Reino Unido pelo entusiasmo, conhecimento e cuidado infinitos ao lidar tanto com o livro quanto com a escritora.

Devo muito à minha mãe, Avril Sacks, e à minha irmã, Lara Wiese, por uma vida de amor incondicional, apoio e sabedoria e por terem sido minhas primeiras contadoras de histórias e leitoras. Pela amizade e pelo apoio, sou grata a Lisa King, Carla Kreuser e Frankie Morgan.

Por fim, minha profunda gratidão a Maroje, pelo amor, apoio e incentivo incondicionais e por ter começado tudo isso ao reservar um chalé em uma floresta sueca.

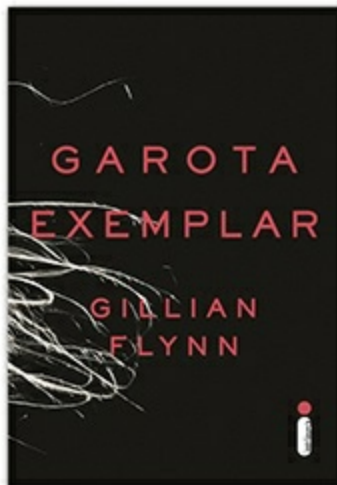
Sobre a autora



© Chloe Desnoyers

MICHELLE SACKS nasceu na África do Sul e mora na Suíça. Mestre em literatura e cinema, foi indicada ao prêmio da Commonwealth para contos em 2014 e duas vezes ao South African PEN Literary Award. *Você nasceu para isso* é seu primeiro romance.

Leia também



Garota exemplar
Gillian Flynn



Até que a culpa nos separe
Liane Moriarty



Pequenos incêndios por toda parte
Celeste Ng